Coleção HISTÓRIA E CULTURA

DIRIGIDA PELO INSTITUTO DO CEARÁ

Três Documentos do Ceará Colonial

FORTALEZA – CEARÁ
1967

A Paróquia de Bom Jesus dos Aflitos de Parangaba, por mediação do Pe. Flávio Lima da Silva (sds), liberou verba para a restauração de dois exemplares do livro "Três Documentos do Ceará Colonial", no intuito de preservar tão importante referência bibliográfica que carrega em suas linhas uma parte da riqueza histórica das origens de Porangaba, de sua tradicional "Chegada dos Caboclos" (que vem sendo, cada vez mais, objeto de pesquisa para vários estudiosos), e, conseqüentemente, do Ceará.

Fortaleza, 28 de Outubro de 2003.

Kelson M

NUDOC Núcleo de Documentação Cultural UFC
Av. da Universidade, 2762 - Benfica
Fortaleza - Ce.

Três Documentos do Ceará Colonial

SÚMULA

1

RELAÇÃO DO MARANHÃO

Introdução, Notas e Comentários de Th. Pompeu Sobrinho

2

RELAÇÃO DO CEARÁ

Introdução, Notas e Comentários de Raimundo Girão

3

DIÁRIO DE MATIAS BECK

Introdução, Notas e Comentários de José Aurélio S. Câmara

MESTRADO EM HISTÓRIA - UFC

rito de colaboração que o levariam a fortalecer o sistema econômico-militar-religioso sôbre que assentavam o poder e a glória da cristandade lusa.

Onde falhara a prepotência do guerreiro, talvez lograsse êxito a palavra evangelizadora do missionário.

Sem armas de qualquer natureza, fazendo do crucifixo a clava e da sotaina esfarrapada a couraça, como diria o condoreiro poeta, partiram os jesuitas Luiz Figueira e Francisco Pinto para a temerária emprêsa, que do segundo faria o primeiro mártir da História do Ceará.

Para bem compreender o que foi aquela árdua e dolorosa peregrinação, há 360 anos realizada, é preciso ler o relato de Figueira, depoimento pungente sôbre um empreendimento que só a intensa fé impulsionaria. Comentando o documento, escreveu Capistrano: "A tão famosa residência de Anchieta em Iperoig, exaltada entusiàsticamente em prosa e verso, em nada excede as provaçõs arrostadas por seu irmão de Ordem, autor da segunda gramática da lingua geral, de que Anchieta escreveu a primeira."

A Relação do Maranhão *aparece nêste volume precedida de erudita introdução e seguida de não menos valiosas notas e comentários da autoria do sábio mestre Thomaz Pompeu Sobrinho.*

O ilustre Presidente Perpétuo do Instituto do Ceará deu ao tratamento do assunto uma dimensão de que só a invulgar cultura e honestidade intelectual que lhe são próprias, seriam capazes. As críticas, as interpretações e esclarecimentos, os problemas surgidos, a reconstituição geográfica do roteiro, o enriquecimento do documento com autógrafos, fotografias e um gráfico do itinerário provável, a eliminação das dúvidas de natureza histórica e geográfica, tudo constituiu preocupação constante do erudito anotador. Basta que se considere que as 37 páginas do texto estudado exigiram de Pompeu Sobrinho não menos de 114 outras de percuciente crítica.

Só um profundo conhecimento do meio geográfico, da sua orografia e potamografia, da sua flora e da sua fauna, só uma grande ilustração nos setores da etnologia, da linguística indígena, da antropologia, da história e do folclore ca-

pacitariam o anotador à realização de um trabalho que ficará para sempre como a brilhante moldura do dramático quadro desenhado pela pena angustiada de Luiz Figueira. Quem não estivesse de tal modo aparelhado não levaria a bom têrmo o desafiante tentâmen. Outra coisa não exigia Capistrano de Abreu de um comentarista da Relação, quando, referindo-se na imprensa do Rio à publicação primeira do documento, dizia que, excluídos os trechos marítimos da expedição, os demais pediam comentários "muito longos, tantos os problemas históricos, etnológicos e geográficos nêle contidos".

Da missão desincumbiu-se superiormente Pompeu Sobrinho que, no assunto em tela, realizou obra definitiva.

Raimundo Girão, mestre da historiografia cearense, trouxe o contributo do seu saber histórico, geográfico e etnológico à introdução e notas com que valorizou o famoso relato de Soares Moreno, documento descritivo e às vêzes panegírico, o primeiro a descrever a terra cearense e a exaltar suas imensas possibilidades.

Aqueles que apressadamente viram em Girão o detrator intolerante de Moreno porque lhe negara a paternidade da fundação de Fortaleza, vêem agora que poucos historiadores regionais ou nacionais a êle se nivelam na apreciação correta e justificadamente elogiosa do fundador do Ceará.

A introdução e as anotações que escreveu para a Relação do Ceará capacitam o leitor, mesmo o não versado nos fastos da história colonial cearense, a inteirar-se do drama da colonização da capitania e do admirável papel que nêle exerceu o guerreiro branco de Alencar, — mensagem dinâmica e agressiva da civilização ibérica no solo virgem do Novo Mundo.

O parêntese holandês no desenvolvimento histórico do Ceará se faz presente, nesta trilogia, através do mais importante documento até agora conhecido sôbre a presença flamenga em nossa terra.

...

Os fragmentos do Diário de Matias Beck, zelosamente trazidos dos Arquivos de Haia, em 1886, pelo pernambucano José Hygino Duarte Pereira, permitem reconstituir boa parte da segunda aventura holandesa no território cearense.

Responde pela presença da equipe de Matias Beck no Ceará, em 1649, a tradição das minas de prata de Maranguape e Ibiapaba, para as quais volvia os olhos cúpidos a Companhia das Indias Ocidentais, já em franco insucesso no Brasil.

Da existência provável de tais minas já haviam demonstrado conhecimento os portuguêses. O próprio Soares Moreno, em sua Relação, a elas se refere, possivelmente às de Maranguape, cujo presumido local talvez tenha visitado. Quanto às possíveis minas da Ibiapaba, já com elas se preocupava um dos mais antigos documentos da História do Ceará —: o Regimento que, em 1614, o Governador Geral Gaspar do Souza outorgou a Jerônimo de Albuquerque para a conquista do Maranhão. De fato, em seu artigo 24 assim rezava aquêle documento —: "Verá elle Cappitam se pode alcançar noticia certa das cousas da serra da Buapava onde se diz que há mineraes, e de quaisquer outros que houver daquellas partes encarregando aos indios que lhe tragão algumas pdras e mostras".

E visando localizar e explorar as pretensas minas encrustadas no solo cearense que parte do Recife, em 20 de março de 1649, a flotilha de Matias Beck.

As sérias dificuldades que enfrentou logo no início do curto percurso, — avarias de embarcações, encalhos, a súbita loucura de um comandante de tropa, — constituiram-se no máu presságio de que lhe reservava o Destino na terra que demandava.

Falhou a emprêsa pelos obstáculos encontrados e a penuria de minério; onde se esperava o êxito, sobreveio o fracasso, e a própria vida só com extremo esfôrço foi posta a salvo.

Como os relatos testemunhais de Luiz Figueira e Soares Moreno, os fatos descritos no seu Diário pelo chefe holandês vão permitir-nos julgar, numa perspectiva de mais de três séculos, as peculiaridades de que se revestiu, no Ceará seiscentista, o áspero e sangrento contacto de homem branco europeu com a terra que tentava possuir.

Animados do mesmo febril entusiasmo, possuídos do mesmo invulgar espírito de sacrifício, impulsionados pela

mesma intensa fé religiosa, — tão veemente nos dois católicos portuguêses quanto no reformista flamengo, — legaram os três uma crônica indispensável ao estudo e interpretação de uma época turbulenta da nossa evolução histórica.

Outra coisa não visa êste livro que assegurar esta possibilidade.

Fortaleza, fevereiro de 1967.

José Aurélio Saraiva Câmara. ..

PREFÁCIO

Alguns anos são passados desde que o Instituto do Ceará, por sugestão nossa, decidiu reeditar num volume, devidamente anotados, três documentos básicos para a historiografia do Ceará colonial: — A Relação do Maranhão, a Relação do Ceará *e o* Diário de Matias Beck.

Trata-se de documentos pouco conhecidos do público ledor em geral, e a êles é, atualmente, difícil o acesso, mesmo para os amantes das letras históricas.

O primeiro foi publicado em edições hoje esgotadas e raramente encontradas da Revista do Instituto do Ceará, *na* História do Brasil *de Galanti, editada em São Paulo em 1911, e na biografia do Padre Luiz Figueira que o erudito Serafim Leite S. J. publicou em 1940.*

Da segunda, além das limitadas e raras edições daquela Revista, *de 1903 e 1905, que o publicaram, sabe-se que figura também nos pouco encontradiços* Documentos para a História do Brasil e especialmente do Ceará, do *insigne Guilherme Studart.*

É ao preclaro e benemérito historiador cearense que se deve o haver obtido nos arquivos da Europa a cópia dêsses dois documentos, no Ceará publicados em primeira mão por sua inspiração e iniciativa.

O Diário de Matias Beck *foi também publicado na* Revista do Instituto, *de 1903, onde aparecem os outros dois. Uma reedição, publicada por Raimundo Girão no seu livro* Matias Beck — fundador de Fortaleza, *em 1960, foi ràpidamente absorvida pelo público interessado.*

Há 64 anos haviam sido os três aqui publicados pela primeira vez

Nenhum dêles, entretanto, viera ainda a lume com introdução e notas do teor daquelas encontradas nêste volume, o 8.º da Coleção História e Cultura, *organizada e dirigida pelo Instituto do Ceará.*

O atrazo com que vem a público esta edição prende-se a motivos óbvios: os tradicionais percalços oriundos de difi-

culdades financeiras. Sempre alimentada por esperanças irrealizadas, ia ficando a iniciativa relegada a melhores dias.

Deu, afinal, solução ao problema a prestimosidade e idealismo de um membro ilustre daquele sodalício, o Prof. Mozart Soriano Aderaldo que, agora à frente da Secretaria Estadual de Administração, conseguiu meios e modos para publicar o esperado livro no Departamento de Imprensa Oficial do Estado.

A êle ficam, pois, a historiografia cearense e brasileira devedoras de um cometimento que, sôbre concretizar um item expressivo da programação editorial do Instituto, veio assinalar mais uma contribuição da Casa do Barão de Studart a um melhor e mais amplo conhecimento do nosso passado histórico.

Desnecessário se torna enfatizar a importância desta publicação.

Os três documentos agora reeditados são depoimentos valiosos a retratar, pela voz das mais categorizadas dramatis personae, *a tragédia em que se transmudaram os primeiros impactos da Europa seiscentista no meio hirsuto e bárbaro da capitania cearense.*

A Relação do Maranhão, *escrita em 1608 pelo inaciano Luiz Figueira, é justamente considerada o mais antigo documento da História do Ceará.*

Històricamente, a vinda ao território cearense dos padres Figueira e Pinto, nos idos de 1607, constituiu-se numa segunda tentativa de afirmação da presença portuguesa face à terra e aos seus selvagens habitantes. A primeira, posta em prática em 1603 como manifestação de fôrça, resultara em trágico fracasso para o açoriano Pero Coelho de Souza, que a chefiou, e para a obra colonizadora em geral. Tamanha foi a cupidez do infeliz e truculento bandeirante, tantas foram as atrocidades contra o indígena praticadas, que o temor e o ódio revelaram-se a colheita única do que aqui semeou sua passagem.

À fé católica, que sempre funcionou admiràvelmente como componente mística da política colonial portuguêsa, caberia agora a missão de corrigir os equívocos e reparar os erros, incutindo, no aborígene temeroso, a confiança e o espí-

RELAÇÃO DO MARANHÃO

INTRODUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS

DE

THOMAZ POMPEU SOBRINHO

MESTRADO EM HISTÓRIA - UFC

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1 — Considerações Gerais.
2 — Antecedentes da Expedição Missionária.
3 — Organização da Expedição.
4 — Constituição da Expedição.
5 — O Padre Francisco Pinto.
6 — O Padre Luís Figueira.
7 — Os Índios da Expedição.
8 — O Itinerário

CAPÍTULO II

OS PROBLEMAS

1 — Os Problemas e as suas soluções.
2 — Onde desembarcaram os Padres no Ceará?
3 — Onde os Missionários galgaram a escarpa da serra da Ibiapaba?
4 — A aldeia do Cobra-Azul.
5 — Jaguaribe versus Ceará.

CAPÍTULO III

A RELAÇÃO DO MARANHÃO

1 — Organização e partida da Expedição.
2 — A chegada no Jaguaribe e a jornada para a Ibiapaba. A travessia da serra dos Corvos.
3 — A ascensão da Ibiapaba e a chegada à aldeia de Jurupariaçu.

4 — A estadia nesta aldeia. A catequese. Costumes dos índios tapuias e tabajaras. Partida para o Maranhão.
5 — O acampamento fatídico. Morte do Padre Francisco Pinto.
6 — Regresso do Padre Luiz Figueira e a inumação do cadáver no pé da escarpa da Ibiapaba, perto de Ubajara.
7 — Passagem pela aldeia do chefe Cobra-Azul, intranquilidade de Figueira. O Cobra-Azul Júnior.
8 — Continuação da viagem para o Ceará. A nova aldeia de São Lourenço. Retôrno ao Recife por mar.

CAPITULO I V

NOTAS E COMENTÁRIOS À "RELAÇÃO DO MARANHÃO"

1 — Matos verdadeiros, *Caeté*.
2 — Pau-Brasil. Sua ausência no Ceará.
3 — Veado arcado, o Suaçuapara dos índios.
4 — Superstições dos índios.
5 — As Amazonas.
6 — Os Tapuias
7 — Jagoarigoaras.
8 — A pesca de âmbar no Ceará.
9 — Os índios satisfeitos com a ausência de portuguêses na Expedição.
10 — A escravização de índios por Pero Coelho.
11 — O rio Pará, hoje rio Curu.
12 — Praias de "grandes pescarias".
13 — Como os índios davam as suas boas-vindas. O índio Acaju.
14 — O grande inverno de 1607.
15— A serra dos Corvos.
16 — A triste travessia da serra dos Corvos.
17 — Mordidura de cobras e os antídotos dos Padres.
18 — A tempestuosa passagem do rio Aracatiaçu.
19 — Maniçoba brava.
20 — Caracóis dágua.
21 — Cobras verdadeiras.

22— A serra da Ibiapaba e a sua ascensão.
23 — Sal, pimenta e palmito na serra da Ibiapaba.
24 — Saudação lacrimosa.
25 — Talismã dos índios.
26 — Mamelucos na Serra.
27 — As aldeias de índios da serra da Ibiapaba e o seu desaparecimento em conseqüência dos desmandos de Pero Coelho.
28 — O Diabo Grande.
29 — Tugipare
30 — A festa da Ascensão.
31 — As festas na aldeia do Diabo-Grande pela chegada dos Padres.
32 — As etnias indígenas na Serra e imediações.
33 — O índio Milho-Verde.
34 — O outro rio Pará e o rio Parnaíba atual.
35 — Costumes dos Tabajaras.
36 — Os neengaybas.
37 — O índio Mandiará
38 — Os índios Cararijus
39— O Abaré
40 — Caraibpucu e o sacrifício do Padre Francisco Pinto
41 — Conversão das Amazonas prevista pelos Missionários
42 — Inumação do cadáver do Padre Pinto
43 — Ainda a Saudação Lacrimosa dos índios
44 — O chefe indígena Cobra-Azul
45 — A lavoura do Pe. Figueira na Aldeia do Cobra-Azul
46 — As manhas do Jurupariaçu conforme o Pe. Figueira
47 — Os irmãos do Jurupariaçu
48 — O Cobra-Azul era ao mesmo tempo Morubixaba e Pajé
49 — Desconfianças de Figueira e de Cobra-Azul
50 — A velha prima do Cobra-Azul
51 — Onde estava a aldeia do Cobra-Azul?
52 — Superstições dos Tabajaras, receiando a queda do céu
53 — A hierarquia dos feiticeiros
54 — Os ossos do Padre Pinto
55 — O que é querimbabo?
56 — Abaré ou Sacerdote

57 — A aldeia do Ceará, o índio Algodão e outros chefes
58 — Pindoba. Material de construção
59 — A aldeia de São Lourenço, levantada pelo Padre Figueira
60 — O índio Lagartixa Espalmada
61 — Embarque de índios para Pernambuco com Figueira
62 — A estranha ausência de etrônimos na Relação

MESTRADO EM HISTÓRIA - UFC

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

I — CONSIDERAÇÕES GERAIS

O Barão de Studart, o mais conspícuo investigador da história do Ceará, recebeu do jesuíta P.J.B. van Meurs, do Limburgo Holandês, por ordem do Superior Geral da Companhia de Jesus, uma cópia fotográfica (foto cópia) da "Relação de Missão do Maranhão", cujo original está ciosamente guardado no arquivo S. I. *Romanorum*. Êste velho relatório, curioso e inestimável, foi escrito, conforme a data que êle próprio consigna, em 26 de março de 1608. (1) Provàvelmente, porém, o teria sido no comêço do ano seguinte.

Trata-se de uma descrição detalhada, ingênua e sincera, que o Padre Luís Figueira redigira cuidadosamente e muito de frêsco, para levar ao conhecimento do Superior Geral, Padre Cláudio Aquaviva, tudo quanto ocorrera na tormentosa e trágica expedição de 1607 à Serra da Ibiapaba, de que, não havia muito, participara.

O documento é considerado pelo seu ilustre divulgador como o mais antigo, até o presente conhecido, referente à história cearense. Deve-se, entretanto, entender que isto só é verdade em relação à história pròpriamente colonial (2).

A "Relação do Maranhão" foi pela primeira vez publicada no volume especial da "Revista do Instituto do Ceará", destinado a comemorar o "Tricentenário" da vinda dos portugueses ao Ceará, em 1903, quase três séculos depois de sua composição (precisamente 295 anos).

---

(1) A data acima é suspeita como já o Barão de Studart notara. O Pe. Serafim Leite (in sua obra "Luiz Figueira e sua vida hêróica" (1940), observa que na época referida ainda o Pe. Figueira estava no Ceará, donde conclui que o mês está atrasado ou o ano é o de 1609. Esta última hipótese é a que nos parece certa.

(2) De fato, antes de 1603, quando se começa a contar a história colonial do Ceará, já se passara o período, mais ou menos nebuloso, que se estende de 1500 a 1602, no qual

Devemos esta feliz iniciativa à benemerência e operosidade do Barão de Studart, que a êle se refere, com entusiasmo desta maneira: " . . . Aqui deponho a pena para entregar à avidez do leitor o Documento precioso, legado por Figueira e conservado religiosamente até hoje como um atestado a mais do que foi a ordem de Jesus na obra grandiosa da civilização dos povos americanos". Foi também inserta no tomo XVII, da Revista Trimensal do Instituto do Ceará (págs. 97/138). O Barão, na ânsia de dar a máxima divulgação a peça tão valiosa para a nossa história, a transcreveu em um dos seus livros de *Documentos*. Em 1911, foi ainda reproduzida em São Paulo pelo Sr. Rafael Galanti na sua "História do Brasil". Finalmente, o ilustre Padre Serafim Leite, em 1940, o reimprimiu, com algumas ligeiras correções, no livro "Luiz Figueira: A sua vida heróica e a sua obra literária", publicado em Lisboa.

Sem dúvida, o documento bem merece o qualificativo de precioso e oferece interêsse incontestável aos historiógrafos cearenses, senão mesmo aos do País, não sòmente pelo seu pioneirismo e antiguidade como pela grande cópia de informações que proporciona a respeito da nossa alvorada histórica. Também proporciona curiosas notícias ao antropólogo, interessado no estudo das humanas origens cearenses. As suas informações de caráter etnográfico e até mesmo racial devem ser apreciadas com muita atenção. Embora não extenso é ainda um repertório de notas geográficas da zona costeira do Ceará e sublitorânea, da barra do rio Curu ao altiplano da Ibiapaba.

A "Relação" do Pe. Figueira, não obstante o tempo já longo desde quando veio à publicidade pela primeira vez (1903), há mais de meio século, ainda não foi devidamente apreciada nem suficientemente explorada no sentido de se lhe destacar tudo quanto possa esclarecer. Permite, bem esquadrinhada, efetivamente, boa messe de novidades, principalmen-

---

algum fatos da história foram registrados, havendo dêles documentos provectos. Podemos considerar êsse período como o da nossa Proto-história, reservando o que lhe precedeu, de que se não tem nenhuma documentação escrita, para a Pré-história cearense.

te no campo da história local e no domínio antropológico. Bastaria para tanto, ao que à primeira vista nos parece, fazer cair do texto um pouco da ganga que incrusta o espêsso pensamento místico-religioso do seu autor, próprio da época e da origem jesuítica do documento. Sem que tenhamos a veleidade de esperar conseguir grande cousa na análise sumária que se pretende fazer do documento, sob vários aspectos, conta-se trazer à lume algo de nôvo e interessante.

A investigação sistemática poderia expor à observação dos curiosos vários aspectos, de natureza sócio-cultural, das populações indígenas, particularmente valiosas em face do período crítico em que estas se achavam. Começava, então, o processo de aculturação dos nativos com todos os seus percalços ante a invasão recente das terras, que secularmente habitavam, pelos conquistadores europeus, cúpidos, muito mais fortes e bem equipados.

II — ANTECEDENTES DA EXPEDIÇÃO MISSIONÁRIA

De 1555 a 1614 os franceses tentaram conquistar e firmar-se em diversos trechos da costa brasileira. A feitoria do Rio de Janeiro (1555/60) fracassara completamente. Voltaram-se então os gauleses para o norte e investiram contra o Maranhão (1594/1614), onde conseguiram boas relações com os aborígenes na ilha, defendida por um forte que cuidadosamente construíram. As boas esperanças que a colônia despertara em França e sobretudo o seu rápido desenvolvimento provocaram fundados receios entre os responsáveis pela segurança e administração colonial portuguêsa do Brasil. Lisboa e Madrid (1581) tinham notícias da ocupação desta porção do Brasil por estrangeiros e, conquanto sem entusiasmos, procuravam alertar os seus prepostos em Pernambuco. Bem cedo, pois, foram tomadas as providências preliminares de reconhecimento dos invasores e outras que pareciam adequadas à expulsão dos intrusos. Muitos, porém, eram os percalços que se antepunham: grande distância do Recife ao Maranhão; di-

ficuldades da navegação ou das comunicações terrestres pela imensa extensão das praias arenosas, ermas ou infestadas de perigosos íncolas; precariedade dos recursos administrativos, etc.

As primeiras medidas que então se recomendavam deviam estar relacionadas com o melhor conhecimento da região intermediária: Pernambuco — Maranhão, e da exata ou aproximada situação dos franceses ali. Com êste objetivo, o Governador Geral do Brasil, Diogo Botelho ,não trepidou em conceder a Pedro ou Pero Coelho de Sousa, morador na recém-conquistada Capitania da Paraíba, de que era Capitão-Mór seu cunhado Frutuoso Barbosa, licença para, por sua custa e risco, conquistar as terras que ficam ao norte, até o Maranhão, inclusive a afamada Serra da Ibiapaba. Em compensação propinava-lhe valiosos privilégios. Concedida esta licença em meio de 1603, Pedro Coelho, bem equipado e com grande séquito, partiu em junho daquele ano, visando alcançar antes de tudo a serra, sôbre cuja riqueza corriam exageradas notícias. Fazia parte desta expedição pioneira o jovem Martim Soares Moreno, sobrinho do Sargento-Mor do Estado do Brasil, Diogo de Campos Moreno, soldado e cronista. Pero Coelho chegou às margens do rio Parnaíba de onde foi obrigado a regressar a Pernambuco, levando prisioneiros alguns franceses e muitos índios. Retornou logo depois com a família para desfrutar ou explorar a sua conquista. Instalou-se na barra do rio Ceará, onde logo se formou uma povoação (Nova Lisboa). Ambicioso e desleal, o Capitão-Mór começara a aprisionar e escravizar índios, não poupando mesmo alguns dos que lhe tinham ajudado na perigosa conquista. De certo, cativos deviam ser os frutos mais fáceis e imediatos da exploração naquelas circunstâncias. Isto, porém, deu lugar a lutas com os nativos, surgindo graves dificuldades para a manutenção da novel feitoria que, por fim, se despovoou, mudando-se para a barra do rio Jaguaribe. Como, também, aí não se conseguiu manter, Pero Coelho retirou-se em péssimas condições para a Paraíba. O retôrno foi trágico.

Deixou êste primeiro expedicionário, como conseqüência da sua maldade e inexperiência, uma terrível animosidade entre os nativos, temerosos e revoltados contra os portuguêses. Entretanto, a necessidade da expulsão dos franceses do Maranhão tornava-se mais premente e, de certo, as condições para alcançá-la haviam piorado sensìvelmente.

Uma nova expedição, apoiada numa fôrça insuficiente, sem dúvida, parecia desaconselhada; e não havia recursos para outra cousa.

Ante o terrível fracasso do rico aventureiro Pero Coelho, outra expedição exploradora, estipendiada por particular, parecia então impossível. Sòmente a administração pública poderia arcar com a responsabilidade e despesas de um nôvo empreendimento para explorar tão ampla e perigosa região.

O caso dava o que pensar, e a urgência de providências salvadoras recrudescia constantemente. Esperava-se uma idéia capaz de contornar as dificuldades; ao menos no que dissesse respeito ao indispensável reconhecimento das circunstâncias geográficas, natureza dos habitantes (tapuias) e suas disposições para com outro qualquer projeto de conquista. As cousas estavam neste pé quando surgiu a idéia de um interessante e inesperado empreendimento que devia conciliar objetivos políticos e propósitos catequéticos, dando fácil e natural solução a questões tão prementes. Assuntos desta natureza teriam precisamente de relacionar-se com a prestigiosa *"Companhia de Jesus"* que, já desde mais de meio século, monopolizava o direito de orientar, segundo os seus métodos, a conquista espiritual dos ameríncolas brasileiros. Fazia com uma arte, competência e resultados que, para a época, pareciam excelentes.

O proveito mútuo está explícito na "Relação" quando o seu autor diz: "... nós partimos para a missão do Maranhão ... com intenção de pregar o evangelho àquela desemperada gentilidade, (objetivo religioso da Companhia) e fazermos com que se lançassem da parte dos portuguêses, deitando de si os franceses corsários que lá residem para que indo os portuguêses como determinam os não avexassem nem captivassem ..."

É certo pois que com igual intensidade os interêsses leigos e religiosos se deviam aliar nessa nova emprêsa. Mas não se sabe exatamente de onde partiu a idéia inicial da aliança. É de crer que se tivesse formado e tomado corpo depois de uma série de cogitações elementares em tôrno do problema. Sobretudo em face das terríveis dificuldades criadas por Pero Coelho, não só no sertão, prendendo índios indefesos, e na própria serra, desbaratando e maltratando nativos que se viram, logo depois, pelo menos em parte ponderável, obrigados a emigrar para o Maranhão, à procura do amparo e proteção dos franceses. Isto era indubitàvelmente muito grave.

Alegou-se então que a conjuntura não comportaria a presença de portuguêses e exibições de fôrça, mas, ao contrário disso, ânimo pacífico, expressão moderada ou humilde e espírito protetor e prontamente reivindicador da liberdade e das injúrias sofridas pelos índios do Jaguaribe (cearenses) e outros.

A reparação, embora parcial, do maltrato que a expedição de Pero Coelho fizera aos índios, especialmente do Jaguaribe (Jaguaribaras) era uma das mais acertadas medidas da autoridade competente, para bem armar e fortalecer a que se lhe podesse seguir. E isto foi feito mercê da Provisão de sua Majestade que tornara as vítimas anteriores do cativeiro de Coelho livres e forras. Com isto, os novos expedicionários poderiam jogar concretamente para pacificar os índios amedrontados que encontrassem no caminho. Evidentemente, por melhor que tal cousa fôsse explorada não bastaria, por exemplo, para trazer descanso e esperança de paz entre os parentes e remanescentes das recentes tropelias. Era preciso uma positiva e corajosa demonstração de paz e segurança para os índios ressentidos; só religiosos desprendidos o poderiam fazer.

Diogo de Campos Moreno, cronista coevo, deixa supor que a iniciativa da Missão partiu dos padres do Colégio da Companhia de Jesus. Realmente, lê-se nas primeiras páginas da "Jornada do Maranhão" (1615): "Acabado êste sucesso

(expedição de Pero Coelho) pareceu ao Colégio dos Padres da Companhia de Jesus, que esta emprêsa (uma nova e projetada tentativa de conquista do Ceará e Maranhão) era dêles, e de sua opinião, e doutrina, como em fins pessoas dedicadas a descer e amparar os índios. Pelo que havendo-se bem aconselhado na matéria *pediram licença* para dois padres e quarenta índios irem até a grande serra da Buapava, e dela ao Maranhão ou ao menos às partes a ela mais vizinhas..."

Fernão Guerreiro *in "Relação anual dos Padres da Companhia de Jesus. Das cousas do Brasil. 1606 e 1607"*, também expende a mesma suspeita quando diz: "Partiram pois de Pernambuco por ordem do Padre Provincial, e com licença e ajuda do Governador Diogo Botelho, em janeiro de 1607".

Por outro lado, porém, Frei Vicente do Salvador, na sua célebre *"História do Brasil"*, Cap. 44, (1627) anota com a sua inconteste autoridade que: "Não só zelou o Governador a conversão dos gentios, que já estavam em paz na Paraíba e pediram doutrina, como dissemos, mas também dos que ainda estavam na cegueira da sua infidelidade, e assim, logo depois que veio para a Bahia, pediu ao Padre Provincial da Companhia Fernão Cardim mandasse dois padres a pregar-lhes à Serra da Boapaba, onde o Capitão Pero Coelho de Souza andava, porque com isso se escusariam as guerras, que lhes faziam, e o custo delas, e se conseguiria o fim que se pretendia que era sua paz e amizade para se poderem povoar as terras, o que o Provincial logo fêz..."

Êste parecer é também aceito pelo Padre Antônio Vieira (1678): "à petição do Governador do Estado, que então era Diogo Botelho, foi nomeado para esta emprêsa o Pe. Francisco Pinto..."

O nosso ponto de vista é que a iniciativa partiu do Governador, que, ao comunicar sua resolução ao Padre Provincial, ofereceu ajuda para o necessário empreendimento. Imediatamente, pois isto vinha calhar com a vontade da Companhia, a proposta foi aceita pela autoridade religiosa que, desde logo, tratou de dar as precisas providências para a composi-

ção e plano da nova expedição. Os interêsses eram de ambos — O Governador, pelas razões políticas acima expostas e a Companhia pelos seus planos de conversão ou proselitismo entre os índios.

III — ORGANIZAÇÃO DA EXPEDIÇÃO

Concertado o plano do empreendimento, segundo as idéias que no momento pareciam mais adequadas para o levar com segurança e êxito, os prepostos da Companhia de Jesus passaram à composição da expedição, com aquela prudência e cuidados com que sempre se houveram nas cousas de alta monta.

O conhecimento do caminho terrestre para a Serra da Ibiapaba, o desta mesma montanha e do rio Parnaíba para o fim de alcançar as proximidades do Maranhão, constitui medida indispensável para se traçarem as linhas gerais, visando-se uma ação mais ampla e segura destinada à expulsão definitiva dos franceses, fortificados na atual ilha de São Luís. Ainda era cêdo para obter das entradas de Pero Coelho um apreciável cabedal de informações úteis. Todavia, sabia-se algo através dos participantes da primeira incursão do Capitão-Mór.

Ao que parece, o principal responsável por esta fase da "Missão" era o Pe. Fernão Cardim, Provincial da Companhia, na Bahia; pelo menos foi esta alta autoridade quem designou e mandou os padres à Ibiapaba e deu aos expedicionários no momento oportuno, a ordem de partir. Conforme Frei Vicente do Salvador, foi a Cardim que se dirigiu o Governador Geral do Brasil para obter a anuência ou colaboração da Companhia no preparo dos seus planos de conquista ao norte da Paraíba. Queria Diogo Botelho que mandasse o Pe. Cardim "dois padres a pregar-lhe à Serra da Ibiapaba". Combinou-se a data da partida, o objetivo certo da expedição: "pregar o evangelho àquela desamparada gentilidade" e fazer com que se lançassem da parte dos portuguêses, deitando-se de si os franceses...), a sua composição e direção, e, um pouco frouxamênte, o itinerário. O feito era seguramente aventuroso e ar-

PADRE FRANCISCO PINTO

PADRE LUIZ FIGUEIRA

riscado. Para melhor assegurar a esperança de êxito, importava evitar, entre os índios ressentidos com os vexames infligidos por Pedro Coelho, a "suspeita de engano". Para assegurar êste prudente objetivo determinou o Padre Provincial que os expedicionários não levassem portuguêses nem armas ou qualquer cousa que pudesse despertar a desconfiança dos parentes das vítimas de Coelho ou de alguns índios dos que no curso da viagem de volta conseguiram fugir ao cativeiro.

De acôrdo com o pedido do Governador, Cardim designou dois padres que a êle e a outras autoridades da Companhia pareciam, pelas suas qualidades pessoais, os mais bem indicados: o Padre Francisco Pinto e seu auxiliar, o Padre Luís Figueira. Deviam acompanhar a êstes principais condutores 60 índios, naturalmente, dos mais bem domesticados. A data escolhida para a partida foi janeiro de 1607. Não consta que os padres levassem instruções detalhadas e taxativas ou regimentais a seguir. Deviam pois proceder consoante julgassem mais acertado em tôdas as circunstâncias insólitas que se apresentassem no curso da viagem. A emprêsa era sobremodo aventurosa e ninguém poderia saber como se desenvolveria num meio quase completamente desconhecido e hostil.

Nas conquistas e grandes empreendimentos dos portuguêses, a cruz e a espada sempre andavam juntas, se entrelaçavam. Neste caso, porém, a regra falhou. Enquanto a cruz parecera imprescindível, eficiente e suficiente, a espada fôra tida como nociva e perturbadora, sendo por isto excluída. À sombra da cruz, tôdas as questões teriam de ser resolvidas: era o que se esperava sem possibilidade de dúvida. Infelizmente, os fados foram contrários, como se verá depois, e de tal modo as dificuldades embaraçaram a seqüência dos acontecimentos, que o Padre Luís Figueira, em agôsto de 1609, com a experiência de quanto acontecera e os sofrimentos que experimentara naquelas circunstâncias, acrescidos dos prejuízos materiais de tôda espécie, dizia: "A missão do Maranhão ... me parece impossível efetuar-se por hora pelas razões seguintes: "e passa a enumerar em 6 itens os seus motivos. Evidentemente havia exagêro; o estado depresivo da sua mente ainda se conservava bem vivo e atuante.

De certo, houve erros sérios no projeto da expedição, como posteriormente se reconheceram e se apontaram. Dentre êstes figura o de terem os Padres levado pouca gente, porventura, fôrça física insuficiente. Se isto foi êrro, teria sido dos menos graves porque em parte alguma se ofereceu a necessidade de maior séquito e fôrça. Adiante êste ponto será analisado com mais vagar.

IV — CONSTITUIÇÃO DA EXPEDIÇÃO

A expedição de 1607 compunha-se efetivamente de dois padres da Companhia, escolhidos cuidadosamente de acôrdo com as suas virtudes e capacidade pessoal para o bom desempenho da difícil e perigosa missão. Os Padres deviam ser assistidos por 60 índios (3) sob as imediatas vistas de um principal ou supervisor de confiança chamado Belquior da Rosa, Capitão dos índios de Pernambuco.

Para êste empreendimento extraordinário, ao que parece, outras pessoas ou religiosos pretenderam concorrer, dispostos a todos os sacrifícios que dêle se esperavam. A escolha de Fernão Cardim, porém, teria sido firmemente deliberada e bem acolhida (4). Nenhum português ou leigo poderia acompanhar os sacerdotes, qualquer que fôsse o pretexto invocado, como já se referiu, para evitar as possíveis desconfianças dos índios.

Depreende-se do contexto da narrativa que chefiava a expedição o Padre Francisco Pinto, o mais velho dos dois, pois já tinha mais de 50 anos de idade e cuja experiência, a respeito do trato com os nativos, se tornara muito conhecida e louvada, servindo mesmo de exemplo ou modêlo para os missionários que nesse mister se especializavam. Além disto, era exímio língua, cousa muito importante nas emprêsas desta espécie. Realmente fôra assim, como se lê na *"Informação do*

(3) Os índios eram 60 e não 40 como está em algumas crônicas.

(4) Dentre muitos candidatos a essa emprêsa arriscadíssima, diz o Barão de Studart (ver seu artigo "Francisco Pinto e Luís Figueira, in Rev. do Inst. do Ceará, tomo XVII), a experiência dos superiores ditou a escolha dos dois referidos padres.

tória, o cronista seguro e exato dos acontecimentos, era o jo-*Rio Maranhão e do Grão Pará"* (1618) escrita pelo Padre Pero Rodrigues: "Os selvagens mataram o Padre Francisco Pinto Superior da Missão . . ." (5) O outro comparsa e autor da hisvem Padre Luís Figueira que, então com pouco mais de 30 anos não passava de um vontadoso aprendiz do falar indígena (6). Exornavam-lhe porém grandes virtudes, inteligência e espírito de sacrifício. Ambos conheciam muito bem o modo específico de agir em qualquer circunstância da vida especializada que adotaram, bem como as obrigações e deveres impostos pela *constituição* que Santo Inácio de Loióla der à sua *"Companhia"*. Ambos cumpriam com religiosa precisão a disciplina, a mortificação e a dedicação pelo seu estatuto impôsto. Ambos eram exímios jesuítas e mereciam dos seus superiores absoluta confiança.

Os índios que integravam a equipe em número de 60 eram todos do grupo ou família línguo-cultural *Tupi*, uns *potiguaras* da Paraíba e Rio Grande do Norte, já bem conhecidos do Padre Pinto, outros *tabajaras* da serra da Ibiapaba ou *tupinambás* do Maranhão. Muitos dêstes tinham sido traídos e cativados violentamente por Pero Coelho na sua triste expedição (1603/1607). Êstes últimos deviam voltar ao seio das suas tribos; repatriados, traziam certamente do Govêrno e dos padres, que os devolveram à vida livre, gratas recordações...

Não está bem claro, como já se referiu, se os expedicionários levaram *Instruções* que lhes orientassem os passos em tôdas as circunstâncias ou se apenas haviam recebido breves notas escritas ou recomendações orais dos seus superiores. Êstes esperavam da disciplina dos missionários o exato cumprimento dos seus deveres. Entretanto, o Padre José Morais, em sua *"História"*, onde são numerosos os enganos e erros, refere-se a *instruções* que teriam sido dadas aos padres, o que, aliás, pareceria natural. Paulino Nogueira delas transcreve tre-

(5) Ver Apêndice A, pág. 425, no Vol. III da **História da Companhia de Jesus no Brasil** do Padre Serafim Leite S. J. (1943).

(6) Tornar-se-ia depois um notável especialista e mestre da língua tupi. Oportunamente trataremos dêste aspecto do Padre Figueira que emulara com o célebre Padre Anchieta.

chos no seu trabalho *"Padre Francisco Pinto ou a Primeira Catequese de Indios no Ceará"*. Não encontrei outras referências a respeito (7).

V — O PADRE FRANCISCO PINTO

O Padre Francisco Pinto nasceu na cidade de Angra (8), na Ilha Terceira, em o ano de 1552. Seus pais emigraram para o Brasil quando era ainda bem criança e foram residir em Pernambuco. Com 17 anos, seguiu o moço para a Bahia e entrou na "Companhia de Jesus" a 31 de outubro de 1568 (9). Não completou o curso, isto é ,não fêz os quatro votos, ficando na categoria de *Coadjutor espiritual formado*. Era conseqüentemente padre; recebera Ordens sacras em 1588, portanto, aos 36 anos de idade, tendo, durante 20 anos, estudado e se exercitado nos programas específicos da Ordem de Jesus.

Logo, revelou-se um místico, subjugado pelo mais rigoroso zêlo apostólico. Esta disposição espiritual acentuou-se com a idade; reforçaram-se as suas crenças, aspirações transcendentais e disposições afetivas que o levaram a êsse extraordinário comportamento característico de tôda a sua vida, voltada sempre para a suprema divindade, com o desprêzo das cousas terrenas. Certamente, na sua breve vida pregressa, conflitos e frustrações criaram estados mentais anormais que se sublimaram numa feliz forma de comportamento heróico e útil à sociedade do seu tempo, tudo em consonância com a sua constituição somo-psíquica.

Certos fatos extraordinários relacionados diretamente com a sua pessoa, que se registaram, dão idéia clara e justa da anormal mentalidade do padre.

Eis como a êle se refere Fernão Guerreiro, na sua *Relação Anual dos Padres da Companhia de Jesus* (1606/7)" o primeiro (Pe. Pinto), homem já quase velho de 54 anos de idade, excelente língua e de grande experiência das cousas do Brasil e com não ter muitas fôrças pacientíssimo de trabalhos e que tinha já feito quatro ou cinco jornadas destas pelo sertão e matos do Brasil, indo buscar com grande caridade e fervor de espírito aquelas rudes ovelhas para as trazer ao curral da Santa Igreja. De singular virtude e dom de oração, tão zeloso do aumento da fé e salvação das almas que todo o Brasil lhe parece pouco para trazer a Deus, e como tal êle foi o que se ofereceu para esta jornada. E o pediu aos Superiores com mui grande instância, com espírito de fazer nela grandes serviços a Deus e lhe ganhar muitas almas... fundar Igrejas e arvorar a Cruz do Cristo".

"Estando êste bendito Padre um tempo na enfermaria, por alguns meses, com doença que já o enfermeiro lhe tinha apressado o cubículo para a Extrema-Unção, o visitou o Provincial então o venerável Padre José de Anchieta e abraçando-lhe disse: V.ª R.ª queria se ir ao céu mãos lavadas, pois não há de ser assim: *longa tibi restat via*. Tem muito que passar primeiro; não há de morrer morte folgada, e antes dela há de padecer muitos trabalhos, fazer serviços à causa de Deus e salvar muitas almas. Levante-se V.ª R.ª e vá ao côro dar graças ao Santíssimo Sacramento, que êle lhe conceda saúde e daí ao enfermeiro: Irmão, dê-lhe o vestido e não torne mais êste Padre à enfermaria, lhe disse.

---

(7) Parece interessante conhecer o seguinte trecho destas duvidosas "Introduções" dadas aos expedicionários. Recomendavam: "que, antes de passarem adiante, chegassem primeiro ao Ceará onde tinha estado Martins Soares Moreno (barra do rio Ceará), para temperarem os ânimos daqueles índios notàvelmente azedos com os destemperos de Pero Coelho: e, para melhor o fazerem, levassem também em sua companhia alguns dos que êle tinha amarrado no Ceará, assim tabajaras como tupinambás, vindos do Maranhã à terra e da serra ao injusto cativeiro dos pernambucanos, os quais postos já em liberdade pelo Governador Gaspar de Souza, viviam contentes nas aldeias, e agora acompanhavam, gostosos, aos padres, para os encaminharem seguros à ilha do Maranhão, em cuja conquista, convidados do prêmio, queriam ter não pequena parte..." (n "História"). Entretanto, a Expedição não passou "onde tinha estado Martins Soares Moreno". A confusão é evidente. Moreno apenas a acompanhara como simples soldado de Pero Coelho.

(8) De Angra também era o Padre Manuel Correia, outro notável missionário daqueles tempos.

(9) A Companhia de Jesus tinha sido instituída por Inácio de Loióla em 1539, sendo nesse mesmo ano aprovada; mas, sòmente com a bula Regimini Militantis Eclesiae, de 1540, teve definitiva confirmação. Era, pois, naquele ano (1568) muito nova a célebre instituição de S. Inácio. Mas as suas constituições, escritas pelo fundador, só foram promulgadas em 1557. A Companhia devia atender a dois propósitos: individual e apostólico, ativa e contemplativa ao mesmo tempo. Foram instituídos três outros, comuns a tôdas as ordens; porém, o chamado PROFESSO SOLENE faz um quarto voto (obediência ao Papa). Os religiosos desta Ordem podem pertencer pois a quatro categorias, conforme os votos feitos: professo de quatro e de três votos, coadjutor espiritual formado e coadjutor temporal formado. Só os três primeiros confere o título de PADRE.

"Sùbitamente se achou o Padre Francisco com o vigor e fôrças restituídos e pela saúde mui igual e inteira foi dar graças ao Santísimo no côro" (10).

Frei Vicente do Salvador, referindo-se ao Padre Pinto diz ser "varão verdadeiramente religioso e de muita oração e trato familiar com Deus".

De Paulino Nogueira transcrevemos êste trecho: "conta-se dêle que, sendo superior da aldeia do Espírito Santo na Bahia, começou de sentir uma desesperada tentação que muito o molestava.

Em idêntica situação ao grande taumaturgo, padre José de Anchieta, ocorreu o incruente expediente de escrever na areia da praia, em latim, um poema dedicado à virgindade de Maria Santíssima com quem se pegara fervorosamente para ampará-lo em sua fraqueza. Bem sabia Pinto que a simples tentação nem sequer pecado leve é. Mas, tão escrupuloso era o nosso herói que não duvidou pôr logo em prática um pensamento que lhe ocorreu — todo cruento, depois do emprêgo contínuo de várias asperezas, devoções e penitências sem resultado: — tomou de uma candeia acesa e com ela queimou a própria carne para, dizia êle, apagar com o fogo outro fogo, que queria devorá-lo; ficando assim com a parte lesada em brasa viva e como ainda depois de alguns meses o mal não estivesse totalmente combatido, valeu-se da assistência do seu irmão em Cristo, Padre Pedro Leitão, Superior da Aldeia de S. Antônio, o qual o acudiu de pronto,

(10) No Capítulo 2.º do Códice c 15 2 — 11 da Biblioteca Eborense: notícia sumária da vida do bendito mártir o Padre Francisco Pinto. Transcrito êste trecho pelo Barão de Studart in Tomo XVII da Rev. do Inst. do Ceará. Nesse tempo, o Pe. Pinto tinha ou devia ter 26 anos, porque vivendo de 1552 a 1608, morreu com 56 e diz esta mesma fonteque depois do milagre ainda vivera 30 anos. Receio que estas datas não sejam bem certas. A dúvida se confirma em face do seguinte trecho do PATRIGNANI MENOLOGIE: "Stava egli cosi gravemente malato nell'Collegio de Baya nell" anno 1582, che nulla o poca speranza c'era di de sua salute". Neste caso o Pe. Pinto teria então, 30 anos, e daí apenas viveria mais sòmente 26 anos. Esta deve ser a verdadeira versão. O fato milagroso da cura fôra também referido pelo Padre José de Morais na sua HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS na Vice-Província do Maranhão e Pará.

ajudando-o com remédios medicinais espirituais a curá-lo do corpo e da alma". (11).

Uma vez ordenado, dedicou-se de todo a catequese dos índios nas aldeias já convertidas; depois, achando-se com ânimo para maiores trabalhos, entrou pelos sertões, procurando catequizar nos seus próprios *habitats* os índios menos civilizados, sem, absolutamente, recear os perigos que poderiam decorrer de semelhante emprêsa. Admite-se que fundou numerosas aldeias em, pelo menos, cinco excursões que fizera aos ínvios sertões. As suas atividades nesse ministério eram, ao que diziam as crônicas do tempo, sempre coroadas de completo êxito. Depois de alguns anos de uma prática diuturna, com o conhecimento da língua dos índios tupi, que empregava com a necessária propriedade, e as suas maneiras brandas e suaves, seu trato naturalmente delicado que em geral a todos inspirava confiança, adquiriu invejáveis métodos de convencimento que fàcilmente lhe serviam para conseguir os seus intentos religiosos. Converteu muitos índios, aldeou-os, imprimindo-lhes, segundo o sistema de então, uma nova ordem sócio-cultural para a qual, aliás, os nossos selvagens não estavam preparados. Os seus métodos neste mister não eram lógicos e por isto os resultados finais sempre deixavam muito a desejar.

Mas o que é certo e corrente é que o Padre Pinto fôra nessa matéria incomparável e os seus métodos, então, apontados como modelares, e por isto aconselhados aos demais missionários seriam de fato os mais eficazes para a época. Veremos em breve como procedia para conseguir êsses bons resultados que todos admiravam e louvavam.

O Padre Pinto entre os selvagens grangeou a fama de milagroso, pois, segundo êles, fazia chover quando fôsse necessário ou oportuno à lavoura dos seus catecúmenos. Isto ou a crença nesta virtude, decerto, facilitava o êxito proselítico.

(11) Este incrível e pitoresco incidente, se real, é a prova da sua neurose. Foi, conforme Nogueira, certificado pelo Padre Sebastião Vaz, Reitor do Colégio da Bahia, aos 8 de agôsto de 1659, como o tendo ouvido ao próprio Padre Pedro Leitão. A fonte de Paulino Nogueira parece ter sido o romancista José de Alencar. E a dêste, qual teria sido?

Conta o Padre Vieira: "e sobretudo o fazia famoso entre êles (os índios) um nôvo milagre, com que poucos dias antes indo o Padre a uma missão, acompanhado de muitos, e morrendo todos a sêde em uns desertos, sendo as maiores calmas do estio, com uma breve oração que o Padre fêz ao céu, pondo-se de joelhos, no mesmo ponto choveu com tanta abundância, que alagados os lugares mais baixos daquelas campinas que eram muito dilatadas houve em tôdas elas por muitos dias de caminho água para todos".

Milagre idêntico repetiu-se, levando aos índios a convicção do poder sobrenatural do Padre, pelo que lhe aplicaram o nome, desde então generalizado, de *Amanaiara* (o senhor da chuva).

O Padre Pinto, considerado como o mais bem acabado modêlo de missionário, teve, como se disse, os seus métodos catequéticos recomendados oficialmente aos missionários do Maranhão, que, neste mister, os deviam observar. Eis como procedia o acatado mestre: em primeiro lugar prócurava informar-se da Aldeia dos índios e das nações que havia por aquêles sertões e, em seguida, do seu gênio se dócil ou bravio, o seu modo de vida mais ou menos político, se viviam em comunidade ou dispersos, se tinham povoações estáveis ou eram de corso e vagabundos, etc. Informado de tudo, ou se preparava logo e punha a caminho ou (e era o que julgava mais acertado) praticava e instruía bem alguns índios mais capazes e parentes ou vizinhos daquela nação para o que é muito conveniente procurar sempre conservar nas aldeias os índios vizinhos. A êstes dava o Padre alguns regalos para os índios como são velórios, facas, machados, fouces e alguns vestidos de côr bonita por novidade e distinção para os principais que até nestes bárbaros nos quais se não conhece o vício da cobiça são as dádivas a maior maneira para os atrair e ainda que sejam estas cousas de pouco valor, como são muitos os índios, são grandes os gastos que muito se fazem, mas a nenhum se deve perdoar pelas preciosas jóias que com êles se compram em tantas almas para Deus. Assim preparados remetia o Padre Pinto por êstes embaixadores, recomendando-lhes não lhes digam logo que o Padre faz tenção de ir

visitá-los porque não suceda, com o mêdo, fugirem daquele seu lugar; que não levem armas ou as levem baixas e façam as mais serenas que conheçam por elas os gentios que são de paz. Tôda a suma da primeira instrução há de ser — que o Padre fulano, que é missionário dêles embaixadores, é muito amigo daquela nação, e que em sinal da sua amizade lhe manda êstes e aquêles mimos — e nada mais. Daqui se seguem mil perguntas, que começam logo a fazer os índios aos embaixadores: a saber como e donde veio o Padre a viver com êles, que modo de vida têm, como os trata e que fim pretende, etc. Aqui os embaixadores, se o fazem bem, são os melhores missionários porque os persuadem com a ocasião destas respostas a muitas conveniências que têm os índios que vivem na Companhia dos Padres. Têm estas embaixadas um de três efeitos; o primeiro, e é raríssimo se são parentes ou vizinhos os embaixadores é funesto, respondendo-lhe com as armas e pretendendo dar a morte aos que lhe levam a vida. O segundo, mais ordinário, é responder como os atenienses a São Paulo *audiemus te de hoc iterum;* e o terceiro muitas vêzes é virem logo com embaixadores dois ou três índios mais capazes visitar o Padre e mostrarem todos uma grande ânsia de o ver nas suas terras. Se os embaixadores chegam a conhecer que êste desejo é verdadeiro e de coração lhes dificultam a vinda com as muitas ocupações do Padre mas ao mesmo tempo lhe oferecem todos os bons ofícios para persuadirem ao Padre a vinda as suas terras. Tudo isto e ainda com maior miudeza consignava o Padre Pinto aos seus embaixadores, e se lograva a fortuna de lhe trazerem alguns índios da nação que pretendia conquistar para Cristo não é fácil dizer os carinhos e afagos com que os tratava, os mimos que lhes davam e o amor com que se entranhava nos seus corações. Feito isto os remetia as suas terras para que dissessem aos seus parentes o tempo em que o Padre lá poderia ir visitá-los contando-o pelas luas e é êste o modo por onde os índios regulam os tempos.

Preparava-se logo o Padre e o principal preparo deve ser velório, facas, tesouras, agulhas e mais dons dêste gênero para convidar os índios. Com isto e o altar portátil e uma rêde está feito todo o preparo para a jornada, porque o man-

timento, que de ordinário consiste em farinha de pau, bastará que seja só para o primeiro e segundo dia pois, por mais que leve o missionário nunca lhe pode chegar para tôda a jornada porque os índios que o carregam em breves dias a acabem assim pela sua natural voracidade como por se aliviarem da carga.

E também porquanto os matos e bosques do Brasil criam multidão de caça e os rios infinidades de peixes, que com várias raízes de árvores, que suprem o pão, bastam para o sustento da natureza humana ainda que ao princípio é natural o estranhar-se. Algumas horas antes da noite fazia alto o Padre com os índios que o acompanhavam; uns formavam a casa ou *tejupar* em que haviam de dormir, que são uns paus armados com palmas por cima, e tudo oferecem com muita facilidade aquêles bosques; outros iam a pescar ou caçar conforme a ocasião que lhe oferecia a paragem; é rara a vez que voltam sem o necessário para o sustento, assim porque os matos quanto menos talados da gente mais caça e peixe têm, como porque os índios são mui destros e excedem os europeus neste exercício. Assim passava o Padre as noites cercado de fogueiras por causa das feras e tigres do mato e as mais dela passava em vigia por causa da multidão de mosquitos que de ordinário há em tôdas aquelas paragens. Mas esta moléstia se lhe mitigava tôda com gôsto e a consolação do seu espírito, que sentia na oração em que passava estas noites pedindo a Deus o bom êxito do fim que o levava com tantas incomunidades. Um dia antes de chegar à aldeia despedia alguns índios a avisar àquela nação da sua chegada para os não apanhar de repente e lhes mandava dizer o desejo que tinha de os achar a todos juntos, e que no dia seguinte teria o gôsto de se achar com êles. Chegado o Padre à aldeia, ia logo demandar uma casa aberta que de ordinário costumam ter os índios no terreiro para os forasteiros mais próxima à casa do Principal. Armavam-lhe logo os índios a sua rêde na dita casa em que o Padre se sentava. A poucos passos vinha o Principal e ao entrar na casa saudava o Padre com estas únicas palavras; que são as suas ordinárias saudações *er jur oân* que quer dizer *já vieste?* e responde o padre com estas com

o mesmo laconismo *ajuron*, (12) ou *já vim*, e assenta-se o Principal a êste seguem os mais índios principais e depois dêstes tôda a aldeia fazendo todos a mesma pergunta e respondendo-lhe o Padre com a mesma resposta sem mais palavra alguma de parte a parte. Seguem-se logo as mulheres, e a primeira é a mulher do Principal que tôdas sem dizer palavra vêm ter com o Padre e cada uma lhe traz e põem junto dêle sua cuia ou tijela de manjar de que usam. Outras trazem suas bebidas, que os índios fazem de várias raízes e da mesma farinha de pau. Pôsto tudo na casa que fica quase cheia pede o Padre o prato da mulher do Principal e come, ainda que lhe custe algo bocado, e o mesmo deve fazer dos mais pratos e bebidas ou mostrar que o faz ainda que lhe custe por evitar o ressentimento da mulher que o trouxe, e do seu marido.

Acabada esta cerimônia, passada tôda em silêncio, retiram os índios da sua comitiva os pratos e o Padre se senta na sua rêde, então se levanta o Principal e fala ao Padre dando-lhe as boas vindas com maior extensão. Por ordinário, lhe diz — que havia dias antes visto um pássaro de grande novidade, ou que tinha sonhado que vinha uma grande chuva que fertilizava as suas searas, etc. e que agora conhecia que aquilo eram avisos da vinda do Padre às suas terras, etc. Continua depois a sua fala, que de ordinário aprendem para receber os forrasteiros, e conta comumente ou das guerras e lástimas que têm suscitado à sua nação em tom lamentável e triste, ou das vitórias que têm alcançado e mortes que têm feito a seus inimigos com tom bárbaro e furioso. Concluída a fala que de ordinário acaba com aplauso dos circunstantes: *sapirupi sapirupi*, que quer dizer *é verdade, é verdade.* A esta fala respondia o Padre Pinto por si se sabia a língua ou por intérprete que levava com outra fala semelhante, com a qual os persuadia do grande amor que lhes tinha, e que êste o obrigara a empreender aquela viagem com tanto trabalho e que lhes ia contando tudo o que na viagem lhe sucedera e

(12) er jur cân: o pronome da 2.ª pessoa e ou, o verbo jur ou jiúr vir, e finalmente, o advérbio cân, já indicando tempo passado.

concluía a sua resposta que o fim de todos êstes trabalhos não era outro que buscar a sua amizade e o seu bem, e defendê-los de seus inimigos mostrando-lhes grande sentimento dos males que lhe tinham contado, etc. Acabada a fala logo o Padre começava a repartir os mimos que lhes levava, principiando pelo Principal e sua mulher ou mulheres e depois pelos mais, sendo mais avantajados os mimos conforme a graduação das pessoas, mas de sorte que não ficava nenhum sem alguma prenda do Padre. E nada lhe falava por ora em matéria de ir com êles nem da sua salvação ainda que era o fim que lá o levava. Tudo isto deixava ao princípio para que os índios seus companheiros lhe afeiçoassem primeiro as vontades; porque acabada esta função se retiravam todos e o Padre se ficava rezando e encomendando a Deus. Logo os índios da aldeia procuravam informar-se dos que acompanhavam ao Padre do seu modo de vida, do modo com que os tratava, que faziam na aldeia, etc. e ao que tinham ocasião os índios de lhes dizer todos os bens que tinham na companhia do Padre, para o que êste os tinha bem instruído. Tudo causava grande novidade naqueles gentios; o que lhe fazia maior admiração era o dizerem-lhe a jornada grande que o Padre tinha feito das suas terras deixando seus pais e parentes só por vir viver entre êles: a esta admiração se seguia outra maior de que o Padre não tinha mulher consigo nem queria usar delas e esta era a primeira cousa que o Padre dizia aos índios que lhe dissessem por terem o costume bárbaro de oferecerem mulher ao hóspede que os visita em ordem a não lhe fazerem tal oferecimento.

Acabava o Padre Pinto a sua reza e com uns seus índios se ia pela aldeia visitar a todos; procurava saber dos enfermos que havia e logo os visitava e se os achava moribundos repetia as visitas e, de ordinário, lograva batizá-los, nenhuma entrada fêz ao sertão que não tivesse a justa consolação de muitos batismos de inocentes e adultos moribundos. Como ia de casa em casa concorriam logo os meninos a acompanhar o Padre, que os atraía a si com velórios e anzóis a que todos correspondiam com grande gôsto estimando a dádiva e o Padre que lhe dava. Para mais os trazer a si os abraçava

e lhes fazia mil meiguices até se fazer como São Paulo menino como êles. Tomava nos seus braços os pequeninos e dêste jeito, prosseguem as instruções que se deram aos missionários do Maranhão para orientar as suas entradas e relações com os índios. Constam estas de um antigo manuscrito que o Barão de Studart compulsou, escrito por um velho jesuíta que tanto admirava a inteligência e capacidade do Padre Pinto (13). É pena que o Barão tivesse interrompido a cópia dêste interessantíssimo documento, deixando-o ainda, ao que parece, distante do seu fim. Esta falta imperdoável é tanto mais sensível quanto o contexto da narração ou instruções, inspiradas nos métodos usuais do Padre Pinto tratar com os selvagens, está recheado de notícias curiosas sôbre costumes dos índios tupis e especialmente do modo de como se iniciavam as conversações entre o missionário e o Principal da aldeia, relações entre êste e os missionários. Estas instruções seriam o natural complemento da *Relação do Maranhão*, sob vários aspectos: históricos, etnográficos e sociais.

Sem dúvida, o trecho transcrito dá uma justa idéia de parte dessas relações, mas nelas o Padre Pinto é omisso em certos pontos de interêsse. Tudo quanto está escrito refere-se evidentemente a relações com índios tupis e nada se diz quando se havia de tratar com outros tipos étnicos, como os tapuias, os chamados índios de corso ou vagabundos, etc., cujos costumes eram bem diversos daqueles que falavam a chamada "língua geral".

Em geral, os missionários se poupavam ao trabalho de estudar e falar outras línguas que não as do grupo tupi. Para tratar com outros povos indígenas serviam-se de intérpretes e, como faziam coabitar êstes selvagens, de ordinário tapuias, nas mesmas aldeias dos tupis, obrigaram-nos a falar a "língua geral", quando isto se tornava possível. Raras são as exceções a êste lastimável fato. No Brasil centro-nordeste,

---

(13) O Barão de Studart, por um motivo difícil de compreender, omitiu o nome dêsse velho jesuíta. Parece-nos provável que se trata do Padre Manuel Gomes que com Diogo Nunes, após a defecção dos franceses, iniciara a catequese na Ilha do Maranhão.

alguns missionários aprenderam a língua Cariri e poucas outras.

O Padre Pinto teve certas vêzes a necessidade de prestar informações escritas a respeito dos índios; neste sentido, muito interessante é o seu parecer relativo ao casamento dos da família línguo-cultural tupi. Revela neste documento acuidade de observação e exata percepção dos fatos; não peca a sua exposição, relativamente clara, pela intolerância, malgrado os costumes dos índios em pontos que contrariavam frontalmente as pautas culturais dos europeus daquela época, tidas então como *mores* invioláveis (14).

O nosso Padre Pinto intervira nas atividades da Companhia. Em 1599, propugnava pela reabertura da *Casa da Paraíba* em maiores proporções que antes. Os jesuítas, por causa de atritos com os missionários franciscanos, tinham-se retirado dali.

Depois da conquista do Rio Grande do Norte aos franceses, os potiguaras logo celebraram a paz com os portuguêses. Para êste fim, pediu o Governador Geral ao Padre Pero Rodrigues "lhe desse algum padre, bem exercitado na língua e conversão de gentio, para dar princípio a paz com êstes selvagens. Eu lhe dei o Padre Francisco Pinto dos melhores línguas desta Província, e por tal conhecido e respeitado dos índios". Com o auxílio e trabalhos do Padre Gaspar de São Peres, o serviço de apaziguamento se completou, ficando os potiguaras, de que um dos principais de mais prestígio, segundo o Pe. Pero Rodrigues, era *Camarão Grande*, amigos e auxiliares dos padres e das autoridades portuguêsas, a que prestaram relevantes trabalhos. A nação potiguara era grande; além das tribos que viviam perto do mar, no Rio Grande, havia cópia delas no interior, como no sertão da *capaoba*, "30 léguas pela terra a dentro, sôbre a Paraíba". A redução dêstes índios foi confiada ao Padre a quem o Governador pediu que, com o seu companheiro, "quisesse por amor de Deus, e trazê-los ao Forte, para aí se confirmarem pazes".

(14) No apêndice — E — do Vol. II da sua monumental "História da Companhia de Jesus no Brasil", o Pe. Serafim Leite insere na íntegra êste documento.

Desde logo, o Padre Pinto mandou por duas vêzes recado aos principais daqueles sertões para que viessem tratar com êle. Veio o chefe potiguara Pau-Sêco e se ficou na casa de um seu parente a meia légua do Forte aonde, diz o próprio Padre Pinto, fui vê-lo." Chegando a Aldeia continua Pinto, entrei, pregando pelo terreiro, como é costume. Estava êste principal de pé, ouvindo-me. E tanto que acabei, entramos para a pousada onde tinham rêdes armadas para nos assentarmos, como dizemos. Estava êste índio a seu modo, muito grave e fantástico, empenado pelo corpo com penas vermelhas na cabeça e braços com penas azuais, uma pedra verde mui fermosa no beiço, nas orelhas uns pendentes de contas brancas, com seus remates a modo de campainha. E, como era gentil homem, tudo lhe estava bem. Estava assentado em uma rêde e defronte de si tinha mandado armar outra para mim porque assim é costume falarem, defronte um do outro, os que hão de praticar. Esteve assim um pedaço e deixou primeiro falar aos outros e dar-nos as boas vindas. E no cabo no-las deu com muita gravidade e eu a êle o mesmo.

"Começamos a prática, da qual ficou muito satisfeito; ... O Padre levou-o ao Capitão do Forte que ofereceu ao Pau-Sêco as pazes. Êste respondeu: "que era bom sermos todos uns e amigos, pois todos gozamos de um mesmo sol, de uma lua e de um dia; disse ainda ao Capitão que confiasse na sua palavra "que não tinha mais que uma, sem lhe ficar outra dentro, escondida."

Para melhor firmar as pazes, Pau-Sêco convidou o Padre Pinto a ir a *Capaoba*. Aceito o convite, partiram juntos e com êles foi também um principal potiguara do litoral, o *Mar-Grande*.

Pelo caminho, o Padre Pinto fazia as suas prédicas nas aldeias por que passavam. No terreiro, onde todos se ajuntavam, como era costume nessas ocasiões, principiava por dizer quem eram e depois ao que iam, que era duas cousas: a primeira dar-lhes as pazes e a outra dar-lhes a conhecer seu Criador, ao qual por não conhecerem, estavam cegos nem entendiam a imortalidade de sua alma, nem como na outra vida havia glória para os bons e castigos para os maus. De-

pois disto o Padre descansava até a bôca da noite, quando se recolhia. Mas, logo depois, um dos seus companheiros, o *Mar-Grande*, no caso, continuava a prática, quase tôda a noite, com tanto fervor, diz o Padre, "Como se fôra um pregador de muito zêlo e eloqüência". (15). Aos ouvintes, é Pinto ainda que relata, no princípio, pareciam um sonho estas cousas, mas poucos vieram a fazer neles tanta impressão, que me respondiam com estas palavras: "Ó meu pai, como está isto bom!..."

Continuou o Padre em busca da Capaoba, sempre assim e sob a proteção do Pau-Sêco, que era muito temido pela sua valentia e afamado pelo trato social. A comitiva chegou ao seu destino em paz, o missionário fêz as suas práticas costumeiras e acertaram definitivamente as pazes gerais. Havia, então, nos sertões da Capaoba cêrca de 70 aldeias de potiguaras, sendo que pelas cinco comarcas em que moram existiam 320. Na Capaoba reinava a malária de que foram acometidos diversos, inclusive o Padre Pinto e o seu companheiro. Regressaram diretamente para a Paraíba os padres com o seu séquito e cêrca de 40 ou 50 índios com 15 ou 20 de seus principais. Ali encontraram os Chefes portuguêses e se celebrou solenemente a paz entre portuguêses e potiguaras graças aos esforços e habilidades do Padre Pinto.

Tôdas estas informações referentes à Capaoba e a paz dos índios foram hauridas numa carta do Padre Pinto, escrita ao Padre Pero Rodrigues que a inseriu na que escrevera relatando as atividades da Companhia de Jesus no dealbar da colonização do Rio Grande do Norte, em 19 de dezembro de 1599.

Sabe-se que em conseqüência destas pazes, os potiguaras prestaram inolvidáveis serviços à colonização do Rio Grande e do Ceará, inclusive o Principal Camarão na guerra holandesa.

A carta de Pero Rodrigues e a do Padre Francisco Pinto, acima referidas, estão repletas de notícias históricas do

(15) Anteriormente, no começo da catequese do Rio Grande já o Mar-Grande fôra convertido e instruído por Francisco Pinto. Mar-Grande era o Paranaçu.

maior interêsse. Êstes documentos, assim como aquelas instruções organizadas para regular as relações entre os missionários e os indígenas do Maranhão, sob a inspiração e os ensinamentos do mesmo Padre Pinto, complementam substancialmente o valor histórico e as notícias sócio-culturais da *Relação da Missão do Maranhão.*

Trata-se de matéria intimamente ligada à vida do Padre Pinto, a figura de maior destaque na expedição de 1607, objeto destas notas e comentários.

Para terminar as notícias que foi possível colhêr a respeito do Padre Francisco Pinto, sinto a necessidade de transcrever um trecho da sua carta ao Padre Pero Rodrigues em que faz duas curiosas observações relativas a personalidades do índio Pau-Sêco, de evidente interêsse antropológico, ao mesmo tempo que permite ajuizar um pouco da capacidade de observação do nosso Padre. Ei-la: "Duas cousas notei neste índio, em que vi sua prudência natural, uma é que se não perturbava no beber, porque se era de Portugal, deitava-lhe muita água; e se era do seu, em se sentindo tocado, não ia mais adiante. A outra, é a que nunca vi em índio nenhum, que não consentia que falássemos com os principais senão vestidos com roupetas pretas, dizendo que folgava de nos ver autorizados, limpos e bem vestidos, para que nos tivessem os ouvintes mais respeito; e uma vez que aceitei de pôr a veste sôbre a roupeta preta, se chegou a mim e mo estranhou (16).

Da constituição corporal do Padre Pinto pouquíssima cousa nos resta. Nada mais do que pode fornecer um retrato (busto) pintado no fôrro de uma igreja da cidade de Salvador (Bahia), isto mesmo, ainda mal conservado (reproduzido nêste capítulo).

Êste retrato (17) deixa de algum modo perceber que o Pe. Pinto era relativamente grosso, de corpo largo e apreciàvelmente cheio e de feições arredondadas, com contornos

(16) Tanto a carta de Pero Rodrigues como a de Francisco Pinto se encontram na íntegra transcritas no Vol. I, da Hist. da Companhia, do Padre Serafim Leite. O Pau-Sêco é o Nuratininga.

(17) Copiado pelo Pe. S. Leite, está reproduzido na História da Companhia.

suaves, face quadrangulóide, pescoço curto e nariz um tanto largo e curto com orelhas aproximadas da cabeça. Tais elementos, bem perceptíveis no retrato, deixam supor que se trata de um biotipo com predominâncias endomórficas. Aproxima-se do braquitipo de Viola, do sensitivo puro de Malapert (humilde) ou do sentimental de Heymans. Devia ser um propenso digestivo; portanto, é de crer que estimasse a felicidade dos outros, do seu próximo; fugisse às discussões e amasse a obediência. A sua sensibilidade pelo sofrimento alheio, a sua tendência para simpatizar os companheiros, a sua brandura, moderação, bonomia e outros atributos próprios do seu temperamento o tornavam estimável, benquisto. Estas qualidades mentais explicam a sua conduta, de que alguns traços concordantes nos foram legados pelos cronistas e seus colegas de hábito.

VI — PADRE LUIZ FIGUEIRA

A respeito da personalidade e da obra desta segunda personagem da "missão do Maranhão" e autor da sua "Relação", o Padre Serafim Leite escreveu um livro: *"Luiz Figueira — A sua vida heróica e a sua obra literária"*, publicado em 1940, em Lisboa. (18). Aí está uma fonte copiosa e conspícua de dados e considerações judiciosas que nos dispensam bastante labor na preparação desta notícia, especialmente adstrita aos fatos relacionados com a expedição de 1607.

Luiz Figueira nasceu em 1574, no lugar Campo de Ouriques em Almodôvar, vila de Alentejo, Arcebispado de Évora, Portugal. Filho de Diogo Rodrigues e Da. Mayor Revet, estudou com bom rendimento no Colégio de Évora, então dos mais famosos do País. Ingressara nêste Colégio com a idade de 18 anos (1592). Já sacerdote, em 1602 veio para o Brasil (Bahia), e desde logo se destinguiu pelas suas virtudes, inteligência, atividade, persistência e equilibrado senso religioso.

(18) Esta publicação autorizada pelo Ministro das Colônias de Portugal, está dividida em duas partes: 1) a vida heróica do Padre Luiz Figueira, com dez capítulos de que apenas os três primeiros nos interessam diretamente; e 2) Relação e Documento de que sòmente nos servem os quatro que encabeçam o elenco.

"Favorecido de muitas graças do Céu e dons naturais, raros talentos e grandes letras", segundo o conceito do Padre João Felipe Betendorff, tornou-se missionário ilustre e um digno e prestimoso jesuita.

Ao chegar à Bahia (1602), logo lhe coube redigir a "Carta Bienal" de 1602 e 1603, com que estreou nas letras. Ocupou no setor da literatura histórica brasileira lugar de destaque, mercê de uma notável contribuição, valiosa pela precisão na referência dos acontecimentos versados. Também dedicou-se ao cultivo da língua tupi, cujos segredos investigou durante anos, até que, depois de bem seguro nos detalhes e particularidades do idioma, compôs a sua *Arte de Gramática*, a segunda que sôbre o assunto apareceu no Brasil (1621). Supõe Serafim Leite que o Pe. Figueira terminou êste trabalho quando era Superior da Aldeia da Escada, em Pernambuco (1619), mas de há muito a êle se dedicava. "A grande escola de Luiz Figueira para o conhecimento da língua brasileira ou tupi-guarani foi a sua viagem à Ibiapaba" Se isto realmente é verdade, como parece justo e certo, o tupi da sua *Arte* devia ter o acento dialectológico do falar dos potiguares e tabajaras. Talvez, daí resultem algumas diferenças que se observam nas duas primeiras gramáticas brasileiras: a de Anchieta (Rio e São Paulo) e Figueira (Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará). Vê-se assim que a *"Arte da língua brasileira, Composta pelo Padre Luiz Figueira da Companhia e I E S V Theologo"* oferece particular interêsse para quem, no Brasil, se interessa pelo falar de antigos íncolas nordestinos. Êste trabalho logrou várias edições: 1621, 1687, 1754, 1795, 1852, 1878, 1880 (19). As quatro primeiras foram editadas em Lisboa, a quinta (1851/52) na Bahia, a sexta em Leipzig (Alemanha) e, finalmente, a sétima (1880), no Rio de Janeiro. Esta última foi editada e anotada pelo Sr. Emílio Allain, que comparou o texto de Figueira com o de Anchieta, salientando as divergências. Aliás, não são gran-

(19) Possuímos as edições de 1880 e a de 1852. Esta última apresenta, como a precedente, vários defeitos, alguns bem mais sérios; é da responsabilidade de Joaquim da Silva Guimarães. Aquela impressa no Rio de Janeiro e esta na Bahia.

des nem impressionantes tais discordâncias que, como já fizemos notar, proveriam naturalmente das diferenças etnogeográficas existentes entre os campos de observação daqueles autores; simples alterações dialectológicas.

A carta bienal da Província do Brasil dos anos de 1602 e 1603, escrita em latim por Figueira, existente no arquivo S.I. Romanorum, dá conta dos sucessas principais dos Colégios, Residências e Aldeias dependentes da Companhia de Jesus, em época de pouco interêsse para as presentes notas. Neste documento, vasado em bom estilo, relata o Padre fatos com a ingenuidade própria da cultura do tempo, como curas de doenças com a aplicação da água benta. Não obstante, contém regular porção de notícias de interêsse histórico. As principais produções de Figueira são a *Relação da Missão do Maranhão;* que, como iremos apreciar, é digna de merecer cuidadosa atenção por parte de quem estuda os velhos fastos da nossa história colonial, e a *Arte de Gramática,* que atesta um notável esfôrço de inteligência, paciência e perseverança.

Em 1607 foi o Pe. Figueira escolhido pelo Superior da Província do Brasil, Pe. Fernão Cardim, para fazer parte da perigosa expedição à Serra da Ibíapaba e Maranhão em companhia do Pe. Francisco Pinto.

Ao partirem para esta aventurosa viagem, tinha Figueira apenas 33 anos, ao passo que Pinto já contava mais de meio século de vida (54 anos). Ao voltar dêste frustrado empreendimento, depois de deixar o seu companheiro enterrado ao pé da montanha, o Padre "consumido de trabalhos e de fomes, escreve Serafim Leite, só com a pele sôbre os ossos, em setembro de 1608, com alguns índios da Ibiapaba, foi por mar do Ceará ao Rio Grande do Norte, donde passou a Pernambuco." Poucos dias depois seguiu por via marítima para a Bahia, de onde mandou ao Preposto Geral da Companhia de Jesus a *"Relação da Missão do Maranhão".*

Na Bahia e em Pernambuco, sempre sonhava com o Maranhão e o Pará, onde se lhe afigurava poder passar uma vida feliz, ao seu gôsto, no exercício da catequese dos índios. Não conseguiu com facilidade êste intento. Por ali, na jurisdição da "Província" do Brasil, se ficou ainda 13 ou 14 anos

(1608 a 1622) exercendo várias funções do seu ministério. Foi nesse interrégno Prefeito dos estudos no Colégio e logo depois o Reitor; Superior da aldeia da Escada, etc. A sua grande experiência das regiões que medeiam do Rio Grande do Norte ao Maranhão fizera-o informante das dificuldades da travessia por terra. Devia conhecer a geografia e as populações indígenas que lá viviam. Nesta qualidade, escreveu, com a data de 26 de agôsto de 1609, um relatório a respeito das dificuldades de uma missão do Maranhão e dera ao Padre visitador Manuel de Lima, que no entretanto o interpelou a respeito, informações detalhadas. As suas opiniões discordam nos dois casos. Nesse documentos procura estranhamente justificar a impossibilidade da missão do Maranhão naquela época. Apresenta 6 razões que se podem assim resumir: distância maior de 300 léguas, de terras estéreis do Rio Grande ao Maranhão, povoada de tapuias "que são tantos que não têm conta . . . buscando caça de que se sustentam . . . e nada lhes pode escapar; e a ninguém perdoam a vida por cousa alguma nem admitem pazes com ninguém como todos nos informam, e nós bem experimentamos, matando a meu companheiro e buscando-me a mim". Adianta que em todo êste caminho falta água "e só se bebe de covas que se fazem junto ao mar, cuja água é salgada e faz muito mal. Muitos e mui grandes rios que só se podem passar em embarcações, que se não podem fazer por faltar madeira, e a passagem dêstes rios é o maior perigo porque os tapuias espreitam os que passam e passando, alguns, ou dão nêles ou nos que ficam da outra banda".

Mas, observa ainda que: "dado o caso que de todos êstos perigos se possa escapar (o qual é impossível) não se escapará da fome". Demais, acrescenta: "no Maranhão há muitos franceses que estão de morada . . . e depois de se passarem os tapuias se há de dar em suas mãos". Finalmente, ainda outra dificuldade: "E ainda de se ter comércio com esta Província do Brasil porque de Pernambuco para lá todos os ventos são de popa, e dela não se navega para cá se não em tanto tempo que é mais fácil ir às ilhas ou ao reino e de lá

vir, de que é vir do Maranhão em direitura: isto, da vinda por mar, que por terra é impossível".

Não obstante esta terrível enfieira de dificuldades e impossibilidades, o Pe. Figueira, termina o seu relato manifestando o desejo de ir ao Maranhão. Diz: "Mas havendo de ir lá alguém da companhia eu, como aquêle que mais direito tem nesta emprêsa, me ofereço para ser o primeiro em quem se quebre a fúria dos contrastes." Grandes eram as suas convicções e persistência e a fé em Deus inabalável.

Os exageros da informação são evidentes e de tal modo enfatisados que deixam claro estar o Padre, ainda naquêle ano (1609), depois do seu recente retôrno da trágica aventura da Ibiapaba, sob o pêso de forte depressão mental. Ora, conhecia êle, melhor do que ninguém, se normalmente sadio ou bom, que os trabalhos e dificuldades de uma travessia por terra do Rio Grande do Norte ao Maranhão eram grandes mas não insobremontáveis desde que, agora, com o auxílio das novas experiências e conhecimentos, grangeados na fracassada expedição de 1607, possuisse elementos suficientes para organizar um plano de viagem capaz de contornar com êxito todos aquêles percalços. Com a colaboração de Figueira, uma nova missão do Maranhão foi objeto de estudos, tendo em vista as faltas da primeira. Êste chegou mesmo a formular as causas daquele fracasso e os seus remédios. Eilas: 1.°) o Padre levou pouca gente consigo; 2.°) o barco que levou os Padres os deixou muito perto do rio, havendo de os botar mais perto do Maranhão. Acrescenta ainda: "e dêstes dois erros se seguiu o 3.°), que vendo o Padre com pouca gente e longe do Maranhão não se atreveu ir pela praia ao longo do mar, por haver por ali muitas castas de tapuias. E assim se meteu pela terra dentro, por serras impenetráveis e com inimigos selvagens e nisto se perdeu". O remédio para o êxito estava, pois, prescrito pelo próprio Figueira. E tanto isto é verdade que, quando o Padre visitador do Brasil (1609/1610) Manuel de Lima lhe perguntou "se levaram mais gente e foram junto ao mar se fariam bem a viagem e segura"; respondeu: "que sim e deu a razão: porque os tapuias que estão junto ao mar são, ordinàriamente, uns inimigos dos

outros e têm guerra entre si, como esta aldeia contra aquela e esta contra aquela outra, etc. e assim não são muito unidos para poderem fazer mal aos nossos, e fàcilmente os deixaram passar. *Accedit*, que por esta paragem não têm tanta aspereza no caminho nem falta de mantimento. Isto se lê à pág. 39 do livro "*Luiz Figueira*" do Pe. Serafim Leite, trecho transcrito do Visitador que entrevistava Figueira. A depressão nervosa que levou o culto sacerdote a se contradizer, aqui achando impossível a travessia do Maranhão por terra, e ali, ao contrário, explicando os remédios fáceis para ser empreendida com êxito, era natural. Depois dos violentos choques que experimentou, tanto no físico como no espiritual, a sua mente ficou num estado anormal, com períodos de abatimento e desânimo e períodos de luminosa consciência, bem ajustada à sua personalidade normal. Nos momentos de depressão, tudo lhe parecia difícil ou mesmo impossível; nos momentos em que tomava contacto com a realidade, tornava-se otimista, raciocinava com elementos positivos e, sôbre a questão em foco, estudava as soluções mais acertadas.

Com o tempo êste estado mórbido, aliás, sem gravidade, desapareceu ou regridiu até a saúde ordinária, entregando-se desde então às atividades que os seus superiores lhe destinavam na Província do Brasil, a que se integrara com firme dedicação desde o seu ingresso na Ordem de Jesus.

Figueira foi profético. Conquistado o Maranhão aos franceses, para lá seguiram padres da Companhia. Embora não tenha sido o primeiro, como desejava, lá foi ter; e, com algum tempo, a fúria dos contrastes se desencadeia, com vicissitudes no ritmo dos trabalhos; dificuldades e perigos, com poucos períodos de sossêgo e paz, pois que vencidas umas dificuldades logo outras surgiam, como observa o Pe. Serafim Leite. Voltava o Pe. Figueira de uma viagem a Portugal quando o navio que o transportava, com alguns outros companheiros e muitos seculares, encalhou e perdeu-se. Com diversas pessoas de bordo procurou alcançar terra numa jangada que foi abicar à Ilha de Joanes, hoje Marajó, em terras habitadas pelos índios Aruaques, na nação Aruã. Naquela ocasião, êstes índios estavam em guerra com os portuguêses.

Como não se teve mais notícias certas dos náufragos, supõe-se que foram mortos por aquêles selvagens. Isto aconteceu no começo do mês de julho de 1643. Morreu o Padre Luiz Figueira com a idade de 69 anos, depois de uma vida heróica e relativamente tormentosa, mas sobremodo útil.

Os dados somato-psíquicos do Padre Pinto, como se observou, são bastante escassos; do Pe. Figueira, porém, logramos neste sentido informações mais interessantes. O seu magnífico retrato, especialmente debuchado para a *História da Companhia de Jesus* — do sábio jesuíta Pe. Serafim Leite, parece muito expressivo. (20) Deixa transparecer a figura de um biotipo diverso daquêle que se atribuiu ao seu companheiro. O artista que o imaginou foi realmente feliz ajustando-se às descrições conhecidas da estrutura somática e feição espiritual do missionário. Pintou uma figura angulosa, de olhar penetrante, nariz afilado, um tanto largo na base; pescoço relativamente longo, busto amplo e pouco profundo, mandíbula espêssa e pesada. Êstes caracteres estão evidentemente indicando uma dominância, embora com alguns traços que se referem ao tipo ectomórfo, do qual, todavia, em muito maior número se afasta. Êste aspecto somatológico combina com certas qualidades mentais típicas: caráter forte ou enérgico e relativamente aventuroso. Mais comumente introversivo, imaginoso, inteligência geralmente bem desenvolvida, espírito de investigação e persistência nos empreendimentos; paciência, operosidade, afirmação, destemor e arrojo; "espartana indiferença pela dor, amigo do silêncio e da

(20) Eis o que a respeito dêste retrato refere Serafim Leite: "Figueira, por feliz sugestão de Augusto Meyer, achou o pincel mais afamado do Brasil moderno. A leitura do livro LUIZ FIGUEIRA — a sua vida heróica e a sua obra literária e a sua viagem dolorosa à Ibiapaba e o seu fim trágico no Marajó inspira a Cândido Portinari a obra prima com que se ilustra êste III tômo da HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL, para êle magnífica e expressamente feito pelo grande artista".

Não obstante estas informações a respeito do excelente retrato de Figueira, que confiadamente reproduzimos para servir de referência à nossa análise, não podíamos fundamentalmente apenas nêle apoiar essa análise somatológica. Como se vê no texto, fizemo-la calcada não só naquelas informações colhidas por Serafim Leite e outros autores compícuos, como também na grafia do missionário. O retrato do artista, todavia, não só confirmou alguns dos resultados alcançados na investigação como facilitou o nosso trabalho.

quietude." Pelo que sabemos dêsse sacerdote, através da "Relação" e outros documentos a seu respeito, muitas senão a maioria destas qualidades positivas exornavam a sua personalidade.

Vejamos agora um breve teste grafológico em tôrno de escritos seus que chegaram até nós com a respectiva assinatura (fig. 2). No grafismo do Padre Figueira o que mais impressiona é a sua assinatura, extraordinàriamente ornamentada com numerosos traços dela independentes mas que a envolvem de modo muito singular. Êste caráter não está em harmonia com o seu cursivo, sóbrio e harmonioso.

Parece que o arabesco complicado, traçado auxiliar da sua assinatura, obedece a idéia de uma individualização rigorosa; visa tornar a sua forma inconfundível e inimitável; talvez também represente uma certa contribuição da moda do seu tempo. Nem por isto, entretanto, foge a uma inconsciente manifestação de orgulho e pretensão, sentimentos êstes que podem ser atenuados por uma vocação artística hereditária, tanto mais no caso justificável, quando realmente se percebem nos traços aspectos harmoniosos e de natureza ornamental. Todavia, o simbolismo inconsciente destas figuras em volteios caprichosos revelam traços da personalidade dignos de apreciação. O aspecto do traço inicial, digamos do arabesco, partindo do começo do prenome, avançando sob a firma com energia e volteando depois à direita para depois formar um oito ,do qual parte o traço mais interessante porque vai formar uma ponta de punhal voltada para a esquerda. Isto pode indicar perigosa *agressividade; audácia e arrôjo*, cujo grau de intensidade depende de outros caracteres gráficos concordantes. Lembra-se que sinais isolados pouco significam quando outros não se apresentam para confirmar as tendências ou impulsos que os determinaram.

Numa análise mesmo superficial da assinatura e de pequeno trecho do texto (21) torna-se, assim, indispensável.

(21) Autógrafo do Padre Luiz Figueira existente no ARCHIVUM SOCIETATIS JESU ROMANUM, Bras. s. 511 conforme está no livro "Luiz Figueira" do Padre Serafim Leite. Lisboa MCMXL. Para o estudo grafológico fizemos cópias fotostáticas da assinatura e da parte final dêsse documento, sob diversas ampliações.

O exame da *firma* revela pela sua posição relativa: um fundo moral e habilidade na arte difícil de conciliar os próprios interêsses com os de outras pessoas com que se relaciona, bem como segurança nas próprias determinações. Por ser bem legível a firma em aprêço indica fé na sua missão na vida. Por outro lado, há sinais que revelam: facilidade de expressão dos seus sentimentos; agressividade, resolução e decisão pronta. Outros sinais resultam ainda: pouca comunicabilidade, muita atenção nas suas ocupações; fôrça de vontade, tenacidade na luta, critério próprio e sentido de responsabilidade, ao lado de regular energia, reações bem reflexas, teimosia e alguma inclinação para obstinação; reserva e harmonia no pensamento.

O exame do texto deixa perceber mais êstes e outros prováveis traços do temperamento: fôrça de vontade, sentido de justiça, natureza fria e reservada embora boa e mansa, espírito franco ,boa capacidade para raciocinar lògicamente, consciência larga ou elástica; e, finalmente: resistência e saúde.

Sem grande esfôrço acham-se muitas concordâncias nas indicações somatológicas ou tipológicas, no teste grafológico e nos fatos relatados pelo próprio autor (Relação) e nas referênciaas que lhe foram feitas sôbre a sua conduta anterior e posterior à memorável expedição da Ibiapaba. Iríamos muilonge se fôssemos cotejar estas concordâncias, exorbitando do plano destas observações e comentários. Não nos podemos, entretanto, furtar à menção dos mais expressivos: os que se têm ocupado com a vida heróica de Figueira salientam, desta ou daquela maneira, as *muitas graças*, os *dons naturais, os raros talentos* de que era dotado. Referem-se também além disto, um notável espírito de paciência, perseverança quase teimosia, esta mais ou menos disfarçada por aquelas inconscientes virtudes; manifesto espírito de audácia e arrôjo, que algumas vêzes deixa trair certo orgulho, naturalmente controlado, e uma clara estima própria que se traduz pelo seu indisfarçável espírito de afirmação. Efetivamente, quando diz e repete com ênfase que queria vir ao Maranhão quaisquer que fôssem os sacrifícios. "Havendo de ir lá alguém da

Companhia, eu, como aquêle que mais direito tem nesta emprêsa, me ofereço para ser o primeiro *em quem se quebre a fúria dos contrastes*". Figueira conhecia bem os perigos, a *fúria dos contrastes* na Conquista do Maranhão; mesmo assim, queria ser o primeiro: audácia, destemor e arrôjo; energia, espírito de responsabilidade, e ao mesmo tempo de aventura.

"O zêlo do Pe. Figueira, a sua operosidade e obsequiosidade" na catequese dos índios do Maranhão concorreram muito para o êxito e prosperidade da Companhia de Jesus ali. Reconhecem assim os cronistas no nosso examinando: operosidade e dedicação. As suas viagens ao interior do Pará na defesa dos índios foram atos de abnegação e coragem; suas vitórias em Lisboa (1637/1643) junto às autoridades leigas e religiosas revelam o seu espírito de tolerância, paciência, perseverança, operosidade e inteligência.

VII — OS ÍNDIOS DA EXPEDIÇÃO

Os jesuítas escolheram os índios que deviam acompanhar os padres. Uns, certamente, foram tirados dos colégios ou dependências da Companhia, gente bem conhecida e de confiança, assistida pelos religiosos e a êstes afeiçoada. Outros eram os restos dos índios escravizados pelo famigerado Pero Coelho no Ceará que deviam, por ordem do Rei de Portugal, retornar ao seio das suas tribos. A *Relação do Maranhão* não dá o número de uns nem dos outros; diz apenas que ao todo eram 60. (22).

Os repatriados deviam ser os remanescentes dos cativos do infeliz Capitão-Mor. Nas suas malfadadas entradas Pero Coelho indiscriminadamente prendeu, com violência e auxílio dos tapuias ou com engodos, numerosos nativos tupis do Rio Jaguaribe (Jaguaribaras) e do Ceará (barra do rio dêste nome e suas imediações). Parece-nos que, nas aldeias tupis perto dos sopés da Serra Maranguape, onde a mata driática era luxuriosa e a caça abundava Coelho fêz farta

(22) Êste é o número exato dos índios que vieram com os padres, visto ser o referido por Figueira. Alguns autores ou cronistas se referem errôneamente a 40.

apreensão de escravos, atacando-as de surprêsa. É, pelo menos, o que se pode depreender da análise toponímica que fizemos do nome Maranguape. Sabe-se que antes de Pero Coelho vir ao Ceará (1603/1607) Jan Batista Syens, de Amsterdão, andara pelo pôrto de Mucuripe, e no dia 21 de novembro de 1600, com vários companheiros, foi à Serra de Maranguape. Na viagem do Mucuripe à Serra, passaram os holandeses por uma grande aldeia e foram pernoitar noutra menor ao pé da montanha, na qual assistia o "Roi du pays" que no dia seguinte, lhes deu guia para subirem a serra, "une montagne trés elevée toute couverte de bois", à procura de pedras verdes (esmeraldas). Assim, como era natural, perto da serra havia algumas aldeias e nos pequenos vales dos contrafortes, de ubertoso solo cresciam florestas frondosas em que se abrigava numerosa e variada caça ... (23)

É de crer, conseqüentemente, que a população indígena (tupi) de tôda faixa litorânea do Ceará era ali mais numerosa e densa. A floresta e a caça, efetivamente abundantes, eram atrativos para os índios; mas, além disto, a excelente água, farta e perene dos numerosos ribeiros que desciam das encostas, e a terra fértil e fresca que proporcionava o cultivo seguro do milho e da mandioca, fixavam os nativos com vantagens em relação às outras partes conhecidas, especialmente nas praias arenosas e agrestes do nordeste brasileiro, que os Potiguaras vinha senhoreando. E como tudo aquilo estava à mão de Coelho, abroquelado com a sua gente na efêmera *Nova Lisboa* que fundara e se defendia com o forte de S. Tiago, — constituía a região subpedânea de Maranguape, situada a cêrca de 25 a 30 quilômetros da barra do Ceará, a fonte mais fácil e rendosa de cativos.

Os índios capturados, levados para Pernambuco, fo-

(23) In pag. 191, do Tomo LIX da "Revista do Instituto do Ceará" 1945) lê-se: "Não é de admirar tenha Coelho procurado surpreender as aldeias que ficavam na base da montanha. Sem dúvida, o faria, como era natural, com a técnica desleal da surpresa e do embuste... Êste sistema não comportava batalhas ou combates; não passava de massacre e aprisionamento de nativos surpreendidos ou enganados. Muitos caiam mortos, vários eram aprisionados e alguns conseguiram fugir... As crônicas não registam outras vítimas em combates, além das que constam dos assaltos na Serrad a Ibiapaba"".

ram em parte mandados de presente ao Governador Diogo Botelho com os prisioneiros franceses, colhidos nas refregas pela conquista da Serra da Ibiapaba. Pero Coelho arrebanhara escravos indiscriminadamente entre os tabajaras ou tupinambás da Ibiapaba e potiguaras do rio Jaguaribe e região norte da Serra de Maranguape. Informado o Rei de Portugal do injusto cativeiro dos indígenas cearenses, mandou que aquêles que chegaram a Pernambuco (e naturalmente também à Paraíba), fôssem repatriados como fôrros.

A expedição dos Padres apresentava-se como uma excelente oportunidade para o regresso dêsses aos seus pagos. De certo, para a expedição, o fazer-se acompanhar dêles, era de grande conveniência. A alegria dos parentes, amigos e companheiros das tribos que os julgavam para sempre perdidos, assegurava um estado de alma muito favorável à percepção cordial de tôda comitiva e especialmente dos Padres. Êstes souberam tirar enorme partido de tal situação em favor da sua catequese e outros propósitos que levavam.

No curso da viagem, entre o rio Jaguaribe e o Pará (rio Curu) no lugar Paràzinho (Paracuru), os índios da comitiva iam encontrando alguns dos seus parentes e amigos que tinham conseguido escapar ou fugir das garras de Coelho. Andavam tais remanescentes das aldeias potiguaras do Jaguaribe e Ceará (Jaguaribaras) escondidos pelos matos; esquivos, desconfiados de tudo e sobretudo temerosos dos portuguêses, que poderiam, a qualquer tempo, voltar para prendê-los e levá-los como escravos. Receiavam também os tapuias de que o Capitão-Mor se servira para mais facilitar a redução dos tupis e conduzi-los. Para éstes restos de potiguaras, desbaratados, perdidos e desamparados, sem organização social, e, portanto, faltos de qualquer defesa, mas que ainda pervagavam pelo Jaguaribe e Ceará, a vinda dos Padres foi um feliz acontecimento, "pareciam, diz Figueira, que ressuscitavam, mostrando grande prazer e alegria". De fato, os missionários não apenas restituíram-lhes parentes e amigos, como ainda lhes traziam uma novidade importante — as novas e positivas Provisões Reais — pelas quais eram êles declarados livres e fôrros; não podendo mais, desde então, serem es-

independência e segurança. Não podia ser mais alviçareira cravizados como fizera Coelho, ficava assim firmada sua para esta gente a passagem dos Padres. Dissemos que perto da Serra de Maranguape, provàvelmente, estava a maior concentração de tupis baseados nas razões atrás expostas, entretanto, o maior grupo com que se deparou a Expedição foi o chefiado pelo principal *Acajui, com* cêrca de 50 a 60 indivíduos, perto da barra do Rio Pará (Curu). Isto, entretanto, não invalida aquela hipótese.

Depois da passagem dos Padres, com as novidades que lhes levaram os índios que haviam estado e tratado com os da Expedição, muitos que mais distante se tinham embrenhado, saíram ao mar. Um dêstes foi o Principal *Amanai* (Algodão) com vários companheiros e ali se puseram a esperar o retôrno dos missionários. As crônicas do Ceará referem-se a diversos *Algodões*, mas êste deve ter sido o primeiro de uma série de chefes de aldeias nas vizinhanças da extinta Nova Lisboa ou do forte de Marajaitiba, porteriormente construído, em parte, com material trazido do de São Sebastião. (24).

Dos tupis que acompanhavam os Padres, um logrou, pelo seu sacrifício defendendo o Pe. Pinto, deixar o seu nome para a posteridade — Antônio Caraibpocu, — provàvelmente oriundo da Bahia. Os padres não estiveram nas ruínas da Nova Lisboa pois não há referência na *"Relação"*.

Quando Figueira regressou, aí pelo meado do ano de 1608, já encontrou muitos potiguaras que, desassombrados, deixavam os seus esconderijos nas matas e vinham às praias espreitar a passagem dos missionários e da sua gente. Figueira arrebanhou e trouxe consigo diversos índios da Ibiapaba e do Ceará e Jaguaribe; ao têrmo da viagem já se via acompanhado de cêrca de 160 (25).

Os índios que os Padres trouxeram para as suas terras, no Ceará, certamente, teriam sido bem menos do que

(24) O fortim de São Tiago, construído por Pero Coelho, foi depois substituído pelo de São Sebastião, construído por Soares Moreno no mesmo lugar ou bem próximo.

(25) Estando para tomar o barco que o fôra buscar, Figueira teria reunido mais cêrca de uns 40 índios ao séquito da Expedição.

Pero Coelho cativara e levara consigo para Pernambuco. Seriam sensìvelmente menos de 60 porque neste número total, ao partir, se incluíam os que, de fato, faziam parte intrínseca da expedição e com ela teriam de regressar; eram os companheiros, servidores e defensores constantes dos missionários. Ao que parece, aquêles que se iam destacando da expedição, do Jaguaribe ao Curu, conseguiam reunir-se aos remanescentes que se escondiam pelos matos e com as garantias de liberdade da Provisão Real voltara as praias ou adjacências do mar e fundaram algumas aldeias; provàvelmente a origem de algumas das que, poucos anos após, (1611) por ali encontrara Martins Soares Moreno. As quatro aldeias de que era chefe o Principal Jacaúna, irmão do Camarão, (26) e outras a maior distância da Barra do Ceará, teriam então nascido. Estaria na região do Ceará, inclusive na de Maranguape, o principal núcleo-indigena.

VIII — O ITENERÁRIO

A Expedição partiu de Pernambuco no dia 20 de janeiro de 1607, em um pequeno barco, que devia voltar carregado de sal. Depois de 12 dias de navegação, em 1.º de fevereiro, chegou à barra do Rio Jaguaribe, distante do ponto de partida, segundo Figueira, de 120 a 130 léguas. Logo no dia imediato, 2 de fevereiro, em que se comemora a invocação de N. S. das Candeias, deixou o lugar onde abicara, pondo-se em marcha. Supomos que êste lugar teria sido nas imediações do atual porto do Fortim (27), à margem esquerda do estuário do maior rio cearense.

Daí, perlongando a costa, por terra, andou a Expedição até alcançar a enseada do Pará. Gastou nessa viagem um mês,

---

(25) Assim se lê em a "Relação do Ceará", escrita por Soares Moreno: "Tem esta nova colônia 4 aldeias de indios de que é senhor um índio chamado Jacaúna".

(27) Entre os cronistas reina certa divergência: uns atribuem a chegada da Expedição à barra do rio Apodi ou Mossoró. Adiante teremos oportunidade de considerar melhor esta divergência e firmar a nossa própria opinião. Por enquanto, admitimos que a chegada dos Padres tivesse sido à barra do rio Jaguaribe.

MISSÃO do MARANHÃO
MARANHÃO
PIAUI
CEARÁ
RIO Grande do Norte
4°LS
4°
R. Timonha
Camocim
R. Aeatrai
R. Brnaiba
R. Poti
R. Curú
R. Ceará
Barra do Ceará
Aucuripe
R. Choró
R. Pirangi
Barra do Jaguaribe
Fortim de S. Lourenço
R. Jaguaribe
Sa da Urubunetama
ITINERÁRIO
dos Padres [aproximado]
Ida; Volta
Limite estadoal
1-subida da Ibiapaba- 2 Aldeia do Jurupariaçu- 3 Rancho onde foi sacrificado o P. Pinto- 4 Aldeia do Cobra Azul- 5 Aldeia de S. Lourenço

pois teria ali chegado no dia 2 de março. Ficava o Pará, no cômputo de Figueira, mais ou menos 35 léguas do Jaguaribe. "As jornadas eram de 1, 2 e 3 léguas". A média do caminho percorrido por dia teria sido, pois de 1,16 léguas. Realmente, a distância pela costa do Jaguaribe à enseada do Pará, hoje Paràzinho, com pequenos desvios é aproximadamente de 32 léguas de 6 quilômetros; com alguns desvios e voltas, como provàvelmente teria acontecido a procura de vau nos rios mais caudalosos, maior seria de fato, cêrca de 34 ou 35 léguas (28).

Depois de uma demora de 5 dias no Pará, reencetou a caminhada no dia 7 de março; atravessou o Rio Curu, com muita água, e, logo, adiante, tomou a direção da *Serra dos Corvos* (Uruburetama) que se avistava ao longe, para o lado de S-W. Deixando à direita o mar, que se foi afastando cada vez mais, alcançou a montanha com cêrca de 8 a 9 léguas de marcha e por ela se encaminhou, sob sombria, espêssa e alta floresta. Os raios do sol, interceptados pela folhagem densa das árvores, deixavam os da comitiva incertos, "sem sabermos bem quando manhã nem noite com os espessos e altíssimos matos por baixo dos quais íamos rompendo..." *(Relação)*

O percurso através da Serra devia ser muito acidentado, "subindo e descendo montes e rochedos que excedem tôda a exageração, saltando de pedra em pedra, ora para as nuvens ora para os abismos..." Gastara nêle a expedição 12 ou 13 dias para avançar efetivamente apenas de 2 ou 3 léguas, mas, no entanto, caminhara em atalhos e voltas cêrca de 5 ou 6 *(Relação)*. A trilha devia ter interessado apenas uma parte da serra, ao que nos parece, a região nordeste, entrando por um dos pequenos vales das cabeceiras do Rio Mundaú e descendo pelo de qualquer dos afluentes ocidentais dêste mesmo curso dágua, porventura o *Cruxati* ou mais provàvelmente de um dos seus afluentes o *Tabocas, Sangue*, ou

(28) Caso a légua consignada na "Relação" fôsse a portuguesa, de 20 ao grau, isto é, 5.555 metros chega-se a cifra de 34,5 léguas, que muito se aproxima da estimativa de Figueira.

Sororó. Descida a serra, ainda andara ao longo dela, "passando muitos e grandes rios" algum tempo antes de alcançar a planície do sertão. Pouco além da serra, atravessou em uma balsa o Rio Aracatiaçu que, na ocasião, se achava transbordando com uma grande cheia. Isto ocorreu no sábado da Paixão (Semana Santa) que naquêle ano devia corresponder ao dia 23 de março. O ponto em que a expedição passou o Rio Aracatiaçu não ficou bem determinado no contexto da narração; teria sido provàvelmente na altura da atual vila de São Bento da Amontada ou pouco a montante. Daí para a serra da Ibiapaba o traçado do caminho seguido é também incerto. Pode-se conjecturar com uma boa margem de certeza que passasse ao norte da Serra da Meruoca, então ocupada pelos tapuias *Reriús*, e o sul da Serra do Mucuripe, atravessando o Rio Acaraú entre os lugares atualmente ocupados pela cidade de *Santana*, (há pouco também chamada Licânia) e *Morrinhos*, para alcançar a *Ibiapaba* um pouco ao sul de *Quatiguaba*. Êste traçado hipotético basea-se nas seguintes considerações: 1) Consta da *Relação* que depois de deixar de todo a serra da Uruburetama, isto é, o maciço e os seus contrafortes do lado de N-W, caminhara a Expedição "pellos campos" onde "eram tantas as lamas que não avia dar passo sem atolar"; 2) Realmente, desde então não há mais nenhuma referência a serras ou mesmo a regiões acidentadas por onde tivesse passado; 3) Subiu a Serra da Ibiapaba por um ponto qualquer da íngreme escarpa; por uma "altíssima ladeira que se sobe para aldeia que está no alto da serra, e pera sobir he necessario aver escadas em alguns passos ou de pao ou feitos na mesma terra e rochedos; 4) A ascensão da Serra, pois, afetuou-se pela parte desta onde a escarpa é de fato muito empinada e alta, tal como ocorre em tôda a extensão na zona que se desdobra ao sul do espigão da Gameleira, nas proximidades de Tianguá, não longe da célebre gruta de Ubajara, porquanto, como escreveu Figueira, referindo-se à montanha, "corre esta serra tôda assy de norte ao sul cousa de 25 legoas, fazendo um muro de rochedo (escarpa vertical) com suas como ameas naturais..."

Efetivamente, a expedição não teria encontrado êste as-

pecto um pouco ao norte do vale do riacho Juazeiro, afluente do Rio Coreaú, configuração que se acentua principalmente ao norte do Rio Itacolomi. Desde aí a encosta é bem menos inclinada, como se vê da topografia, com as suas curvas de nível mais espaçadas, em tôda a região que se avizinha de Viçosa. Nesta parte norte da Ibiapaba, sempre há subidas muito mais fáceis, bem menos inclinadas, e os índios da comitiva seguramente não poderiam ignorar as menos custosas ou mais acessíveis.

Em conseqüência destas suposições, passamos a admitir que, em verdade, os Padres e a sua gente galgaram a montanha perto do Tianguá, talvez no Acarape, um pouco mais ao sul da atual ladeira dêste nome, por onde passa a estrada BR-22 que vai a Teresina, no Piauí.

A expedição nêsse dia aprestou-se muito cêdo e começou a subir a ladeira ainda pela manhã, depois de haver andado cêrca de uma e meia légua, "acabamos de chegar às duas ou três horas depois do meio dia, e em uma cham e raza ladeira antes de chegar ao mais alto nos estava esperando o Principal. "Claro fica que, antes de alcançar a chapada geral, a ladeira de muito íngreme que era no princípio e em quase tôda a sua extensão, se apresentava no alto menos inclinada, porventura com uma breve plataforma, cousa ordinàriamente encontradiça na pequena faixa que precede o *tope*, uma como muralha por cujo cimo corre a estreita linha de cumiada. Essa chã estaria em altitude pouco superior a 900 metros; e o muro que forma o *tope*, nêsse trecho, está inteiramente envolvido por aquela curva de nível. É no sopé do *tope* que brotam as principais fontes formadoras dos rios e riachos fluentes para oeste e levam as suas águas para o Rio Parnaíba. No trecho em referência, isto, porém, não se verifica. os olhos d'água do pé ocidental do *tope* derivam o seu manancial para o *riacho Quatiguaba*, afluente do *rio Itacolomi*, por sua vez, tributário do *rio Coreaú*.

Uma vez na chapada, a Expedição prosseguiu e logo chegou a uma pequena aldeia ali perto, onde se abrigou num rancho tôsco que lhe fôra destinado pelos índios da serra.

Desta aldeia seguiu para a do Jurupari, gastando na

viagem onze dias. Neste caminho, diz Figueira, "tivemos a festa da Ascensão e chegamos dous dias antes do Espírito Santo". O caminho trilhado entre as duas aldeias levara a Expedição a descer a serra e torná-la a subir por "escusarmos hu grãde rodeo, cousa que não se nos era penoso mas quase impossível por nossa fraqueza e fome".

Vê-se que, nêsse percurso de 11 dias, que nos leva a estimar a sua distância em cêrca de pelo menos 11 a 16 léguas, se interpunha um certo vale, relativamente baixo ou bem fundo, pois dera a Figueira, então cansado e fraco, a impressão de uma descida e subida da própria serra. Nada, porém, se refere êle às dificuldades e sacrifícios da descida nem da subida, razão por que acreditamos tratar-se apenas de um vale secundário ou de cabeceiras, e que aquela escalada sem vencer escarpas teria sido apenas de 3 ou 4 centenas de metros no sentido vertical. Não nos parece fôsse êste decesso a baixada aberta pelos riachos formadores das cabeceiras do rio *Jaibaras*, situada ao norte da agora Cidade de Inuçu ou Guaraciaba (ex-Campo Grande). Se fôra ali, a descida teria sido de cêrca de 600 a 700 metros e a subida de outros tantos, num trecho em que sobretudo a escarpa é consideràvelmente íngreme e as ladeiras dificílimas de vencer. Sendo assim, pretenderíamos a indicar o vale do rio *Ubajara*. Mas, o atalho efetuou-se 5 léguas antes de alcançar a aldeia para onde a expedição se destinava. Poderia, outrossim, ser ainda um dos pequenos vales dos rios *Jaburu*, ou *Pejuaba*, senão do rio *Arabé;* mas, em qualquer dêstes casos, a descida e correspondente subida não teriam sido maior de uma a duas centenas de metros, correndo o caminho sem exagerados declives ou aclives, o que explicaria o silêncio a respeito dos percalços por parte de Figueira.

Então, o rumo da viagem seria aproximadamente o do sul; se fôra essa descida e subida no vale do rio *Ubajara*, um pouco inclinado para leste; nos outros casos, ainda neste sentido, mas voltado um tanto para oeste.

Chega-se à conclusão de que a Aldeia do Diabo Grande ficaria nas cabeceiras do *Rio Macambira*, ou *Imuçu*, um pouco ao sul da altura da cidade de Ipu. Tudo leva a crer que

estaria no vale do rio *Piau* em verdade apenas cêrca de 13 ou 14 léguas do lugar onde a Expedição galgara a chapada, ou no do *Cana Brava*, mais ao sul. Dessa Aldeia partiram os padres no dia 17 de outubro, a fim de prosseguir a viagem em direção ao Maranhão, tendo como primeira etapa o rio do Pará (atual *Parnaíba)*. Depois de andarem 5 léguas, encontraram o Principal *Mandiaré* que vinha do Maranhão com um troço de índios da sua velha aldeia na serra. Eram fugitivos que, com receio dos brancos, em vista das tropelias de Coelho, foram procurar abrigo bem longe. Prosseguiram os Padres no caminho do Pará e acamparam um pouco adiante, 12 léguas da aldeia do Diabo Grande.

Em que sentido andaram aquelas 12 léguas? Sem dúvida, para o lado do *Rio Parnaíba;* mas, isto é extremamente vago, pois êste curso dágua tem uma enorme extensão de norte a sul. De certo, porém, não devia ser muito distante do delta o local visado, visto como o objetivo principal devera ser certo ponto nas imediações da Ilha de São Luís. Podemos admitir em conseqüência que o rumo tomado, a partir desta aldeia, tendesse no sentido de oeste ou mesmo noroeste. Em qualquer destas direções, teriam os padres logo alcançado as cabeceiras do rio *Piracuraca*, ou do *Ginipapeiro*, por um de cujos vales é justo supor que iam seguir até alcançar o rio *Longá*, que os guiaria ao Pará. Só pelos vales corriam os caminhos, porquanto distante dos rios não havia água.

Contando as 12 léguas na direção indicada consegue-se ter uma idéia aproximada do lugar mais remoto alcançado pelos missionários, justamente onde o Pe. Pinto fôra sacrificado, já, provàvelmente, no território do atual Estado do Piauí, não distante da atual fronteira.

No mapa (fig. 3) representa-se êste itinerário, de que cumpre ter presente o fato de ser um tanto hipotético no trecho correspondente à chapada da Serra da Ibiapaba.

A volta, ao que parece, não teria sido nêsse último trecho pelo mesmo caminho da ida, ao menos em uma boa parte dêle, pois séria dificuldade logo se antolha, e não pode ser disfarçada. Morto o Padre Pinto, Figueira compôs o cadáver da melhor forma possível e o trouxe consigo até o pé da

Serra, inhumando-o no lugar *Abayara*, que se tem, em geral, como sendo a *Ubajara*. Sob o ponto de vista linguístico, a significação comum não oferece nenhuma dificuldade. Cumpre, porém, observar que no lugar onde a expedição alcançou o cimo da serra, ao norte da atual cidade de Ubajara, até onde acampou pela última vez, a distância devia ser bem grande (algumas jornadas). Efetivamente, pelos dados constantes da *Relação* se computam nada menos de 24 a 26 léguas. Conseqüentemente, daquêle remoto acampamento a Ubajara devia haver cêrca de umas 20 a 22 léguas. Será então interessante perguntar se tal percurso, no regresso, o Padre Figueira o teria realmente vencido antes que o cadáver do seu companheiro apresentasse sinais avançados de decomposição. Prèviamente, cumpre lembrar que a volta bem poderia ter sido realizada por algum atalho capaz de economizar algumas léguas, pois seria fácil (ou possível) fazê-lo sensivelmente pela hipotenusa de um triângulo retângulo, enquanto a ida fôra seguindo os catetos, ou provàvelmente oo longo dos lados de triângulo escaleno. A chapada da serra, que antes dos desmandos de Pero Coelho, tinha 70 aldeias. devia estar cortada por caminhos e veredas bem do conhecimento dos índios, gente que, por natureza e necessidade, é muito andeja. Isto teria encurtado o retôrno, talvez de umas 6 ou 8 léguas. Mas. ainda assim, a viagem até Ubajara seria provàvelmente de umas 18 ou 20 léguas, que exigiam, mesmo com marcha forçada, cêrca de três dias, ou pouco menos. Por outro lado, o clima fresco da chapada, sobretudo no verão, favoreceria a conservação do corpo e dêste modo, se pode admitir como verídica a narrativa da *Relação*. Além dos restos mortais do Pe. Pinto, foram conduzidos mais os de dois índios mortos na luta pela inútil defesa daquêle. Êstes dois cadáveres vieram depois, não acompanharam o do Pe. Pinto. No regresso, refere o Padre Figueira, depois de ter colocado o cadáver de Francisco Pinto numa rêde: "Cõ isto me fui e me deci da serra trazendo diãte de my o corpo do pe. e ao pé da serra o enterrey, mandei logo buscar os dous índios, hu deles estava já morto, o outro morreo no dia seguinte, ambos os fiz enterrar junto do pe. por cuja defensão morrerão hu de uma parte

outro da outra ficando elle no meio". Pouco adiante está escrito: "Depois que enterrei o pe. ao pé daquela alta serra da Ibiapaba em hu lugar que particularmente se chama *Abayara*".

Ora, a expressão *alta serra* induz tratar-se efetivamente de escarpa de mais de 600 metros; portanto, não teria sido perto do lugar do sacrifício, mesmo porque, lá não havia nenhuma descida ou escarpa, salvo, talvez, acidental e moderada declive num dos vales serradário que decorre para o Rio Parnaíba. O declive para o oeste, na direção do rio Parnaíba é, como se sabe, lento, por vêzes mesmo quase imperceptível. Admitindo a hipótese de que daquela distância de 5 léguas da aldeia do Jurupari, onde os padres se encontravam em Mandiaré, o caminho tomasse o rumo mais para o Norte, aproximando-se das imediações do delta do Parnaíba, mais fácil seria explicar a brevidade do cortejo fúnebre ao *Abayara*. O retôrno não teria sido ao longo de uma hipotenusa, mas, naturalmente ao longo de um lado menor de um triângulo escaleno, porventura em desenvolvimento possìvelmente inferior a 15 léguas.

A inumação se fizera, sem nenhuma dúvida, no pé da Serra, no lugar que estaria perto da atual cidade de Ubajara, três ou quatro dias depois da morte do santo missionário.

Isto pôsto, Figueira resolveu seguir imediatamente "para o mar", indo aboletar-se na aldeia de um índio principal potiguara, chamado *Cobra Azul*. Gastou na viagem 17 dias e percorrera cêrca de 40 léguas. As jornadas médias eram aproximadamente de 2,5 léguas.

Onde estaria situada esta aldeia? Achar a posição dela é problema ainda para ser resolvido.

Claro está que seria no litoral, à vista do oceano. Por ela não passaram os Padres nem lhe deram referência quando caminharam pela costa de Jaguaribe ao Pará (Curu). Portanto, estaria ao norte do estuário dêste último rio, entre êle e o Camocim. Mas, como Figueira diz que ficava a cêrca de 30 até 40 léguas de Ubajara, certamente não estaria perto do Camocim nem muito longe daquele lugar onde, na ida, resolvera a expedição infletir o caminho em rumo da serra da Urubureta-ma. Ora, em linha reta de Ubajara para a costa, no sentido de

leste. com 40 léguas alcança-se um ponto situado alguns quilômetros aquém da enseada do Pará (Paracuru); e com 30 léguas, situado além. Isto quer dizer que, provàvelmente, contando com as voltas e rodeios do caminho, sobretudo evitando a serra da Uruburetama, não estaria a aldeia do *Cobra Azul*, muito longe da margem esquerda do estuário do rio Curu; seguramente, entre êste e o estuário do rio Aracatiaçu. Verossímil é que a expedição tivesse seguido o caminho ordinário da serra diretamente para o mar, e pela costa descesse até encontrar o lugar do destino, pois no verão, depois de outubro, a travessia do sertão seria extremamente penosa pela falta dágua e de recursos alimentares (caça ou pesca). Além disto, o sertão devia estar, naquêle tempo, ocupado na região ao caso interessada, por tapuias temíveis (wanacés e anacés, não contando com as perigosas incursões dos reriiús). Sendo assim, o caminho mais provável lteria sido descendo o curso do rio *Curiaú* ou mais provàvelmente o do *Acaraú*, senão daquele num certo trecho e depois dêste até o mar ou proximidades dêste. Nestas condições, as 40 ou 30 léguas (digamos 35) a contar de Ubajara, iriam dar num lugar da costa a pouca distância da barra do rio Mandaú ou mesmo, como parece mais certo, um pouco mais para leste, aí pelas imediações do estuário do rio *Trairi*. Mais certo ainda, dizemos, porque então a costa, para além do rio Mundaú, era, e mgeral, domínio dos índios teremembés, comumente inimigos dos tupis.

Da aldeia do *Cobra Azul*, Figueira, acompanhado por um grande número de índios tabajaras da serra e potiguares da costa, perlongando as praias, foi ter à região do Ceará onde a expedição deixara muitos nativos ansiosos pelo seu regresso e gozar dos benefícios que julgava ela lhes poderia proporcionar .

A Expedição regressou ao longo da costa até a Barra do Ceará, onde então já existia uma aldeia "vinte e cinco léguas além de Jaguaribe" para o lado do poente, cifra que está escrita na *Relação*. Êste cômputo é razoàvelmente aproximado, tendo em consideração as voltas e rodeios que o caminho requer para contornar as dificuldades dos estuários e alagadiços mais chegados ao mar em muitos trechos.

No Ceará embarcou o Pe. Figueira para Natal (Rio Grande do Norte) e daí foi a Pernambuco, recolhendo-se logo depois ao seu colégio. Com o jesuíta foram no barco apenas alguns índios, os da Ibiapaba (tabajaras); os potiguares da sua comitiva e os que a ela se agregaram prosseguiram a viagem por terra.

O mapa junto (fig. 3) regista êste itinerário, em boa parte calcado em verossímeis hipóteses. As caminhadas sôbre a Serra da Ibiapaba, especialmente, carecem de dados mais positivos para se confirmarem as direções e rumos seguidos. Difícil nos parece agora conseguir elementos desta natureza para invalidar as suposições que nortearam a orientação dos trechos principais do itinerário pela Chapada, suposições feitas com uma regular margem de tolerância destinadas a acomodá-lo ao traçado real, a uma orientação mais rigorosamente exata.

Em resumo, os percursos terrestres vencidos são estimados segundo o quadro abaixo:

Ida:

Jaguaribe ao Pará (1 mês)	34	léguas
Pará a Serra dos Corvos	7,5	"
Na Serra dos Corvos	3,5	"
Desta a Ibiapaba, cêrca de	30	"
Do ponto de acesso à taba de *Jurupari* (11 dias)	16	"
Desta ao acampamento final	12	"
Total da ida	103	"

Volta:

Do acampamento a Ubajara, cêrca de	18	léguas
De Ubajara à taba de *Cobra Azul*, aproximadamente	35	"

Desta taba à Barra do Ceará	16	"
Total da volta	69	"
Total geral	172	"

Esta estimativa, grosseiramente aproximada, dá, contudo, uma idéia da viagem. O Pe. Pinto teria andado cêrca de 103 léguas e Figueira 172, na sua quase totalidade em território cearense.

MESTRADO EM HISTÓRIA - UFC

CAPÍTULO II

OS PROBLEMAS

ALGUNS PROBLEMAS E SUAS SOLUÇÕES

I) A *Relação do Maranhão* suscita certas dúvidas e apresenta algumas omissões estranháveis em face de impressionantes e longos detalhes de fatos nem sempre de maior importância. Algumas daquelas dúvidas já foram apontadas e formuladas; outras, em maior número, ainda não mereceram conveniente consideração. Tôdas constituem problemas que esperam adequada solução ou pelo menos judiciosos comentários.

Do primeiro grupo, dúvidas já formuladas, destaca-se o problema da identificação do ponto ou pôrto onde abicara o barco que trouxera de Pernambuco a Expedição. Do segundo, dúvidas ainda não indicadas, importa considerar: 1) a situação ou localização da aldeia do Principal *Cobra Azul*, onde Figueira passou alguns meses; 2) o ponto em que a Expedição galgou a chapada da serra da Ibiapaba; 3) o lugar onde o Padre Pinto foi sacrificado; 4) quem eram os aborígenes conhecidos por Jaguaribaras ou Jaguariguaras, e ainda outras, de menor importância. Não trataremos daquelas dúvidas concernentes à "Missão", suscitadas antes do conhecimento ou divulgação da *Relação* e por esta plenamente resolvidas, como a do número de índios que acompanharam os Missionários ao partirem de Pernambuco, a da escravização de índios do Ceará por Pero Coelho, já magistralmente esclarecida pelo Barão de Studart; a da segunda pousada da Expedição no lugar então chamado Ceará (que tinha desamparado Martim Soares), isto é, na barra do rio Ceará, etc.

Além dêstes problemas, merece atenção a pergunta formulada pelo esclarecido Barão de Studart, emérito investigador dos fatos cearenses, inserta no seu excelente artigo prefaciando a *Relação*, sob o título "Francisco Pinto e Luiz Figueira. O mais antigo documento existente sôbre a História do Ceará". Studart assim se expressa: "Não sei por que se escreve que tinha o nome de Jaguaribe o território atual-

mente conhecido por Ceará". Julgamos ter esclarecido suficientemente todos êstes pontos.

II) PROBLEMA DA IDENTIFICAÇÃO DO LUGAR ONDE DESEMBARCARAM OS PADRES.

O problema da *identificação do lugar onde desembarcaram os Padres e a sua comitiva* comporta uma solução decisiva e lógica. Quer-se saber se êsse lugar ou pôrto foi na barra do rio Jaguaribe, o maior curso dágua do Ceará, ou na barra do Rio Moçoró (Apodi). Esta dúvida é antiga e tem sido várias vêzes apontada, com a tendência de adotar-se a barra do Moçoró.

Cândido Mendes estabelece a dúvida e procura explicá-la sem base sólida, dizendo que nos antigos mapas figurava o rio Moçoró ou Apodi como sendo o atual Jaguaribe. Acrescenta que isto ocorre no mapa de Pero Coelho de Sousa. Ora, a primeira vista sôbre êste antigo documento percebe-se que o rio Moçoró figura com o nome de *Beranduba*, e sua barra está um pouco à esquerda (norte para cima) da *Ponta do Mel* e do *Cabo de Tiguape* (1). Muito mais à esquerda da foz do *Beranduba*, passando sucessivamente pela ponta da *Habarama* (Ponta das *Onças* e o lugar *Arrecifes)*, vai-se encontrar o rio *Jaguaribe* assinalado com a denominação de Rio S. Lourenço, no estuário; e um pouco mais acima vê-se então num afluente mais próximo o nome *R. Jaguaribe*. O mapa referido mostra muito claramente que não existia naquele tempo nenhuma confusão entre os dois rios (2). Outros mapas antigos também não dão lugar à semelhante troca toponímica. No de Albernas (1640), por exemplo, está o Moçoró ou Apodi com o nome de *Opanema* e dêle 16 léguas (3) para oeste a barra do Jaguaribe ou *Iaguaribe*. A respeito dêste assunto lê-se no II Volume da *História da Companhia de Jesus* no Brasil e igualmente no livro *Luiz Figueira*, ambos da autoria do douto Padre Serafim Leite, o seguinte: "Êste rio Jaguaribe, etimològicamente *Rio das Onças*, adverte *Cândido Mendes de Almeida*, não é o que atualmente tem êste nome na hidrografia cearense, mas o atual *Apodi* ou o *Moçoró*, como nos antigos mapas se observa, sobretudo o do Capitão Pero Coelho de Sousa, que copiou Diogo de Campos Moreno na *Razão do Estado*. (Cândido Mendes de Almeida, Memórias I. 553). Serafim Leite acrescenta: "Que haveria então confusão é certo. Prova o próprio P. Luís Figueira, ao dizer, que os marinheiros depois, quando o vieram buscar, "não reconheciam a terra e cuidando que estavam em um pôrto se achavam em outro". E logo pergunta o ilustre sacerdote, admirado: "Mas não o conheceria bem o mesmo Luís Figueira?" (3a.).

Paulino Nogueira, já no seu folheto *O Padre Francisco Pinto ou A Primeira Catequese de Índios no Ceará* (1887), observa em nota subfoliar que "O Padre José Moraes e Araripe dão Jaguaribe, em vez de Moçoró, mas por engano, como se depreende da própria narração de ambos."

Joaquim Catunda informa: "Meteram-se (os padres com muitos índios a bordo de um navio, no Recife, donde partiram em junho de 1607, e nas salinas de Moçoró desembarcaram".

A dúvida mantém-se e vai sendo transmitida pelos divulgadores da nossa história.

Como se deduz das referidas notas do Padre Serafim, não obstante as expressões positivas da *Relação*, a incerteza subsiste.

Ora, lê-se nesta: "Partimos, pois, para esta emprêsa o Pe. Francisco Pinto e eu de Pernambuco p. mar *até o rio chamado Jaguaribe q. são 120 ou 130 légoas*" (4).

Isto pôsto, o problema se reduz a verificar se "o rio

(1) No mapa de Pero Coelho está C. de Cabatiguape.
(2) O nome de S. Lourenço dado ao Rio Jaguaribe provém do forte ali construido por Pero Coelho, depois de ter abandonado a sua Nova Lisboa na barra do Ceará.
(3) Escala do próprio Mapa.

(3a) Nota-se que o Pe. S. Leite desconfia da sua própria confusão. Quando o barco viera buscar Figueira, êste estava muito longe da barra do Jaguaribe e ainda mais da do Moçoró, pois se achava nas proximidades da barra do rio Ceará. Ver adiante, item IV dêste mesmo Capítulo.
(4) O grifo é nosso, assim como outros que adiante aparecem nas transcrições.

chamado Jaguaribe" a 120 ou 130 léguas de Recife é o Jaguaribe cearense ou o Apodi (Moçoró).

Os argumentos seguintes demonstram que o ponto onde chegara o barco dos missionários era, realmente, o Rio Jaguaribe ou Rio das Onças e não Apodi ou Moçoró.

1) Figueira refere: "Depois de têrmos caminhado todo fevereiro, chegamos aos 2 de março ao Pará, que he hua muy fermosa e quieta enseada que dista de Jaguaribe *trinta e cinco* légoas, pouco mais ou menos". Esta enseada é muito conhecida e está bem caracterizada na *Relação*. Fica a 35 léguas mais ou menos do Jaguaribe, onde desembarcaram os Padres, diz Figueira; certamente estas léguas foram contadas ao longo da costa, caminho seguido pela expedição, de um ao outro lugar. Pelo melhor mapa geográfico do Ceará (Edição de 1955), o curvímetro correndo a linha da costa, do lugar Fortim, no estuário do Rio Jaguaribe, ao Paracuru, acusa o desenvolvimento de 32,5 léguas; ao passo que da barra do Rio Apodi ou Moçoró à do Jaguaribe regista 14, donde se conclui que da barra do Moçoró ao Paracuru tem-se um pouco mais de 46 léguas. O cômputo de Figueira em relação ao Jaguaribe está, pois, muito aproximado; de certo, a sua medida teria sido ao longo do caminho percorrido pela Expedição, naturalmente com algumas voltas ou atalhos para a procura de váus na travessia dos maiores rios e desvios de praias alagadas ou atoladiças e de barreiras muito chegadas ao mar, etc., o que, sem dúvida, importaria num maior desenvolvimento do percurso vencido. A sua cifra de mais ou menos 35 léguas entre Jaguaribe e Pará, consequentemente, oferece uma admirável justeza. Como teria êle conseguido êste excelente resultado?

A distância achada, usando-se os mapas mais exatos, entre a barra do Moçoró e o Paracuru (Pará) é de 46 léguas. Figueira não poderia estimá-la em apenas mais ou menos 35;

fá-lo-ia, conforme o critério adotado, em mais ou menos 48 léguas, senão mais (5).

Dos mapas antigos, o mais precioso é o do português Albernas, desenhado em 1640 (6). As mesmas distâncias tomadas neste documento dão os seguintes resultados (aproximados):

Barra do Moçoró ao Jaguaribe	16	léguas
Barra do Jaguaribe ao Pará	33	"
Barra do Moçoró ao Pará	49	"

Verifica-se: a distância Jaguaribe — Pará, pràticamente, coincide com a dos mapas modernos, muito mais exatos. Nas condições das referidas estimativas a diferença é desprezível. A distância Moçoró (ou Ipanema, como está em Albernas) — Pará, sendo de 49 léguas, discrepa mais substancialmente do que a dos novos mapas em cêrca de 3 léguas; não se pode dizer, entretanto, que esta diferença é aberrante.

Poucos anos depois da passagem dos Padres, os holandeses estimavam a distância da barra do Apodi ao Ceará (barra do) em 50 léguas, portanto, bem mais daquela a do Pará, como se vê de um relatório do explorador flamengo Gedeon Morris.

Êstes dados evidenciam que o desembarque da Expedição se fêz no Jaguaribe ou *Rio das Onças* e não no *Apodi* ou *Moçoró*.

Além desta demonstração, que parece cabal, há indícios substanciais que concorrem para confirmar o assêrto.

2) Se os Jesuítas houvessem desembarcado no Moçoró, teriam de atravessar, na barra ou perto dela, o Rio Jaguari-

(5) Segundo os "Itinerários Cearenses", Tábua organizada pelo IBGE (1956), a distância de Aracati a Fortaleza é de 26 léguas e 3 km; de Fortaleza ao Paracuru, 12 léguas. Portanto, de Aracati ao Pará, 38. Do Aracati ao Moçoró regista 17 léguas; portanto, do Moçoró ao Pará (Paracuru), seriam 55. Êstes dados se referem a distâncias contadas ao longo das estradas de rodagem, passando pela cidade de Aracati, situada a 5 léguas a montante de onde os padres teriam abicado na foz do Jaguaribe.

(6) Utilizamos uma cópia do mapa de Albernas — Carta n.º 28 do Atlas Descrição de todo o marítimo da terra de Santa Cruz, chamada vulgarmente o Brasil, no ano de 1640. Esta carta tem escala gráfica e suas dimensões são 23 x 37,5 cm.

be. Esta operação teria sido um fato importante, difícil e custoso pela largura do estuário e pela correnteza do curso. As águas então avolumadas, que desciam do sertão, se as chuvas já, pelo interior, se tivessem manifestado (7) (começo de fevereiro de 1607, ano de bom inverno) ou por causa das marés montantes ou vazantes que são ali, sobretudo na época considerada, bastante altas, não poderiam, as águas, deixar de opor à passagem um obstáculo sério; exigiriam jangadas ou balsas e outras providências que Figueira não silenciaria. Na *Relação*, que é tão minuciosa, não há a mínima referência a êste fato.

Pode-se objetar que também Figueira nada disse a respeito da travessia do Rio Acaraú, o segundo em extensão e volume do Estado. Mas êste curso dágua foi vadeado muito acima do seu estuário, muito longe do alcance máximo das marés e mercê do seu regime instável, oferece oscilações importantes e rápidas de nível. Se hoje não é vadeável, bem o poderá ser amanhã ou logo depois, ablaqueando-se o caminho.

3) A idéia que, provàvelmente, levou os cronistas a estabelecerem dúvida entre o Jaguaribe e o Moçoró decorre do fato de se ter determinado que o barco, após deixar em terra a Expedição, voltaria carregado de sal. Mas, cumpre ponderar que naquele tempo nem as salinas de Moçoró nem outras, além de algumas das que existem na barra do Rio Açu, eram conhecidas e muito menos exploradas. O barco, pois, deveria na volta receber o seu carregamento de sal nas "Salinas de Guamaré", únicas então naquelas costas, exploráveis. Foi das proximidades destas salinas que os remanescentes da desbaratada retirada de Pero Coelho de Sousa avistaram no mar, ao longo, o barco dos padres que iam ao Jaguaribe. Debalde as vítimas do infeliz Capitão, a sua família e êle próprio tentaram fazer sinais para que de bordo os apercebessem e os viessem socorrer livrando-os do miserando estado em que todos se achavam.

(7) As chuvas na bacia superior do Rio Jaguaribe chegam cêdo e o Rio Salgado, naquêle tempo, tinha perene no Cariri até perto de sua barra. O Jaguaribe, então, devia botar água no começo do inverno. Ainda hoje o Jaguaribe é um dos rios cearenses que desce até o mar nas primeiras chuvas.

As salinas do Moçoró ou Apodi, que são as mesmas que depois se conheciam como do rio Ipanema, ou *Jioipanin* dos holandeses, foram descobertas muito depois por Gedeon Moris Jonge, como consta dos seus próprios Relatórios aos Diretores da "Companhia das Índias Ocidentais", em 14 de fevereiro de 1641. Gedeon escreveu êste relatório do Rio Janduwason e nêle diz *Jwajpaim* fica a 50 léguas a leste do Ceará e a cêrca de 60 do Rio Grande (8).

4) O mapa conhecido como de Pero Coelho, que tem sido tão discutido, embora muito imperfeito, também ajuda a solucionar de certo modo a questão. Por êste documento, que é provàvelmente posterior a 1614, e Diogo de Campos Moreno juntou à *Razão do Estado do Brasil*, a distância Jaguaribe — Pará é de 43 léguas; a de Jaguaribe à barra do Moçoró, de 18 léguas, portanto, de Moçoró ao Pará seriam 61 léguas (9), o que concorda bem com o relatório de Gedeon Moris Jonge. Ora, em face destas cifras seria muito improvável que Figueira registasse os dados figurados na *Relação:* 35 léguas, mais ou menos, do Jaguaribe ao Pará. A diferença é apenas de 8 léguas; mas se Figueira se reportasse ao Moçoró seria, então, de 26 léguas.

5) A "Relação" descreve dêste modo a chegada ao Jaguaribe: "Partimos pois para esta emprêsa o Pe. Francisco Pinto e eu de Pernambuco por mar até o rio chamado Jaguaribe que são 120 ou 130 légoas, saímos em terra, pusemos nosso fato em ordem para o levarmos, e como alguns índios naturais de Jaguaribe logo se meteram pela terra para ver se

(8) 40 milhas pelo mapa holandês de Keulen.

(9) O chamado mapa de Pero Coelho corresponde aos dados recolhidos nos descobrimentos feitos por êste Capitão (1603/1608). O Barão de Studart, que estudou o caso da sua autoria, pensa que esta deve ser atribuída ao Sargento — Mor Diogo de Campos Moreno, tendo sido confeccionado entre 1605 e 1611. Já tivemos também oportunidade de estudar êste curioso documento em artigo publicado na Revista do Instituto do Ceará LXII, sob o título: O "Mapa de Pero Coelho". Considerações gerais, autoria, data, toponímia. A análise que fizemos parece revelar que o mapa fôra composto entre 1614 e 1629 e deixa dúvidas quanto à autoria de Diogo de Campos, mas não autoriza melhor indicação, apenas deixa supor que teria sido a obra de vários observadores ou colaboradores. A análise posteriormente feita por Hélio Viana na edição crítica do Livro que dá Razão do Estado do Brasil, 1612, não invalida as nossas conclusões.

achavam alguns de seus parentes, eis que dois dos nossos encontram com uns que andavam escondidos assim dos portuguêses para não virem presos por escravos como muitos dos seus parentes, como também por mêdo dos tapuias com os quais os ditos portuguêses se confederaram a fim de os haver à mão mais fàcilmente". Alguns dêstes índios do Jaguaribe vinham desarmados, sem arcos nem flechas, deixando os seus esconderijos, embora com grande desconfiança. Nos arredores do lugar onde chegaram os padres não havia tapuias temerosos; entretanto, excursionavam por perto.

Partiram os padres do Jaguaribe logo depois, 2 de fevereiro, e pelo caminho mandavam índios da comitiva adiante a fim de que se encontrassem com seus parentes *jagoarigoaras* que por ali andavam espalhados. "E assim continuaram até chegar ao Pará. Portanto, foi no trecho entre o Jaguaribe e o Pará que a expedição encontrou os remanescentes dos Potiguaras devastados por Pero Coelho. Ora, fôra justamente nesse trecho que o cruel Capitão com o auxílio dos tapuias preara os nativos (tupis) e os levara como escravos para serem vendidos no Recife. Como se vê, poucos dêstes nativos escaparam à razia.

Não consta que Coelho tivesse agido além do Jaguaribe, na região do Moçoró, (entre Moçoró e Água Maré), então habitada por tapuias esquivos e reacionários, inimigos dos tupis. Isto explica porque, logo à chegada, os missionários começaram a encontrar potiguaras escarmentados e temerosos dos portuguêses. No Moçoró isto não teria sido possível, pois não havia jaguariguaras por ali (10). Realmente, no *Exame de Pilotos* de Manuel de Figueiredo (1614), recomenda-se aos navegantes que passada as salinas de Guamaré para o norte, quando se começava ver o princípio das serras de Camanune, tenha-se cuidado e "não vos fieis da gente desta praia porque he de Tapuyas Barbaros". Teria provàvelmente sido esta uma das razões por que os Padres preferiram ir ao Jaguaribe em vez do rio Apodi.

(10) Ver no Cap. IV o que significa a expressão JAGUARIBARAS.

III — PROBLEMA DE IDENTIFICAÇÃO DO LOCAL ONDE OS MISSIONÁRIOS SUBIRAM A SERRA DA IBIAPABA. Esta questão é mais difícil que a precedente em razão da escassez de dados positivos. Prèviamente cumpre considerar que a expedição, depois de atravessar a Serra de Uruburetama e haver caminhado em direção àquela outra, devia alcançá-la no seu trecho setentrional, seguramente ao norte da serra da Penanduba, pois que, da Uruburetama a Ibiapaba, não se houveram mais os padres com outras serras. Isto quer dizer que seguiram por caminhos que passavam ao norte da serra da Meruoca, evitavam ao mesmo tempo outras, como a do Mucuripe, ao norte; e, alcançando as planícies lamacentas cobertas de carnaubais do médio Coreaú, seguiram para oeste pelo vale de um dos afluentes dêste rio a fim de atingir a escarpa da Ibiapaba. Poderia ter sido pelo rio Itacolomi ou pelo rio Juàzeiro, que os levariam sem os obstáculos da serra da Gameleira (11). Se fôra pelo curso do primeiro, teriam ido à ladeira agora conhecida por *São José;* se pelo segundo, a do *Acarapé,* por onde abriu recente acesso à chapada a moderna Estrada de Rodagem BR-22. Pode-se dizer que o ponto procurado não estava ao norte de São José porque neste caso teria alcançado o alto da Serra perto de Viçosa, onde já não há a impressionante escarpa, aquêle enorme muro natural de pedra a que se refere Figueira: "andamos aquela manhã legoa e mea que tinha por três pela altíssima ladeira que se sobe para a aldea que está no alto da serra, e para subir he necessario aver escadas em alguns passos ou de pao ou feitos na mesma terra e rochedos, e *corre esta serra toda assy de norte a sul cousa de 25 ou mais legoa fazendo um muro de rochedo* com suas como ameas naturais e por cima é *terra cham e capina* e para a pare do poente tem muito pouco queda". A escarpa e a sua extensão para o sul estão bem caracterizadas. Mais ao norte, não se teria encontra-

(11) Esta serra já se liga com o grande maciço sedimentar e do qual teria sido particularmente destacado. As erosões no extremo norte da Ibiapaba abriram sulcos profundos, destacando projeções ou contrafortes que tomaram vários nomes: serra da Gameleira, Serra de São Joaquim, etc.

do a vertical e pétrea escarpa nem a chapada *cham e capina* (12).

A descrição da "*Relação*" ajusta-se melhor à estrada pelo rio Juàzeiro, ao sul da correspondente ao Rio Itacolomi. Poderia ter sido ainda mais ao sul, na região de Ubajara ou mesmo de Ibiapina. Mas, então uma dificuldade se antolharia, pois impossível seria explicar o desenvolvimento do caminho sôbre a chapada, daquela pequena aldeia, no cimo da ladeira, à aldeia do *Jurupari*, em cujo percurso os Jesuítas gastaram 11 dias, portanto, por curtas que fôssem as jornadas, pelo menos teria o caminho um desenvolvimento de cêrca de 15 a 20 léguas. Contando da subida do Acarape para o sul, iríamos encontrar a taba daquele principal nas cabeceiras do *Rio Imuçu ou Macambira*, depois de ter atravessado o pequeno mas fundo vale do riacho *Piau*, para alcançar além do Riacho *Arabé*, o *São Roque* ou *Cana Brava*.

O truculento Pero Coelho, na sua perseguição aos tabajaras vencidos, parece ter chegado até o riacho *Arabé*. De certo, para o sul dêle o seu interêsse predatório não mais oferecia conveniência, pois, por lá a serra era muito menos povoada e difícil o abastecimento da tropa.

Seria nessas imediações, pois, que ficaria a aldeia do *Diabo Grande*. Caso, porém, tivéssemos de admitir a ascensão à chapada mais ao sul, deveríamos concluir que esta aldeia estaria situada numa região muito meridional da Serra, onde o solo é bem menos fértil, imprópria para a vida de populosos núcleos indígenas, que tinham por sua principal base econômica a agricultura, como era, aliás, o caso dos Tabajaras.

Estas considerações nos conduzem a admitir, como solução provável do problema indicado, a subida da serra num ponto um pouco ao norte de Tianguá. Isto leva também à solução provisória da situação da aldeia do *Jurupari* num dos

(12) Na extremidade norte, a Ibiapaba apresenta-se acidentada, cortada de vales e eriçada de cabeços, sem as belas planícies que começam um pouco ao norte de Tianguá. Na linguagem de Figueira CHAM E CAPINA significam plana e limpa, sem acidentes, horizontal.

pequenos vales das cabeceiras do rio *Macambira*, porventura o do Rio *Cana Brava*.

No dia 17 de outubro de 1607, os missionários, depois de uma estadia de 4 meses na Aldeia do Diabo Grande, partiram no provável rumo do oeste talvez pendendo um pouco para o norte a fim de alcançar o Rio Parnaíba. Tendo marchado 12 léguas, acamparam, como já anteriormente referimos. A região parecia agreste; só dispunham os expedicionários de poucos mantimentos, reduzidos a palmitos e uns côcos cujos miolos são como bolotas, mas "muito secos e dificultosos de engolir senão enquanto são tenros", alguns peixinhos e raramente "umas favas sêcas". Eram êsses os produtos locais. O rancho, segundo a estimativa dos índios, distava de 15 a 20 léguas da terra dos tapuias.

Em resumo, julgamos ter fixado, sem grande precisão embora, os pontos da serra da Ibiapaba, onde:

1) a Expedição alcançou a chapada;
2) estivera a Aldeia do *Jurupari*, e, finalmente;
3) onde estava o acampamento final, o lugar onde foi sacrificado o Pe. Pinto.

IV — No capítulo anterior, no parágrafo em que se trata do itinerário da volta da Expedição, já se pretendeu resolver o problema da situação da aldeia do Principal Cobra Azul, na praia, imediações do estuário do atual *Rio Trairi*.

O mesmo se fêz quanto à identificação do sítio onde foi inumado o cadáver do Pe. Pinto.

Outros pontos que reclamam observações serão adiante tratados no capítulo "Comentários".

No trecho que, no comêço dêste Capítulo, transcrevemos do Padre Serafim Leite, registra-se que êste autor parece concordar sôbre que "haveria então confusão" a respeito dos pontos onde chegaram os missionários e do em que Figueira se embarcou para retornar a Pernambuco em companhia do seu *irmão* em Cristo Gaspar de Samperez. Suas dúvidas decorrem do fato de Figueira dizer "que os marinheiros (do barco que o viera recolher) não conheciam a terra e cuidando que estava mem um pôrto se achavam em outro".

Tais circunstâncias não influem sôbre a identificação

do pôrto onde a Expedição chegou ao partir de Recife. Deixa, porém, em aberto um outro problema: *Figueira, de retôrno, embarcou na barra do Jaguaribe ou noutro pôrto perto da barra do rio Ceará?* Ajuda a confusão o nome de *São Lourenço*, aplicado por Figueira à aldeia onde, nas vésperas de seu embarque ,levantara "uma fermosa cruz de cedro lavrada com seu título". Além disto, o missionário fala "em todo aquêle sertão do Jaguaribe". Evidentemente, a matéria pede algumas breves considerações.

Em primeiro lugar, observe-se que da barra do rio Jaguaribe, onde haviam chegado os padres, à "Aldeia que está junto ao rio chamado Ceará", segundo Figueira, há 25 léguas. Em segundo lugar, não há que confundir o São Lourenço do Jaguaribe com o do Ceará. Aquêle, um arraial defendido por um forte, fundado por Pero Coelho, ao abandonar a sua Nova-Lisboa; e êste, algum tempo depois, escolhido pelo Padre Luís Figueira, no dia de S. Lourenço, aplicado a uma aldeia que acabara de fundar com remanescentes potiguaras, perto da barra do Ceará, pouco antes de se embarcar com o Padre Samperez, que o viera buscar num navio cedido por Jerônimo de Albuquerque. O primeiro S. Lourenço persistiu por algum tempo mercê do seu pequeno forte que figura no célebre mapa de "Pero Coelho" e noutros; êste outro correspondia a uma efêmera aldeia de índios em condições assaz precárias; cedo desapareceu da toponímia cearense. De um ao outro, segundo as estimativas coevas, iam 25 léguas aproximadamente. Não podiam ser idênticos.

V — Figueira partiu da aldeia do Cobra Azul, viajando pelo litoral e depois de um número de jornadas que não indicou chegou "a outra aldeia que está junto ao rio chamado Ceará" onde foi recebido com festas pelos "índios de Ceará". Procurou induzir a todos para que os acompanhassem e fôssem para igreja "que além de averem de ser filhos de Deus estariam livres dos tapuias" e das injúrias dos brancos. Recusaram na maior parte; resolveu, então, "os ajuntar todos, porque em todo aquêle sertão do Jaguaribe aonde dantes avia grandíssimo número de aldeas agora serão por tôdas grandes e pequenas, como oitocentas almas, os quais estarão em sete ou

oito aldeotas, de tôdas ajuntei os principais, e os persuadi se ajuntassem a roçar em certa parte mais acomodada traçando-lhe as casas e levantando-lhe uma fermosa cruz de cedro lavrada . . . e lhe pus o nome de aldeia de São Lourenço por ser em seu dia levantada a cruz . . . deixei-os animados e com segurança dos brancos . . .; partime finalmente daquella aldea aos 19 de Agosto de 1608 e estando aposentado dahi a legoa e mea nue derão hu escrito do padre Gaspar de Samperez que em hu barco de Jerônimo de Albuquerque . . . me hia buscar . . . mandei-lhe logo outro escrito e *ao dia seguinte* me fui logo embarcar . . ."

Sem dificuldade alguma depreende-se que o pôrto onde estava o barco de Samperez era ali perto, pois Figueira estava aposentado apenas a légua e meia da *aldeia do Ceará* (São Lourenço) e logo que recebeu o aviso de Samperez, se preparou para *ao dia seguinte* se ir embarcar.

Êste pôrto resta ignorado; pode-se todavia suspeitar que fôsse na enseada do Mucuripe, naquele tempo já bem conhecida. A légua e meia da barra do Ceará (ou da próxima aldeia de S. Lourenço) o aposento de Figueira, se percorria êle a praia, devia estar bem perto do Mucuripe mas também se podesse admitir que fôsse a enseada de Iguape. Isto, sobretudo, se o Padre e os seus guias se houvessem internado, afastando-se da praia nesse trecho para evitar a volta pela ponta do Mucuripe, cortando mais diretamente, porventura em rumo das proximidades da última angra (Iguape).

Devemos fazer duas notas para completar a inteligência da narrativa. A primeira é que o forte de São Lourenço, no estuário do Jaguaribe, teve, de fato, muito pouca existência; o que sobreexistiu foi apenas o seu nome nos mapas que o colheram do referido "mapa de Pêro Coelho". A outra nota se refere a situação da aldeia de São Lourenço do Pe. Figueira. No nosso modo de ver, inspirado no contexto da parte da "Missão" que trata do assunto, esta aldeia devia ficar bem próxima da velha aldeia da Barra do Ceará, certamente um lugar mais propício para a sua segurança e desenvolvimento. Isto teria acontecido se tivesse sido fundada a cêrca de

um ou dois quilômetros, no lugar posteriormente conhecido por Vila Nova.

VI — Por que razão se confundiu algumas vêzes, em certa época, *Ceará* com *Jaguaribe?*

Em 1611, por ordem de D. Diogo Meneses, Governador Geral do Brasil (1611-1615), demarcou-se a Capitania do Rio Grande do Norte. Ao sul, dividia-se da Paraíba pelo Rio *Guajaú* e, ao norte, dividia-se do Ceará pelo rio Guararaú (13). Em 1619, foi criada a Capitania do Ceará, e confiada aos cuidados de Martim Soares Moreno, que a devia reger por dois lustros. Em 1621 foi criado o *Estado do Maranhão*, independente do *Estado do Brasil*, compreendendo a Capitania do Ceará e estendendo-se para o norte até o Pará, inclusive. Os limites do nôvo Estado ao sul eram os mesmos da Capitania do Ceará; dividia-se do Estado do Brasil pelo Rio Guararaú.

Diogo Meneses de Siqueira, respondendo a uma consulta do rei de Portugal a respeito da conquista do Maranhão e repartição das terras respectivas, propõe que, além do Rio Grande até o Maranhão, se dividisse a costa em três novas capitanias. A primeira seria a do *Jaguaribe* com 70 léguas de costa, do Rio Guararaú (o mesmo *Guaraug* de Diogo Moreno) ao Rio *Upessém;* a segunda, com sede no lugar *Camosi*, com 64 léguas de costa, do Rio *Upessém* ao Rio *Mondaú*, isto é, ao Rio *Timonha* (14).

Ora, nestas condições, a *barra do Ceará* ficava inclusa na nova Capitania do Jaguaribe; daí por que, em muitos casos, em vez de se dizer Ceará, dizia-se Jaguaribe. Naturalmente, isto ocorria mais freqüentemente quando havia referência àquela região que fôra compreendida pela expressão Jaguaribe, do Rio *Guararaú* ao Rio *Upessem*. O Rio Jaguaribe ficava aproximadamente no centro desta região, que compreendia também a barra do Moçoró (Ipanema), a barra do Choró, a barra do Ceará e as enseadas do Iguape e do Mucuripe, isto é, a maior porção melhormente então conhecida do Ceará atual.

(13) No "Livro que dá Razão do Estado do Brasil" — 1962, lê-se: No ano de 1611 demarcou-se, por ordem do dito senhor esta Capitania (Rio Grande do Norte), partindo com a Paraíba pelo rio Guajaú e pela banda do norte da fortaleza (três Reis Magos), como fica dito, pelo rio Guararaú".

(14) Este rio Mondaú não é o atual Mundaú, como já tivemos oportunidade de demonstrar, in "Vicissitudes da Costa Cearense", artigo publicado no Tomo LX da Revista do Instituto do Ceará (1946). O rio Mundaú naquele tempo tinha o nome de Mondeytuba, (em alguns mapas coevos Mundeyta). O velho Mondau corresponde ao atual Timonha que no mapa de H. Londius (1636) tem o nome de Morandaú.

MESTRADO EM HISTORIA - UFC

CAPITULO III

RELAÇÃO DO MARANHÃO, 1608, PELO JESUITA PADRE LUIZ FIGUEIRA ENVIADA A CLÁUDIO AQUAVIVA (*)

Pax Christi. No Mez de jan.ro de 607 p. ordem de fernão Cardim pr.al nos partimos pera a missão do Maranhão o pe. fr.co Pinto e eu cõ obra de sessenta Indios, cõ intenção de pregar o evangelho aaquella desemperada gentilidade, e fazermos cõ q' se lançassem da parte dos portugueses, deitando de si os frãcezes corsairos q' lá residem pera q' indo os portugueses como determinão os não avexassem nem captivassem, e pera q' esta nossa ida fosse sem sospeita de engano pareceo bem ao pe. pr.al q' não levassemos cõnosco portugueses e assi nos partimos sós cõ aquelles sessenta Indios.

O Rio do Maranhão de q' sè denomina todo aquelle certão dista de Pernambuco trezentos e trinta legoas por terra pouco mais ou menos, e em toda esta região e comarca do Maranhão, aonde ha innumeraveis almas e muitas castas de gentio, não ha grandes serras, mas tudo orginariamente são terras razas, matos a q' os índios chamão verdadeiros, (1) e em semelhantes terras cá entre nós se dão os canaveais. Da fertilidade da terra dizem os índios que não tem comparação a mandioca, batata e tudo o mais q' cá ha cõ o de lá p. ser o de lá de muito notavel vantagem com grandeza e fertilidade.

Contão infynidade de bichos dos q' se domesticão como bugios e outros q' c não temos, e muitos passaros q' se amansão como canindés, araras de varias castas e outros semelhantes, ainda q'não ha pao brasil (2) há outros paos assi de tintas como pera catres, mesas, ec.

Ha certo genero de animais a q'elles chamão veados arcados os quais são m.to semelhãtes a camellos na grãdesa pescosso cõprido e no serem arcados ou gibosos, e mais me affirmo me terem pontas como de veado, (3) e p. não serem bravos tem os indios p.agouro matalos dizendo q'matãdo os ficarão frouxos e peqenos e deve ser facil domesticar e amansar estes animaes (4).

(*) Os números entre parênteses referem-se às notas e comentários do Capítulo IV.

O sertão he mui grãde e tem infinidade de gentio, o Rio a q' chamamos das Amazonas tem a boca debaixo da linha equinocial e tem muitas grãdes ilhas, as quais todas estão povoadas das Almazonas, *as quais Almazonas são mulheres q' admitem cosigo homens senão em certo tempo para effeito de se multiplicarem*, e logo os lãção fora e depois parindo filhos machos os comem e cõservão as femeas; são guerreiras e caçadoras e engenhosas de mãos p. fazerem redes mto lavradas e tãbem seus arcos todos são pintados; assi ellas como o mais gentio usão todos a *mesma lingoa comua do Brasil* — estão nestas duas partes ou portos naos francezas assaber, no rio do maranhão a q'os indios chamão *tapurucu* e no das Almazonas q' dellas tem o nome (5).

O trato destes em madeiras preciosas e paos de tintas, pimenta, Algodão fio e redes, passaros e bichos, e em particollar he grande fama q' tem trato de prata cõ as Almazonas, q'parece tem minas della a troco da qual lhe dão ferramentas, vestidos e os ensinão a usar de arcabuzes. Tudo isto me consta p. *varias informações de Indios* q' lá foram em varios tempos cõ quem falei, algus dos quais affirmão o q' virão, outros o q' ouvirão a seus parentes.

Partimos pois para esta empresa o pe fr.co Pinto e eu de pernambuco p. mar até o *rio chamado Jagoaribe* q' são 120 ou 130 legoas, saimos em terra pusemos nosso fato em ordem p.a o levarmos, e como algus Indios naturaes de Jaguaribe logo se meterão pella terta p.a ver se achavão algus de seus parentes, eis q' dous dos nossos encõtrão cõ hus q' andavão assi dos portugueses p. não virem presos por escravos como muitos seus parentes, como tãbem por medo dos tapuyas cõ os quais ossditos portugueses se cõfederarão afim de os aver á mão mais facilmente.

Hu dos nosso então foi cõ aquelles q' se achavão a buscar outros q' estavão em certa parte escondidos pera virem ao seguinte dia, e o outro cõpanhr.o nos veio dar a nova que foy bem recebida por nos faltar gente p.a nos levar o

fato e também p.r q' erão parentes dos de nossa comp.ª

Ao dia seguinte lhe mãdamos tres ou quatro a outros ao caminho com farinha de refresco, os quais alta noite chegarão e trouxerão cõsigo quatro homens e uma menina, estes nos cõtarão como no mesmo dia *tinhão os tapuyas mortos os mais companheiros*, levãdo alguns cõsigo p. escravos e foy pr. q' ao nosso recado não se aballarão mais q' os quatro cuydando os outros q' era ficção dos brãcos pera os averem as mãos por meio de seus mesmos parentes, partidos pois os quatro chegarão os tapuyas e destruirão os mais q' erão por todos dez, dos quais só escapou hu mãcebelhão que veio ainda alcãçar os outros. Hu destes q' vierão tinha já fogido dos brãcos e fora escravo dos tapuyas até então, dos quais andava fogido actualmente e trouxe consigo hua *muy boa escopeta* de algua monição q' seo S'or tapuya tinha tomado a hu brãco (6).

Vinhão estes pobres sem arcos nem frechas como fugitivos cativos vendo nos tomarão folego, e como ressucitados da morte a vida se alegravão cõ seus parentes; pergunteilhe se tinhão os tapuyas noticia dos padres, responderão que si e q' desejavão m.to de yrmos a sua terra p q' costumavamos trazer m.tas ferramentas anzoes e roupas e q' a todos davamos o q' não fazião os brãcos; em fim trazendoos cõ nosco nos partimos do Jagoaribe dia de Nossa Sra. das Cãdeas. 2.° de fev.°, depois de dizermos missa e comugarem algus dos nossos.

O nosso ord.ro modo de caminhar em todo êste comprido caminho até serra da Ibiapaba (que serão cem legoas ao direito) foy em forma de peregrinos da comp.ª, logo pella menhã rezavamos o itinerario e ladainhas de Nossa S'ora e depois entre dia as dos Santos e cõ nossos bordões na mão e nosso cabasso de agoa nos hiamos caminhando tendo nossa oração pello caminho como podiamos o tempo q' nos parecia; as *jornadas erão de meia legoa*, hua legoa e 2 e 3 p. nos acomodarmos aos das cargas e tambem algumas crianças.

Vindo pois continuãdo nosso caminho mãdavamos indios naturaes daquellas partes diãte pera q' se encontrassem algus de seus parentes jagoarigoaras (7) que andavão espa-

lhados c'o o medo os trouxessem e ajuntassem assi p.ª nos ajudarem como p.ª lhe darmos as alegres novas da Provisão de Sua Mag.de em q' os avia a todos p.r livres e forros. Algus destes pobres tiverão vista de nós e cuidãdo serem os brãcos q' hião pescar ambar (8) se esconderão e fugirão.

Hua dia porem algus dos nossos acharão hu q' nos ãdava espreitando pera saber de certo quem eramos e pera onde hiamos, trazido este contou como tinha escondido dous outros companhr.os e huas molheres e meninos; foi p.ª elles cõ outros dos nossos os quais todos parecião q' resucitavão mostrãdo grande prazer e alegria certificados de não irem em nossa comp.a portugueses dos quais algus destes tinhão fogido *tendoos elles amarrados e cõ as mãos atadas* (9) e acrecentavão que *lhe tinhão mandados presos pera a bahia* seus filhos, irmãos e irmãs e primos pera serem cativos e q'p isso êlles e os mais andavão tão amedrontados e não se fiavão de ninguém (10).

Depois de termos caminhado todo fev.ro chegamos aos 2 de março ao *pará* (11) q' he hua muy fermosa e quieta enseada que dista de jagoaribe trinta e cinquo legoas pouco mais ou menos em a qual entrão tres ou quatro riachos de Agoa doce e outro rio caudal por hu espraido muy aprasivel; está esta enseada em *altura de quatro* graos e é de grandes pescarias; aquy achamos aposentados os indios q' proximamente tinhão fogido aos portugueses cujo principal se chama *acaiuy*, hum sobrinho do qual traziamos em nossa comp.ª e outros parentes dos seus (12). Estes pobres nos receberão como vindos do céo p.r q' tinhão o mesmo medo dos outros; o dia q' chegamos tinhamos andado cinquo legoas sem nos assentarmos em todo o caminho p.r causa da infinita Agoa q' choveo, em o qual caminho passamos quatro rios todos a pé cõ agoa pellos peitos e hu delles cõ tanta corrente q' foy nec.o virem pegados em cada hu de nos cinquo ou seis indios pera nos sustentam com paos atravessados contra o impeto das agoas; emfim daqui se pode colegir quais chegariamos a boca da noite; logo nesse comenos nos fizerão hua choupana de palma q' ja tinhão colhido p.r terem noticia de nossa vinda moços dandonos cõ grandes festas crejupe (13) que he

o seu modo de dar as boas vindas, e nos fizerão grande fogo pera nos aquentar digo enzugarmos.

Depois de descãsarmos nos trouxerão algus presentes de peixe; cõ elles estivemos cinquo dias aparelhãdonos para o caminho de peixe p.r se nos acabar a farinha q" trasiamos, e tambem p.r q' do trabalho daquelle dia nos adoecerão alguns dos nossos companheiros e foy nec.º cõvalecerem quanto mais nós desacostumados a fazer semelhantes violencias a natureza.

Os Indios q' aquy achamos serião p. todos 50 ou 60 almas ficarão cõ intento de ajuntarem alguas reliquias dos seus q' ãdão espalhados p. esses matos pera o qual nos pedirão lhe levãtassemos hua cruz, o q' fizemos co gosto p. q' sombra desta arvore p. entretanto ao venhão ajuntar estas avesinhas amedrentadas dos gaviães e aves de rapina pera q' depois de juntos todos se viessem pera a Igreja como prometerão pellos certificarmos da liberdade q' sua magestade lhes dava.

Pouco depois de passarmos daquy nos apartamos do mar p carregar m.to sobre nos o inverno q' já nos tinha entrado e nos dificultar m.to o caminho cõas enchentes dos muitos e grandes rios q' se metem no mar (14) e tãbem p. q' esta affastada do mar a Serra da Ibiapaba, a qual vinhamos demandar por ser so povoada de gente amiga (se amigos se podião chamar os q' atégora beberão o sangue se pudessem aos prtugueses) desde pernambuco p.a ca q' serão com 230 legoas, e nosso intento em a virmos demandar foy pera nella nos refazermos de mantimentos e mãdamos dahi ao Maranhão a tomar lingoa do estado das cousas principalm.te se avia francezes q' se nos representava a mor dificuldade deste caminho: este nec.º apartamento do mar nos trouxe outr.as infinitas incõmodidades e dificuldades q' podendo nos chegar á serra da Ybiapaba em 15 ou 20 dias gastamos dous mezes, porq' nos foy nec.º metermonos p.r matos e brenhas sem podermos dar passo senão com virem diante dous ou tres indios rompendo os matos, e em a mor parte do caminho com as lamas e agoas quasi até o joêlho, e tudo isto nos pareceu facil, quando depois nos vimos metidos em hua *serra a q' chamão dos corvos* (15) q' cõ o nome está declarãdo o triste ca-

minho q' leva quem nella se vai meter; nella nos meterão os indios dizendo q' acharíamos m.to mel e ratos que é o milhor mantimento q' ha nestes certões afastados do mar; verdade he q' disto achamos bastãtemente nesta serra mas tudo mais caro do q' fora se se comprara nas logeas dos vendedeiros p.r q' cõ as dificuldades do caminho q' ao princípio se mostrou facil e cõ isso nos enganou gastamos 12 ou 13 dias sem sabermos bem quãlo nenhum nem noite cõ os espessos e altíssimos mãtos p.r baixo dos quaes hiamos rompendo a força de braço e ferro sobindo e decendo mõtes e rochedos q' excedem toda a exageração saltãdo de pedra em pedra hora para as nuvens hora p.a os abismos, nem conto aquy as quedas e cousas q' se quebrarão q' nos derão bem de perda q' logo depois nos sentimos p.r nos ir faltando vinho p.a as missas e assy não dissemos mais q' aos dias santos missa.

Nesta triste serra dos corvos parece q' se ajuntarão todas as pragas do brasil, (16) innumeráveis cobras e aranhas a q' chamão caranguejeiras, peçonhentissimas de cuja mordedura se diz q' morrem os homens, carrapatos sem conta, mosquitos e moscas q' magoão estranham.te e ferem como lancetas fazendo logo saltar o sangue fóra e assy parecião os indios leprosos das mordeduras, nem eu fizera caso de escrever essas cousas senão foram extraordinarias. Emfim tornamos a sair desta serra ao cabo dos 13 ou 15 dias sem termos andado de nosso caminho mais q' obra de duas ou tres legoas e no rodéo q' fizemos andamos 5 ou 6.

Todos estes trabalhos se nos rematarão com q' nos muito mais sentimos q' foi morrermos hu indio mancebo dentro em 15 ou 18 horas da mordedura de uma cobra; nem lhe aproveitou *pedra de bazar, nem o licornio nem queimarmoslhe a ferida,* nem finalmente outras mezinhas e benefícios (17).

Morreo contudo cõfessado e sobre a sepultura fizemos hu Moimento pondo-lhe hua cruz à cabeceira; era isto domingo de ramos em o qual depois de os benzermos em aquelle deserto nos partimos continuando nosso caminho ao longo da mesma serra passando muitos e grandes rios q' todos hião cheyos pollas cõtinuas chuvas e passamos todos aquelles dias

tão santos de emdoenças e paixão caminhãdo p.r matos e lamas como dãtes e ao *sabado santo passamos hu rio muito maior* q' todos chamado Aracategi, q' compete cõ os grãdes de Portugal e nos deu bem de trabahlo buscar paos p.ª jangadas p.a passar no tempo em q'p.r cá todos se alegrão e se dão as boas Aleluias, finalm.te o passamos assentados nos paos q' hião p.r baixo da agoa, vindose o mundo abaixo cõ chuva, trovões e relâmpagos; e ao longo deste rio debaixo de hu espesso e triste arvoredo estivemos aquella tão santa noite e dia meios alagados dagoa (18).

Nunca nestes caminhos me lembrarão os collegios cõ saudade delles senão nestes santos dias p.r carecer da vista de tanta devoção como nelles ha; mas isto mesmo p.r outra parte me consolava vendo vendo (sic) q' carecia de tãto bem p.r serviço daquelle S'or q' lhe o autor de todo elle.

Depois de deixarmos de todo esta serra dos corvos caminhãdo pellos campos, erão tantas as lamas q' não avia dar passo sem atolar; p.r onde nos foi nec.º descalçarmonos; porem dahi se nos fizerão dahi a poucos dias das ervas e moscas e mosquitos q' nos picavão se nos fizerão os pés leprosos, e a my em especial me incharão criando materia em várias partes, pello que a necessidade nos constrãngeo a nos tornarmos a calçar, por onde nem descalços podiamos hi cõ lamas; não quero apõtar muita particularidades nesta materia p.r não parecer q' exagero muito nossos trabalhos nem ainda isto q' he o menor escrevera se me não persuadira q' se cõsolavão m.to nossos irmãos cõ sabᵉrem o q' p. cá se passa p.ª nos encomendarem ao Senhor.

Cõ estas dificuldades do caminho se nos ajuntou boa fome p.r q' por estes campos não ha ratos nem se matou nelles outra cousa algua de modo q' nos foi forçado o comer das ervas q.do ainda as achavamos, e estas cosidas na agoa sem outra algua bemfeitoria; viemos a lãçar mão da maniçoba brava bem amargosa (19) é sem sabor e depois chegamos a comer da mesma raiz da mãdioca brava assada de q' algus se começarão a achar mal, eu então tiveme mais a fome posto q' não me fez mal a q' tinha comido; e ainda destas cousas nos veio a faltar e passamos algus dias sem comer mais

q'huas poucas raizes de ervas da feição de cebollinhas pequenas; cobras lagartos e lagartixas p.ª os índios era banquete, e eu tãbem tirando cobras me esforçava a comer tudo, tendo por mais difficultosa de vencer a fome q'o asco, verdade he q'em todas estas cousas achavamos mais gosto q' noutro tp'o em cousas q'o tem, mas o q' sobejava no gosto pella fome faltava nas forças pella sustancia ser pouca.

Tambem nestes caminhos nos livrou o Sr. de muitos e evidentes perigos quasi milagrosamente!; em especial foi notável hu q' passou nesta forma; estavamos hu dia assentados e bem cansados o pe. e eu comendo hus carocois dagoa (20) q' nos mesmos tinhamos apanhado, metendonos pellos charcos, e era bõ banquete em semelhãte conjunção, e entre nos ambos algu tãto p.ª hua banda estavão huas ervas algu tãto altas nas nas quais alimpavamos as mãos p.r não aver outro goardanapo a mão senão quando sentimos bolir as ervas e vimos sair della m.to pacificamente hua façanhosa cobra da mesma casta da outra q' matou o mancebo em 15 ou 18 horas mas muito maior q'ella, era das q' tem na cauda huas cascaveis, e ella usava de manha p.r q' passãdo por pedras levantava a cauda p.ª q'não soassem os cascaveis.

Doutra me livrou D.s a my q' lhe não pusesse os pés encima p.r lhe ouvir os cascaveis vindo p.r baixo das ervas q' erão altas. Outra se arremessou a huma India, e lhe mordeo na roupa mas quis D'ˢ q' lhe não chegasse a carne, e outro Indio teve bem de trabalho em se livrar de outra e finalmente na Ibiapaba indo hu Indio gentio p.ª a aldeia onde no estavamos hu dia antes de chegar o mordeo outra cobra da mesma casta q' ca são as mais ordinarias em... encantidade é em poucas horas expirou o pobre indio; muito lhe aproveitara se chegara a nos ainda q' não fosse mais q' p.r hu quarto de hora cõ vida.

E p.r serem estas cobras tão peçonhentas lhe chamão estes indios verdadr.as (21) como se as outras o não fossem. e não ousão de sair a cassar em todo o inverno em quãto a erva crescida mas esperão que se seque para queimar os campos e verem por onde vão. Finalmente, ouvemos de chegar algua hora a esta serra de Ybiapaba, aonde cuidavamos que

pelo menos nos fartariamos de farinha, porem estava esta gente tãta fome q' vindo nos hus indios ao caminho cõ refresco a receber seus parentes como legoa e mea, antes de chegarmos a aldea nos apresentarão como cousa de grande preço (e não era menos) huas 15 ou 18 espigas de milho as quais repartimos cõ o principal de nossa gente, e cõ os nossos moços de modo q' p.ª o dia seguinte nos ficarão cada hu hua, e sobre este almoço nos pusemos ao caminho e andamos aquella manhã legoa e mea q' tinha por tres pella altissima ladrª q' sobe pera a aldea q' esta no alto da serra, e pera sobir he nec.º ver escªdas al algus passos ou de pao ou feitos na mesma terra e rochedos e corre esta serra toda assy de norte ao sul cousa 25 ou mais legoas fazendo um muro de rochedo cõ suas como ameas naturais e p.r cima he terra cham e capina, e pera a parte do poente tem m.to pouca queda (22).

Com caminarmos bem aquelle dia e partimos cedo acabamos de chegar ariba as duas ou tres horas depois de meio dia, e em hua cham e raza ladeira antes de chegar ao mais alto nos estava esperando o principal, e outros q' p.ª nos esforçarem p.ª o restante do caminho nos tinhão prestes huas poucas de raizes de mãdioca a q' chamão macacheira cosidas e hu pouco de sal e pimenta da terra e hu palmito para assentar o estomago (23); e chegando-se o principal a nos nos abraçou dizendo Yesu, e logo se seguirão os demais a nos abraçar e dar as boas vindas, e hua india nos queria chorar p.r festa como costumão mas o p.e lhe mãdou dizer q' não era nec.ro e cõ isto nos recolhemos da chuva q' ainda entre tãtas festas nos não deixou (24).

Metidos nos e agasalhados em hua das suas choças q' para isso tinhão aparelhado, começarão a correr os presentes, quem mea duzia de espigas de milho, quem hu palmito, quem uma Abobora q' era o de mais preço, enfim palmitos e algu milho forão as mais ordinarias cousas q' aqui tivemos quinze dias q' aqui estivemos nesta aldea, estes são os recebimentos q' por ca ha e eu posso escrever; escrevão outros embora os q' se fazem nas cortes dos Reis e principes de europa q' tenhão mais q' escrever não terão mais gosto q' eu em o fazer, mas comtudo logo cõtarei outro recebim.to mais solene que este.

Hu dos principaes destes indios tinha dito a hu mãcebo Mamaluco q' aqui estava q' lhe dohia m.to a cabeça e q' se fosse caso q' se achasse mal q' nos dissesse em chegando que o baptizassemos; nem era bastante pera lhe tirar a dor hu ferro q' fora de freio de cavalo quebrado, o qual tinha em grande estima de santidade por lho ter dado outro como cousa que viera do ceo (25), êste lhe tirei cõ muito trabalho; dahi a algus dias dizendo eu a este indio q' andava mal desposto elle me respõdeo dizendo q' era por q' eu não tinha cõfiança em d.s como elle tivera e q' por isso se lhe fora a dor de cabeça e andava já são, enfim fazia bõ entendimento das cousas de D.s e vinha muitas vezes perguntalas dizendo q' p' as ensinar a sua molher lhas perguntava; este veio depois p.ª a Igr.ª D.s o faça bom xp.ªº

Este mãcebo mamaluco de q' falei tinha hido cõ outros brancos (26) e por la se ficou cõ outro, e avia tres annos q' se não comfessavão nem ouvião missa; logo os fizemos aparelhar de vagar, e comfessar e commungar; estes por la andão conforme aos cõ q' tratão, despidos e em toda miseria, e o espirito pouco pode ser entre barbaros infieis sem missa nem sacramentos.

Nesta grãde serra avia ha dous ou tres annos mais de setenta aldeas de gentio q' nos contarão por seus nomes, (27) e depois de os brãços la irem e os receberem no principio com guerra se forão todos pera o maranhão cõ medo dizendo q' se os brãcos tinhão destruydo todos os moradores do Jagoaribe sendo recebidos delles com paz muito milhor os destruyrão a elles q' no principio os receberão com guerra, e estes pobres por derradr.º Ja no maranhão lhe fizerão guerra os seus contrarios cõ os francezes e destruyrão muitos e outros morrerão de doenças contagiosas, e dos q' ficarão a metade se tornarão e vindo forão mortos e captivos dos tapuyas, de modo q' só seis ou sete chegarão por huma vez e por outra obra de 20 casais e nesta serra tinhão ficado só duas aldeotas, hua das quais he esta a que primeiro chegamos por estar mais perto do mar e teria vinte casas e a outra alguns 50 ou sessenta.

Postos nos ali em tanta fome quanta dantes já trazia-mos e estavamos como tisicos de magros q' não tinhamos mais

q' a pelle sobre os ossos, era nec.° hirmos fazer assento aonde tivessemos com que nos refazer. Mandamos recado a outra aldea para sabermos se nos quirião lá e q' viessem algus a falar cõ nosco, e tãbem nos queriamos emformar dos q' tinhão vindo do maranhão q' estavão principalmente acerqua dos frãcezes que tinhamos por novas que estavão la de assento com duas fortalezas feitas em duas ilhas na boca do rio do maranhão.

O principal daquela aldea chamada o diabo grande (28) nos mãdou hu irmão seu por nome o diabo ligeiro cõ outros indios q' nos levassem já a sua aldea, este diabo ligeiro (que he hu indio muy desposto e em seu falar grãdioso e arrogante) nos fez todos os cõprimentos significãdonos os desejos de nos ver em sua aldea, cõ isto nos offereceu hu pouco de milho e de feijões q' trazia, e tendo palavra de nos q' hiriamos cõ elle despedio logo os seus q' fossem certificar o irmão de nossa ida e do dia q' chegariamos, ec.

Partimonos cõ elle e toda a mais aldea tambem se foi cõ nosco fogindo da fome cõ intento de se virem pera pernambuco como vierão gastamos neste caminho honze dias indo sempre diante o diabo ligeiro agazalhãdonos e assignalãdo nosso lugar p.ª nossas choupanas ou *tugipares* (29); no caminho tivemos a festa da Ascemsão e chegamos dous dias antes do Espirito Santo a Aldea. (30)

E por q' p.ª irmos da aldea a sua aviamos de decer a serra e tornalla a sobir por escusarmos hu grãde rodeo, cousa q' não so nos era penosa mas quasi impossivel por nossa fraqueza e fome, quãdo chegarmos ao pé da ladr.ª q' aviamos de subir cousa de cinquo legoas antes de chegarmos pollo trabalho daquelle dia por ser o caminho esperrimo e cõprido nos deitamos sobre huas pedras ao longo de hua Agoa sem podermos dar passada por diante cõ fraquesa nem podermos chegar ao lugar aõde haviamos de dormir senão quãdo chegão dous mãcebos cõ hua pouca de farinha de milho e... hu coffo q' p.ª nos forão como o pfeta abacuc quãdo guiado do Anjo levou o comer a daniel emfim comemos daquella farinha e bebemos daquella agoa, e assi podemos chegar aos tujupares aonde já os nossos estavão e tinhão tambem chegado 15 ou 18

q' o diabo grande tinha mãdado em comp.ª de outro irmão seu mais moço com refresco de farinha de peixe milho e aboboras e cõ preceito q' nos levassem em redes não ao sobir da ladr.ª mas todas aquellas cinquo légoas e q' elles fizerão cõ tãta diligencia e caridade quãta se não pode encarecer (aquellas cinquo legoas andamos em pes alheios em todo este caminho); estando nos fin.te já huas so legoa da aldea aposentados chegou a molher do diabo ligeiro que nos fora a buscar cõ algus indios que nos levarão outro presente do principal de feijões, peixe e hua duzia de aboboras.

Ao dia seguinte nos veio o mesmo principal receber ao meyo do caminho mea legoa da aldea cõ todos os principais e alguas molheres cõ seos presentes, e elles todos cõ *suas bozinas, gaitas e cascaveis*, que são seus instrumentos musicos com tanta festa e alegria que eu fiquei pasmado, e o padre com ser antigo sertanista me disse q' nunca vira entre gentios cousa semelhãte; enfim dali nos troucerão a correr sempre revesando e todos a trazer as redes em q' vinhamos como se ganhassem perdões; erão tãtos os gritos e festas que parecião doudos.

Chegando a Aldea sahiu hu grãde tambor q' já toda a manhã hiamos ouvindo e cõ seus maracás (q' são hus cabaços com hus feijões dentro) tangendo e cantando, o cõ essa solenidade nos meterão na casa q' nos tinhão aparelhado e nos troucerão logo muitos presentes e as musicas e dãças continurão dous outros dias cõ suas noutes; bendito seja o Senhor q' permitte q' estes barbaros sem o conhecer a elle conheção e honrem a seus servos só pello serem. (31)

Mas todos seus desejos erão ternos aqui cõ sigo, e os nossos erão levarmolos cõnosco ou mãdarmolos vir p.ª a Igreja mas abaixo direi o sucesso disto logo o principal nos ajuntou pela aldea de seu motu proprio algu milho q' avia muito antes q' se acabasse pq' farinha avia muito pouca por causa da seca do anno passado.

Emfim achamos os poucos q' tinhão vindo do maranhão os quais não tinhão chegado ao mar; e p' isso não sabião dos frãcezes mais q' terem elles vindo cõ a gente da terra e dar guerra a hus dos seus que tinhão dividido como já toquei, mas estes não se tinham achado presentes nem virão os frãcezes,

certificarão porem q' os avia, mas acerqua do caminho nos informação assi elles como outros de varias nações de tapuyas selvages p.r entre os quais não ha passar senão a força de armas como estes tinhão ido, ou a força de peitas e dadivas. (32)

Cõforme a isto nos apparelhavamos e dispunhamos nossas cousas e traças p.a caminharmos e rompermos as grãdes dificuldades q' se nos offerecido e medos q' estes todos nos metião, mas cõ grãde confiãça de aver de facilitar tudo Aquelle p.r quem a tudo nos atreviamos encomendandonos a elle.

De modo q' desta serra da Ybiapaba até o maranhão tudo está cheio de salvages q' atodos matão ou cativão, entrão porem cõ elles algus destoutros indios de paz quãdo vão tratar algu resgate ou cousa semelhãte mas cõ grãdes cautelas dos tapuyas q' de ninguem se cõfião e quando la vão algus não hão de levar armas alguas e cõ as frechas nos peitos ou cõ o golpe feito lhe perguntão ao que vem, examinandoos muy bem e fingindo q'lhe não crem, e se trazem cousa algua lha tomão ainda q' lhe digão q' he p.a o seu principal pq' não lhe tem mais respeito que isto, mas depois de bem provados lhe dão muy decomer e os dançar e cantar e elles tãbem lhe fazem a mesma festa; estes q' vierão do maranhão nos cõtarão como áhida p.a la vestirã, hua roupeta comprida a hu dos seus, e puserão lhe hua carapuça de rebuço, fingindo, cõ isto e dizendo aos tapuyas q' aquelle era abaré ou padre e como os tapuyas nenhua noticia tinhão de padres nem ainda de brãcos facilmente se persuadirão ser assi e p.r outra parte cuidãdo q' aquelle e os de sua qualidade erão senhores da morte e da vida, ec, mostravão grandiss.o medo, dando-lhe muy bem de comer e levandoo ás costas p.a q' lhe não fizessem algum mal, e se elle não fora tãbem acompanhado bem cuido q' procurarião de lhe tirar a vida p.a tirar tal peste deste mundo.

Tem tãbem p.r costume quãdo os seus morrem se são homens as molheres lhe comem a carne, e os ossos moydos lhos bebem p.a que não tenhão saudades daqueles q' metem nas entranhas, tendose p.r mais pios nesta impiedade q' os q' enterrão os mortos apartandoos de sy de todo o que he causa das saudades. O modo de viver destes he andar sempre como os antigos feitos cõ sua casa movida e todas suas riquezas e

alfaias são seu arco e frechas cõ q' cassão, e aonde achão de comer ahi dormem sem cama nem rede mais q' o chão ecomo andão muitos raramente achão em hum lugar de comer dous dias arréo pello q' quasi infallimente ã tão cada dia hua e duas legoas.

Emquirindo nos pois o modo q' teriamos p.a passar por elles a todos nos pareceo q' cometessemos pazes por q' não tinhamos gentes q' bastasse pera nos deffender delles; tomada esta forçosa e mais propria de nosso habito resolução, mandamos a duas partes mais propimcas por hua das quais de necessidade haviamos de ir; os q' forão a hua das partes tornarão se do caminho a prim.ra vez por não poderem romper os matos; os q' forão a outra hu presente ao principal delles assaber hu machado, huas facas e hu pouco de fumo, que he a melhor e a mais preciosa droga que se manda e cõ esperãças q' vendonos e effectuãdose as pazes serião melhor apremiados.

A cabo de hu mez tornarão cõ resposta assaber q' os primeiros com que emcontrarão lhe tomarão o machado e o mais q' levavão, q' assi costumão ordinariamente esses salvagens, nem aproveitou dizerlho q'era p.a o principal, só hua faca lhe chegou a mão, e que todos a mão, e que todos dizião q' fossem os padres e q' lhe levassem machados, facas, espelhos, tizouras ec (nomeãdo tudo por seu nome) e que elles farião pazes cõ outros de diante, e dizendo lhe os nossos q' os padres não levavão m.to disso e q' so aos principaes poderião dar algua cousa respõderão q' a todos darão e quãdo não lhe darião os vestidos, e já nos tinhamos noticia dessa sua cobiça insaciável que he tal que vendo canastra ou caixa acham de revolver e buscar tudo e tomar o q' lhe parecer sem sem lhe irdes a mão, e se não derdes a todos ficão descontes de modo q' he nec. hua não carregada p.a os cõtentar, e ainda isto era sofrivel se fora soo ha magote delles, mas são muitas nações de 60, 80, 100 e mais casais.

Ajuntãdonos e cõferindo esta resposta cõ a notícia q' já tinhamos ficamos quasi descõfiado de podermos entrar por esta porta, porem encomendando sempre tudo a nosso Senhor e pedindolhe nos abrisse o caminho tornamos a mandar 1a. 2a. vez, indo por embaixador o soldado de nossa obrigação

que fora comnosco do Rio Grande, e levando outro presentesinho pera que nos desse a conhecer a estes tapuyas emformandoos de como eramos muy differentes dos seus feiticeiros e dos outros indios a que elles aborrecião e tinhão por peste do mundo, e q' vinhamos a dar-lhe noticia da outra vida e do criador de todo mundo e da vida santa ec finalmente levava recado q' trouxesse de lá algum tapuya ou algum escravo seu q' fosse lingoa p.ª q' nos visse e levasse a certeza aos seus de ser tudo verdade, e que deixasse lá alguns dos nossos refens, e no mesmo tempo mandamos cometer pazes ao milho verde que he inimigo capital dos brãcos e dos indios da Ibiapaba cõ quem estavamos e tãbem as mandamos cometer a outros indios do mar chamado cobra azul pera se fazer tãbem amigo destes mesmos da ibiapaba, todas estas emprezas tomamos entre mãos, os q' hião ao milhe verde não puderão chegar lá por estar o caminho empedido cõ outros tapuyas. (33)

O Mancebo q' foi cõ os indios aos tapuyas de primr.º teve o sucesso que aqui direi, primeiram.te o recebim.to foi cõ as cerimonias que tenho dito e he ordinario entre elles, fezlhe sua pratica por interprete, q' hera hua india parenta de alguns dos nossos, escrava sua avia muitos annos, recebeu o principal o que lhe mandavamos e principalm.te fez m.ta festa e hua buceta de frãdes, que lhe mandamos chea de fumo; todos os vestidos que levava lhe pedirão, e todos deu, mas tinha pouco q' dar, e hum a quem elle dera os calções, depois de os calçar se lhe ajuntarão as molheres aroda a pranteado por vestir os fetiços do brãco como ellas diz q' dizião e como estes todos o seu he matar e nisto mostrarem sua valentia hu mais valente perguntou ao mancebo se era elle, valente e respondendolhe que tãto como elle o levou pera seu rancho fazendolhe por isso festa.

Em resolução lhe derão a inda q' era interprete p.ª vir ca a nos ver e a lhe levar certeza e noticia clara do que eramos, e em seu lugar ficarão tres mãcebos dos nossos. Vendonos esta india a primr.ª vez como aquella q' nunca vira gente estava diante de nos cõ os olhos no chão sem olhar p.ª nos, e dizendolhe hum indio vez aqui os padres, este he o irmão mais velho e estoutro he o irmão mais moço, levãtou os olhos e immediatamente os tornou a por no chão, e isto cõ medo, como ella depois q' o perdeo cõfessou, q' como ainda não fazia differença dos feiticeiros temem e aborrecem, nem ver nos podia, porem depois falava e ria e olhava cõ alegria mostrãdo m.ta satisfação de tudo, e nos a fizemos deter oito ou nove dias p.ª esperar p.la festa da asseumpção de Nossa Senhora em q' tinhamos p.ª fazer hua procissão cõ hua dança demeninos destes gentios e hu diabrete ec o que tudo causou assi a ella como aos outros desta aldea admiração, p.r ser p.ª elles grande novidade: e depois della todos se forão p.ª suas casas a prãtear por verem que os antepassados morrerão sem ver tãto bem como elles agora vião, como depois nos explicou hu principal acrescentando q' elle tãbem se não podera ter e se fora por a chorar, e quãdo isto nos dizia mostrava inda os mesmos effeitos.

Passado o dia da festa despedimos a india bem acompanhada, dando-lhe um cueiro pera ella e mãdando ao principal hu espelho e hu machado e ella nos prometeo q' avia de fazer vir cá o principal dos tapuyas o qual ja dantes tinha dito q' mãdaria algus dos seus cõnosco p.ª nos guiarem, neste mesmo tempo mãdamos tãbem recado aos outros tapuias do outro caminho a hida aos quais não tivera effeito a primr.ª vez como já disse e a resposta foi q' estavão alvoroçados por nos ver e q' fossemos e lhe levassemos muitas ferramentas q' deviamos de as trazer q' os q' daqui passavão por suas terras lhe davão muitas cousas quãto mais nos q' eramos senhores das cousas, bem nos enfadarão cõ tanta cobiça junto com serem salvajes, sem medo nem respeito mas nos estavamos cõtudo apostados a romper por todas as difficuldades cõ o favor de D.ª

Depois de passarmos p.lo Jagoaribe como fica referido tiverão notícia as relliquias que escaparão dos brãcos e andavão embrenhados de nossa passagem, e de como traziamos pazes e liberdade pelo que forão saindo ao mar, hu principal dos quais se chama algodão, o qual não podendo crer (como dizem) tanto bem como os seus lhe certificavão quis ir ao Ibiapaba nos ver c'o olho e ouvir as boas novas de nossa boca, partiu e foi por casa do Cobra Azul a que tinhamos mandado recado e levou comsigo hu f.º seu, e outros 4 ou 5 — não

posso explicar os effeitos de alegria q' este algodão mostrava de nos ver prometendo q' acabado de sair seus parentes farião o q' nos quisessemos e irão pera onde nos mandassemos, e juntam.te se assentarão as pazes entre elles e estes da Ibiapaba, e o f.º de cobra azul fez tãbem em nome de seu pai pazes e tratarão de se ajuntar e morar junto do mar perto do rio do Pará q' está entre a Ibiapaba e o Maranhão. (34).

Agora direi alguns costumes destes da Ibiapaba (35) e de alguas cousas que acontecerão em 4 ou 5 mezes q' cõ elles estivemos, primeiram.te tivemos hua grãde perda e foi morrernos aqui o principal de nossa gente chamado Belchior da Rosa *capitão dos indios de Pernambuco* por provisão dos g.dores pellos serviços que tinha feitos com sua gente; este era hu indio mui bem entendido e de m.ta autoridade entre os seus, e no falar e entender as cousas era mais q' indio do brasil pello q' todos lhe tinhão m.to resp.to em suas pregações punha os padres nas estrellas e falava espiritualm.te declarãdo ao que hiamos e o q' pretendiamos, e na verdade me admirou a prim.ra vez q' o ouvi pregar cõ o não entender ainda perfeitam.te p.r q' a matéria de sua pregação foi de como nos hiamos por amor delles e de suas almas e pera lhe darmos noticia do caminho do ceo, e q' bem o mostravão nossos bordões e que se outra cousa pretenderamos q' levaramos espingardas e soldados e outras cousas desta calidade q' não me causavão menos devoção q' admiração; Morreu etico muy bem aparelhado confessandose e comungando duas vezes e fazendo seus apontamentos. Pera o enterram.to se ajuntarão todos assi os nossos como os outros todos cõ suas candeas acesas, o trouxemos em procissão a igrejinha em que diziamos missa em hu esquife q' lhe tinhamos mandado fazer cousa q' pasmou a estes gentios p.r q' o costume seu he emnovellarem os seus mortos e assi os metem em hu buraco q' pera isso fazer em qualquer mato. Cõ esta e outras occasiões a tomavamos pera lhe falarmos na morte e em sua infalebilidade p.r q' m.tos destes tinhão p.a si qé erão immortais e ficavão pasmados quãdo lhe diziamos q' avião de morrer, não podendo crer o q' não querião padecer, e o principal destes dizia que só a morte e o inferno o em tristecia de nossas cousas; finalmente dissemos alguas missas p.lo defunto cõ seus responsorios sobre a sepultura.

Estando nos hu dia a noite em nossa casa ouvimos hu q' tossia cõ grande efficacia e escarrava procurando de vomitar fazendo grande estrondo, mandamos saber q' era aquillo, vierão nos dizer q' estava hu menino doente e hu feiticeiro q' o curava e a cura era chupallo co costumão, dizendo q' lhe tirão o mal de dentro e, pera fingirem milhor o emgano, metem na boca hu prego ou cousa semelhante, e cõ aquelle seu escarrar fingem q' o chuparão e o tirarão ao doente e q' aquillo era o q' lhe fazia o mal, fomos nos ver então o menino, e achando m.to mal aparelhamolo; perguntando se queria ser f.º de D.s respondeo que si com grãde alegria e q' queria ir p.a o ceo, e logo mostrãdo hus effeitos de predestinado recebeo o santo baptismo ao dia seguinte e por ser em dia de São barnabé lhe pusemos o seu nome e com elle se foi p.a a gloria; fomos p.a elle ajuntandose todos os cristãos nossos companheiros e o trouxemos a enterrar ao pé de hua grande cruz que diante de nossa igrejinha tinhamos levantado.

Outra criança de poucas semanas ainda estãdo com os olhos em alvo pera espirar baptisamos e foi o S.or sevido darlhe saude tomãdo logo dahi a pouco o peito da mae q' dantes não tomava.

Outro dia a noite de repente ouvimos bater as palmas em hua casa, e logo noutra, e logo em todas geralmente com grãde estrondo perguntamos q' era aquillo responderão q' hu feiticeiro ouvira a voz de hua cobra que vinha voando pollos ares e que dava sinal com aquele bater das palmas q' estivessem todos alerta p.a q' não caisse sobre algum e o mordesse.

Até agora estes pobres não reconhecião outro D.s mais q' os chuveiros, trovões, relampagos, mas a este seu D.s nenhum amor tinhão tendo grande temor, e o culto e reverencia toda consistia em se por de cocoras pedindo aos trovões q' os não matassem e aos relampagos q' os não queimassem; tiramoslhe esta gentilidade da cabeça facilmente com lhe declararmos a seu modo q' cousa erão trovões e relampagos, ficarão muitos contentes dizendo q' agora acabavão de crer a

verdade, e q' lhe não chamarião mais D.ª e tudo são queixumes de seus antepassados que nem souberão nada nem lhe ensinarão nada.

Toda esta gentilidade como he de pouco entendimento não tem nenhua resistencia as cousas que lhe dizem ainda q' as alcancem com o entendimento, nem sabem duvidar nem perguntar, e assy pouca sciencia basta p.a os cultivar e fazer delles o q' quiserem: so lhe da trabalho deixarem as muitas molheres que tem alguns tendo muitos filhos dellas, mas tem nisto hu geral costume e facilidade e he que o q' se descontenta do outro apartasse delle como se nunca fosse seu marido, ou sua molher sem por isso serem reputados por ruins.

Entre estes ha muitos bonatural e de bem-fazer, e posto q' geralmente todos nos fazião o q' podião de bem comtudo muitos delles assy continuavão em nos darem o q' tinhão e entre outros se assinalou muito o principal desta aldea o diabo grande, dandonos hua rosasinha de milho e outra de mandioca alem de outras meudezas de cada dia. Após elle se assignalou hua India anciam molher de hu principal a qual em n°s vindo comessou cõ seus presentes dizendonos eu sou daqui senhora da terra e estou em minha casa por isso vos dou de comer q' vindos de longe e cõtinuou sempre como q' fossemos seus filhos.

São todos estes incrivelm.te inclinados a cãtar e dãçar e pq' os pitiguares são nisto affamados e cõnosco hião alguns *nheengaraybos*, ou mestres de capella desatinavamos que cantassem p.ª os emsinarem, e fazendo revesar hora huns hora outros cãtavão dias e noites de 24 em 24 horas sem interromper até não poderem falar de roucos tendo isto p. valentia e delirios, e a nos nos pedirão q' lhe emsinassemos seus filhos o papel (como eles dizem) q'rendo dizer q' lhos emsinassemos a ler e cantar o nosso canto, o q' nos cõ facilidade fizemos p.ª os domesticar mas elles mostrão muy pouco talento p.ª o nosso canto, os do mar facilm.te cõ isto domesticamos m.to os meninos que dantes fogião de nos, e alguns q' estavão em suas roças me vierão dizer q' querião aprender o q' eu ensinava aos outros, e muitos dizião resolutam.te q' se havião de ir cõnosco fogindo de seus pais ou apos nos entre

os quais teve graça hu q' representava 12 Annos em dizer q' se os padres se fossem não tinha outra cousa que fazer senão abrir hua cova e meterse nella e isto cõ grande sentim.to, e outro estando eu occupado não sei em que se chegou a my e depois de estar hu pedaço, me disse não sei q' he isto q' dantes fugia de ti e agora não me posso apartar. Isto nos servia p.ª os emsinar e doutrinar e, já sabião muitos delles a doutrina e alguas cousas de nossa santa fee, tãbem os faziamos emsinar a dançar ao modo portugues q' p.ª elles era a cousa de mais gosto que pode ser.

Hua India esteve m.to mal de parto toda hua noite e parte do dia gritâdo sem em todo este t.po aparecer nada de criança, mandamoslhe um relicario q' o posesse ao pescosso e tivesse fé q' logo pariria assim o fez e em espasso de mea hora pario com facilidade! ficou o indio seu marido agradecido pedindo q' já q' lhe fazeramos nacer seu fio lho baptizassemos q' queria yr à cassa p.ª a festa, e respõdemos q' como estivesse na igreja pelo tempo em diãte lhe baptizariamos.

Pedrião nos estes q' dessemos hua vara de nossa mão a hu delles p.ª q' fosse alcaide dos outros, e isto cõ tanta instancia p.ª ella o irmão seu, o diabo ligeiro; deu-lha o padre hu domingo acabada a missa estãdo todos juntos p.ª o qual acto os tinha convidados o principal em hua pregação q' fizera aquella Madrugada e dando-lha o p.e lhe declarou o fim pera q' se lhe dava, s. pera emendar os q' se embebedassem, per.ª fazer vir todos á igreja, pera vigiar a aldea etc. Tomou elle muito em põto de honra e ao dia seguinte de madrugada sahio pregando com grande fervor, dizendo entre outras cousas muitas entrassem sempre todos na igreja aos dias santos, e senão q' tudo o q' naquelles dias prantassem se lhe avia de secar, e que as molheres tivessem cuidado dapagar o fogo indo fora pera q' não se queimassem as casas, e que fossem todos f.os de D.ª e de Nossa S.ra e não cressem as cousas de seus antepassados, mas só c'essem as cousas q' os padres lhe emsinassem, q' D.ª era o nosso criador e q' logo no ventre de nossas mãis fazia hus homens e outros molheres afeiçoando os pera isso, q' bem claro estava q' nossos pais o não podião fazer.

E noutra pregação depois de dizer cousas semelhantes a estas, acabou cõ hu colloquio dizendo a vos Sr. D.ª tende cuidado de minha alma per.ª q' não se perca, p.r q' tenho m.ta repugnancia em hir ao inferno a ser queimado com os demonios; outra vendome rezar me perguntou se falava D.ª cõnosco, eu lhe repõdy q' naquelles livros tinhamos as palavras de Deos as quais liamos e q' nos podiamos falar cõ elle cada vez q' quisessemos pedindolhe algua cousa q' bem nos ouvia, logo elle começou cõ grandes mostras de devoção a falar com D.ª pedindolhe saude e que o livrasse de todos os males: cõ estas cousas e fruito que se faziã nestas desemparadas almas aliviava ho meo trabalho de caminhos e cançassos, e a carencia de vista e praticas de nossos padres e irmãos.

Rematãdo nossas cousas na Aldea do diabo grande aonde nos detivemos de quatro meses tentando pazes cõ os tapuyas sem terem efeito, no fim de Settembro de 607, apareceo hu cometa para banda do maranhão a loeste, o qual estendia hua muy comprida cauda p.ª a banda de leste, e durou muitos dias; os indios vendo tã grande novidade p.ª elles vinhão m.tas vezes perguntar q' era aquillo, se se queimava o ceo, e se cairia e outras perguntas comformes a sua capacidade, eu lhes declarei o q' era e juntam.te o que significava, e como ordinariamente quando aquillo aparecia avia mortes de grandes e morubixabas, cõ o q' o principal atemorisado me perguntou se escaparia, Deus te dará vida lhe respondy, mas aparelhate tu p.ª seres f.º de D.ª p.r q' nos não sabemos da morte nem da vida, e posto q' este cometa significasse outras cousas maiores, cõtudo eu muitas vezes imaginei com pena e afflição se significaria algum trabalho na nossa missão do Maranhão. Emfim aos 17 de Outubro seguinte nos partimos daquella aldea continuando levando cõsigo dous outros filhos com outra gente com intento de roçarem no caminho junto das terras dos tapuyas, os quais queria nos acabar de apaziguar, e effeituar as pazes tãbem comessadas para continuarmos nosso caminho até o rio do pará affamado entre elles e p.ª q' dali palpassemos os vaos da terra e gente mandassemos recados a nossos Sup.res como prometemos na carta passada ao p.e pr.al.

Indo nos cinquo legoas da Aldea nos alcanssou hu mancebo que trazia novas de como erão vindos hus poucos de indios reliquias de 70 Aldeas q' cõ medo dos brãcos e p . se verem livres delles fugirão e forão acabar no maranhão a mãos dos tapuias e frãcezes e outra gente do mesmo maranhão q' cõ os francezes lhe fizerão guerra, ajudandoos tambem a peste que lhe deu, e esperamos q' chegassem a nos alguns pera nos informamos do que la passava.

Veio o principal chamado mandiaré (37) a nos ver e nos deu por novas aver la m.tos frãcezes assi no rio do maranhão, como no rio e ilhas das Almasonas, e q' tinhão commercio cõ ellas de prata, a troco da qual lhe davão vestidos e ferramenta, e demais disso as emsinavão a usar de arcabuzes; elle porem não vio disto mais q' os frãcezes cõ os quais teve guerra e o demais ouvyo a seus parentes, acrescentou este principal q' queria tornar cõnosco a buscar algus seus parentes q' la lhe ficavão espalhados e q' já sabiam o caminho e terras, mas q' p.ª isto era necess.º esperarmos q' elle cõos seus descansassem e fizesse alguas milharadas a qual yda sua nos era bem imptante p. não termos gente bastante p.ª yr cõnosco, mas esperallo era de suma pena p.r nos vir entrando o inverno, pegarão-se todos os nossos aos seu parecer dizendo q' esperassemos e roçassemos todos, e p.q' no xp.tão elles não reconhecem nenhua superioridade tãto q' os affastaes do q' elles querem ficamos em talas e necessitados acõdecender com elles p.r não aver outro remedio, e cõtudo tinhamos p. provavel averemos de faltar cõ a palavra p.to q' nos parece o bem mandar apelidar os petigoares q' fossem cõnosco e por ventura q' tivera effeito se depois não socedera a morte do padre, meu cõpanheiro, por se terem ja saido da aldea do diabo grãde não quiserão tornar atras como eu queria e persuadia ao p.e emfim hu pouco mais adãte donde estavamos 12 legoas da aldea roçarão todos e fizerão casas aonde o nosso mantim.to era palmitos e hus cocos cujos miolos são como bellotas na feição mas m.to secos e difficultosos de emgolir senão emquanto são tenros e quãto a farinha tinhamola p. reliquias, e sem outro coduto mais q' de quãdo em quãdo algus peixinhos e por grãde festa huas favas secas cosidas sem mais

azeite, nem vinagre, nem sal, muitas vezes desejavamos hua porção que os nossos negros comem nos collegios, mas não dexavamos de fazer bõ rosto e estas faltas lembrandonos q' outros padres irmãos nossos noutras partes do mundo os passariam tãbem alegremente por amor de Deus.

Daqui serião como 15 ou 20 legoas á terra dos tapuyas chamados caririjus (38) pellos quais queriamos passar e lhe tinhamos já p.r duas vezes mãdado recados e presentes dando elles boas mostras que queriam pazes, mas era tudo fingido, procuravamos nos q' nos viessem ver p.ª crerem sermos nos e nos vermos cõ o olho o q' tinhamos nelles, e p.ª este fim lhe mãdamos a terceira vez recado cõ outros presentes q' viessem falar cõnosco algus delles porem usando de sua acostumada brutalidade, nos matarão os menssageiros, queimandoos vivos como costumão, reservãdo hu q' depois lhe servisse de guia p.a nos virem matar a nos, e no mesmo, t'po mãdarão recado a outras tapuyas cõ que tãbem tratavamos pazes, dizendolhe não dessem p.r nos nem p.r nossas pazes q' tudo erão dos da Ybiapaba p.ª os colherem la e matarem.

Emfim a tardãça dos nossos extraordinaria nos fazia evidente serem mortos, o que confirmou depois hu escravo dos outros tapuyas a quem elles tinhão mãdado o recado q' de laveio e esta certeza de sua morte nos fazia bem evidente que nos querião vir matar e bem procurei eu q' nos puzessemos logo em cobro q' bem facil era, mas este era o termo q' avia de ter a sãta vida do p.e fr.º pinto, finalm.te dahi a muitos dias nos quizemos por em cobro, e vendo q' totalmente se nos fechava a porta do maranhão (p.q' em 5 mezes q' tratamos fazer pazes cõ os tapuyas não podemos alcançar delles nem ainda verem nos, sem duvida se nos partiramos e foramos a suas terras, todos foramos queimados e acabados sem de nos se saber mais) tratamos de nos descer ao mar e roçar e entretanto escrever a nossos sup.res e ao g.dor de como as cousas estavão impossibilitadas p.ª se ir por terra ao maranhão por não haver palmo de tapuyas, que quem dos prim.ros e segundo escapasse não escaparia dos terceiros e quartos e cõforme a ordem q' nos viesse fariamos e despediamos hu yndio diante de nos a sesta f.ª da infra octava da Epi-

E acrecento, que indo lá os portugueses por mar com gueera a
lançar os franceses que são m.tos, como os ventos ~~[illegible]~~ seiaõ
immudaveis naquella costa, naõ se pode dela vir embarcaçaõ
mas necessariamente, se ade ir ao reino, e do reino a Pernambu-
co, ou a Bahia, e porque tudo isto sera mais breve, que vir
em direitura a pernambuco. E isto em todos os tempos do anno

Bras. 8.

Luiz Figr.ª

Caligrafia do Pe.
Luiz Figueira
ampliação

51

fania, fazendo conta de nos decermos da serra, passado o seguinte domingo. Sahia pela porta o yndio despedindose p.ª o mar quãdo os tapuyas de subito aparecerão a nossa porta cõ mão arm.ª começão as frechadas de hua e outra parte cõ grãde grita e em breve morreo hu tapuya e outro segundo dizem foi cõ as tripas fora enchendo o caminho de sangue e provavelmente logo morreria, ep. q' os salvagens sahirão a nossa porta que estava no couce da aldea a borda do mato, e o p.e estava dentro da casa rezando as horas menores, sahio cõ trabalho, tendo os nossos o impeto dos tapuyas q' o não matassem logo, e o forão emparando até entrarem no mato, os tapuyas carregarão ali seguindoos e como o mato ali era estreito logo sairão as roças limpas bradavão os nossos aos tapuyas q' estivessem quedos q' aquelles era o p.e abaré (39) q' os queria apaziguar e ensinar a boa vida e responderão elles que não tinhão de ver cõ isso, q' o avião de matar, finalmente se espalharão dous ou tres nossos q' ali hião, ficãdo so junto do padre hu esforçado yndio e bemfeitor dos padres chamado Antonio carajbpocu, (40) o qual o defendeo em quãto pôde ate morrer por elle e com elle, ainda ficou cõ vida mas sem sentido nem falta, e durou poucas horas, chegarão então ao p.e e tendolhe hus mãos nos braços estirandolhes p.ª ambas as partes ficando elles em figura de cruz, outros lhe derão tantas pancadas cõ hu pao na cabessa q' lha fizerão pedaços, quebrandolhe os queixos e amassãdolhe as cachages e olhos; o qual pao cheio de sangue trouxe como reliquia, despirãolhe a roupêta somente e o cobrirão cõ terra e o pao em cima, e p. q' sempre os roins e menos nec.os no mundo escapão, acertey eu no tempo em q' se comessou a briga de estar na casa dos moços fora de meo costume naquelles tempo, e posto q' era defronte delles, cõ tudo era um pouco desviado, e dali sahi logo para outra parte, sahio comigo hu nosso moçozinho q' me foy a salvação o qual me tomou a diant.a correndo e brandãdome, apressate, pay, seguiao eu não m.to apressado, vendo elle q' não corria eu tãto como elle queria meteosse logo em hu matosinho bem estreito mas fechado pello q' eu não pude dar por elle muitos passos, e assi nos ficamos logo á borda do mato ouvindo gritos junto de nos por todas

as partes e esperando q' logo chegassem, mas o q' mais pena me dava era ouvir hu cão q' andava latindo no mesmo mato persuadindome ser dos tapuyas q' cõ elles querião descobrir os escondidos, o qual passou por diante de nos, mas sem dar mostras de nos sentir; aquy o moço meu companheiro me disse amedrentado pay eu aquy ei de morer contigo, animeio eu dizendo filho não morreremos q' D.s nos guardará, e assy goardou o p.a q' elle sabe, espero eu q' seja p. lhe fazer muito serviços na companhia, emfim forão se recolhendo os tapuyas o que se reconhecia pella grita q' levavão, e forão então esbulhar tudo assi o q' nos tinhamos em casa como a ferramenta que tinhamos emprestada aos indios não nos ficando mais q' alguas cousinhas de pouca importâcia q' tinhamos mandadas ja diâte p.a aonde nos queriamos ir.

Levarão tudo da ygreja, e nossa roupasinha q' tinhamos goardada p.a o restante de nossa missão e tudo o mais, e juntamente levarão dous outros mininos, e duas yndias moças, matando outras duas yndias moças, matando outras duas velhas, aquietando-se tudo e bradãdo hu nosso yndio q' saissem todos q' saissem todos q' ja erão ydos os tapuyas, então, me disse o meoo cõpanheiro q' yria ver em q' estado estavão p.a me vir dar recado, foy e tornoume cõ recado e novas tristes dizendo é morto o nosso p.e aqui comessei cõ elle a derramar lagrimas tristes e chorar meo desamparo, in medio nationis pravae, sahi finalmente recolhedome a logar mais seguro arreceando de me tornarem a buscar como depois soube q' estiveram pera fazer, mas D.s os impedio, naquelle logar nos ajuntamos quasi todos alli fiz trazer as reliquias q' os barbaros deixarão por ali espalhados por lhe não servirem, como livros e papeis ec e o corpo do santo p.e cõ o vestido interior, tinhase achado hua roupeta minha a qual lhe vestimos, e lavãdolhe o rosto e cabessa cheya de sangue e terra e feita em pedaços o cõpusemos em hua rede p.a o trazermos p.a o pe da serra.

Nisto me disserão q' ficava la em hu mato hu yndio e q' vivia ainda, mas q' estava morrendo e p.q' este era ainda catecumeno, temendo q' morresse no caminho sem baptismo se o mãdasse buscar p.q' estava longe, levei comigo hus poucos

de yndios e fui la e ainda me respondeo a alguas cousas que lhe disse, aparelhãdoo para o baptismo, baptizeio e cureilhe hua grãde ferida q' tinha na cabessa apertandolha cõ hu lenço meu, e assy o fiz trazer comigo, dali me fui ao logar onde morrera o p.e aver o yndio q' cõ elle morreo que tãbem arquejava ainda mas não lhe pude tirar palavra algua sem signal de acordo pello q' o deixey estar pello não acabar de matar cõ o movimento p.a o mãdar trazer depois.

Cõ isto me fui e me deci da serra trazendo diãte de my o corpo do p.e e ao pe da serra o enterrey, fazendolhe hu cimento de pedras sobre a sepultura pera sinal della, pondolhe tãbem hua cruz á cabeceira, mandei logo buscar os dous indios, hu delles estava ja morreo ao dia seg.te ambos os fiz enterar junto do p.e p. cuja defensão morrerão, hu de hua parte outro da outra ficando elle no meio.

Aqui se rematarão e coroarão tãtos trabalhos passados do santo padre cõ esta ditosa morte cujo intento era fazer m.tas ygrejas no sertão do maranhão, e cõverter as Almazonas (41) cortoulhe D.s o fio p. q' não era chegada ainda a hora. Hua das yndias q' os barbaros levarão lhes meteo medo dizendolhe vos outros aveis de morrer p. q' logo ham de vir os brãcos cõ instrumento de fogo a vos matar e vingar a morte do p.e que queria fazer pazes cõ vosco tomãdovos por filhos e ensinandovos a vida santa, e vos levais a sua rede cõ seu vestido que vos ham de ser causa da morte, respondeulhe hu q' lhe levava a roupeta dizes verdade p.q' já eu estou tremendo e enfraq'cido (e como estes barbaros são imaginativos, sem duvida morreria, p.q' so a imaginação de cuidarem q' alguem lhe lãça a morte basta p.a os matar) mas que já tu dizes isso (acrescentou elle) tornate e dize a seu irmão q' aquy fica tudo q' tudo q' o mande buscar, e fez por toda a roupa sobre hus paos altos, e se forão mãdãdo a yndia, a qual de tudo tomou a rede do padre, sabendo q' ficava eu cõ o chão p.r cama e p.r q'elles se tornassem a arrepender cõ toda pressa se veio e referindome tudo, me certificou de como dantes disto estiverão p.a me virem tornar a busca do caminho, a tarde se ajuntou comigo mais sete, mãdei ao dia seguinte corpo de mancebos a buscar tudo, mas pare q' os ta-

puyas atras a levar o q' deixarão por q' so se achou a casula, estola e manipulo e frontal e os breviarios levarão calix, alva, cordão e o missal e a farinha das ostias ec cousa q' me deu grãde pena deixarem me sem missa e sem sacramento naquelle desterro, seja o s.r cõtudo louvado pera sempre.

Depois q' enterrei o p.e ao pé daquella alta serra da ybiapaba em hu logar q' particularmente se chama Abayára (42) ao longo de hu rio dentro de hu mato, esperei algus dias pello principal q' estava ausente pera me despedir delle pellas caridades q' delle tinhamos recebido, veio finalmente, cõvideio p.a vir cõmigo p.a a ygreja e a outros principais q' ali se ajuntarão, elle porem sempre se mostrou de virem e em eff.to se apparelharão querendo logo desfazer as roças mas como eu p.r então não queria mais q' virme ao mar a esperar q' passasse o inverno que entrava pretendendo entretãto fazer algumas milharadas e avisar juntamente a meus sup.rns os detive dizendo que me queria vir diante a esperar que elles se aparelhassem no q' ficarão bem.

Foram-se p.a sua aldea e o diabo grãde celebrou e fez celebrar a todos as exequias do p.e a seu modo mãdãdo que se fizesse grãdes e publicos prãtos por toda aldea, e se ajuntarão os yndios na casa q' fora nossa, e ao pe da cruz q' no terreiro tinhamos feito levãtar fazendo nestes logares principalmente grãdes gritos e derramando muitas lagrimas, e os f.os do diabo grãde deixarão crecer o cabello tingindose e tisnãdose em sinal de tristeza q'lhe o seu luto (43).

Partindose elles p.a sua aldea, me party eu tãbem p.a o mar p.a casa do cobra azul (44) que serião trinta até 40 legoas; gastey no caminho 17 dias, mandey recado diante do cobra azul de como me hia para sua casa, emfim cheguei fezme mediocre gasalhado recolhendome em hua casinha q' me tinha mãdado fazer, deume logo hua rossa p.a prantar de milho, e eu fiz fazer outra e comprei outra e a fiz prantar de milhos feijões favas e bobaras, e aparelhãdome p.a os q' avião de vir do Ybiapaba, mas foi pouco o q' se colheo assy p. não chover (45) como por serem tãtas as formigas que destruião tudo, e como eu não tinha quem me tivesse cuidado de as matar p.q' cada hu tinha bem que fazer em acudir as

suas necess.e, fazerme en feitor mãdãdo fazer hua casinha no meio das rossas na qual me fuy morar levando comigo 4 ou 5 moços os quais me ajudavão a cavar e matar as formigas e queimadas a importunidade e multidão dellas venceo nosco trabalho, e neste t'po q' forão quatro mezes nosso comer forão algus fruitasinhas e peixe sem outra cousa, eu porem tive alguas castanhas de cajus e obra de huma quarta de farinha q' eu tinha trazido da Ybiapaba que fuy goardãdo p.a a coresma cõ a qual ajejuey toda condutãdo como era rezão.

Aparelhavãose neste tempo os da ybiapaba p.a virem e dous principais mãdarão os filhos diante temendosse que me partisse e os deixasse, mas como o imigo de nossa salvação não dorme, la revolveo os fãtasmas aos feiticeiros e lhe meteo em cabessa q' eu queria os trazer p.a os entregar aos brãcos em recompensa da morte do p.e p. ser morto em suas terras sem elles o defenderem, posto q' eu trabalhey estas suas imaginações como quer q' estava ausente não me foy possivel; cõ tudo isto querião vir muitos mas como o diabo grãde he sagaz, (46) armoulhe dous laços hu de medo outro de esperanças cõ q' os prendeo a todos metendolhes em cabessa e traçando q' irião prim.ro a dar nos tapuyas assalto p.a vingarem a morte do p.e e q' farião hu presente dos cativos, aos quais como em triumfo farião carregar os ossos do p.e e os trarião ao padre grande, e finalmente servirião p.a a ygreja depois de fazer estas diligencias e satisfação, nisto ficão mas não me parece que terá eff.to.

Depois destas traças e conselho me mãdou o diabo grãde visitar cõ dous irmãos seus de q'elle mais conta faz chamados hu o diabo ligeiro, e outro carepecu (47) grãdes cavaleiros estes me trouxeram dous cabassos de far.a q' terião dous alqueires q' chegaram a tempo em q' nem fruitas nem outras algua avia cousa mais q' algum peixe, logo reparti hu delles por toda a aldea sem ficar pessoa q' não tivesse seu quinhão cõ q' cobrey fama de liberal que se estendeo por todo o sertão p. q' não se falava noutra cousa senão na virtude do padre que em tempo de tãta fome se lembrava de todos e os cõvidava, esta fama se acrecentou m.to cõ o ordin.ro costume meu que sempre tive assaber que quãdo alguem me trazia

algum presente se eu tinha o q' mediocremente me bastasse, não lho aceitava, ou quãdo muito tomava algua parte para dar a algu mais necessitado, o q' vendo dizião q' bem differentes erão os padres dos brãcos q' nunca estes engeitavão nada por mais q' lhe sobejasse nem do que tinhão os cõvidavão antes me dizião o quãtas vezes desejavam de comer hu bocadinho de peixe ou carne q' nos mesmos matavam mas não podiamos nem cõvidavam os nossos filhinhos, isto tudo conto e estimo pella gloria do S.or e honra da com.a q' pera cõ estes se ganhava despois destes me mandou outro principal outros dous cabaços de farinha cõ q' me fuy remediãdo até q' ouve feijões e milho nas rossas.

Neste tempo q'gastei em casa do cobra azul não me faltarão purgas e tragos bem amargosos cõ q' o s.or foy servido de me exercitar em penitencia de meus pecados, algus referirei p.a gloria do S.or e salvação de meus p.es e irmãos.

Este negro cobra azul he grãde feiticeiro e valentão dõde lhe nace ser soberbss.o e falar sempre cõ grãde arrogãcia (48). No tempo q' eu estava na rossa, depois de lhe ter dado muitas cousas e lhe mostrar muito amor e confiança mostrando ele a mesma de my e mandandome muitos presentes, fuy hu dia visitar a todos, e passando pela sua posta perguntei p. elle e disserãome q' não estava dentro, entrey logo em outra onde elle estava cõ outros, e hu delles fazendo hu arco depois de os saudar louvei ao outro o fazer arcos, e acrecentei dizendo, quem me fará hu arco p.a o meu moço q' não tem cõ q' ir a cassar, ao q' o cobra azul acodio dizendo p.r q' o não mãdava eu fender hu pao p.a isso, eu cõ algua confiança lhe respõdy isso me dizes a my sabendo q' não tenho mais q' hu moço q' sempre me acõpanha e tem cuidado de my, mãda hu de teus f.os q' tens muitos e es senhor de toda esta aldea e todos se servem; calouse elle e dissimulãdo saesse e entra em sua casa falando alto e dizendo.

Parece q' este me quer tratar como p.o coelho (49) pois me reprende como elle me reprendia, se ele assy me trata em minha casa, q' fará se me colher la na sua, não sale elle q' estr aqui so e não tem quem o goarde?

E cõ isto toma hu machado as costas e saesse e vaise para a rossa q' era caminho por onde eu avia de yr p.a a minha; em elle saindo de casa ficava nella hua velha prima e junt.te sogra que já não tinha dentes de roer ossos humanos (50) a qual tomou o agravo a sua conta p.r ver o primo perturbado, e falando no mesmo tom acrescentou parece q' algum quer o q' o como eu pois farlheei bem prestes hu espeto e poloei nelle; tudo isto passou diante de hus mancebos que em sua casa se estavão apparelhando pera ir pescar. E entre elles erão dous moços meus, mas como estes são salvagens em muitas cousas, não forão ja me avisar, mas foraose a pescar e a tarde tornãdo vinhão cuidando e tendo pr certo q' me não acharião vivo. E chegando me disserão q' cuidavão q' me teria ja morto o cobra azul, no q' eu me achei novo, e perguntandolhe pelo caso me contarão tudo como tenho dito e alegando outro q' tambem ouvira tudo o mãdei chamar e soube delle o mesmo, estavão os meus moços bem afligidos e temerosos mas eu me fingy m.to seguro e os animey de palavra posto interiormente não me faltavão agonias, sabendo quão facil e gostoso he a estes matarem e comerem os de q' se dão por agravados. E era isto já tarde não ousey de fazer nada de my, mas confesso q' vigiey muitas horas aquella noite por não poder dormir encomendãdome a D.s e aparelhandome pera tudo.

Ao dia seg.te mandeilhe dizer q' me achava mal disposto q' p.r isso o não hia visitar q' quizesse vir a minha rossa q' tinha q' falar cõ elle, respõdeu eu yrei, mas não foy, e assim me teve cõ a mesma perplexidade aquelle dia e noite, ao outro dia mãdeilhe o mesmo recado, p.r q' queria de todo saber seu animo, respondeo ao moço, pois quem o mete a reprenderme, e cõtudo não foy; neste comenos levou D.s yndios cõ huas cartas do p.e gaspar de são perez cõ a qual ocasião mandei chamar a todos e elle tãbem q' viesse saber as novas, então veio cõ os outros e depois indose os outros o fiz esperar apaziguãdo e desculpãdome, finalmente ao dia seg.te me mãdou hu presente de cabaços verdes.

Durou porem pouco tp.o a amizade p.r q' dahi a algus dias se emfadou outra fez sem ocasião nenhuma mais q' dize

eu q' era falsidade certa mintira de hu indio q' fora do rio grãde levar p.r nova q' devagar estava minha vinda e q' não seria dahi a tres annos q' assi lho dissera Jeronimo dalbuquerq' e p.r q' elle gostava cõ esta nova cõtradizendolho eu, levantasse furioso bradãdo, espera, espera, espera e cõ estes brados dedoudo se sahio do meu aposento e não me falou dahi a muitos dias passando algumas vezes p' essa minha porta cõ grãde trõba, e se foi a cassa sem me falar.

Eu tãbem me fui p.r o mar q' estava dahi hua legoa (51) como ja dãtes tinha determinado cõ os moços q' me acompanhavão aonde fiz hua chossa e estive vinte e tãtos dias comendo peixe q' todos pescavamos, ao cabo dos quaes dias me tornei, e elle chegou dahi a tres dias e mãdou dosu quarto de porco de mato, e dahi a algus dias se me escusou de me não visitar dizendo q' eu não sabia ainda bem a lingoa cõ esta capa se deu por bem cuberto.

Neste tempo mãdei recado aos de Ybiapaba cãvidãdoos ultimam.te se querião vir comigo; entre os q' de la vierão vinha hum a quem elle mãdou pedir hua filha p.a molher ou manceba e fora outras duas q' tinha, e p.q', p.r minha ordem lha negou avisou a todos os de sua aldea q' nada dessem nem cõvidassem os meus e que alguas roças q' queria alguns tinhão dado lhas tomassem outra vez, e de effeito mãdou logo avisar a hua yndia q' não posesse mais pe na rossa que lhe tinha dado outro yndio, e cõ estes gostos passei quasi seis mezes que estive em sua casa, e sabe o S.or quantas vezes me fogia o sono, e meu punha a passear a mea moute por entre as redes dos moços que cômigo dormião no aposento, esperãdo como o nosso santo padre dom gonçallo q' entrassem a me acabar e me consolava com D.s e cõ a consideração do mesmo padre.

Estes yndios q' ultimamente vierão da ybiapaba trouxerão hua nova digna de se saber p.a nos cõpadecermos desta cega gentilidade da qual se hão de saber algumas cegueiras q' tem, tem grande medo de cair o ceo sobre elles e p.a empedir este mal, alguns delles pella manhã em espertando se levãtão e fazem fincapé no chão cõ as mãos ambas p.a o ceo p.a terem mão nelle q' não caia, e assi lhe prece que

fica direito para todo aquelle dia, tãbem os atromenta muito o medo de se abrir a terra e de os alagar o mar, os q' entre elles são feiticeiros falão com o diabo muitas vezes o qual lhes fala de noite, as escuras posto q' não o vem, ouvemos e dãolhe o fumo que beba, o qual vem estar no ar, mas não vê quem o tem, vem porem as bafaradas q' lança e lhes diz a vonta de hua verdade muitas mentiras e quãdo vão a cassa lhes diz aonde a charão e aonda esta mel (52).

A nova pois q' trouxerão os da ybiapaba foi q' passando dous yndios pello caminho junto da sepultura do padre pinto que D.s tem lhe aparecera o padre vestido em sua roupeta preta seu chapeo e sua rede as costas e hu côfo de farinha e um grãde cão de cassa, e lhes perguntou por dous grãdes feiticeiros mãdãdolhe recado q' logo hia ter cõ elles, forão elle cõtar esta nova a aldea, sairão os feiticeiros a interpretar, hus dizião q' era a alma do padre e outros outras cousas, por derradeiro sahio o feiticeiro em q' elles tem posto seu credito e fee dizendo q' não era senão o D.s creador dos mãtimentos q' os vinha criar para terem o que comer ec (53).

Estes da ybiapaba ficão m.to cõtentes por lhe ficarem os ossos do p.e em sua terra, o qual cuidão, lhe será valha couto dos brâncos e aos q' de la vinhão ameaçavão q' os não trouxessem! eu cõtudo mãdey a minha partida quatro yndios valentes saber se estavão já desfeitos p.a trazerem, mas acharão o corpo inteiro, outro ocasião avera em q' poderão vir os ossos. (54)

Chegou finalm.te recado do p.e R.tor de Pernam.co Anrique gomez em resposta das minhas cartas que viesse em tempo q'as milharadas estavão de vez, e o inverno era passado, mãdei recado a hua aldea q' estava no rio do ceará 25 ou 30 legoas mais pera ca pera o Jagoaribe pedindo q' me fossem alguns buscar pera me trazerem algum mantimentosinho, e tãbem me acompanharem em certo passo perigoso de tapuyas, forão elles e estãdo pera me partir se levantou outra tempestade nesta forma.

Este cobra azul tem um f.o mãcebo de 26 até 28 annos de boa indole, valente e bemquisto, estimado entre os seus tãbem se chama cobra azul o mosso, este desejava muito de

vir comigo p.ª o caeté p. curou cõ muitas veras de trazer o pay e todos os seus parentes finalmente estãdo eu p.ª se foi ao pay a lhe dar a ultima bataria com muitas rezões que p.ª isso lhe alegou, e achandoo sempre cõ a mesma dureza e esquivança, se sahio agastado e emfadado, quando veio ao dia seguinte de madrugada comessa a falar alto q' todos o ouvissem desta maneira contra o pae.

Aparelhaivos vos outros e vamos cõ o padre e deyxemos ficar a este que tem o meu nome velho (declarando o pay cõ este circunloquio por modo de despreso) porque eu levarei o padre a sua casa, já q' este se não lembra dos grilhões em q' o p.º coelho o teve três annos, e eu fuy a causa de os brãcos, e não enforcarem, estando pera o fazer tres vezes, não sei em que cõfia, e sendo eu seu deffensor e arrimo quem lhe será agora bõ indome eu, hora já que assi quer fiquese elle e nos vamos nos cõ o padre.

Esta foi a pregação do cobra azul o moço, e logo pela manhã se foi ter comigo, a me referir o q' tinha dito acrescentando que confiasse eu nelle que já não era menino que se arrependesse e que bem sabia já falar diante de gente e sem duvida me traria a minha casa, e que seu pay que avia medo delle plo que estava bem fora de lhe pegar do brasso e lhe empedir a vinda acrescentãdo outras muitas cousas com que me pareceo hu anjo, eu o animey cõfirmãdoo em seu bom preposito dizendolhe, q' já avia dias q' conhecia seu bom animo e que posto q' já tinha fama de querimbaba (55) e valente todos lhe querião bem, cõtudo q'agora sua fama e nome se estenderia mais e os brãcos o conhecerião e os padres todos lhe farião muito bõ gasalhado, e roçaria em muito boas terras, aonde vivesse m.to a sua vontade e lhe agardecerião cõ boas obras o trazerme.

O pay ficou perturbadiss.º com ver cõtra si o f.º p.r minha parte, e todo aquelle dia esteve brusco e empeconhentandose pera o dia seguinte mostrar o veneno; levantasse de madrugada, e espertãdo todos comessa a dizer ide vos outros ide e levay o abaré (56) q' elle vos irá vender e destribuir a seus parentes e sereis todos escravos, e vos outros q' viestes cõ elle de caete, agora passareis de largo por defonte de vossas

casas e cõ saudades desejareis de chegar p. ellas mas debalde p. q' ireis pera onde vos elle vender e falando p. irronia, dizia e eu q' não sei o q' faço me ficarey aqui perdido e miseravel, dandose p. sup.or no saber a todos os mais q' erão necios em se entregarem ao cativ.ro vindo comigo.

Amanheceo finalmente o dia seg.te q' avia de ser o ultimo de minha estada, aparelhamo nos pera nos partimos e mãdey p.ª q' ao outro dia p.la manhã nos partiriamos, mas q' prim.ro nos ajuntassemos todos no terreira e dali nos abalariamos! aquella noite foi a de mais medos e arreceios, p. q' como era a ultima e o coração daquelle barbosa estava tão azedado quasi q' me persuady q' se atreveria a cometer algua cousa, quis chamar quem me guardasse, mas por não voroçar ou dar a entender meu medo o não fiz, ainda q' elle poucos dias avia q' tinha dito que antes q' nos viessemos nos avia de matar, e enfim passou aquella cõprida noite de angustias, e pla manham nos ajuntamos todos no terreiro aonde estando todos ajoelhados diante de hua cruz recitey o itinerário em voz alta, o qual acabado desparandose hu mosquete nos despedimos ficando o barbaro dentro da casa sem parecer fora, passei lhe pla porta e da rua o saudey e elle... de dentro me respõdeo vaite embora; não lhe agradeço a elle não me matar q' boa võtade me mostrou, mas agarde o a divina bondade que me livrou dos salvagens tapuyas, e delle tambem, mas estes são os passos em que se medita bem na morte vendoa de perto.

O filho deste tãbem se partiu comigo e quasi toda a aldeota, a prim.ra jornada cobra azul o moço foi tão prudente que ainda que vinha agastado cõtra o pay, cõtudo me foi falar plo pay dizendome q' não me lembrasse de nada q' seu pay sempre tivera costume de falar aspero a todos, e q' era costume dos grãdes morobixabas pera terem autoridade e que elle o mãdava comigo pera que me trouxesse e visse o q' passava na Igreja pera depois vir tãbem e que não quisesse eu apartar de todo a seu pay de my.

Eu o cõsolei dizendo, q'mais me lembrava das boas obras que me fizera que de suas pallavras, q' não cuidasse que lhe queria mal, e bastava ser seu pay ec.

Dali a tres ou quatro jornadas chega apos nos hu mãcebo sobrinho seu pello qual p.ª atemorizar os meus e fazer tornar o filho e parentes como feiticeiro e sabedor das cousas futuras, lhe mãdou dizer q' todos morrerião no caminho, e q' os outros da aldea pera onde vinhamos nos não avião de dar hua sede dagoa q'pe pereceriamos a fome, e cousas semelhãtes com q' perturbou muito aos q' vinhão comigo, p. q' dão mui facilmente entrada a imaginações e ficções de feiticeiros, mas cõtudo ninguem se me tornou.

Chegamos a outra aldea q' esta junto ao rio chamado Ceará vinte (57) e cinquo legoas alem de jagoaribe, receberão nos com festa, caminhos feitos, emboscadas, tamboris, ec. tinhão me feito hua casinha muy bonita de pindoba (58) adõde me recolherão parecendolhes q' lhe vinha todo o remedio contra os brãcos q' até agora os tinhão feito andar brenhas e rochas escõdidos; e hu velho me veio visitar e me disse quãdo oje vinhas não te pude yr fallar p. q' estava chorãdo de alegria de ver agora juntos por amor de ty e estes meus parentes q' até agora ãdavão pellas covas e brenhas escondidos mas agora so nos ficão as saudades q' temos de nossos f.os e filhas q' os brãcos nos levarão pedindome cõ isto lhos fizesse ir de ca.

A estes indios de ceara cõvidey, e tinha já dantes cõvidado q' viessem pera a ygreja q' além de averem de ser f.os de D.s estarão livres dos tapuyas e mais inimigos q' até agora os desbaratavão, e que na ygreja, estarião livres das ynjurias dos brãcos que he o em q' mais falão q' tudo, porem tinhaos ja prevenido Jeronimo dalbuquerque com tres ou quatro recados que lhe mandou q' não se bolissem nem desemparassem suas terras e patria antiga de seus antepassados e q' não ouvissem minhas palavras nem lhe dessem orelhas q' logo iria outro padre a morar cõ elles e lhe fazer ygreja, e outras m.tas cousas a este tom e tais q' p. ellas não dizerem cõ a pessoa de jeronimo dalbuquerq' lhe não dei credito, e me persuadi q' serião fingidos pellos messageiros, ainda que he verdade que estes senhores não cuidão outra salvação dalmas mais que me quanto não se emcõtra cõ seus interesses.

Vendo eu q' os mais não q'rião vir procurei então de os ajuntar todos p. q' em todo aquelle certão do jaguaribe aonde dantes avia grandiss.º n.º de aldeas agora serão por todos grandes e pequenos, como oitocentas almas, os quais estavão em sete ou oito aldeotas, de todas ajuntey os principais, e os persuadi se ajuntarem a roçar em certa parte mais acomodada traçandolhe as casas e levãtandolhe uma fermosa cruz de cedro lavrada cõ seu tt.º cousas q'elles estimarão muito e lhe pus nome a aldea de são Lourenço por ser em seu dia levãtadª a cruz, e agora esquecendóse do nome antigo daquella terra lhe chamão São lourenço, (59) deixeios animados e cõ segurãça dos branquos que ja os não farião escravos, nem lhe farião guerra E q' eu os encomendaria ao s.or g.dor q' os deffendesse e emparasse delles, dei aos principais alguas reliquias de ferramenta velha q' ficou dos tapuyas, mas nem p. isso os contentey porque cuidão q' tudo isso e muito mais se lhe deve, aonde não abrangerão os machados e fouces dei alguas facas ou tizouras e entre estes avia hu p. nome lagartixa espalmada (60) o qual era sobrebiss.e e antes q' eu viesse varias vezes me ameaçou q' me avia de matar e aos meus, e p. lhe dizerem outros alguns louvores meus com q' o abrandarão, ultimamente disse q'se avia de ir da aldea antes q' eu chegasse p. me não ver e pello não enganar cõ minhas palavras fazendoo vir pera a ygreja, mandey do caminho desemganar q' não fugisse de my q' não queria senão q' roçasse em sua mesma terra, e que lhe daria cõ q' roçar, elle cõ tudo se foy apanhar algodão e não estava na aldea quando eu cheguey.

Veio porem dali a dous ou tres mas não me foy visitar até q' eu o chamey; detevesse ainda hu pedasso depois de meu recado em fim veio cõ hu maço de frechas e seu arco na mão, e elle todo almagrado cõ urucú e depois de nos saudarmos a prim.ra cousã que me disse foy q' não me pertubasse p. lhe ver as frechas na mão q' o seu costume era trazellas sempre nisto pedio fogo a hu moço meu, e acendendo a palma em que trazia o fumo pera beber me offereceo, respondilhe q' não custumava a beber fumo.

Tratamos então pratica em q' eu o assegurey de o querer trazer, e que já o conhecia e amava como f.º e elle então

me fez hua grãde pratica em que dizia q' eu fora a causa de elle sair das lapas e matos e roçar em publico, o q' estava fora de fazer se algun brãco q' não fosse padre e q' já agora estava descansado, e outras cousas a este tom, prometilhe hua fouce p.ª roçar posto que lha não dei logo, com que se despedio muito apasiogoado, aquelle mesmo dia a noite estando os principais todos em terreiro praticando como costumão, sae elle de casa e em vez alta comessa a falar desta man.ra com os parentes:

Não sabeis vos q' sou eu o vingador mor, q' ninguem me fez cousa q' me não pagasse, q' me vingarei dos tapuyas e dos mais contrarios de todas as mortes dos meus pois quem he agora o q' p. detraz anda murmurando de my dizendo que me auzentei p. não ver o p.e, quem isto diz mente e quem me fez a my sair dos matos por ventura a vos outros he grande falsidade, p. amor do p.e sahi eu a pco. e estou oje sem nenhu temor, ora isto baste q' sois todos huas molheres; ouvirão todos mas ninguem falou pallavra.

Ao dia seguinte mais p. medo q' p. võtade lhe dei hua fouce pera roçar, soubeo hu principalete a quem eu so tinha dado hua faca: indignado comessa a pregar dizendo estou mui agastado e agravado cõtra o p.e que dá fouces a quem delle murmura e fala, e a my não me deu fouce, será p. ventura p. q' eu o não cõvidey, neste tom esbravejou dandome muitas remocadas p. q' não me tendo o outro dado nada elle me trouxera por alguas vezes hus mingaos de mãdioca brava q' caro me custarão, mas de tudo isto teve o S.or por bem de me livrar; partime finalmente daquella aldea aos 19 de Ag.to de 608 e estando aposentado dahi a legoa e mea me darão hu escrito do p.e gaspar de samperez que em hu barco de jeronimo dalbuquerque cõ alguas farinhas e milho me hia buscar; no que emxerguey a muita caridade sua por q' p.a este effeito desfez hua roça em farinha e fretou o barco e em pessoa se meteo nelle apostandose a vivel ou, morrer comigo, foi este hu dia de resurreição pera hu pobre q' de tãtas mortes andava cercado, mandeilhe logo outro escrito e ao dia seg.te me fui logo embarcar e viose a providencia de D.s q' os marinhr.os não conhecidão a terra e cuydando q' estavão

em hu porto se acharão em outro, e chegarão em o mesmo o dia em que eu de caminho tãbem chegava.

Detivemonos neste pto 17 ou 18 sem poder sair com ventos contr.os até que dia de nossa s.ra do nacimento navegamos; não pode vir toda a gente no barco assy por não ser capaz como p. não aver tantos mantimentos por ser m.ta a detença no porto; embarcamos sòmente os da ybiapaba por q' os do jagoaribe os não matassem q' são os seus antigos contrarios (61), os demais se partirão p. terra de vagar, são por todos os q' comigo vinhão 160, estando p.a me embarcar me disserão q' se aprestarão mais dous principaletes, (62) se vierem chegarão a 200 almas chegamos ao rio grãde aonde fomos recebidos com muita alegria do capitão mor Jerônimo dalbuquerque, e Antonio ferr.a tenente e do mais, e com.ta caridade do p.e dos montr.o e diogo nunes; ali me detive alguns dias esperando embarcação e tempo até q' D.s o deu seja elle louvado em tudo e tudo seja p.a sua honra e gloria; isto me offereceo p.a dar cõta a V.P. em cuja benção me encomendo oje 26 de Março de 608, Luis Figr.a (Pera ver o nosso P.e Claudio Aquaviva Preposito geral da Comp.a de Jesu. Roma).

MESTRADO EM HISTÓRIA - UFC

CAPITULO IV

NOTAS E COMENTARIOS

(1) Os índios chamavam *verdadeiros* os matos frondosos, as florestas altas, as matas driáticas que, em língua tupi, tinham o nome de *Caeté*, alteração de *caa*, mato, vegetação, e *até*, sufixo de reforço, aumentativo, significando também: por excelência, verdadeiro, real, principal.

(2) A ausência de Pau-brasil (*Cesalpinia echinata*, Lam) nas matas litorâneas do Ceará para o Norte, já naquele tempo se tornara notório. Em lugar do Pau-brasil se encontrava o Pau-ferro (*caesalpinia ferrea* — Mart) da mesma família e gênero. A espécie, restrita às florestas litorâneas, só era encontrada do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Norte. No interior havia escassa ocorrência; o botânico P. von Lueltzelburg encontrou-a raramente na serra do Araripe, perto do lugar Brejo da Areia. Entre os "paus de tintas" como para catres, mesas, etc." de certo Figueira se referia à tatajuba, árvore muito comum na zona litorânea e sublitorânea. Temos diversas espécies de uschura, cuja madeira fornece tinta e já no período colonial foi objeto de comércio, sobretudo por parte de flibusteiros franceses. Outras plantas de lenho ou casca tintorial como o pau branco (auxemma oncecalyx) o jenipapo (genipa americana) o cajueiro (anacardkum occidentale) ou de aplicação na construção de móveis (catres, mesas, etc.) e até mesmo de valor medicinal, etc. tinham sido conhecidos pelos índios e depois aproveitados pelos colonos.

(3) *Veado arcado*. O Pe. Figueira, logo no começo da sua *Relação*, dá uma breve notícia a respeito da região do Maranhão que, naquele tempo, incluia todo o Norte do Brasil, inclusive o Pará e o Amazonas. Esta notícia fôra baseada em informações que recebera dos índios, provàvelmente no decurso da "Expedição", mas, sobretudo durante a estadia na serra da Ibiapaba. "Tudo isto, diz o autor da *Relação*, me consta por várias informações de índios que lá foram em vários tempos, com quem falei; afirmam o que viram, outros o que ouviram a seus parentes". No relato dos índios havia

muita coisa fantástica; é provável que o arguto missionário tivesse selecionado o que lhe pareceu mais razoável. Entretanto, não o conseguiu de modo completo. Lê-se na *Relação*: "Há certo gênero de animais a que êles (índios) chamam veados arcados, os quais são muito semelhantes a camelos na grandeza e pescoço comprido e no serem arcados ou gibosos, e mais me afirmo em terem pontas como veado".

Os tupis chamavam ao nosso maior veado, o que os sertanejos chamam de *galheiro*, de *suaçuapara*: *suaçu*, veado (caça, bicho que se come ou animal grande), e *apara*, torto, curvo ou encurvado, arqueado (arcado). Para o índio, a palavra *apara* referia-se aos chifres encurvados e não ao corpo do animal (giboso) como entendera o nosso missionário. O galheiro nada tem que se pareça com giba, não obstante o nome científico do gênero a que pertence sua espécie.

O veado arcado é, conforme Fernão Cardim, "muito grande, como formosos cavalos". Raro na Bahia, abundava nas matas do interior; na ilha do Maranhão, diz Claude d'Abbéville, havia "corças e veados assás semelhantes aos nossos (europeus) e que se denominam *suaçu-apar* (souassouapar) (1). O comentador de Cardim observa que a expressão *apara* como adjetivo, quer dizer o que verga, vergado, curvo, contorto. Daí, naturalmente, arcado. Convém lembrar que na fáuna brasileira há outra espécie de *cervídeo* com chifres, o veado campeiro (Hippocamelos bezoareticus); mas, enquanto o suaçuapara dispõe de uma armação enorme (quase meio metro de comprimento, podendo ter 29 pontas) o outro tem-na muito menos (no máximo com 25 centímetros, dispondo no máximo apenas de 3 pontas). Enquanto aquêle, que é a maior espécie sul-americana, chega a medir 2 metros de comprimento por 1,30 de altura, podendo ser realmente comparado a um cavalo, êste sòmente alcança 1,45 m. de comprimento por 0.80 de altura. As demais espécies brasileiras não têm galhada, sua armação é simples.

---

(1) *Nas notas comentando a obra do Capuchinho francês, R. Garcia observa que* apar *significa "vergado, curvo, de referência a armação".*

(4) *Superstição dos índios:* matar animais mansos, tímidos, inermes, torna o matador fraco e covarde. Por isto, os veados arcados eram poupados, pois, como regista Figueira, por "não serem bravos tem os índios por agouro matá-los, dizendo que matando-os ficarão frouxos e pequenos." Daí conclui o autor que êste animal "deve ser fácil de domesticar e amansar". Isto, entretanto, não é certo. O *suaçuapara* é o mais bravo dos cervídios brasileiros; "é o único veado que acua e então é de temer pelo perigo das suas formidáveis hastes ramosas e ponteagudas" (Henrique Silva) (2)

(5) *As Amazonas.* Os índios, provàvelmente da Serra da Ibiapaba, deram notícia das mulheres guerreiras e sem marido do rio Amazonas. Êste curioso mito estava espalhado entre os *tupinambá* não só do Maranhão como de outras regiões. Yves d'Evreux ouvi-o dos tupinambá da ilha do Maranhão; os apapocuva não o ignoravam; os tupi da região ocidental da bacia do Amazonas, tinham conhecimento da curiosa lenda e, também os do interior da Guiana Inglêsa, como atesta Schomburgh. Não se sabe como esta lenda, que se nascera e se desenvolvera na Ásia Ocidental e Grécia, chegou ao Amazonas, onde Francisco de Orellana (1511/1549) a encontrou nas proximidades da foz do rio Jamundá, em 1543, justamente onde começava o que chamava de "boa terra e senhorio das Amazonas".

O mito relaciona-se com os muiraquitãs, as famosas "pedras verdes", daquela região. No Alto Amazonas, os índios diziam que as mulheres guerreiras reuniam-se anualmente à margem do lago Jacinara (Espelho da lua) onde celebravam uma festa pelo seu fortuito conúbio com os homens; e ali se obtinha o material para fabricação das referidas pedras. O fantasioso Frei de Carvajal, que descreveu a viagem de Orellana pelo rio *Maranon* abaixo (2a) das cabeceiras ao mar,

(2) *Conhecido caçador brasileiro do Brasil Central.*

(2a) *"O Rio do Maranhão de que se denomina todo aquêle sertão nada tem que ver com o Maranon, o atual rio Amazonas. As baías de S. Marcos e S. José eram para*

observa que as Amazonas brasileiras eram muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, muito membrudas e andavam nuas em pêlo. Elas, refere o cronista, atacaram a expedição de Orellana em cuja ação morreram sete ou oito; e o fizeram com tanta vantagem que o Capitão, receoso do êxito da peleja, fez-se ao rio apressadamente e se pôs ao largo. A escaramuça partiu de uns índios comandados pelas Amazonas, que exerciam sôbre êles uma feroz ascendência; se algum dava as costas, "ousavam mostrar as espáduas e ao que fugia diante de nós, elas o matava a pauladas". Uma delas "meteu um palmo de flecha por um dos bergatins e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco espinho". Tal era a fôrça dessas terríveis mulheres.

A expedição de Orellana, já nas cabeceiras do Maranhão, ouvira dos índios referências às Amazonas, como nas aldeias do cacique Apária, situadas além da embocadura do rio Ucayali.

No *Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas*, Relação escrita pelo Padre Cristobal de Acunã S. J., sôbre a viagem de Pedro Teixeira (1637-1652), há algumas notícias a respeito das mulheres guerreiras. O cronista admira-se dessas mulheres terem dado ao grande rio seu próprio nome, e, embora diga que só crer no que vêem seus olhos, ouvem seus ouvidos e no que com cuidado averigua, deixa supor que, neste caso (das Amazonas) não se trata de uma mentira porque não é crível que uma mentira se podesse ter enraizado em

.....Figueira a "boca do rio do maranhão". Vê-se que sob a denominação do rio conhecia-se "tôda aquela região", isto é, aproximadamente a zona litorânea e sublitorânea do atual estado do Maranhão, ao que parece, do rio Parnaíba ao Pará. Corrente era então êste modo de indicar uma região pelo nome de um rio importante, tido pelo maior. Foi assim, por igual processo semântico, que a capitania do Ceará, depois Província e hoje Estado, tomou de um pequeno rio o seu nome.

tantas línguas e tantas nações com tantos visos de verdade.

La Condamine, na sua "Relação" da viagem pelo rio Amazonas (abril de 1745) apenas fez breve referência à fábula: "A estas montanhas (Tumuamac), segundo as tradições do país, se recolhiam as Amazonas de Orellana.

Ora, se frei Gaspar de Carvajal (que diz ter visto as mulheres guerreiras) e o Padre Cristobal de Acunã deram crédito ao que os indígenas a respeito delas contavam, não é de admirar que o Pe. Figueira, homem daqueles tempos de tanto misticismo e pouca cultura, também o fizesse. Todavia não é possível do seu relato deduzir-se com segurança o seu próprio parecer, malgrado os detalhes que acentuou a respeito. Parece depor a favor da sua crença no mito o fato de haver registado entre os projetos de seu companheiro morto, após a conquista do Maranhão, a conversão das Amazonas. (Ver nota 35)

A verdadeira lenda da nação de mulheres guerreiras existira, no *Pontus*, perto do mar Euxino, na Capadócia; sua capital chamava-se Themiscyra, e estava situada à margem do rio Thermodon. Daí saíam em excursões bélicas para a Cytia, Trácia, costas da Ásia Menor, ilhas Argeanas, e outras terras vizinhas. Também, como as do norte do Brasil, não admitiam homens na sua companhia, mas, uma vez por ano, procuravam uma tribo vizinha para se fecundarem. Os filhos machos eram mortos ao nascer ou mandados para seus pais. Ainda, como no norte do Brasil, elas faziam a ablação da mama direita para melhor manejar o arco. Os gregos ligaram-nas a algumas das suas velhas lendas e delas fizeram lindos motivos de arte. Não foi possível ainda descobrir a origem dêste mito tão largamente espalhado.

Não se conhece a exata etimologia do vocábulo *Amazonas*. Para alguns etimologistas o *a* seria "intensivo" (e não privativo) e *mazon*, do grego, mama, isto é, amplos seios (mulheres de). Sendo, porém, o *a* privativo, como parece mais natural, seria: mulheres sem peitos, alusão a ablação de uma das glândulas mamárias. Seria interessante descobrir como e quando a lenda chegou à América.

(6) A barra do rio Jaguaribe e suas imediações estavam então infestadas de *tapúias*, inimigos dos tupis e aliciados de Pero Coelho, que deles se servira para o ajudarem nas suas tropelias e manobras destinadas a prear potiguares para escravos. A messe mais estimada da expedição que aquêle capitão empreendera era certamente essa mercadoria. Tinham já passados uns dois anos que o dito Capitão mor se vira impossibilitado de continuar a caça de "brasilianos" e, não obstante, os tapuias continuavam perseguindo os índios que escaparam à razia, e ainda, por aquelas paragens, se mantinham com muito sacrifício, escondidos pelos matos. A situação em que Coelho deixara os seus aliados indígenas era miserável. A notícia da passagem dos padres os atraira. Procuravam, tímidos e desconfiados, os missionários; "vinham êstes pobres sem arcos nem flexas, como fugitivos cativos, vendo-nos tomaram fôlego, e como ressuscitados da morte à vida se alegravam com seus parentes." Êste estado de coisas se estendia do Jaguaribe ao estuário do Rio Curu, pois nesse tão largo percurso os padres iam encontrando Jaguarigoaras destroçados e fugidios. — Que tapuias eram êstes?

Os cronistas portuguêses chamavam tapuias aos índios da "língua travada", isto é, para êles todos aquêles que não falavam a "língua Geral".

A língua Geral era o tupi e alguns dos seus numerosos dialetos que os missionários aprendiam e de certo modo disciplinavam, ajeitando-os ao serviço da catequese. Chegou esta língua um tanto artificial a divulgar-se tão largamente pelas costas do Brasil e a bacia do Rio Amazonas que bem merece o apelido de Geral. Assim, a maioria dos indígenas cearenses eram tapuias, inclusive os de grupo Cariri. Sòmente os potiguaras do litoral e os tabajaras da Serra da Ibiapaba não o eram.

Ao tempo das primeiras explorações, o território do Ceará estava ocupado por uma população indígena relativamente numerosa, e de diversas procedências. Os índios mais antigos constituiam o grande grupo dos *tarairiús* que, subdivididos em muitas tribos, habitavam principalmente tôda região entre a praia, o vale do Cariri e as escarpas da serra da Ibiapaba. Estendiam-se para sul até além do Rio São Francis-

co. Neste âmbito todavia se sediavam também outras famílias indígenas diferentes. No vale do Cariri e algumas das suas imediações viviam os índios dêste nome. Em parte do litoral (trecho oriental) e na chapada da Serra da Ibiapaba, sobretudo ao norte, habitavam índios da família tupi. As praias setentrionais, especialmente entre as barras do rio Aracatiaçu e Parnaíba eram o *habitat* dos índios *tremembés* ou *taramembés*. Excluídos os tupis das praias orientais e da Ibiapaba, todos ou outros índios seriam tapúias; falavam o que os velhos cronistas, revelando grande ignorância, chamavam a "língua travada".

Os tapuias que a êstes caso interessam seriam os da família *tarairiú*. As tribos que se avizinhavam da região referida isto é, da que se estendia pela costa, da barra do Jaguaribe ao estuário do Curu, deviam ser a dos *genipapoaçu*, dos *paiacu* e *kitariú*. Na região a leste, porventura da barra do Apodi até além da do Açu, dominavam os *jandoins* ou mas pròpriamente *otxucayana*.

Através dos cronistas holandeses conhecemos muita cousa da etnografia dêste povo genuinamente *tarairiú;* esta expressão não é própria da língua por êles usada; é de origem tupi. *Taraira* é o nome do peixe d'água doce *Eritnrimus erithimus* L., muito comum em todos os rios, lagoas e açudes desta região. É animal carnívoro e agressivo de côr escura, qualidade que, em virtude de alguma analogia, teriam talvez, influído para o apelido dado àquela gente pelos tupis.

Os holandeses que estiveram no Brasil colonial se mostraram bons observadores da natureza e da vida social dos indígenas, porém péssimos coletores de idiomas. A palavra *jandoim*, que é da língua tupi e significa aranha pequena, foi por êles grafada de várias maneiras: *jandui, jandovi, janduy* e até *jan de wy*, etc.

Até 1935, os índios da família *Tarairiú* eram geralmente tidos como pertencentes ao grupo *Cariri*. Assim pensavam Capistrano de Abreu e todos aquêles historiógrafos que copiavam as notícias etnográficas do mestre sem o necessário exame crítico. Naquele ano, o autor destas linhas, em Fortaleza (Ceará), e o lingüista tcheco *Tcestmir Loukotka* em Praga,

estudando raros remanscentes da língua, independentemente, chegaram a conclusão de que os *tarairiús* eram *cariri*. Resolveu então o autor, aprofundar os estudos relativos a êste povo e, depois de exaustivas comparações, verificou que a sua língua não se podia enquadrar em nenhuma outra até então conhecida da América do Sul; devia, necessàriamente, constituir um grupo linguístico independente.

Os índios *tarairiú*, os *tapuias* do Pe. Figueira, distinguem-se dos *cariri* não só no falar, como na cultura. Uma e outra coisa são muito diferentes. Estudos demorados da língua cariri, de que se possui boa documentação, mostraram que ela se enquadra perfeitamente no grande grupo a que pertencem também as línguas tupi-guarani, aruaque e caraiba (3). Os cariri eram do tronco Brasílido e os tarairiús do tronco Láguido.

(7) Evidentemente, aqui, o Pe. Figueira chama *Jagoarigoaras* aos índios do grupo tupi que viviam no Jaguaribe. A expressão significa realmente, os habitantes ou moradores de *jaguari*. O assunto requer algumas considerações.

Jaguari ou *jagoari* é o rio das onças, donde: *jaguaribe*, ou rio das onças. *Jagoaribara* ou *jaguarigoara* seria, pois os índios moradores no rio das onças. Importa saber se a referência seria mesmo ao rio ou à capitania, ou melhor, à região do *Jaguaribe*. Ora, poucos eram os *potiguaras* que viviam às margens do estuário dêste rio; em maior número habitavam ao longo do mar, em certos sítios daquêle rio, às margens do Curu ou um pouco além, para a banda do norte. Esta circunstância faz supor que o missionário estendia a denominação à região, porventura a "capitania" que logo depois se chamou de "Jaguaribe" abarcando oficialmente o trecho da costa cearense entre o braço mais ocidental do Rio Açu (Rio Guararaú) até o Pecém.

Todos os habitantes dessa região eram *Jaguaribaras*, ou

---

(3) — A propósito da colocação dos Cariris no tipo-étnico Brasilido, ser a "Prehistória Cearense", Monografia n. 3 da "Hist. do Ceará" (1955).

Jaguaruaras, como os da província do Pará eram ou são *parauaras* ou mais correntemente, *paruaras*. No tupi do norte, trocava-se o *b* por *u* ou *w*. Não obstante esta acepção, ainda, entre os velhos cronistas, corre a expressão como se fôsse a denominação de uma tribo ou grupo de índios. Êstes indígenas no século XVII ou começo do seguinte, umia vez por outra, pervagavam nas imediações do Forte de Nossa Senhora da Assunção. Provàvelmente, eram *tarairiús* que viviam às margens do Jaguaribe e estendiam as suas expedições até por aqui, bem perto, quiçá perseguindo os remanescentes potiguares e mais tarde os mesmos colonos.

Em vista do que se anotou, pois, o vocábulo Jaguaribara pode significar então:

1) morador do Rio Jaguaribe;
2) morador ou natural da Capitania ou região do Jaguaribe;
3) uma qualquer tribo de índios tapuias moradora na região daquêle rio; expressão etnônima.

Cumpre, em cada caso que se nos depare a mesma palavra, indagar do seu sentido especial.

(8) *Brãcos que, hião pescar âmbar.* Ao que parece as primeiras explorações do caráter econômico em terras cearenses, foram a caça de âmbar pelas areias da praia, e os brancos que se davam a esta atividade não seriam muito pacíficos, pois até dêles receiavam os índios escarmentados.

(9) Os índios "mostrãdo grande prazer e alegria certificado de não irem em nossa comp.a portugueses dos quais algus destes tinhão fugido tendoos elles amarrados e cõ as mãos atadas". Por aqui se vê como Pero Coelho conduzia as suas vítimas, destinadas ao cativeiro, (amarrados e com as mãos atadas).

(10) Durante algum tempo os historiógrafos não tinham como certa a escravização dos índios por Pero Coelho, na sua entrada pela costa nordestina em busca da Serra da Ibiapaba e Maranhão. A *Relação do Maranhão* esclareceu meridianamente o caso. "Um dia, escreveu Figueira, alguns dos nossos (índios que acompanhavam os padres) acharam um nos andava espreitando para saber de certo quem éramos e

para onde íamos, trazido êste (à nossa presença), contou como tinha escondido dois outros companheiros e umas mulheres e meninos; foi (isto) para êles como se ressuscitassem, mostrando grande prazer e alegria certificados de não irem em nossa companhia portugueses *dos quais alguns deles tinham fugido* (depois de os terem) *amarrado e com as mãos atadas e acrescentavam que lhes tinham mandado presos para a Bahia seus filhos, irmãos e irmãs e primos para serem cativos e que por isso êles e os mais andavam tão amedrontados e não se fiavam de nenguém".*

(11) Pará é o atual Rio Curu. Em alguns casos se encontra a expressão híbrida *Opará.* Devemos anotar aqui que os expedicionários jesuítas não viram coqueiros na sua viagem até o Pará, por isto que o Pe. Figueira não se refere aos plantados por Pero Coelho, ao tempo em que passou pelo lugar, perto dali, já então conhecido por *siupé.* Provàvelmente, um a dois dias antes de terem êles chegado ao Pará, teriam passado pelo oiteiro, às margens do rio São Gonçalo, onde aquelas palmeiras germinaram. É possível porém que os padres houvessem vadeado êsse rio em lugar diferente, algo distante do "Oiteiro dos Cocos". Pero Coelho, ao obter do Governador-Geral do Brasil Diogo Botelho, a licença para a sua entrada e conquista da Ibiapaba, recebeu alguns *cocos secos* (*Cocos nucifera, Linn*) e a incumbência de semeá-los onde julgasse mais conveniente. Fê-lo no oiteiro referido, no fim do ano de 1603. As drupas germinaram e na sua volta, o Capitão e a sua comitiva viram as palmeiras no oiteiro a que depois chamaram côcos... "os viram nascidos com muito viço" (Frei Vicente do Salvador, 1627). Diogo Botelho trouxera de Portugal a recomendação de plantar por tôda costa (do Brasil) palmeiras de côco (Pedro Calmon).

(12) Esta enseada "em altura de quatro graos é de grandes pescarias". Parece estranhável que já naquele tempo qualquer lugar das costas cearenses tivesse se notabilizado por ser de "grande pescarias". Quem já então pescara por aqui? Nesse lugar, onde os expedicionários passam 5 dias descansando e se abastecendo para o prosseguimento da viagem, encontraram um chefe potiguara, chamado *Acajuí* que

os recebeu com festas. A alegria de *cajuzinho* foi grande porque os padres lhe trouxeram um sobrinho e outros parentes, arrebanhados de entre os cativos que Coelho fizera no Ceará. *Acaju* é palavra tupi, o fruto do Cajueiro.

(13) *Crejupe* que é o seu modo de dar as boas vindas.

(14) Não pode haver dúvida sôbre que o ano de 1607 foi de bom, talvez mesmo de grande inverno. Esta passagem e outros trechos da *Relação* são, a respeito, bastante explícitos.

O rigoroso inverno de 1607 tornou-se incômodo aos padres na travessia da Serra da Uruburetama, e até mesmo no transporem as várzeas dos maiores rios muitas foram as dificuldades com as lamas e atoleiros. Já o ano seguinte não teria sido bom, por falta de chuvas

(15) *Serra dos Corvos* é a que se regista na nossa geografia com o nome de Serra da *Uruburetama*. Urubu é na nomenclatura cientifica o *Cathartes*, provàvelmente da espécie *foetens* que é a mais comum no Ceará ou "corvo"; *retama* provém da voz tupi *etama*, terra, ou *retama*, não referida à gente ou ao índio mas com o sentido inferior, terra de bicho. Daí: *uruburetama*, terra de urubu. Não é despiciendo observar que *corvo* é o nome que os portuguêses aplicavam a um pássaro de côr preto, do tipo da *gralha* (corvidie); portanto, é impróprio dá-lo ao nosso urubu que é de família muito diferente (Catartidie). Realmente a expressão atual nada mais é do que aquela, traduzida para a língua tupi. Esta versão mais tarde se teria generalizado quando o tupi se difundiu pela colônia do sul ao norte do país.

É curioso notar que no comêço da colonização do Ceará já aquela serra tivesse a denominação atual, certamente por lh'a ter aplicado os índios potiguaras, que, então, à vista da montanha que avultava ao sul pela região litorânea, se iam apropriando das praias com a defecção dos *teremembés*, mais interessados pelos estuários e deltas dos rios Acaraú, Camocim e Parnaíba. Na cartografia do século XVIII, a serra tem nomes estranhos: *Monte vaccaboba* (van Keulen, 1682), Serra *Urubia cata masou* (S. Tereza, 1698).

Na travessia da serra, a expedição não encontrou índios, pelo menos a isto não se refere o Pe. Figueira. O fato

não é de estranhar porquanto durante o inverno (estação das chuvas) as nossas serras se tornam inóspitas, cousa que para o aborígene devia ser ainda mais grave por causa da sua falta eficaz de proteção contra os insetos vetores ou pragas serranas que recrudescem com a umidade hibernal. Os índios cearenses durante o verão visitavam as serras (Baturité, Uruburetama, Meruoca, etc.) a procura de caça e mel de abelha, mas delas fugiam quando chegavam as chuvas. Foi por isto que êles sòmente procuraram habitar as nossas montanhas plutônicas já muito tarde no curso da colonização. Tornaram-se estas serras os últimos refúgios dos indígenas. Os colonos a princípio não se interessavam pelas serras porque o seu objetivo econômico era a criação de gado. Sabiam que as serras eram impróprias para tais atividades em contraste com a excelência dos sertões, sem pragas e onde as pastagens de primeira qualidade cresciam por tôda parte. A lavoura de subsistência foi o principal fator de denominação das serras úmidas.

(16) *Os incômodos infligidios à Expedição* eram tão vexatórios que Figueira exasperado escreveu: "Nesta triste serra dos Corvos parece que se ajuntavam tôdas as pragas do Brasil, inumeráveis cobras e aranhas a que chamão caranguejeiras, peçonhentíssimas de cuja mordedura se diz que morrem os homens, carrapatos sem conta, mosquitos e moscas que magoão estranhamento e ferem como lancetas fazendo logo saltar o sangue fora assy pareciam os índios leprosos das mordeduras..."

O exagêro é evidente e compreensível na desesperada situação em que se achavam os expedicionários sem possibilidade de qualquer amparo contra tantos males. Os índios indefesos eram as maiores vítimas.

Os cobras e aranhas inumeráveis e venenosas não passavam de algumas cascavéis *(Crotalus terrificus)*, ou mais provàvelmente jararacas (*Lachesis lanceolatus*, Lacep.), realmente perigosas, mas não tanto como refere o autor, visto como em tôda a expedição só um caso de mordedura fatal ocorreu. A caranguejeira *(Avicularia aviculária*, Linn) não é tão venenosa. A mordedura é dolorosa mas só mata peque-

nos animais de que se alimenta. Animal repelente, de corpo veludo, é agressivo, pode atacar e morder a quem lhe persegue ou descuidado lhe faz mossa ou dano. Pior é o enxame cruel das meruanhas, (*Itamaxia caleitrans, Geof*), diptero hematófago da família dos *Eumiideos*. Os carrapatos (*Ixodideos*) também são extremamente incômodos. Há várias espécies (cêrca de 40 no Brasil), umas que parasitam o homem e animais, outros que só vivem nestes, mesmo em estado selvagem. Provàvelmente, a espécie em questão seria um *Margarapus* ou talvez um *Amblyoma*

(17) Um rapaz foi mordido na Serra dos Corvos por uma cobra, falecendo "dentro de 15 ou 18 horas" sem que lhe aproveitasse a *pedra-de-bazar* nem o *licórnio*, antídotos que os missionários traziam confiantes. Fêz-se tudo para salvar o mancebo; além daqueles remédios, queimaram-lhe a ferida e tentaram ainda "outras meizinhas e benefícios", tudo em vão.

A pedra-de-bazar a que se refere Figueira possìvelmente é a conhecida pedra de Goa, produto artificial que os Jesuítas faziam no seu convento de Goa e a que atribuiam propriedades medicinais. Não tendo bastante confiança no êxito do bazar, os nossos jesuítas conduziam ainda outro antídoto, considerado infalível, o *licorne*. Licorne ou unicórnio era um animal fantástico, semelhante a um pequeno cavalo que trazia na testa um agudo e longo corno. As propriedades terapêuticas do chifre dêste animal deram-lhe enorme fama, pelo que chegaram a ser caçados com grande interêsse na África. Um tal Padre Lobo diz ter visto manadas dêste bicho na Etiópia! Admitia-se naqueles tempos que bastava o contacto do chifre nas águas poluídas de um charco para logo se tornarem potáveis; neutralizava, reduzido a pó, o efeito de qualquer veneno por mais violento que fôsse. Êste misterioso ser equino foi descrito por Colbert *in* seu *Miroir du monde*. Dá o autor notícia de duas espécies: *Eglisserion e Monoceros*. O corpo branco, a cabeça vermelha e os olhos azuis. Sabia-se que era um terrível inimigo dos elefantes, mas íntimo amigo do pombo. Estas criações miticas têm provàvelmente suas origens nas religiões primitivas clânicas, porventura totêmicas.

Não sabemos como os Padres conseguiram êste *maravilhoso* remédio. Parece-nos, porém, que já se não tratava de um fragmento do corno de unicórnio etiópico, mas de fragmento de uma pedra que, com o mesmo nome, fôra muito divulgada durante a antiguidade. Seria uma pedra amarelo-acinzentada, com a forma de um chifre e tão mole que se podia cortar em lâminas. Era outra maravilha que, embora não tão poderosa como o verdadeiro chifre do animal, lhe imitava nas virtudes curativas. Cervantes escreveu numa das suas célebres obras que os príncipes possuiam o pó do licórnio como precaução para qualquer necessidade. Não é possível, contudo, saber se o medicamento dos missionários era de suposta origem animal ou mineral, pois Figueira não fala em pedra, mas apenas no *licórnio*.

(18) O *Rio Aracatiaçu*. Os padres com a sua comitiva passaram o Domingo de Ramos sôbre a serra da Uruburetama, mas já no Sábado Santo, o da *Aleluia*, atravessavam o rio Aracatiaçu "muito maior que todos", e competia com os grandes de *Portugal*. Estava naquele dia transbordando com uma grande cheia. A passagem se fez numa balsa improvisada, na ocasião em que desabava tremenda tempestade "vindo-se o mundo abaixo com chuva, trovões e relâmpagos". Dá o Padre a entender que, além da Uruburetama fôra êste o maior rio que encontraram e não o *Acaraú*, realmente bem maior e caudaloso, mas que não mereceu nenhuma referência. Não há dúvida que o rio fôra o Aracatiaçu. Êste curso d'água naquele dia porém transbordava e por isto dera a falsa impressão de grandeza. O Acaraú, transporto alguns dias depois, já em regime de vasão, dera vau, não trazendo à Expedição nenhuma dificuldade.

Recorrendo a um "calendário perpétuo" e verificando-se que a Expedição deixou o Pará no dia 7 de março, que devia ser numa 4.ª-feira, deduz-se que ela deixou a serra noutra 4.ª feira, dia 20 de março, pois, só 13 dias depois daquele (7 de março) descera a montanha. O Sábado da Aleluia, dia da passagem do rio Aracatiaçu, caiu consequentemente, no dia 23 de março.

(19) *Maniçoba brava* e *mandioca brava*. Diz a *Relação:*

"vemos a lançar mão da maniçoba brava bem amargosa e sem sabor e depois chegamos a comer da mesma raiz de mandioca brava assada de que alguns se começarão a achar mal". Figueira em alguns pontos é confuso. Temos aqui um exemplo. Teria sido para êle a mesma cousa maniçoba e mandioca?) Em verdade, há as duas espécies bem distintas, embora do mesmo gênero *Manihot: M. esculenta Crentz*, também conhecida por *M. utilissima* Pobl. e *M. Manihot Karst*, que é a mesma *Jatropha manihot* do velho Linneu, com muitas variedades e a espécie *Manihot Glaziovii Muell* ou *Maniçoba do Ceará*. Enquanto aquela é um simples arbusto, esta é árvore de 20 metros de altura produtora de borracha. Há, porém uma outra espécie que forma moitas, e sua rama é muito tóxica para o gado; vegeta de preferência no solo coluvial, nos pés das serras e serrotes do sertão. É a *maniçobinha* dos vaqueiros. A espécie conhecida por *mandioca* tem duas variedades principais bem caracterizadas, cada uma delas com algumas subvariedades. A *M. esculenta*, que compreende dois grupos de variedades: a *macaxeira* ou *aipim*, é também chamada *mandioca doce*, pràticamente sem nenhuma toxidez, e a *mandioca amarga* ou *braba* cujos tubérculos são venenosos. Ao que parece, a Expedição usou como alimento, a batata da maniçobinha de uma feita, e de outra a mandioca amarga. Parece que ali, por onde então andava, ao descer a serra da Ururaretama, encontrasse com abundância a *maniçobinha*, bem amargosa e sem sabor, preparada com água fervida. Devia ser o que os índios chamavam *mandiiba*. Mas, muito provàvelmente não teria achado *Manihot esculenta, var. amarga*, porque percorria uma zona deserta, dominada por tapuias que não tinham agricultura alguma. A *Manihot Glaziovii*, também por ali era abundante. Sòmente noutra ocasião, talvez já na serra da Ibiapaba, tivesse a Expedição oportunidade de experimentar a mandioca brava assada, mas de tal modo que não perdera de todo o seu ácido cianídrico por volatização.

(20) *Caracóis d'água*. Por falta de cousa melhor no deserto sertanejo, os padres comiam caracóis d'água, apanhados nos charcos. Deviam ser Gasterópodos do gênero *Ampullaria* que vivem nas lagoas e brejos. Os ovos dêstes moluscos são depositados em ramos de plantas aquáticas, que emergem d'água, formando um aglomerado como bolas ou massas de alguns centímetros cúbicos. A casca é calcárea, frágil e côr de rosa. Os gaviões gostam dêstes caramujos; colhe-os nas margens das lagoas e vão comê-los nas árvores, em cujo pé se formam comumente depósitos apreciáveis das suas conchas calcáreas.

(21) *Cobras verdadeiras*. Conheciam os índios a grande virulência do veneno da cobra chamada *cascavel* ou de cascavel, por isto lha aplicavam o nome de *boaté* ou cobra verdadeira, "como se as outras não fôssem" observa Figueira. Entretanto, o apelido geral destas cobras entre os tupis era *boiciminga*. Provinha o nome do cascavel ou guizo que a espécie tem na extremidade da cauda. Balançando o rabo, trai a sua presença mesmo quando andam ocultas por baixo do mato.

Na região que os padres percorriam durante a estação das chuvas, êstes ofídios abundavam, pois, na "Relação", se registam vários casos de encontro ou acidentes com cascaveis (*Crotalus terrificus*). O Autor conta que os índios "não ousão de sair e caçar em todo o inverno em quanto a erva crescida, mas esperão que se seque para queimar os campos e verem por onde vão". Esta informação de caráter etnográfico merece registo. Guilherme Piso na sua *História Naturalis Brasiliae* (1648) diz a respeito da boiciminga: "cada ano a articulação, com que costuma contaminar, cresce-lhe na cauda; a sua extremidade introduzida no ânus do homem causa a morte imediata; o veneno porém que injeta pela boca ou pelos dentes priva a vida muito mais lentamente". Certamente, esta superstição é de origem indígena; admira figurar num livro de ciência sem a devida comprovação.

(22) A *Serra da Ibiapaba* teve, no Padre Figueira, o seu primeiro geógrafo ao descrevê-la sumàriamente, mas com expressiva fidelidade em tudo que a montanha tem de mais característico, a extensão linear de norte a sul, a chapada plana e levemente inclinada para oeste e a empinada escarpa altíssima que "para sobir he necessario aver escadas em alguns pas-

sos ou de pao ou feitos na mesma terra e rochedo com suas como améas naturais e por cima é terra cham e capina e pera a parte do poente tem muito pouca queda". Refere-se apenas a parte da serra ao norte do boqueirão do rio Poti, a parte que tinha o nome de "Serra Grande" e hoje "Ibiapaba". Ao sul dêsse boqueirão a serra continua. Evidentemente Figueira não conhece o extremo norte da serra que já não é "Cham e capina".

Alguns anos depois, outro jesuita ilustre, estasiado ante o belíssimo panorama que se goza do alto serra, fêz nova descrição, mas agora, da parte norte, na região de Viçosa, onde o maciço se abre em projeções ou espigões divergentes como outras tantas serras secundárias; são como "muitas serras juntas que se levantam no sertão das praias do Camocim e mais parecidas a ondas do mar alterado que a montes se vão sucedendo, e como encapeladas umas após das outras em distrito de mais de quarenta leguas". (Padre Vieira na sua *Relação da Missão da Serra da Ibiapaba)* É por isto que não há nessa zona aliás restrita a verdadeira e impressionante chapada "cham e capina".

O Pe. Vieira é o primeiro etimologista da palavra *Ibiapaba:* "que na língua dos naturais quer dizer terra talhada, expressão proveniente da longa e altíssima escarpa que, pelo lado de leste, limita a montanha, a começar de certo ponto ao sul da região de Viçosa (o extremo norte). É como se a montanha tivesse sido cortada ou talhada de cima a baixo. A expressão *capina* que Figueira usa para exprimir certa qualidade da chapada merece reparo, pois não é de origem portuguêsa, mas tupi. Diz: "e por cima he terra cham e capina". De certo não teria sido no sentido do indianismo atual de mondar, limpar o mato das plantações ou de qualquer trecho de campo (capinar), pois não é crível que a chapada estivesse mondada. Talvez quisesse significar, em condições de ser cultivada, limpa, capinada. *Capina* é palavra tupi: *ca* de *caa* mato, *pina*, da raiz *pin*, raspar, *l*impar, alisar que deu outros indianismos ao nosso falar como *carpina* ou *carapina*, marceneiro; e *ibiapina* terra ou chão limpo, *paupina*, lagoa limpa ,etc. donde os conhecidos topônimos dêstes mesmos nomes.

(23) Fala-se aqui em macaxeira cozida, um pouco de *sal, pimenta da terra* e *palmito.* Na nota 16 já se fizeram algumas considerações a respeito da maniçoba e mandioca branca. É agora útil observar, com referência ao que se informou ali, mais o seguinte: a *macaxeira* é uma variedade inócua da mandioca. Os holandeses obtiveram dos índios uma relação de 7 variedades desta euforbiácea, na qual se incluem a *aipi* ou *aipim* (mandioca mansa), desprovida pràticamente de tóxico, e a *macaxeira*, que agora se confundem. Os tapuias só conheciam, segundo *Piso*, uma mandioca silvestre, "de crescimento espontâneo e frutice abundante". *Gabriel Soares* refere-se a várias castas de *aipins*, mandioca cujos tubérculos, alvíssimos se comem até mesmo crus e "sabem a castanhas cruas d'Hespanha; assadas são muito doces e tem o mesmo sabor das castanhas assadas e d'avantagem, as quaes se comem também cozidas e são muito saborosas; e de uma maneira e da outra são ventosas como as castanhas".

Na serra da Ibiapaba e Maranhão, os tabajaras cultivavam a *mandioca mansa* ou *macaxeira* (Manihot aipi, Pohl) ou *M. dulcis, Pax* ou ainda *Jatropha dulcis,* Gmel). Reina ainda no seio dos botânicos dúvidas sôbre se a macaxeira é espécie distinta da mandioca ou apenas simples variedade.

O sal (clurureto de sódio) não era condimento comum entre índios que viviam longe do mar. No caso em aprêço, porém, já no tempo da Expedição jesuítica, no comêço do XVII século, os tabajaras conseguiam-no, provàvelmente por meio de relações comerciais com os nativos ribeirinhos do Atlântico. Supriam os índios, que não dispunham do sal de cozinha, as suas necessidades de sódio com o uso de cinzas de certas plantas.

A *pimenta da terra.* Não é possível saber a que espécie de pimenta o Autor se refere com a denominação atributiva de "da terra". Certo não seria a "pimenta do reino" ou da India *(Piper nigrum,* Linn). Mas, os tupis conheciam vários tipos nativos daquela espécie ou gênero *(capsicum).* Podemos supor que se tratava da "malagueta" *(Capsicum frutescens)* que os índios davam o nome de *Cumari,* "é bravia e nasce pelos matos, campos é roças" (G. Soares). Os índios tupinam-

bás gostavam muito dêste condimento causticante; quando não tinham com que comê-lo misturavam-no apenas com a farinha sêca.

O *palmito* é a medula da parte superior mais tenra da palmeira, na região germinativa que, em algumas espécies de palmáceas, é comestível. Em geral o palmito é doce, agradável ao paladar e rico em amido. Na serra da Ibiapaba era comum a palmeira babaçu *(Orbignya martiana,* B. Rodr.) pelo que se pode admitir que o palmito oferecido pelos índios a comitiva dos padres era desta orbignya.

(24) *Saudação lacrimosa.* "Uma índia nos queria chorar para festa como costumam (os índios) "quando lhes chegam hóspedes estimados". Refere-se Figueira ao costume dos tupinambás de manifestarem seu contentamento com a chegada de pessoas estranhas mas desejadas ou queridas, ordinàriamente parentes que estiveram ausentes: "uma velha ou velhas põem-se de cócoras diante dêle (o que chega) a chorá-lo em altas vozes". Depois de algum tempo de pranto, o hóspede diz que basta; vai descansar e receber presentes. Esta "saudação lacrimosa" constitui um padrão da cultura tupi, já bem conhecido. Descreveram-na Gabriel Soares, Cardin, Lezy, Thevet, Yves d'Evreux, Abbeville, Gondavo, Vasconcellos, Staden e outros cronistas: O costume é genuinamente tupi, mas já alguma tribo do grupo láguido usavam-na (puri, carajá e cayapó, guató, givaro, lenguá e coroados). Na América do Norte foi observada entre os índios kaddo e os siux. Os etnólogos que o têm procurado compreender e interpretar ainda não conseguiram conclusões satisfatórias. Para Alfredo Metreaux relaciona-se com antigo culto dos mortos.

(25) "Um pedaço de freio de cavalo quebrado, tido em grande estima de santidade" na primeira Aldeia da serra da Ibiapaba servia de *talismã curativo;* supunham-no vindo do Céu. Amuletos e talismãs com virtudes maravilhosas eram comuns entre êstes selvagens. Aqui, apenas registo a superstição ,noutra parte comentada devidamente.

(26) Refere-se Figueira a um "mancebo mamaluco que tinha ido com outros brancos e por lá se ficou com outro, e avia tres anos que se não confessavam nem ouvião missa".

Esta passagem mostra que já então existia um certo comércio de nativos com certos centros de brancos. Ainda não é possível saber com exatidão de onde eram êstes rapazes mamalucos da serra; teriam ido o que aqui se refere a uma localidade de brancos onde, como parece, não havia padres. De certo não seria o Maranhão; porventura a alguma fazenda ou estabelecimento rural dos que naquele tempo se instalavam pelo sertão de Pernambuco ou Bahia (?). A hipótese não parece muito razoável pela grande distância, mas não nos esqueçamos que os tupis eram andejos e se aventuravam sem receio pelo espaço geográfico a incríveis distâncias. No começo, a *Relação* conta que a história das Amazonas tinha sido ouvida de índios "que foram (na terra das amazonas) em vários tempos com quem falei . . ." (Figueira).

(27) Nesta grande serra "avia ha dous ou tres anos mais de setenta aldeias de gentio, que nos contaram por seus nomes"! Tão elevada cifra parece verdadeira porque resultou de uma lista nominal. Esta relação que o Padre lastimàvelmente não reproduziu dá uma idéia da enorme população serrana e do procedimento truculento de Pero Coelho, 3 ou 4 anos antes, quando pretendeu por ali passar em busca do Maranhão. Agora, só restavam na Serra apenas duas miseráveis aldeias, umas com 20 casais e outra com 50 ou 60; muitos milhares de índios tinham, pois, desaparecido; os Missionários andavam pelos campos desertos e talados sem encontrar algo que lembrasse a situação passada. A destruição quase completa da população tupi da Ibiapaba não fôra só proveniente da ação direta do Capitão, da sua desumana perseguição e da redução de prisioneiros para levar cativos a Pernambuco como fruto da fracassada exploração, mas, como se vê da "Relação", também resultou de uma ação indireta que se refletiu nas emigrações desastrosas em massa, para o Maranhão ,onde se depararam os tabajaras com inimigos que lhe fizeram guerra (tupinambás, tapuias e franceses) e ainda com doenças contagiosas. A *Relação* não diz se as 70 ou mais aldeias de índios que existiam há cêrca de 3 anos na Serra eram sòmente de tupis. Parece certo, todavia que nenhuma

fôsse de tapuias, em geral inimigos seus. É pena que o Padre, que ouviu nomear a lista delas pelos seus próprios nomes, não as tivesse relatado; teríamos aí a solução desta questão. Os missionários daquela época, e especialmente os ibéricos, em tôda a América, com poucas exceções, se abstinham de registar informações de interêsse antropológico. Raras eram as notícias de caráter social, que só apareciam algumas vêzes por causa dos berrantes contrastes dos costumes selvagens com os dos europeus. O Pe. Figueira não menciona os têrmos patronímicos dos diversos povos nativos com que lidara. Na sua relação não se encontram as expressões tupi, tupinambá, tabajara ou potiguara. Para apreciar a significação das denominações dos povos tupis com que lidaram os nossos missionários nesta emprêsa, ver a nota 56.

(28) O principal da aldeia maior, com 50 ou 60 casais, era o "Diabo Grande", *Jurupariaçu*, que tinha um irmão conhecido por "Diabo Ligeiro". *Jurupari* é um ser da mitologia tupi, espécie de demônio ou deus, conforme a tribo, mas comumente malfazejo, absolutamente sem relação com alma dos mortos. Era neste caso, pois, um verdadeiro *diabo*, como Figueira considera a expressão. Provàvelmente, o chefe da Aldeia possuia certos caracteres físicos ou mentais que estabeleciam alguma relação com os atributos do ente sobrenatural, porventura num grau superlativo porquanto o nome do maioral vem acompanhado do qualificativo grande (açu). *Jurupari*, segundo os etimologistas vem de *juru*, boca, e *pari*, cercada ou fechada, portanto calada; ou conforme outros: aquêle que fecha a nossa boca; que nos faz calar. É também tido como o gênio das matas. No Amazonas *jurupari* é um enviado do sol para reformar os costumes dos homens. Em vez de diabo é deus.

(29) Na "Relação" se escreve *tugipare*, (no guarani, *teyubab*, rancho), expressão tupi com que se designa uma espécie de rancho improvisado capaz de permitir ao viajante meios de repousar ou resguardar-se das intempéries com certa comodidade e relativa segurança. A construção porém era tão simples e elementar que só parcialmente atendia a êstes fins. Figueira traduz o vocábulo com a significação de choupana. C. d'Abbeville refere-se a *aioupaues* (aimpabe, isto é, ajoupá), choupana.

(30) As referências de "a festa da Ascenção" e dia do "Espírito Santo", permitem uma boa e oportuna situação no calendário da viagem.

(31) A cerimônia com que os tabajaras (tupis) recepcionavam os estrangeiros ilustres que iam à sua Aldeia está descrita com fidelidade e, assim, não deixa de ser uma interessante nota etnográfica. Ao aproximar-se a comitiva visitante da Aldeia batem os índios "um *grande tambor* que já tôda a manhã íamos (os da expedição) ouvindo e com seus *maracás* (que são uns cabaços com uns feijões dentro) tangendo e cantando, e com essa solenidade nos meteram na casa que nos tinham aparelhado e nos trouxeram logo muitos presentes e as músicas e danças continuaram dois outros dias com suas noites". O "grande tambor" referido pelo Padre seria um *trocano?*

(32) A carta das etnias indígenas cearenses, ainda não pôde ser confeccionada satisfatòriamente. Embora já tenhamos um bom acervo de elementos para fazê-lo, certas dificuldades de ordem técnica se antepõem. As informações da "Relação" referentes a esta nota, bem como outras, em outros pontos consignadas, constituem contribuições apreciáveis para êsse futuro trabalho. Ficamos sabendo que a oeste da serra da Ibiapaba, entre ela e o rio Parnaíba, quiçá mais além no sentido do litoral maranhense viviam no comêço do XVII século várias nações de tapuias, mais ou menos reacionários. "De modo que desta serra de Ibiapaba até o Maranhão tudo está cheio de selvagens que a todos matam ou cativam". Evidente exagêro.

Aproveita o Padre Figueira esta referência informativa para expor com louvável interêsse alguns costumes daqueles tapuias. Não podemos deixar de registar aqui esta outra interessante contribuição etnográfica, acrescentando-lhes algumas considerações pertinentes.

Diz Figueira que êsses tapuias "têm também por costume quando os seus morrem se são homens, as mulheres comem a carne, e os ossos moídos lhos bebem para que não

tenham saudades daqueles que metem nas entranhas, tendo-se por mais pios nesta impiedade que os que enterram os mortos apartando-os de si de todo o que é causa das saudades".

Acrescenta que êles não vivem em lugar certo; andam "com a sua casa movida e todas suas riquezas e alfaias" isto é, principalmente seu arco e flechas. Aonde acham o que comer aí dormem, sem cama nem rêde. Deitam-se no chão. Quando recebem visita de pessoas amigas ou de confiança, depois de uma prática por meio de interprete, fazem festas, dançam e cantam, e o mesmo detém fazer os hóspedes a quem é oferecido muito o que comer. Eram, porém, muito desconfiados e custavam confiar nos estranhos. Receiavam certos presentes, frequentemente tendo-os por enfeitiçados e perigosos; para êstes tapuias, os brancos eram tidos por feiticeiros.

Tais padrões de cultura e certos aspectos etnogeográficos permitem identificar os referidos tapuias da além Ibiapaba com a grande família línguo-cultural *Tarairiú*, que nós caracterizamos em 1935. Realmente, segundo as crônicas holandesas de Elias Herckmann e Jacob Rabbi, os tarairiús comiam os seus mortos para não deixá-los corromper-se com o tempo e os vermes devorarem as carnes e vísceras. Isto para êles seria desumano, ao passo que ingerir ritualmente o cadáver dos seus mortos é piedade que, além do mais, lhes trás a segurança de dêles se não apartarem e, por conseguinte, não podia haver motivo de saudades. O defunto se incorporava ao corpo dos seus parentes para sempre, está constantemente com êles, na *urna* onde já todos os seus antepassados foram depositados no curso dos tempos. Eis como Elias Herckmann descreve a ingestão de um cadáver entre os tarairiús do Rio Grande do Norte: "se morre algum deles, seja homem ou mulher, em sendo morto comem-no dizendo que o finado não pode ser melhor guardado ou enterrado do que em seus corpos e isto fazem do modo seguinte. Tomam o cadáver lavam-no e esfregam-no bem, fazem um grande fogo sôbre o chão, acima do qual põem o corpo e deixam-no assar bem. Logo que esteja bem assado o comem com grande algazarra e lamúrias. As vêzes não podem comer tudo, então, guardam o resto para ocasião oportuna, especialmente os ossos que, depois de queimados, quebrados e reduzidos a pó misturam com a sua farinha e assim os comem. Um pouco adiante Herckmann acrescenta: Quando sucede que alguma mulher dá a luz uma criana morta, ela come igualmente o cadáver, dizendo que não podem dar melhor sepultura do que no corpo donde veio."

Êste impressionante costume é bem característico dos ameríncolas da família línguo-cultural *Tarairiú*.

Resta saber quais são as tribos desta etnia que habitavam as cercanias da serra da Ibiapaba, além e aquém da montanha. Uma delas é indicada por Figueira quando relata o sacrifício do seu companheiro, o Pe. Francisco Pinto. Trata-se da tribo dos Cararijus.

Segundo o cronista holandês, os tapuias dividiam-se em várias nações "Algumas, diz, habitam transversalmente a Pernambuco, são os *Carirys*, cujo rei se chama *Kerioukeiou*. Uma outra nação reside um pouco mais longe, é dos *Caririwasys* e o seu rei é *Kurupoto*. Há uma terceira nação, cujos índios se chama *Careryjouws*. Conhecemos particularmente a nação *Tarairiyou; Janduwy* é o seu rei..." Vê-se imediatamente que esta penúltima tem a mesma denominação que Figueira aplicou à responsável pela morte do Pe. Pinto. Vivia ela a cêrca de 15 ou 20 léguas no quadrante oeste em relação ao acampamento onde se achavam os padres quando se deu a tragédia.

Carariju era a mesma tribo, por alguns cronistas chamada *tacariju* (porventura *tocariju)*. Não obstante a palavra sem a sua terminação (sufixo) escrever-se *carari* (notável homofonia) os índios que designa nada têm com os verdadeiros *cariris*, que tinham origens e costumes diversos. *Carariju* uma tribo da família que a ciência batizou recentemente por *Tarairiú* e se identifica com a última referida pelo cronista Herckmann, dos holandeses bem conhecida. *Tarairiú*, como *cariri* ou *caririu* não são expressões do falar dêstes tapuias nem do falar *cariri;* é vocábulo de procedência *tupi* e significa *tristonho, cabisbaixo, acanhado.*

Em tôrno do maciço da Ibiapaba viviam outras tribos tapuias de que podemos mencionar as seguintes: do lado de leste, isto nos sertões cearenses os tapuias *reriús* e *wanacés;*

ao norte e nordeste estavam os *aconguaçus;* ao sul e sueste viviam os *quiratiús* ou *caratiús*. Do lado ocidental, no atual território piauiense, pervagavam além dos *cararijus* ou *tacarijus*, os *anaperus*. Mais além, para o norte, percorrendo as praias, os *terememb*és; para o sul, os *quixariús* nos altos sertões dos Inhamuns. Tribos menores também moravam em zonas vizinhas e por vêzes mesmo sôbre a chapada, ainda que temporàriamente como aconteceu com a dos *anacés* e *azimins;* porventura ainda outras. Convém estar prevenido contra a indiscriminada sinonímia indígena que em alguns casos experimenta desenvolvimento alarmante, como logo veremos entre os nossos próprios cronistas cearenses.

Os *reriús*, que habitavam principalmente a Serra de Meruoca e suas adjacências e a parte baixa do vale do rio Acaraú e a de alguns dos seus afluentes, eram os mesmos que alhures figuram com os nomes de *ararius, arerius, irarius, irarijus, irerijus, raeurus* e *guariús* e *guarariús*. Os *acanguçus* do norte da Ibiapaba nada mais eram do que os chamados *acamuçus, camaçus* e até *guacongoaçus*. Também os *Guanacés* foram conhecidos por *aguanacés* e *wanacés;* o *Caratius, cratiús* do rio Poti eram os mesmos *quiratiús* e *caratis*. Em geral conhecemos uma tribo indígena não pelo seu próprio nome, mas pelo apelido que lhe impuseram os índios tupis que assistiam aos colonos, exploradores ou conquistadores europeus; outras vêzes, a tribo tomava o nome do seu chefe mais notável, daquêle que mais longamente lha levara a aventuras guerreiras com bons êxitos, sendo que, não raro, êste principal tapuia tomava um nome tupi. Um exemplo significativo tem-se na nação tapuia *Otxicaina*, conhecida geralmente pelo nome tupi de tarairiú (ver nota 38) ou pelo ainda tupi do seu famoso chefe *Janduim, iandui* ou *nandui*.

Todos êstes índios tapuias que viviam nas proximidades da Ibiapaba, porventura alguns nela própria, eram elementos do grupo ou família Tarairiú. Quanto ao número de tapuias que habitavam a região entre a serra e o rio Parnaíba, segundo as informações colhidas pelos Missionários: "são muitas nações de 60, 80, 100 e mais casais". Admitindo que 90 fôsse a média dos casais e que cada um tivesse apenas dois filhos,

teríamos para aquela população cêrca de 360 almas pelo que chama o Autor de nação. Nação aqui deve ser nada mais nem menos do que uma simples tribo. Se fôra o computo total 100, o que nos parece cálculo pessimista, poderíamos contar com um total de 3.600 a 4.000 tapuias o que poderá ser razoável por se tratar de região fértil, dispondo de muitos recursos naturais nas vizinhanças do delta parnaibano e do próprio rio com as suas várzeas e uberrimos vales secundários com muita floresta, caça, peixe e mel.

(33) Êste Milho Verde é certamente um chefe tupi. Poderia ser tabajara, mas, pelo contexto da narrativa parece tupinambá. Sôbre o Cobra Azul temos elementos suficientes para conhecer a sua nação e sôbre êle tecer interessantes considerações.

(34) Há aqui referência a um outro rio Pará "que está entre a Ibiapaba e o Maranhão"; é sem dúvida o atual rio Parnaíba. Em alguns velhos mapas quinhentistas e seiscentistas aparece êsse nome que teria precedido ao atual topônimo.

Parece estranho que os chefes cearenses Algodão e Cobra Azul pensassem em morar nas proximidades do delta parnaibano, então infestado de tapuias teremembés, seus inimigos.

(35) Depois das poucas informações a respeito dos costumes dos tapuias, Figueira oferece um pequeno quadro dos *costumes dos tabajaras da Ibiapaba*. A contribuição etnográfica não é extensa mas merece atenção porque é das primeiras que se colheram no Ceará, senão mesmo a primeira. Os tabajaras, conforme a "Carta Ânua" de 1693/95 do Padre Ascenso Gago, transcrita na íntegra pelo Pe. Serafim Leite na sua *História da Companhia de Jesus no Brasil*, procediam da Bahia e pelo rio São Francisco alcançaram as serras do Rariguaçu. Discórdias internas entre alguns chefes fizeram com que quatro principais com a sua gente resolvessem deixar aquêle lugar; "atravessando os sertões do Rio São Francisco e do Piauí, foram se instalar na Serra da Ibiapaba, onde já estariam há mais de 200 anos. Esta nota recuaria a chegada dêstes tupis a serra, para antes do descobrimento do Brasil, aí pelos fins de XV século.

Em nota anterior já se descreveu a recepção dos padres na aldeia, conforme o costume dos índios.

Ao tempo em que os padres estavam na serra já ia adiantado o processo de aculturação dos índios tabajaras. Êstes ameríncolas viviam na chapada, onde se tinham adaptado; ao que parece, chegaram antes da ocupação de Pernambuco pelos portuguêses, muitos anos antes da chegada dos tupinambás no Maranhão. Até então, é certo que a sua cultura indígena mantinha-se íntegra.

As relações com alguns franceses do Maranhão eram recentes quando Pero Coelho (1603/4) por lá apareceu com os seus aventureiros, soldados e índios das aldeias de Pernambuco e Paraíba. A expedição devastadora do Capitão português já encontra na serra mulatos que se diziam da Bahia. Assim, pois, por aquêle tempo começaram e prosseguiram os contatos mais positivos das duas civilizações. Com a retirada de Coelho, depois de talada a chapada, com a população indígenas remanescente da Ibiapaba, ficaram alguns raros elementos da expedição.

Isto explica a maneira como os selvagens da serra participaram do entêrro, à moda cristã, de Belchior da Rosa, capitão dos índios de Pernambuco. Era índio já muito integrado à ordem civilizadora dos jesuítas. O cerimonial foi cousa que causou admiração mútua, mas principalmente aos nativos. Índios e portuguêses, "se ajuntaram todos, assi os nossos como os outros, todos com suas candeias acesas, e o trouxemos em processão à igrejinha em que diziamos missa em um esquife que lhe tinhamos mandado fazer, cousa que pasmou a êstes gentios". Realmente, assim devia ser porquanto o costume dos tabajaras nos seus enterros era muito diferente: consistia, diz Figueira, em "emnouvelarem os seus mortos e assim os metem em um buraco que para isto fazem em qualquer mato". A expressão *emnovelam* quer dizer, provàvelmente, que, como era habitual em outros lugares onde viviam índios da mesma nação, dobravam o cadáver, formando um bloco ou fardo, tal como "as crianças são no ventre de suas mães", depois de assim envolvido, ligado e apertado com cordas de algodão, o metem em um grande vaso de louça (cerâmica) que se tampa e enterra em um buraco fundo como a altura de um homem, cobrindo depois tudo com a terra extraída da sepultura (Thevet, *in Cosmog.ª Universelle*). Os velhos cronistas, que descreveram os costumes dos tupis, tupinambás, etc., em geral, quanto ao entêrro, o fazem de modo muito uniforme, uns com mais detalhes, outros mais resumidamente. Poucas e sem importância são as discrepâncias. O relato de Figueira é dos mais resumidos, mas característico. Depois da descrição do entêrro do Belchior, conforme o rito cristão daquêle tempo no Brasil, o Padre acrescenta: "cousa que passou a estes gentios". Trata-se, pois, de um fato de aculturação. Não obstante, o Diabo Grande celebrou as exéquias do Padre Pinto conforme a sua própria usança, com "grandes e publicos prantos por tôda a aldeia, e se ajuntarão os yndios na casa que fora nossa, e ao pé da cruz que no terreiro tinhamos feito levãtar fazendo nestes logares principalmente grãdes gritos e derramando muitas lágrimas, e os f.ªº do diabo grãde deixaram crescer o cabello tingindose e tisnãdose em sinal de tristesa que era o seu luto".

A cura das doenças se fazia na serra também como, ordinàriamente, em qualquer outra parte onde viviam tupis. Um menino adoecera na aldeia; no correr da noite veio o curandeiro ou médico, que Figueira chama de feiticeiro, e, segundo a sua arte, começou o rito próprio: "a cura era chupá-lo (o doente) como costumam, dizendo que lhe tiram o mal de dentro e, para fingirem melhor o engano, metem na boca um prego (sic) ou cousa semelhante, e com aquele seu escarrar (que o padre ouvia em sua choupana) fingem que o chupam e o tiraram ao doente e que aquilo era o que lhe fazia mal". O método de cura de muitas doenças pelo chupo ou sucção do mal era corrente entre os selvagens americanos. "Para curar o mal, chupam a parte doente, julgando deste modo extrair dela o incômodo" (Thevet, *in "Singularidades da França Antártica"*).

Certa vez ouviram os padres a noite "bater as palmas em uma casa, e logo noutra, e logo em tôdas geralmente com grande estrondo, perguntamos que era aquilo, responderam que um feiticeiro ouvira a voz de uma cobra que vinha voan-

do pelos ares e que dava sinal, com aquele bater das palmas, que estivessem todos alertas para que não caisse sôbre algum e o mordesse". Certamente, esta história de "cobra voando", pode ser referida à revivência de velho mito, em parte esquecido. Os mitos, por seu lado, registavam ordinàriamente fatos de caráter religioso, porventura em conexão com o totemismo antigo, já entre os tupis completamente esquecido. A cobra emplumada e voadora ou mesmo sem nada disto figura em muitas lendas ameríndias. Na América Central havia o grande deus *Quetzalcoatl*, sob a forma de uma "serpente emplumada" que simbolizava a arte, a escritura; e sob diversos aspectos a sua história mítica se liga ao vento, ao sol, ao planeta Venus. O seu culto ia do México e mesmo dos Estados Unidos (região dos *mound*, do Ohio e do Mississipe) até a Nicarágua.

Figueira não conseguiu penetrar na intimidade religiosa dos índios; razão por que diz: "Até agora êstes pobres não reconheciam outro Deus mais que os chuveiros, trovões, relâmpagos, mas a êste seu Deus, nenhum amor tinham, tendo grande temor, e o culto e reverência tôda consistia em se por de cócoras pedindo aos trovões que os não matassem e aos relâmpagos que os não queimassem". Não há povo entretanto que não tivesse tido ou não tenha religião.

Observa o autor da *Relação* que os índios eram muito apegados à poligamia: convenciam-se fàcilmente (real ou aparentemente), pois "assim pouca ciência basta para os cultivar e fazer dêles o que quiserem: só lhe dá trabalho deixarem as muitas mulheres que têm, alguns tendo muitos filhos delas". Observa ainda que fàcilmente qualquer uma das mulheres, uma vez descontente, apartava-se dêle como se nunca fôsse seu marido. Por sua vez, êsse era também o costume do homem. Êsse divórcio fácil não trazia complicações e parecia cousa natural, pois, "sem por isso serem (espôsa ou marido) reputados por ruins".

Eram os tabajaras hospitaleiros e serviçais para com os estrangeiros; para justificar estas belas qualidades diziam, (como fêz uma mulher bem conhecida do Padre): "eu sou

daqui, senhora de terra e estou em minha casa, por isso vos dou de comer que vindes de longe".

É bem conhecida a propensão dos índios tupis para o canto, música e danças. Figueira informa que: "são todos êstes (índios) incrìvelmente inclinados a cantar e dançar". Distingue entre êles particularmente a tribo dos potiguaras, que "são muito afamados e conosco iam alguns *nheengaraybas*, ou mestres de capela". Pediam os da serra que êstes cantassem para os ensinarem, e fazendo revesar ora uns, ora outros, cantavam dias e noites, de 24 em 24 horas, sem interromper até não poderem falar de roucos, tendo isto por valentia e delírios. Por mais que o gôsto por estas artes fôsse grande, custa crer que a tanto se levasse por elas a tal sacrifício. Não é êste o ùnico e inocente exagêro que o entusiasmo do Padre levara a cuidadoso registo.

Tão grande gôsto pela música, já antes (meado do XVII século) observado pelo cronista Gabriel Soares, que notou terem êles "belas vozes", fôra aproveitado em favor da domesticação dos meninos. Soares faz salientar ainda que "Entre êste gentio são os músicos mui estimados, e por onde vão, são bem agasalhados, e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrários, sem lhe fazerem mal". O tratamento dispensado aos cantores potiguares, na serra, é um bom exemplo da veracidade do cronista neste particular.

Os chefes ou morubixabas eram valentes, soberbos e falavam sempre com grande arrogância, pois isto lhes parecia necessário para manter a sua autoridade na tribo. Um chefete, o Lagartixa Espalmada clamava: "Não sabeis vós que sou vingador mor, que ninguém me faz cousa que me não pagasse que me vinguei dos tapuias e dos mais contrários de todas as mortes dos meus . . ."

O autor destas linhas conheceu um velho remanescente índio do Curu, conhecido por êste mesmo nome, muito inteligente, hábil e demais apaixonado pela lavoura do fumo. Não era valentão nem arrogante, mas, não obstante, professava essa mesma filosofia dos seus maiores. Dizia as pessoas de sua intimidade que para se viver bem, ter merecimento, ser considerado, preciso seria que "usasse da pabulagem".

Gabava-se e contava a seu respeito cousas elevadas, feitos notáveis, mas com uma circunspecção incrível. Honesto e serviçal, Curu era homem muito estimado pelos que o conheciam.

(36) A palavra *nheengarayba* deriva do verbo tupi *nheenga*, falar; donde *nheengara*, cantor. *Aiba* é mau, ruim, o que parece não se coadunar com a expressão do texto que traduz o vocábulo por "mestre de capela"; o que canta no côro das igrejas. No *Vocabulário da língua brasílica*, 2.ª edição, revistada e confrontada com o original da Bibl. Nac. de Lisboa, *Cantar*, aliás, canto é *Anheengaraib*, e cantos *nheengaraipara*; *nheengarayba* ou *nheen caraiba* é canto dos brancos, quiçá da igreja, o canto litúrgico.

(37) *Mandiaré*, antropônimo tupi; nome de um Principal tabajara dos que, receiosos dos portuguêses, haviam emigrado com a sua família para o Maranhão, onde guerras e peste os reduziram a extrema penúria.

A palavra compõe-se de *mandi* ou *mani*, *a* e *ré*, a mandioca de fruto diferente, ou simplesmente, variedade diferente de mandioca. Poderia ser, talve com mais propriedade: *mani*, *aré*, mandioca temporã, mandioca que amadurece fora de tempo, ou como se diria atualmente, mandioca ligeira, qual a conhecida variedade "mata gato" e outras.

A palavra comporta ainda outra interpretação, com algum valor explicativo. É a seguinte: *mandy* é o nome de um gênero de peixes d'água doce, *Pimelodus* que tem numerosas espécies. São peixes de couro, dos rios; sobretudo abundantes na rêde fluvial amazonense; *á*, cabeça, e *ré* diferente. Mandiaré seria mandi de cabeça diferente. Há realmente um peixe com o nome de *mandy* que é de outro gênero: *Mandi handeira (Sciades pictus*, Müller), cuja cabeça é ligeiramente diferente das dos peixes que trazem o mesmo nome e se enquadram no gênero *Pimelodus*.

A anterior análise (mandioca temporã) é mais significativa e portanto preferível.

(38) Os tapuias chamados *Cararijus*, que trucidaram o Pe. Pinto e alguns dos seus companheiros, habitavam para o lado do oeste, terras do Piauí, distantes de 15 a 20 léguas daquelas onde a "Expedição" invernava. Por elas, na sua derrota para o Maranhão, os padres deviam passar. Êstes tapuias pertenciam muito provàvelmente ao grupo étnico, línguo-cultural *Tarairiú* a que já nos temos referidos.

O Padre Vieira, que esteve na Serra alguns anos depois, chama a êstes índios de *tocarijus*. Não obstante, deve prevalecer o outro nome usado por pessoa muito mais autorizada.

(39) *Abaré* é nome tupi: *abá*, homem, gente, e *ré* da raiz é, diferente; homem diferente do comum, diferente de nós outros, no caso em tela, diferente dos índios. Seria mais natural que dissesse *abaeté*, homem maior, ilustre, notável. É verdade que a expressão *abaré* tomou no curso da colonização a significação especial de *padre, sacerdote* cristão.

(40) Defendendo valentemente o Pe. Pinto ao ser atacado pelos *caririjus* pereceu, aos golpes dêstes selvagens, o índio pernambucano Antônio *Caraibpocu* que participava da "Expedição". Outro índio, também catecúmeno, cujo nome fôra omitido, caíra vítima da agressão tapuia; ambos foram sepultados com o Pe. Pinto no sopé da Serra da Ibiapaba, no lugar *Abaiára*.

Caraibpocu ou *caraibmucu* tem a seguinte explicação etimológica: *Caraíba pocu* (ou mucu), de *caraíba*, nome dado aos estranhos, aos invasores europeus, mas que, por extensão semântica, logo passou a designar o santo, o bento, o homem batizado ou cristão. *Pocu* ou *mucu* é o adjetivo longo, comprido, alto. Portanto, *Caraibpocu* é o indivíduo batizado de elevada estatura, ou mais pròpriamente, no caso: o catecúmeno alto, um certo índio batizado de elevada estatura.

(41) Pretendia o Pe. Pinto "fazer muitas igrejas no sertão do Maranhão e converter as Amazonas". Esta passagem da "Relação" mostra que os dois missionários acreditavam no mito das mulheres guerreiras do baixo Amazonas, sem marido ou homem em sua companhia. É realmente muito curioso êste fato em homens, para a época, ilustrados.

(42) O cadáver do Pe. Pinto e os de dois índios que morreram lutando em defesa dos missionários foram sepultados ao pé da serra da Ibiapaba, no lugar "que particularmente se chama *Abayara*, ao longo de um rio dentro de um mato". A identificação do lugar do sepultamento do missio-

nário até o presente não foi rigorosamente feita. Tem-se baseado na expressão toponímica *ubajara* que se pretende provenha de *abaiára*. Parece justo admitir que êste lugar fique realmente perto do que agora se denomina *Ubajara*, pequena cidade de fundação muito recente, sede do município do mesmo nome. A localidade primitiva ali surgida chamava-se *Jacaré*, povoação que se formou à margem de uma lagoa, aí pelo meado do século passado. A lagoa do Jacaré deriva suas águas para o riacho Pitanga, tributário do rio Parnaíba. Está a cêrca de 900 metros de altitude, portanto, bem acima do pé da serra ou escarpa do maciço, que não passa de 300 metros de elevação sôbre o nível do mar; para alcançar o sertão há uma ladeira ao nordeste da cidade. Essa circunstância deixa supor que não foi perto ou no próprio lugar da cidade que se inhumou o corpo do Pe. Pinto, como acreditam alguns cronistas e o próprio Serafim Leite. Diz êste ilustre mestre: "No sopé da serra da Ibiapaba no lugar Ubajara, deixou (Figueira) sepultado o corpo do Pe. Pinto ..."

A confusão parece provir da quase homofonia das expresões *Abaiara* e *Ubajara*. Conquanto, sob o ponto de vista fonético, a primeira se possa converter fàcilmente na segunda, semânticamente a diferença é muito sensível. *Abayara* provém de *Aba*, homem, pessoa, índio, e *yara* ou *iara*, senhor, dono, o que faz ou comanda; o que fica acima, o superior ou dominador. *Yára*, como sufixo corresponde a hábil ou dextro, capaz. Na composição, temos aqui um caso do "apôsto": homem-senhor. Os tupis tinham, por exemplo, a expressão *popindá*, de *po*, mão e *pindá*, anzol, o que fisga, para significar ladrão (mão-anzol). Portanto, *abayara* significa o homem capaz ou hábil, o homem superior, o dono ou dominador.

É interessante chamar a atenção para o fato de já naquele tempo existir um topônimo ali, no pé da serra da Ibiapaba. Teria porventura, êste topônimo provindo do próprio Pe. Figueira, que com êle quisera homenagear ou perpetuar a lembrança do seu malogrado companheiro? Teria sido, como se dissera: aqui está o homem superior, o virtuoso ser que dominava a gentilidade destas brenhas. Não é lícito divagar em assuntos da natureza do presente estudo.

Assim, se *abaiára* é o senhor, o dono ou dominador, *ubajara* ou *ubaiára* decorre de *uiba*, por alteração *uba*, flecha, cana de flecha, o flecheiro exímio. Talvez, o lugar onde morara um guerreiro tabajara notável pela habilidade de flechar. No nosso modo de pensar a inhumação fêz-se no sertão perto da escarpa, ao longo do rio agora conhecido por Ubajara, afluente do rio Coreaú, mas não no lugar onde está a cidade dêste nome.

(43) A "saudação lacrimosa" era, como se viu, praticada na serra da Ibiapaba mais ou menos como é descrita pelos antigos cronistas; o mesmo ocorria também com os funerais e exéquias de um morto ilustre: gritos e lamentações delirantes.

Thévet diz: "É horrível ouvi-los se lamentar; Téry anota: "... não será possível fechar os olhos para dormir. As mulheres sobretudo se exaltam nas lamentações e gritam tão alto que mais parecem cães ou lobos a uivarem."

(44) O Pe. Figueira com a sua comitiva, triste desolada, encaminhou-se "para o mar, para a casa do *Cobra azul* que seriam 30 até 40 légoas", dali.

O *Cobra Azul* ou *Mboiaobi* era um principal, muito provàvelmente potiguara. No *"Vocabulário da Língua Brasílica"* lê-se *Boyaby*.

(45) O roçado de milho, feijões, favas e abóboras que o Pe. Figueira fêz plantar, perto da aldeia do *Cobra Azul*, no litoral, mal vingou; a messe frustrou-se, pois o que "se colheu assim por não chover, como por serem tantas as formigas que destruiam tudo". As formigas teriam sido a causa da escassa colheita; os padres se queixavam das muitas chuvas na estação invernosa do ano anterior (1607). Em outro trecho do seu relato Figueira diz que o ano anterior fôra sêco. A farinha na serra fôra pouca por causa da sêca do ano passado" (1606). Quanto a praga das formigas de roça, já naqueles recuados tempos constituia-se um mortal inimigo dos pequenos e pobres lavradores. Perdura o mal até o presente, e tanto é sério que se tem divulgado o ditado pejorativo: "Ou o Brasil mata as formigas, ou as formigas matarão o Brasil".

(46) A sagacidade de certos índios de elite era notável,

e não raro alguns embaraçavam com as suas objeções aos catequistas, nas suas lições de religião. Aqui, Figueira relata uma manha do *Jurupari* que não era das mais expressivas.

A matéria presta-se para desfazer algumas confusões curiosas que Paulino Nogueira *in* seu artigo *"O Padre Francisco Pinto"* (Rev. Trim. do Instituto do Ceará, tomo XVIII, 1904) divulgou com tanta eloqüência quanto desacêrto. Diz Nogueira que pajés tocarijus, industriados por satanaz "viviam constantemente a levantar objeções aos padres". Um dêstes pagés "objetava que só se batizaria quando Deus encarnasse outra vez em uma donzela para remir a sua raça; da primeira tinha encarnado em uma branca para remir a raça branca". Ora, resulta da *Relação*, que se vem comentando, não terem êstes primeiro missionários do Ceará tentado ao menos catequizar nenhuma tribo tapuia e maximé a dos *Cararijus (Tocarijus* de Nogueira). Procuraram, é verdade, atraí-la com presentes e boas promessas mais nada conseguiram. O fato, porém, tem algo de veracidade se atribuído aos tupis *tabajaras*. Outro exemplo da perspicácia indígena: "Deus havia ainda de dar uma volta ao mundo subindo a terra e descendo o céu, para os índios poderem dominar, como os brancos dominavam agora". O autor cearense cita ainda outro caso bem expressivo: um principal "a quem se falara das penas do inferno, a que ficaria sujeito, como os judeus, se não se emendasse, respondeu — "mande ao inferno os judeus que mataram a Jesus Cristo e não a nós que não lhe fizemos mal nenhum". "Porque nos manda o inferno sem razão?" Tudo perfeitamente lógico dentro dos padrões da cultura indígena.

(47) O *Jurupariaçu*, para Figueira o *Diabo grande*, tinha dois irmãos muito estimados, o *Diabo ligeiro* e o *Carapecu*. Para Frei João de Arronches, que escreveu um vocabulário clássico, português-tupi, *jurupari* é diabo; e *iaquena*, (Batista Caetano), é ligeiro; portanto, conforme as regras gramaticais da língua, êste irmão do Diabo Grande, seria no seu falar *Juruparíaquena* ou *Juruparikena*.

Quanto a *Carapecu*, o outro irmão do *Juruperiaçu*, o nome tem fácil interpretação, pois que, com a primeira parte da palavra os tupis designavam certos peixes de escama bem

conhecidos, os *acarás, (carás)*. Os holandeses já conheciam os *acarapinima* (Pristipoma) e o *acará pitanga*, peixe de côr avermelhada (Misoprion). Atualmente, os ictiólogos conhecem muitas espécies, aliás de várois gêneros, designados pelos pescadores, sob os nomes de *carátinga* (cará branco), *carapeba* (cará chato), *carauna* ou *cará pixuna* (cará preto) e *carapicu* ou *carapucu*, (cará comprido ou longo, que é o caso em mira), *cará bandeira, cará aya, carácascudo*, etc.

(48) O *Cobra azul*, ao que parece, era ao mesmo tempo um principal ou murubixaba e um pajé *(medicine-man)*, duplicidade funcional que algumas vêzes ocorria entre os tupis. "Êste negro Cobra azul é grande feiticeiro e valentão, donde lhe nasce ser soberbíssimo e falar sempre com grande arrogância" (Figueira). Tais porém eram as características mentais dos chefes ou principais. Arrogância no falar, coragem ou valentia nos combates, soberba ou grande orgulho no trato jornaleiro pareciam qualidades necessárias para impor e manter a autoridade de mando à massa tribal. Realmente, um chefe supremo (que assim em geral se presumiam) tinha de revelar-se majestoso, soberbo, o mais alto na escada social. *Pajé* era o *médico* e o *sacerdote* indígena; para os missionários não passava de ignorante feiticeiro. Merece atenção o chamar o Padre a um índio de negro, de que não tinha nenhum parentesco étnico nem cultural.

(49) "Parece que êste (Padre Figueira) me quer tratar como Pero Coelho, pois me repreende como êle me repreendia". Êste trecho é mais uma amostra da revolta dos índios contra os mal tratos do explorador português que tentou colonizar o Ceará.

(50) Figueira escreve: "ficava nella (casa do *Cobra Azul)* hua velha prima e junt.te sogra que já não tinha dente de roer ossos humanos". Neste trecho o Missionário mostrou a sua não edificante serenidade de ânimo, pois bem sabia que a antropofagia dos tupis era ritual, e não podia ser crível tivesse algum perdido os dentes de tanto roer ossos humanos! Aqui e ali o Padre, na sua revolta contra os nativos reacionários comete exageros mais ou menos clamorosos.

(51) Vê-se por aqui que a aldeia do *Cobra Azul* estava,

não na praia, mas dela afastada cêrca de uma légua. Os índios não gostavam de edificar suas aldeias à vista do mar. Era uma justa defêsa contra possíveis invasões.

(52) Os tupis (tabajaras da Ibiapaba) tinham "grande mêdo de cair o céu sôbre êles e para impedir êste mal, alguns dêles, pela manhã em espertando, se levantam e fazem fincapé no chão com as mãos ambas para o céu, para terem mão nêle que não caia, e assim lhes parece que fica direito por todo aquêle dia".

Esta crença era generalizada entre certos primitivos americanos; não me consta porém que tivesse sido noutra parte registrada entre os tupis.

Outras superstições que os atormentam: "o mêdo de se abrir a terra e de os alargar o mar". Deve isto ser vaga e remota reminiscência de acontecimentos catastróficos ocorridos em tempos muito recuados, por ventura quando ocorreram as imigrações que os trouxeram à América.

Compadeciam-se os padres destas cegueiras dos índios; e procuravam esclarecer-lhes o espírito com outras, para êles ainda mais obscuras e incompreensíveis.

Anota ainda o Pe. Figueira que os feiticeiros (pajés ou chamanes) são muito credenciados. Acreditam os índios que os seus sacerdotes "falam com o *diabo* muitas vêzes, o qual lhes fala de noite, às escuras; posto que não o veem, ouvem-no e dão-lhe o fumo que beba, o qual veem estar no ar, mas não veem quem o tem, veem porém as baforadas que lança e lhes diz a volta de uma verdade muitas mentiras, e quando vão a cassa lhes diz aonde a acharão e aonde está mel (de abelha)".

Êstes informes a respeito da religião dos tupis são importantes; conferem em parte com outros, alhures colhidos, pelos que, no decurso do século XVI, tiveram contactos com êles e os registraram nas suas crônicas. Nestes comentários não cabe uma maior esplanação a respeito do assunto que entretanto merece uma atenção tôda especial.

(53) Convém chamar a atenção dos etnólogos para a hierarquia dos "feiticeiros". Entre os tabajaras da Ibiapaba

havia um "em que êles tem posto seu crédito" mais seguro, pois outros já haviam interpretado sem maior credibilidade certa aparição do Pe. Pinto a dois índios que passeavam por perto de sua sepultura. "Uns diziam que era a alma do padre e outros outras coisas", mas o derradeiro chamado a fazer a sua interpretação foi o mais digno de crédito. Disse que não fôra nada mais do que o *deus criador dos mantimentos* que os vinha (aos índios da Ibiapaba) criar para terem o que comer. Começava dêste modo a atribuir-se ao Pe. Pinto as qualidades de um espírito; espírito benfazejo que merecia ser reverenciado. Uma das principais missões dos "feiticeiros" era fazer chover. Os feiticeiros agiam por intermédio de espíritos propiciadores (magia). Ora, foi certamente por isto que os tabajaras se opunham a transladação dos ossos do missionário para outras terras; estavam certos de que com aquêles despojos não lhes faltariam as chuvas para assegurar os produtos das suas lavouras. Os restos mortais do *Amanaiara*, o senhor das chuvas ,era uma insuperável garantia contra a fome. O espírito do padre, ligado aos seus ossos, faria chover ou brilhar o sol quando preciso fôsse. Tinham os tabajaras de certo, conhecimento, através dos índios da "expedição", de que na Bahia, anos antes, ocorrendo grande sêca, recorreram os nativos ao padre, pedindo-lhe que alcançasse de Deus chuva para as suas plantações periclitantes. Formulada a súplica, não tardou que sobreviessem abundantes precipitações. Daí a admiração; o fato fôra tomado por um milagre, enaltecendo a fama de santidade do missionário, e justificando a alcunha de *Amanaiara*. Assim se fazem naturalmente os taumaturgos.

(54) Várias foram as tentativas para a exumação dos restos mortais do Pe. Pinto, tocados de virtudes mágicas. Acreditava-se que onde êles estivessem não faltaria a chuva nas costumeiras estiagens perigosas, nem o sol nas alagações e embrejamentos do solo. Com êles poder-se-ia forçar a natureza em favor dos homens. Êstes ossos transformados em fetiche, deviam ser pois a mais segura garantia das lavouras e, nestas condições, fizeram-se justamente ambicionados e preciosos. A primeira tentativa de roubá-los aos tabajaras

partira do Pe. Figueira. Êste, quando ainda palmilhava terras cearenses (1608), mandou "quatro índios valentes saber se (o cadáver, carne e ossos) estava já desfeito para trazerem, mas acharam o corpo inteiro". Eis outro fato que poderia ter sido tomado como milagre, pois, nessa ocasião já eram passados alguns meses da morte. Reforçava-se assim a fama da santidade do malogrado missionário.

Quatro anos depois, escreve o Barão de Studart, os índios do Jaguaribe (aliás do Ceará), acossados por uma sêca (1612) foram buscar a preciosa relíquia, que trouxeram e colocaram na igreja da sua aldeia. Êstes selvícolas obstaram duas tentativas de levar os ossos para Pernambuco e para o Ric Grande do Norte. Ainda em 1614, os Padres Manoel Gomes por um lado e Baltazar Correia por outro o tentaram. O episódio, acrescenta o Barão, foi relatado em carta do próprio Manuel Gomes, copiada por êle na Biblioteca Nacional de Lisboa. Incerto é o lugar onde os índios do Ceará depositaram os ossos milagrosos. Julga o nosso grande historiógrafo que fôra na aldeia de Parangaba, do principal Algodão, "porquanto daí para a barra do Ceará é que fazem 3 legoas", distância referida por Gomes no citado documento (1621).

(55) O Pe. Figueira aplica a significação de principal à expressão *querimbaba* em vez de *morobichaba*. Desejo sòmente lembrar que a palavra guarani *quireimbabae* significa valente, corajoso, expedito. Conforme frei Arronche *carimbabo* é valente; *abacarimbaboçu*, valentão (homem valente muito).

(56) *Abaré* no sentido de padre. É a maneira como os tupis designavam os padres: *abá*, pessoa e *ré*, diferente. O missionário era para êles um ser humano diferente, nem europeu nem índio. Ver nota anterior...

(57) *Aldeia do Ceará*, junto ao rio dêste nome, a 25 léguas distante do Jaguaribe (barra do rio das onças). O nome *Ceará* foi primitivamente aplicado ao rio, passando depois a designar a região e, finalmente, com o adjetivo *açu* (grande), a capitania: *Ceará* grande. Foi êste vocábulo importado do Rio Grande do Norte, onde já se aplicava a um, como o nosso, pequeno rio, perto da sede da capitania, para

o lado de oeste. Esta é também a opinião de Capistrano de Abreu e do Barão de Studart; ambos admitem que o nome é produto de imigração. É possível que tenha vindo com a expedição de Pero Coelho em 1603.

Não está bem clara esta importação toponímica. Bem poderia ser que já os potiguaras usassem o nome para aquêle rio; e até mesmo que a tivessem tomado de velhos tapuias que frequentavam a costa por ali. Aquêle rio, todavia, era, em face do seu homônimo cearense, bem maior e não obstante passou a ser então conhecido por *Ceará-Mirim*. Várias têm sido as explicações para êste fato. Estão certos, sem nenhuma dúvida, os que neste caso se não referem aos dois pequenos cursos d'água, mas as povoações feitas nas suas respectivas margens, ou mesmo à região por elas ou os rios dominados (Barão de Studart e Paulino Nogueira).

A palavra *Ceará* tem desafiado as mais sérias tentativas de interpretação etimológica. Não se sabe ainda o que intrìnsecamente significa. Dispondo de um fácies túpico, afasta-se contudo do ordinário aspecto léxico das línguas tapuias que outrora foram usadas no Rio Grande do Norte e neste Estado. Estas línguas eram principalmente o *Cariri* e o *Tarairiú*. Outras, é bem possível, foram por aqui versadas mas em escala muito menor, como a *Teremembé*, no Ceará e litoral piauiense e maranhense; o *Iaté*, a língua dos fulniôs, na Paraíba e Pernambuco. No Ceará, é de crer que se tenha falado também uma língua, o *Anacé*, extensiva às tribos dêste nome e as conhecidas por *Wanacés*. Os idiomas cujos requícios agora só encontramos nas vizinhanças do rio São Francisco, provàvelmente, não teriam influído nos litorais riograndense e cearense.

A explicação da palavra *Ceará*, pois, se há de restringir ao *Tupi*, ao *Cariri*, ao *Tarairiú* e, com poucas probabilidades, ao *Teremembé*. Quase nada conhecemos do falar tarairiú e ainda menos do teremembé; qualquer tentativa de análise etmológica, presentemente, nestes idiomas, seria infrutífera, senão mesmo impossível. Ao tempo dos holandeses já a expressão despertava curiosidade. O sertanista Jacó Rabii procurou decifrar o enígma da sua origem etimológica. A análise

que fêz não é das mais estravagantes e foi aceita por Cândido Mendes. Sucedeu-lhe neste afã lingüístico Aires do Casal, Senador Pompeu (1861), José de Alencar (1865), Paulino Nogueira e muitos outros mais modernamente. Frei Francisco dos Prazeres Maranhão que, em 1867, publicou uma pequena análise de nomes indígenas no tomo 8.º da *Rev. do Inst. Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*, não se animou à experiência do nome do nosso Estado, embora a tenha feito relativamente a vários topônimos da Província: Acaraú, Iguatu, Jaguaribe, Jericoacoara, Iguape, Meruoca, Tabajaras, Ibiapaba e poucos outros.

As dificuldades com que os nossos lingüístas indianólogos se deparam na interpretação da palavra Ceará ainda por muito tempo não serão vencidas; talvez nunca venham a ser. Esta interpretação pode depender de um amplo conhecimento do idioma tarairiú ou teremembé, porventura de outro não suspeitado ainda. Se assim for, o problema torna-se insolúvel.

Para os aficionados a esta espécie de indagações, aconselhamos o exame do que Raimundo Girão escreveu no livro "O Ceará" (1945), sob o título "Origem do Nome Ceará" e ainda o que o autor destas linhas consignou na revista "Valor" (abril de 1942) e, finalmente, no artigo "Toponímia na Costa Cearense" *in* Rev. do Instituto do Ceará, tomo LIX (1945).

(58) *Pindoba* é a fôlha ou a palma de palmeira. Os índios e os neobrasileiros ainda hoje a usam para fechar panos de paredes ou a cobertura de casas. A morada construída com êste material é a bem conhecida "casa de palha". Naturalmente, os índios da barra do Ceará confeccionaram aquela "casinha mui bonita de pindoba" de catolé ou de carnaubeira. Pindoba, segundo Theodoro Sampaio é corrução de *pindá. oba, pind. oba* ou fôlha de anzol. Não me parece isto natural; prefiro supor que a palavra provém do verbo *pimbó*, indo e vindo, oscilando e *oba*, fôlha, donde *pimbo. oba*, pindoba, fôlha oscilante, que balança sob a ação da brisa.

(59) *Aldeia de São Lourenço.* Para a ereção desta aldeia o Pe. Figueira traçou as casas e levantou "uma fermosa cruz de cedro lavrado com seu título". O nome proveio de se ter feito êste levantamento no dia do Santo.

Acrescenta o padre que depois disto "esquecendo-se (os índios) do nome antigo daquela terra (?) lhe chamam São Lourenço". Não está bem claro se foi do lugar antigo (Barra do Ceará) ou outro, que se mudou o nome. Sòmente o nome ou também o nome e moradas? Figueira reuniu os principais das sete ou oito aldeias remanescentes do "Certão Jaguaribe, aonde dantes avia grandissimo numero" delas e os persuadiu a se ajuntarem "em certa parte mais acomodada, traçando-lhe as casas..."

A mim me parece que esta nova aldeia com casas novamente traçadas teria sido edificada não longe da antiga, "em certa parte mais acomodada" porém não no mesmo sítio.

(60) *Lagartixa espalmada* é o nome de um principal potiguara da nova aldeia de São Lourenço. Era soberbíssimo, diz o Padre, aliás como convinha a um chefe índio. Teve algumas dúvidas como o sacerdote que, afinal conseguiu apaziguar e o reduzir à sua amizade. Lagartixa ou qualquer espécie de lagarto, em língua Tupi, é *teiú* ou *teju*. A expressão indica gênero (lacertilio) por isto que se tem, *teiúguaçu* ou *tejuaçu*, a espécie maior e bem conhecida entre nós; o *teiú ob-* ou tejubina, lagartixa verde, a *teiú una* ou *tejubuna, tejubana*, lagartixa preta ou escura; *teiú pitanga*, ou lagartixa vermelha; *teiú quatiara*, lagartixa pintada, etc.

A palavra *espalmada*, provàvelmente é sinônimo de espichada; a pele do réptil esticada para secar. Em tupi: pele, *pi;* pele fora do corpo do animal vivo, a pele ou couro espichado ou sêco, espalmado, é *pirera*. Daí, lagartixa espalmada = *teiupirera* ou *tejupirera*.

(61) Diz a *Relação:* "embarcamos sòmente os da Ibiapaba (índios) por que os do Jaguaribe os não matassem que são os seus antigos contrários". Isto, à primeira vista, parece estranho, pois os potiguaras do Jaguaribe (Ceará) eram da mesma nação dos tabajaras; uns e outros eram *tupis*. É que, não obstante êstes povos falarem a mesma língua e terem a mesma origem, uns eram Tupiniquins e outros Tupinambás; dividia-os ódios velhos e implacáveis. Sòmente a catequese conseguiu modificar ligeiramente esta divergência, mas os missionários, em geral, não confiavam muito nos índios das duas facções, sempre dispostos a se degladiarem.

(62) A ausência das expressões etnômicas na *Relação* é curiosa e inexplicável. Em nenhuma parte se encontram os nomes de tupi ou tupinambá, tabajara ou potiguara, gentes ou tribos indígenas com quem jornaleiramente estava em relações. À família línguo-cultural *tupi-guarani* pertenciam as nações ou parcialidades dos *potiguaras* e dos *tabajaras;* elementos de ambas faziam parte da "Expedição". Os *potiguaras* viviam então no litoral, da Paraíba ao Ceará e os *Tabajaras* eram senhores da Serra da Ibiapaba. *Jurupariaçu, Jurupariaquena, Carapicu, Araquém,* etc. eram tabajaras; *Mboiobi; Teiupirera, Cajui,* etc., potiguares.

A palavra *potiguara* aplicada a uma nação tupi, a um gênero étnico daquela família línguo-cultural, foi escrita de muitas maneiras diferentes pelos cronistas. A sua interpretação etimológica, segundo Theodoro Sampaio, seria: *poti,* o resíduo, o excremento, as feses e *guara,* comedor: o comedor de excrementos. Tratar-se-ia, pois de uma alcunha injuriosa, de origem inimiga. Pensa, porém, aquêle autor que melhor seria a seguintne versão: *poti* de *potin,* camarão, donde: comedor de camarão. *Potin* proveria de *pó, mão* e *tim* ou *ti* finas, ponteagudas: as mãos ou patas ponteagudas, longas. Daí *potengi, potingy* ou rio dos camarões. Para o mesmo autor, os tupis da Ibiapaba eram tabajaras e não tobajaras, como querem outros. Tabajara ou tabaiara, seriam os aldeões ou donos das aldeias; de taba, aldeia e *yara,* dono, dominador, etc. Esta é também a interpretação de Prazeres Maranhão (1867). O missionário Pe. Ascenso Gago (1695) em "Carta Ânua", escreve *Tobajara,* grafia que o Pe. Serafim Leite, na sua monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil,* adota por lhe parecer mais consentânea com as circunstâncias em geral. Diz Gago que *tobajara* vale o mesmo que em nosso idioma "senhores do rosto". Isto porque: "entre todos os tapuias e a maior parte das nações ainda de língua Geral conservam os rostos limpos de lavores artificiosamente perpétuos (tatuagem), como depois as outras nações cativam os seus rostos", acrescentando que "esta razão me deram os mesmos tabajaras". A etimologia neste caso seria: *toba* de *ti. oba,* rosto de gente e *iára,* senhor; os senhores,

ou donos dos rostos. Há, porém, outra versão que parece razoável: *obaiara* inimigo, contrário, donde *tobaiara,* inimigo de gente ou de índio, os contrários; Hans Staden *in* sua *Viagem ao Brasil* ,tradução do sábio botânico Alberto Lofgren, escreve que os *tupiniquins* tinham inimigos para o lado do sul; chamam-se (êstes) *cariós* (aliás carijós) e os do lado do Norte *tupinambá.* Apelidam-nos *tawiajar* os seus contrários, o que quer dizer *inimigo.* Observa o comentador da obra (1930), Dr. Teodoro Sampaio, que a expressão é *tabajara,* porém, tomada com a significação de contrário ou inimigo seria *towaijar, tobajara,* literalmente, inimigo em face.

Mas, ainda temos no grupo dos parentes afins, o vocábulo: *obaiara,* significando irmão ou primo da espôsa, palavra que, por se tratar de gente, leva o *t* e daí *tobaiara; tabayá* em guarani e *tobaiara* em tupi, que quer realmente dizer: "o que está em frente", "cunhado".

Não obstante tantas versões aparentemente adequadas, propendo para a primeira: "os senhores das aldeias", os aldeiões ou aldeiados por excelência, os que fizeram e são senhores de muitas aldeias. Talvez o fato de Figueira não escrever o nome, porque conhecemos esta nação, provenha de não o ter ouvido na serra entre os nativos. Isto poderia levar a outra versão porventura mais própria ou mesmo a outra denominação etnômica. Lembra-se que *tabajara,* como "senhores das aldeias", nada tem de menos honroso, não seria pejorativo, mas, ao contrário, bem expressivo, como, aliás, de fato, aquelas interpretações sob a forma de *tobajara* poderiam deixar supor: inimigos, cunhados, etc.

MESTRADO EM HISTÓRIA - UFG

RELAÇÃO DO CEARÁ

INTRODUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS

DE

RAIMUNDO GIRÃO

CAPÍTULO I

MARTIM SOARES MORENO

O açoriano "nobre e fidalgo", residente na Paraíba, Pero Coelho de Sousa, recebeu a incumbência de fazer uma jornada ao Maranhão, dominado pelos franceses. A proposta dessa expedição foi dirigida pelo 8.º Governador Geral do Brasil, Diogo Botelho, aos seus assessores Manuel Mascarenhas Homem, Capitão-mor de Pernambuco, o Capitão João Barbosa, Feliciano Coelho de Carvalho, ex-Capitão-mor da Paraíba, o Des. Gaspar de Figueiredo e o Sargento-mor do Estado, Diogo de Campos Moreno. Só o primeiro não concordou com a proposição. Muniram-no de um regimento, disciplina da emprêsa, que era, "pelos meios lícitos, dilatar-se a nossa santa-fé católica e impedir-se o comércio de estrangeiros que, contra as pazes estipuladas e fora de obediência ao seu Rei, vêm a portos dêste Estado". Podêres muito amplos ao bandeirante, atinentes à observação da geografia regional, à ação contra os estrangeiros intrusos e aos índios ofensores. O documento tem a data de — "Olinda, vinte e um de janeiro de mil seiscentos e três anos" (1).

O último daqueles assembleantes, o Sargento-mor, nascido em Tânger, ou segundo outros na Ilha Terceira, tinha um jovem sobrinho que, "de pouca idade", talvez 17 anos, veio para o Brasil em companhia do Governador Geral e foi mandado incluir na bandeira de Coelho de Sousa, para que, "servindo naquela entrada, aprendesse a língua dos índios e seus costumes, dando-se com êles e fazendo-lhes seu mui familiar". É objetivo claro, expresso pelo tio, na sua conhecida *Jornada do Maranhão*.

Martim Soares, é a melhor presunção, nascera em 1585 ou 1586 na povoação de Santiago de Cacém, onde viveram os pais, Martim de Loures e Paula Ferreira, tendo como avós

---

(1) Documentos para a História do Brasil e especialmente do Ceará, publicados pelo Barão de Studart, 4.º v., p. 5.

paternos Francisco Anes e Brites Dias, e maternos, João Pereira e Inês Dias, "limpos e honrados, alguns lavradores", como se vê em *Ementas da Habilitação de Ordens Militares Princípios do Século XVII*, pág. 65, ed. da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1931, livro citado por Pedro Calmon, na sua *História do Brasil*, edição Livraria José Olímpio Editôra, Rio, 1959, vol. 2, pág. 487.

O môço luso, realmente, ajudou muito bem a Pero Coelho, aprendeu o linguajar tupi ou, conforme as suas palavras mesmas, — "aprendi muita parte da língua daqueles índios". E, sobretudo, "travei com êles particular amizade, particularmente com o principal dali chamado Jacaúna". Esta amizade do tuxaua seria o segrêdo das suas vitórias, no Ceará.

A tentativa de Pero Coelho, como se sabe, fracassou nas agonias de uma retirada de fome e lágrimas, desmoronando-se a "Nova Lusitânia" e despovoando-se a "Nova Lisboa", que êle pretendia estabelecer na foz do rio Ceará, como capital do sonhado domínio. Soares Moreno dá o testemunho — "...assim foi forçoso despovoar-se aquêle sítio donde já era feita uma cidade". O seu forte recebeu o nome de S. Tiago, plantado na margem direita da foz do rio Ceará. "Efêmera e sem brilho havia de ser a vida dêsse reduto, testemunho mudo dos sofrimentos e das misérias dos primeiros colonizadores do Ceará. Evacuado em 1605, depois de ter servido de refúgio aos expedicionários durante mais de 18 meses, caiu em ruínas, desaparecendo sem deixar vestígios" (1).

Outra tentativa, igualmente sabida, também falhou: a dos jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira, aquêle assassinado pelos tocarijus ferozes e êste retirando-se para a foz ariaga, onde quis fundar uma vila de palhoças — a de São Lourenço, no mesmo local do núcleo de Pero Coelho. Retirando-se para Pernambuco, a palhoçada acabou-se e o silêncio da civilização ali voltou a imperar.

Antes do açoriano e dos padres, ou logo posteriormente, documentos informavam da passagem, pelo Ceará, de fli-

(1) Carlos Studart Filho na Rev. Instituto do Ceará, v. 43-44, pág. 98.

Diz Martim soares Moreno q̃ foi o primeiro Povoador e fundador da Capitania e fortaleza de Beara, e por este e outros serviços V. Mag.de o despachou por dez annos p.a a dita praça e porq̃ elle sup.te leva sua caza, e pretende de meter fabrica na dita Cap.ia de Criaçois, e Negros e fazer hum trapiche de assucar, de q̃ ha de resultar grande proveito a Real fz.da de V. Mag.de e aos moradores dali.

P. a V. Mag.de lhe faça m. de doze leguas em quadra de terra na dita Capitania, comessando da Baya de Mecoripe pera o Norte a tre onde alcanuarem as d. doze leguas q̃ se entenderão outras tantas pella terra dentro pellos Rumos ordinarios, com suas aguas e Madeiras e todo o mais q̃ nellas ouver, livres de foros e so dizimo a Ds pera elle sup.te e seus f.os e Herdeiros e R.M.

Martim soares Moreno

Passa mandado para Alexandre de Queiroz ynformar [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

busteiros holandeses, com alguma demora na praia, em comércio, com os nativos, de aves, algodão e tatajuba, em vez das esmeraldas que procuravam. O primeiro dêles, Jan Bautista Syens, de Amsterdão, estêve no Mucuripe em novembro de 1600, desembarcou e ao retornar levou até o navio seis índios, que, "obsequiados e com dádivas regressaram a terra". Regista o Barão de Studart que faziam parte dessa viagem os marinheiros Cornelis, Andries e Cajonen, os quais moraram muito tempo entre os índios do Rio Grande, cujas indicações lhes serviram de orientação. A embarcação flamenga deteve-se na enseada mucuripeana até 15 de dezembro. Outros flamengos — Claes Adrianssen Cluyt e Hendrychssen Cop — deram à mesma enseada em 1610, com o mesmo fim de escambo, adquirindo dos índios âmbar, tatajuba, batatas e aves (1).

Enquanto isso, Martim progrediu na carreira militar e em 1611 já era Tenente, com serviços no forte do Rio Grande do Norte, sob o comando do Capitão-mor Lourenço Peixoto Cirne. Dêsse forte saía "a fazer novas amizades com os moradores (índios) daquela costa até Ceará, o que fiz pelas amizades que me tinham", ao ponto de arriscar-se "só com dois homens a me meter com êles, donde os incitei fôsse um dêles comigo à Bahia a pedir ao Governador, D. Diogo de Meneses, padre que os fizesse cristãos".

Quem vai dirigindo os mensageiros solicitantes em companhia do Tenente é um filho de Jacaúna, e o resultado foi positivo: o 9.° Governador Geral do Brasil enviou Soares Moreno "negociado de tôdas as coisas necessárias e um padre para os fazer cristãos", encarregando-o de "comerciar-se por terra com os naturais do Maranhão para se fazer aquela conquista, dando de tudo parte ao Conselho da Índia".

Em sua *Jornada do Maranhão*, Diogo de Campos nos esclarece: "Pela qual opinião o dito Governador D. Diogo de Meneses o fêz (a Martim) Tenente da fortaleza do Rio Gran-

---

(1) — Geografia do Ceará, Fortaleza, Tip. Minerva 1924, págs. 97 e 95.

de, donde o achou servindo Lourenço Peixoto Sirne, quando foi ser Capitão de aquela Capitania, fazendo que em seu tempo o dito Martim Soares fôsse como foi três vêzes ao Jaguaribe, cada vez confirmando mais a paz e amizade com Jacaúna, Principal de aquelas gentes, o qual lhe chamava filho: de que sucedeu, que chegando o dito Sargento-mor (êle, Diogo de Campos) ao Rio Grande, fêz uma mui convincente e nova relação das coisas de aquela conquista, de modo assim guisada narração de seus fundamentos, que foi assinada por todos os Capitães de aquelas Capitanias do Norte até da de Pernambuco, assegurando ser convenientíssimo fazer-se a conquista, e irem-se assegurando e povoando primeiro alguns portos de aquela costa com pequenos presídios. Com êstes pareceres se resolveu o dito Governador não só de avisar a S. Majestade, como fêz cumprimento da ordem que tinha, mas de dar como deu princípio à obra o dito ano; e assim despachou o dito Martim Soares fazendo-o Capitão do Ceará e dando-lhe só dois soldados (mais precisamente, seis), a fim de que os índios o não tivessem por hóspede pesado, e vissem como não ia a lhes fazer guerra, mas antes a se fiar de suas amizades e fôrças e que assim tratasse de fazer fortaleza e igreja para se batizarem e doutrinarem os ditos índios. Para o que lhe deu Capelão, ornamentos e um sino, e outras coisas necessárias com que se partiu, e chegou a salvamento ao Ceará. Donde fundou igreja a Nossa Senhora do Amparo e fêz um forte capaz de duzentos homens, soldados e moradores e nêle com amizade e fé de Jacaúna. O qual veio a alojar-se meia légua do forte com a sua Aldeia" (1).

Efetivamente, *por terra*, veio ter Martim ao rio Ceará, com seis homens e o Padre Baltasar João Correia, provido de Vigário. Afirma êle que chegou em 1611, e a referência a êsse ano tem gerado dúvidas quanto ao preciso início de sua fixação naquela barra. Na sua *Relação do Ceará*, da qual estão sendo extraídas as citações a êle atinentes, escreve que no

(1) Rev. Instituto Ceará, v. 21 p. 213.

"dito ano degolei mais de duzentos franceses e flamengos piratas e lhe tomei 3 embarcações..." e que "no dito ano fiz pazes com 3 castas de tapuia ali vizinhas".

Por outro lado, aceita-se como certo ter sido por êle levantado, no mesmo local do S. Tiago (e isto resulta claro da leitura da *Relação* no tópico — "...foi forçoso a despovoar-se aquêle sítio onde já era feito uma Cidade em muito bom sítio *onde eu tenho agora uma fortaleza...*") o forte São Sebastião, no dia 20 de janeiro de 1612. É êle quem o diz na mencionada *Relação:* "...no ano de 1612 fiz um forte de madeira com suas guaritas e casas de soldado, dentro, e uma ermida onde se diz missa..." A capela recebeu a invocação de Nossa Senhora do Amparo, mas o orago ou padroeiro do arraialzinho era São Sebastião, santo do dia em que se começou o forte. Martim, em petição ao Rei, solicitava, já nomeado Capitão-mor (1620), "uma vestimenta e frontal e capa de asperges e um cálice e um retábulo de Nosa Senhora, e uma *imagem de S .Sebastião que é o orago daí*" (1).

Essa missa foi rezada sem demora: "logo a poucos dias (da chegada) fiz Igreja e com retábulos que levei se disse Missa e se fizeram muitos índios cristãos".

Martim teria, pois, efetivamente chegado às tabas de Jacaúna no fim de 1611 e só em 20 de janeiro de 1612 passou a construir o fortim. Durante êste último ano é que teria degolado os duzentos franceses e holandeses e feito pazes "com 3 castas de tapuias ali vizinhos". Uma dessas castas ou tribos era a dos Jaguaribaras, muito fiéis aos lusitanos, "assistindo-os sempre nas lutas contra os outros selvagens com relativa lealdade". Ao tempo de Moreno êles auxiliaram eficazmente a gente do forte de S. Sebastião contra os ataques reiterados dos Paiacus (2). Com os temíveis tremembés entrou em relações amigas em 1613, quando se dirigia ao Maranhão, a fazer reconhecimentos sôbre a posição dos gauleses.

Na construção do fortim foi decisivo o auxílio de Ja-

(1) Documentos, do Barão de Studart, v. I, p. 263.
(2) Carlos Studart Filho, na Rev. Instituto Ceará, v. 45, p. 71.

caúna, porém, na verdade, a fortificação não ia além de uma contextura rudimentar, estacas e casas de taipa e palha, que a indiada certa vez incendiou totalmente: "... pede outrossim se lhe dê cabedal para fazer um forte bastante visto como o de madeira lhe queiraram já uma vez os inimigos", está na *Relação*.

Não demoraria muito o jovem Capitão no Ceará. Dos tapuias com quem se apaziguara colheu notícias de "boas terras" no Maranhão almejado e as transmitiu, depressa, a D. Diogo de Meneses, mandando-as êste ao Conselho da Índia. Êste Conselho foi instituído em julho de 1604 e depois, em 1642, transformado no Conselho Ultramarino.

Resultou que do Conselho aludido recebeu ordem de acompanhar Jerônimo de Albuquerque na expedição contra os franceses e, de fato, com êle seguiu, em julho de 1613.

Nem dois anos, portanto, se conservou o fundador do São Sebastião no Ceará. Deixou o comando do forte confiado a Estêvão de Campos, logo substituído por Manuel de Brito Freire, continuando os negócios da fé entregues ao solícito vigário Baltasar.

A ausência do Tenente Moreno acarretaria o quase desmoronamento do insulado fortim da barra do Ceará. Quando a êste retornou, passados oito anos, ou seja, em 23 de setembro de 1621, com todos os desencantos o viu "muito desacomodado de recolhimento", "reduzido a uma estacada de varas que estão caindo, com as suas cabanas de palha, sem donde pudesse recolher uma pequena de pólvora".

A ida de Soares Moreno com os expedicionários de Jerônimo de Albuquerque fá-lo-ia um dos heróis da conquista do Maranhão. Incumbido de explorar terras e rios ali, houve-se com especial valentia, inteligência e astúcia. Conduziu consigo vinte e cinco homens e as suas próprias palavras esclarecem como se portou: "... e sendo no ano de 1613 fui em um pequeno barco a fazer o dito descobrimento levando os índios que comigo haviam ido falar, os quais eram muito práticos naquela costa, e sendo já alguns dias de viagem, cheguei ao Pereiá (Preá), a primeira bôca do Maranhão, e dali fui

por dentro dos rios, e ao dia de S. Ana cheguei à ilha chamada Tucutenduba, a que pus nome Ilha de S. Ana. Ali achei um grande pôrto de naus muito fundável e nêle um armazém que ali tinham os franceses, com muito breu e muitas cabascamastras e muito pau de tinta cortado e polés, aonde faziam muitos cabos, ao que pus fogo e dali fui descobrir o sítio de Guaxenduba, donde depois o Capitão-mor Jerônimo de Albuquerque situou seu campo, e teve a vitória com os inimigos. Isto feito me fui em demanda da Ilha que cheguei com o barco perto de terra, donde desembarquei, e, pondo-me em cima de um penedo pregando que era filho de Jacaúna, todos me ouviram e me levaram galinhas e muitos legumes. Ali pus uma Cruz com um letreiro que dizia — Aqui chegou o Capitão Soares Moreno a tomar possessão por El-Rei Católico — e, não sabendo que estavam povoados os franceses ali, me confessei e sem falta fôra morto se um índio não me avisara, que se veio comigo a esta Cidade, e com o dito aviso dei a vela, não fazendo agravo a nenhum daqueles índios, antes feito prática que dali a um ano tornaria com muita gente a povoar aquelas terras; neste tempo já os franceses tinham tomado a barra por onde eu havia de sair. Permitiu Deus que me meti pelo rio acima, escapei embrenhado em um braço dêle e dali a oito dias tornei a desembocar de noite, donde arribei às Índias e dali vim com a relação a esta Cidade e com ela e o meu pilôto se fêz a jornada donde Sua Majestade me mandou também e fui sem mercê nenhuma, onde servi de Sargento-mor na ausência de Diogo de Campos Moreno, trabalhando sempre em tôdas as cousas, descobrindo naus de guerra francesas, também buscando sítios na Ilha para o nosso arraial, donde me procedeu uma enfermidade de que estive a risco de perder a vida".

Isso consta da *Relação* e vê-se ser notícia, muito por cima, do reconhecimento a que espontâneamente se obrigara. Contada por êle mesmo, pode ser a narração eivada de algum enfeite ou alarde, porém, a rigor, não pode ser contestada. As qualidades aventureiras de Moreno e a sua experiência de lutar e vencer os obstáculos improvisadamente podem garantir a veracidade do relatório.

Aliás, há o documento comprovante de tudo isso — o processo de averiguação das alegações de Soares Moreno ao Governador e Capitão Geral da Ilha espanhola de São Domingos, nas Antilhas, D. Diego Gomez de Sandoval, onde fôra êle esbarrar com os seus vinte e cinco soldados e marinheiros, além de sete índios. O caravelão em que viajavam, denominado S. Catarina, tendo como pilôto Alfonso Gonçalves e mestre Sebastião Martins, depois de escapar dos franceses, graças ao aviso do íncola maranhense Sebastião, encontrando ventos adversos foi dar à Ilha da Trindade e depois à cidade de Cumana e nesta apreendido como bem pertencente à Fazenda Real. Encaminhados a São Domingos, onde chegaram numa canoa, em primeiro de julho, peticionou Martim àquele Governador, expondo o acontecido e requerendo meios para sustentar-se com sua gente e passagens para a Espanha. Justifica perante a Auditoria local o alegado, depondo como testemunha o sargento Pedro Lobato, os referidos pilôto e mestre, os soldados Antônio Moreira e Manuel Martins Santiago e o citado índio Sebastião ("nombre que le pusieran los francezes"), êste por via de dois intérpretes. Os depoimentos foram tomados em 2 de outubro, todos acordes no descrever as peripécias do perigoso reconhecimento do Maranhão articuladas por Martim Soares, entregando-se ao requerente os autos em original da justificação, devidamente aprovados, aos 12 de dezembro.

Em abril de 1614 seguinte acha-se o inquieto cabo de guerra em Sevilha, a corresponder-se com o Governador Geral, Gaspar de Sousa, dando conta do que vira no Maranhão francês. As notícias que, em carta, mandara a Jerônimo de Albuquerque não lhe chegaram às mãos, pois nunca apareceram os quatro índios portadores. A sua não-vinda em tempo convenceu Jerônimo de Albuquerque da inutilidade de prosseguir na conquista encetada, voltando a expedição a Pernambuco. Contristou, naturalmente, a Gaspar de Sousa tamanho insucesso.

Em 1615 volta Moreno ao Brasil, para de novo tentar azares contra os normandos nas terras maranhenses.

Studart escreve que êle veio acompanhando o tio Diogo

de Campos, quando retornava êste de sua fracassada missão de conseguir da Coroa ratificação ao pacto de tréguas firmado entre Jerônimo de Albuquerque e Daniel de La Touche. Todavia, é realmente certo ter vindo da Europa num patacho comandado por Miguel Siqueira Sanhudo, conduzindo armas e munições, diretamente para o Maranhão. Trazia a qualidade de Sargento-mor da conquista, substituindo o tio, e tocou o Ceará em princípios de junho (1).

Cederia, agora, o lema dos invasores — "Tanti dux femina facti", pois a reação hispano-lusa o enfrentava com vantagem. Inclusive a vantagem decorrente de uma quebra de pacto formal. A vitória de Guaxenduba (novembro de 1614) fôra o início de um fim que se registraria um ano depois, com Alexandre de Moura. Êste é que, desabusadamente, rompe o armistício assinado e dá o golpe último na França Equinocial. É quem distribui as fôrças triunfantes na ocupação do Extremo Norte, procurando consolidar o domínio ibérico.

Cabe a Martim Soares Moreno comandar as terras do Cumá, "habitadas de infinito tupinambás e outras nações bárbaras que tiveram comércio com os franceses". Far-se-ia da região uma Capitania à parte, subordinada à do Maranhão, "até que o Governador mandasse outra coisa ou Sua Majestade fôsse servido dispor como mais conviesse".

A nomeação é minguado prêmio ao valor do Capitão Moreno, que, sem muita delonga, se vê obrigado a deixar o cargo por motivo de doença séria. Embarca-se como pode com destino à Europa, a curar-se da enfermidade ("perigosa fístula"), porém a sorte o leva novamente a São Domingos, de onde o mandam, como cabo de navios, ao Velho Continente. A sua embarcação, velha e mal provida, ficara sem vela nem aparelho nenhum, "perdida e quase afogada".

Desta vez, porém, não alcança a Ibéria, antes o apreende um navio pirata do Havre armado com 18 peças

---

(1) — Capistrano de Abreu, Prolegômenos à História do Brasil de Frei Vicente do Salvador, 3.ª ed., págs. 435 e 436.

de artilharia, depois de estafante e destruidora luta, da qual sai mal ferido, com 23 golpes e sem uma das mãos. Em França, onde chegou a 6 de dezembro de 1616, reconhecem-no como autor da morte de inúmeros franceses, e aos rogos das viúvas e órfãos é lançado a ferros e condenado à pena última.

Muitos meses (ora diz foram 7, ora 10) rolou de prisão a prisão, até que o pôde salvar o Embaixador espanhol, Duque de Montelión, conseguindo-lhe a liberdade.

Restituído a Portugal, em 1618, peticionando sem data, solicita do Rei auxílio de dinheiro para pagamento das dívidas contraídas com a sua libertação ("...o suplicante não tem com que se desindividar e desempenhar das ditas dívidas...")

Numa de suas petições, relembra fatos e atos que poderiam tocar à gratidão real, desde o degolamento, por êle, de mais de 200 franceses e flamengos até os sofrimentos da campanha do Maranhão, em que chegou a permanecer entre os inimigos como refém.

A esta súplica juntava a sua *Relação do Ceará*, valioso diploma para a história dos primeiros dias da colonização cearense e cujo texto fará o assunto do Capítulo II e será apreciado e esclarecido em Notas constitutivas do Capítulo III. dêste trabalho.

Tem como recompensa de D. Filipe 3.º o provimento de Capitão-mor do Ceará, por dez anos, com esta Carta Patente: "Dom Filipe, etc. faço saber aos que esta carta virem que havendo respeito aos serviços que Martim Soares Moreno me tem feito no Brasil por espaço de dezessete anos, servindo nos cargos da milícia de que foi encarregado com bom procedimento, pelejando muitas vêzes com os inimigos, de que foi ferido, e ser o primeiro fundador da fortaleza do Ceará e tomar ali uma nau e duas lanchas de franceses com morte de muitos dêles; e assim aos serviços que fêz no descobrimento e conquista do Maranhão, aonde serviu de Sargento-mor e ser ultimamente cativo e muito ferido na briga que teve com um navio francês que o encontrou, vindo arribado da ilha de Santo Domingo para Espanha, havendo procedido esforçadamente na briga e aos trabalhos que padeceu em

França na prisão e pela boa informação que tenho do dito Martim Soares Moreno — Hei por bem e me apraz de lhe fazer mercê da Capitania da dita fortaleza de Ceará por tempo de dez anos, com a qual haverá o ordenado que por outra minha provisão de fora lhe mandar nomear e os prós e percalços que lhe direitamente pertencerem. — Pelo que mando ao Governador Geral do Estado do Brasil lhe dê a posse da dita Capitania e lhe deixe servir pelo dito tempo sem dúvida nem embargo algum, e em minha Chancelaria lhe será dado juramento dos Santos Evangelhos, que bem e verdadeiramente sirva, guardando em tudo meu serviço e as partes seu direito, de que se fará assento nas costas desta Carta que se registrará nos Livros da Casa da Índia dentro de quatro meses primeiros seguintes. E antes que dito Martim Soares Moreno parta dêste Reino me fará pela dita fortaleza preito e homenagem nas mãos de meu Secretário; e por firmeza do que dito lhe mandei passar a presente por mim assinada e selada do meu sêlo pendente. E a dita mercê faço ao dito Martim Soares Moreno além de outras que pelos mesmos respeitos lhe fiz. Gonçalo Pinto de Freitas a fêz em Lisboa a 26 de maio, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e seiscentos e dezenove".

Viajaria o nomeado só muito mais tarde. Os emperros burocráticos prenderiam-no largo tempo ainda na Metrópole: durante mais de dois anos, a curtir a sua cansada pobreza.

Pedia o que julgava imprescindível para tornar eficiente a sua Capitania, "muito desamparada de socorros", a cento e cinqüenta léguas de Pernambuco e outras tantas do Maranhão, com uma costa estéril e salteada de tapuias por terra e de corsários por mar. Era preciso refazer a fortificação da barra do Ceará construindo-a de taipa de pilão, "porquanto a que êle suplicante lá fêz no princípio está muito desbaratada e não tem mais que uma peça de artilharia e dois pedreiros". Era preciso aumentar para 60 soldados, dêstes 25 mosqueteiros, a guarnição do forte, "porque os 25 que ali estão vivem sempre de armas nas mãos, com muito trabalho". Era preciso mais segurança para "povoar as terras e aumentar as rendas V. Majestade pela capacidade da terra e também

por ser necessária escala dos navios e caminhantes que vão do Brasil para o Maranhão". Era preciso "um Vigário com o seu Coadjutor para administrar os sacramentos aos soldados e índios com o ordenado que tem o do Rio Grande, ou em seu lugar dois capuchos".

D. Diogo de Meneses e Siqueira opina favoràvelmente e todavia nada disso vai ser efeituado.

Para garantir-se melhor na posse da mercê recebida, pede lhe concedam 12 léguas em quadra de terra. O Conselho de Fazenda é de parecer que estas sejam reduzidas para 6 e, afinal, sòmente lhe reconhecem a miséria de 2. Isso, a despeito da informação de Alexandre de Moura, de que "a terra não é tôda fértil nem boa para canas de açúcar e há lugares muito pobres de madeiras, que são tôda a sustância dos engenhos", e de que "se fôra semelhante a outras do Brasil menos de uma légua lhe bastava" (Informação datada de Setúbal, 15 de janeiro de 1621).

Marcam-lhe o ordenado anual de 400 cruzados (Alvará de 16 de julho de 1621), "que começará a receber do dia que dela (Capitania) tomar posse", "sem outra mercê alguma por provisão de fora, senão o dito ordenado sòmente".

Tudo restrição, minoração de quem regateia vintém por vintém, quando podia dar muito mais.

Se muito, dispensam-no de ir à Bahia prestar o juramento do cargo, atendendo-se às razões que expôs, mostrando quanto a viagem lhe seria sacrifício ingente, de incômodos e despesas. A apostila da dispensa, escrita no verso da Carta Patente de designação, tem a data de 6 de dezembro de 1619. E lhe ordenam a entrega de paramentos e objetos para a igrejinha de N. S. do Amparo — "Diz Martim Soares Moreno que a povoação que vai fazer a Ceará por mandado de V. Majestade está muito falta de todos os ornamentos para se poderem celebrar os ofícios divinos e visto ser matéria de tão grande importância, e outrossim se dá muito exemplo àqueles índios que estão remotos na fé do Evangelho. P. a V. Majestade lhe faça mercê mandar uma vestimenta e frontal e capa de asperges e um cálice, um pálio e um retábulo de Nossa Senhora e uma imagem de S. Sebastião que é o orago daí e um

sino e ferro de hóstias e uma custódia, e sem estas coisas se viverá como os índios" (Petição de julho de 1620, com parecer do Conselho de Fazenda, de 22 de agôsto seguinte).

Após tantas protelações, enervantes e angustiosas, pisa outra vez a terra do Ceará, da qual estivera separado desde 1613. Aportou na barra dominada, só visual ou ingênuamente dominada pelo fortim de S. Sebastião, no dia 23 de setembro de 1621. Oito anos de inquietações para êle e de triste desmantêlo para o que deixara, haviam passado.

Dá notícia, ao Rei, de suas decepções em carta de 1 de novembro. Bem recebido pelos índios vizinhos, que achou "muito trabalhados com guerras" sofridas por outras tribos. A terra, "falta de mantimentos causados de falta de ferramentas". O forte, tudo muito desacomodado, "porque não há mais que uma estacada de varas que estão caindo com umas cabanas de palha, sem donde pudesse recolher uma pequena de pólvora".

Urgia — salienta — lhe enviassem, quanto antes, 50 soldados e fôsse levantada a fortificação que os Senhores do Conselho de Fazenda e do Estado assentaram, e "com cuja palavra me vim meter neste deserto". "E se V. Majestade é servido que ela se povoe e vá adiante sirva-se de a mandar fortificar mandando-lhe meter alguma artilharia e pelo menos os 50 soldados que estavam determinados darem-se, porque os índios naturais são muito mal acostumados e intentam todo dia mil traições e os de guerra com assaltos têm enfadado 20 vinte portuguêses que aqui achei". Elogia a terra, dizendo que as canas de açúcar se dão espantosamente. Muita caça, muito peixe, "tanto que não tem meio. A terra promete muito metal a respeito das muitas serras e grandes que nela há".

Ia ter princípio a série de desgostos do Capitão-mor, por um decênio de "falto de tudo". Clamaria, em vão, do alto das dunas desinquietas e nuas da barra em soreamento franco, dificultando o pôrto.

Já em março de 1622 passara por aí Antônio Muniz Barreiros, Capitão da conquista do Maranhão, e viu Soares

Moreno "com alguns soldados muito falto do necessário, a que se deve acodir por ser praça de importância" (1).

Mais tarde, criado o Estado do Maranhão, vem como seu primeiro Governador Francisco Coelho de Carvalho e, no Ceará, tomou posse do cargo (agôsto de 1626), verificando achar-se o forte em ruínas, e quase o reedificou. É de uma carta dêle, de 6 de fevereiro de 1627: "Passei pela Capitania de Ceará aonde achei Martim Soares Moreno por Capitão daquele presídio em um forte tão fraco e desbaratado que me foi necessário fazê-lo de nôvo e guarnecê-lo com quatro peças de artilharia, por não ter mais que uma, e com alguns soldados, pólvora e munições das poucas que levava. E mandei quietar o gentio que ali assiste em uma aldeia, por o achar descomposto e alvoroçado com as novas do levantamento que se tinha oferecido no Brasil na ocasião da tomada da Bahia". E sugeria: "... havendo o govêrno do Maranhão de se continuar, convém que naquele pôrto haja presídio que se deve melhorar de sítio, para um outro pouco distante, mais eminente e de melhores comodidades para qualquer povoação, se se fizer ..." Nunca se faria.

No ano posterior, em carta de 17 de outubro, Martim reclamava: "O ano passado escrevi a V. Majestade duas vêzes, em razão do que me ordenou por carta sua; e avisava de tôdas as particularidades desta Capitania e faltas dela, e agora o torno a fazer das mais importantes, para que a V. Majestade lhe sejam notórias as cousas desta praça, que totalmente está a risco de se perder, porque os Governadores do Estado do Brasil não sòmente não querem dar cumprimento às Provisões Reais, mandando gente e soldados, de que V. Majestade manda prover êste presídio, mas ainda negam os pagamentos aos poucos, com que com trabalhos sustento esta Capitania há tantos anos. Quatro há que nos faltam os pagamentos, com que os pobres (soldados) andam todos despidos e doentes e tão desesperados que cada hora receio um motim".

E continua: "... os que comigo assistem até agora, já

(1) Documentos, v. 1, p. 300.

desesperados, me fizeram petição, pedindo-me lhe mandasse remedear tanta miséria, como tudo consta do Auto que com esta mando. Uma das pessoas que nestes trabalhos, com notável ânimo e esfôrço me tem ajudado a sustentar esta Capitania é Domingos da Veiga, que nela tem feito muitos e grandes serviços e é merecedor que V. Majestade lhe faça muita honra e mercê. Sôbre as misérias em que estou, mandei o Alferes Jerônimo da Veiga à Bahia pedir ao Governador Diogo Luís de Oliveira me socorresse; remeteu-se a que tinha avisado a V. Majestade sôbre esta Capitania ser de seu distrito ou do Maranhão; e agora, vendo que não tenho outro remédio, envio dito Alferes a êsse Reino avisar a V. Majestade e a manifestar-lhe o apêrto em que estou e procurar o socorro, com a brevidade possível" (1).

Foi ao extremo de lembrar, sem proveito, o pagamento não em Pernambuco, mas na Provedoria da Ilha 3.ª, enviando-se, para isso, todos os anos, uma caravela ou patacho, que poderia ir carregado de coisas da terra e de açúcar e tabaco embarcados do Maranhão (2).

A subordinação do Ceará ao Estado do Maranhão concorria para aumentar os *apertos* de Soares Moreno, que fortemente expunha a incoveniência, absoluto conhecedor que era das condições da navegação marítima.

Em maio de 1828 o Conselho de Fazenda ordenara ao Provedor da Fazenda de Pernambuco fizesse a paga dos ordenados e soldos vencidos do Capitão-mor e seus soldados do presídio cearense, devendo dali por diante assim proceder-se pontualmente (3).

Rolaria, assim, de dores em dores, o intrépido e desventuroso dirigente da desventurosa Capitania, cada vez mais açoitada do desprêzo oficial. Só intrepidez tamanha conseguiria preservar a pequena praça da barra do Ceará, espremida entre o sertão infestado de gentios inimigos e o mar de pira-

(1) Documentos, v. 2, p. 221.
(2) Idem, v. 2, p. 253.
(3) Idem, v. 2, p. 220.

tas audaciosos, que o Capitão enxotava "o melhor que posso com quatro soldados que tenho e com os índios que me ajudam com muita fidelidade" — no seu dizer, tal qual.

Até que em 1631, em janeiro, surge na *risca* do Atlântico a embarcação de socorro, trazendo o grande alívio do Capitão mor — o sobrinho Domingos da Veiga Cabral, seu substituto no comando da Capitania. Havia sido nomeado êste pela Carta Régia de 15 de novembro antecedente, com o sôldo de doze mil réis por mês, pagos "na parte e maneira que se paga a Martim Soares Moreno, Capitão do Ceará".

Terminava literalmente a missão de Martim no Ceará, indo-se duma vez por tôdas da terra a que dera o máximo dos seus méritos de combatente intimorato. Seguiu para Pernambuco a combater os holandeses. Ali prossegueria nas suas coragens, servindo ao seu Rei e destacando-se ainda mais na inglória carreira das armas, que tantas glórias tem trazido aos povos.

Em 1648, com o organismo em desgaste de quantas batalhas e sofrimentos, retirou-se definitivamente do Brasil, indo morrer no seu país de Portugal. De como se portou e que alta culminância atingiu na reação aos flamengos bem o mostra Carlos Studart Filho, em capítulo substancioso do seu *Estudos de História Seiscentista* (1), de leitura mais que interessante. O ilustre e culto historiador cearense reivindica para Martim a qualidade de Condutor da Restauração Pernambucana.

O Barão de Studart, seu incondicional admirador, não viu com bons olhos o afastamento de Moreno antes de terminada a guerra contra os holandeses: "Ou porque tivesse negócios na Côrte, como quer Galânti, ou porque as fadigas das guerras o trouxeram alquebrado, ou porque repugnasse ao seu caráter de soldado essa hipocrisia das autoridades superiores, que estavam a fomentar e atiçar a reação pernambucana e ao mesmo tempo a renegá-la perante o inimigo e diante das Côrtes Européias, o fato é que Martim Soares abandonou o campo de ação antes de finalizada a luta".

(1) Fortaleza, Tip. Minerva, 1950, pg. 58-77.

E acrescenta, algo decepcionado: "A imparcialidade, virtude muito para se impor e apreciar em assuntos de história, reclama que eu diga que sua retirada da campanha holandesa em demanda da Bahia não pode merecer os elogios e os aplausos dos brasileiros, máxime se se atender ao momento em que ela se deu" (1).

Sem prova cabal dos motivos do afastamento, pelo menos uma conclusão se impõe: a de que não o fêz por desprêzo à causa ou por tibieza ou covardia. A sua existência de homem afeito aos combates e a sua bravura nunca um só instante desmentida autorizam essa conclusão.

A narração, conquanto simples, dos fatos que enredam a vida Soares Moreno oferece, robusta, a convicção do seu valor guerreiro e da sua excepcional audácia nos recontros com a adversidade, características dos embates assolantes do homem branco alienígena contra o desapercebido gentio americano, autóctone, senhor milenar das suas selvas invadidas destruidoramente para o fim imperioso da construção civilizadora.

Ninguém a êle excedeu de valentia e arroubos pioneiros na desbravação difícil e cruel, enfrentando o silvícola incontável e sempre hostil e metendo-se em brigas de sangue e ódio estúpido com gente de sua tez européia, rival no desejo e ambição de possuir o Continente de Colombo.

Se não foí o primeiro na conquista do Ceará, a êle tocou o merecimento, a consagração de haver aqui plantado marco mais ostensivo da dominação lusitana. Antes dos seus, deixaram pegadas no solo cearense os sapatões de Coelho de Sousa e as chinelas dos padres da Companhia de Jesus, mas, como afirma Capistrano de Abreu, "nem a expedição numerosa, aparelhada para a guerra, de Pero Coelho, nem a missão pacífica dos jesuítas adiantara um passo à questão do avanço para

(1) Rev. Instituto do Ceará, v. 17, p. 212.

a costa Leste-Oeste, destinada talvez a adiamento indefinido, se não interviesse Martim Soares Moreno" (2).

Não se pode omitir, infelizmente, que o marco de Soares Moreno acabou desfeito completamente, malograda, como as anteriores, a sua jornada da barra do Ceará, caído o seu reduto em destroço pela incúria ou insuficiência da Coroa, arebatado aos portuguêses pelos flamengos em 1637 e, por fim, já em mãos dêstes, brutalmente arrasado pela indiada impulsiva (1644). "O fortim de Pero Coelho de Sousa em 1603, a aldeia de S. Lourenço do Padre Luís Figueira em 1608, o forte S. Sebastião de Martim Soares Moreno em 1612, encerram o ciclo histórico em 1644, topogràfica e especìficamente distintos da fundação de Matias Beck na duna Marajaitiba, com o Schoonenborch em 1649. Entre os dois núcleos não existe a continuidade funcional indispensável a uma unidade histórica" (Câmara Cascudo).

No sentido de obra material, pôde realizar muito pouco, não legando à posteridade sequer um engenho de açúcar, uma casa de pedra ao menos, um edifício duradouro, pequeno que fôsse. Com a destruição do fortim, ficou aquela barra despovoada, esquecida, incapaz, até hoje, de qualquer expressão de vida e de alento colonizador.

O Barão de Studart, como que tentando um balanço das realizações de Moreno, dá-nos esta resenha: "O govêrno de Martim Soares no Ceará estendeu-se apesar de todos os tropeços até 1631, quando partiu para Pernambuco a reunir-se a Matias de Albuquerque de acôrdo com as ordens emanadas da Metrópole Nesse largo período assinalou-se por feitos de alta importância, não sendo dos de menor valia a entrada para o grêmio cristão a 20 de janeiro de 1622 do chefe indígena e seu grande amigo Jacaúna graças às suas instâncias e exortações; a derrota, que inflingiu aos corsários holandeses e franceses, que assaltaram o Ceará em 1624 e 1625; suas pesquisas na serra de Itarema à cata de prata, pesquisas renovadas em 1649 por Matias Beck, o fundador do forte Schoonenborch; suas questões com os governadores do Estado do Brasil sôbre o número de praças da guarnição que nunca eram as 50 marcadas pelas Provisões Régias, e sôbre os soldos que ficavam por pagar-lhe e aos soldados por 3 e mais anos, o que o obrigava a muitos a desertarem, chegando tão lamentável estado de coisas ao ponto do Vedor da Fazenda Luís da Silva impor ao Provedor de Pernambuco medidas urgentes neste sentido, medidas que, aliás, se protraíam tanto que foi preciso mandar do presídio à Bahia e depois ao Reino o alferes Jerônimo da Veiga a expor o apêrto em que estavam e a procurar o socorro de que careciam; os esforços que empregou para desligar o Ceará do govêrno do Maranhão e uni-lo ao do Brasil; os auxílios que prestou a frei Cristóvão Severim e à sua comitiva" (1).

Estamos, bem se sente, diante de um balanço pobre, melancólico, visìvelmente generoso, com a enumeração de fatos corriqueiros, que nada reforçam a administração de Martim.

O batismo de um morubixaba, pesquisas de minas, reclamações de pagamentos em mora, bom tratamento a padres visitantes...

Na realidade, não lhe era possível senão sustentar o reduto mofino e viver com os seus homens de guarnição uma existência indigente, num primarismo que faz pena. Nada, a rigor, objetivamente conseguiu deixar que servisse de base ou alicerce, naquela barra de desilusões, a um eloqüente e mais positivo vestígio ou precipitado da geografia humana. Riscou, apenas, a paisagem; não a sulcou de modo a medrar qualquer modesta planta que se transformasse em sinal palpável, frondoso, de sua tentativa vontadosa.

Seu grande feito — tem-se que convir — reside no que praticou durante os três decênios vividos ao contacto do Ceará, em o terreno político da conquista do Maranhão, na qual o seu castelo representou papel de apreciável interferência.

(2) Capítulos de História Colonial, 3.ª ed. da Soc. Cap. de Abreu, Rio, F. Briguiet, 1934. p. 68.

(1) Rev. Instituto Ceará, v. 17, p. 212.

Nisso firma-se a sua reputação e o seu louvor, e a circunstância de agüentar-se mais tempo que Pedro Coelho e os Jesuítas Pinto e Figueira, teve o dom de justificar que não a êsses, senão a êle, se desse o título de Fundador do Ceará.

Apresenta-se-nos a sua personalidade forte como simbolização amorável do nosso nascimento histórico, criado o cearense desde o berço nos fustigamentos da sua geofísica, que ainda nos é ingrata como fôra ao Jovem Português e aos que o antecederam nas investidas do povoamento. Nas veias do "Guerreiro Branco", como nas de Pero Coelho e da admirável espôsa D. Tomásia, e nas dos jesuítas missionários fervia o impetuoso sangue do minúsculo Portugal a vir derramar-se, verter-se em jorros irrepremíveis no trabalho gulliveresco de vencer o novo e o imenso chão da Sul América.

Pero Coelho teve que fazer de madeira tôsca a cruz enfiada na cova rasa do filho mais velho, nas praias do Jaguaribe, assim como Luís Figueira a do irmão de fé, na Ibiapaba altaneira.

Martim Soares, alma solitária, sem outro afeto que o ficto e romântico da virgem Iracema, deixaria na barra do Ceará a cruz de uma dorida lembrança, a cruz da saudade paternal de Jacaúna, o homem bronco de coração cândido, que generosamente começou a fazê-lo herói.

O sangue, o suor e as lágrimas do índio teriam sido o material com que mais contou o luso para a sua vitória da Nova Terra.

MESTRADO EM HISTORIA - UFC

CAPÍTULO II

RELAÇÃO DO CEARÁ

Sendo de pouca idade passei ao Brasil por soldado (2) em companhia do governador Diogo Botelho, logo que cheguei a Pernambuco fui com o Capitão-mor Pero Coelho de Sousa a descobrir e conquistar a Província de Jaguaribe e Seara e Mel Redondo, servindo de soldado, onde tivemos muita guerra com aquêles Índios que eram infinitos e tinham muitos franceses em sua companhia. O que tudo ficou conquistado, e depois de seis meses de guerra onde eu recebi muitas feridas com os demais companheiros, e vendo que nos não podíamos sustentar, nos retiramos a Seara (3) para que com mais socorro fôssemos a conquista do Maranhão, tão desejada dos Reis passados. Ali houve muitos desassossegos nos Índios por algumas sem razões que lhe fizeram (4) assim foi forçoso a despovoar-se aquêle sítio donde já era feita uma Cidade em muito bom sítio onde eu tenho agora uma fortaleza de maneira que em uma e outra parte se gastam três anos onde sempre assisti com muitos trabalhos sustentando-nos de cobras e lagartos porque naquele tempo nunca se deu ordem a plantar mantimentos e hoje há infinitos.

Ali nos três anos que digo (5) aportaram muitos Piratas que com aquêles índios comerciavam e carregavam muitos navios de algodões e pimenta malagueta, muitos bichos, como Papagaios, Bogios, Saguins e muito pau a quem os índios chamam Uburaquatiara que é o melhor que até agora se há descoberto em todo o Brasil, por ser como damasco, (6) e também carregavam pau de tinta chamado tatajiba (7) com algum âmbar (18).

Neste discurso de tempo aprendi muita parte da lingua daqueles índios e travei com êles particular amizade particularmente com o principal dali chamado Jacaúna; logo que êste sítio e conquista foi despovoada donde Pero Coelho gastou tôda a sua fazenda que era muita e ali perdeu seus filhos a fome e a sêde, (9) foram dois Padres da Companhia de Jesus aquelas ditas partes e com suas práticas domarem aquêles in-

dios, e já que haviam feito muito indo em demanda de umas minas que dizem os franceses que estão na serra do Punore, (10) foi um dêles morto que era muito grande Religioso e muito bo mlíngua dos Indios que chamavam Francisco Pinto e outro companheiro que era o Padre Luis Figueira escapou entre um mato que não foi visto dos índios tapuias e se retirou a Pernambuco ficaram aquelas partes outra vez despovoadas como dantes (11).

E estando eu por tenente do capitão-mor Lourenço Peixoto servindo na fortaleza do Rio Grande, fui fazer novas amizades com os moradores daquela Costa até Seará, (12) o que fiz pela amizade que me tinham me arrisquei só com dois homens a me meter com êles, donde os incitei fôsse um dêles comigo a Bahia a pedir ao Governador D. Diogo de Meneses padre que os fizesse Cristãos e que eu iria assistir com êles, o que fizeram e foi um filho do Principal Jacaúna a Bahia a fazer êste peditório, o que logo dito governador ordenou e me mandou negociado de tôdas as cousas necessárias, encarregou que me comerciasse por terra com os naturais do Maranhão para se fazer aquela conquista, dando de tudo parte ao Conselho da India (13) e sendo no ano de 1611 cheguei a Seará com 6 homens em minha companhia e um Clérigo onde fui muito bem recebido, logo há poucos dias fiz Igreja e com retábulos que levei se disse missa e se fizeram muitos índios cristãos.

Ali no dito ano degolei mais de duzentos franceses e flamengos piratas (14) e lhe tomei 3 embarcações donde uma delas veio a Sua Majestade a esta Cidade tôda a proa e popa douradas e para fazer êstes assaltos me despia nu e me rapava a barba tingindo de negro com um arco e frechas (15) ajudando-me dos índios falando-lhes de continuo a língua e perguntando-lhe o que já sabia bem fazer, no dito ano fiz pazes com 3 castas de tapuias ali vizinhos e por meio dêles tive novas do Maranhão e foram Indios dêle a falar comigo donde me deram notícias das boas terras que havia naquelas partes e gastando sempre muito de minha fazenda para fazer estas pazes (16).

De tudo avisei ao dito Governador D. Diogo de Meneses e

com meu aviso escreveu ao Conselho da India o que se passava, e os Senhores do Conselho mandaram que se fizesse a jornada e conquista dos ditos rios do Maranhão e me mandou que eu fôsse descobrir os ditos rios, e sendo no ano de 1613 fui em um pequeno barco a fazer o dito descobrimento levando os Indios que comigo haviam ido falar (17), os quais eram muito práticos naquela Costa, e sendo já alguns dias de viagem, cheguei a Pereiá (18) a primeira bôca do Maranhão e dali fui por dentro dos rios e ao dia de S. Ana, cheguei a ilha chamada Tucutenduba, a que pus nome ilha de S. Ana, ali um grande pôrto de naus muito fundável, e nêle um armazém que ali tinham os frânceses com muito breu e muitas cabascamastras e muito pau de tinta cortado e polés aonde faziam muitos cabos ao que pus fogo e dali fui a descobrir o sítio de Guaxenduba, donde depois o Capitão mor Hierônimo de Albuquerque situou seu campo, e teve a vitória com os inimigos, isto feito me fui em demanda da Ilha que cheguei com o barco perto da terra donde desembarquei e pondo-me em cima de um penedo pregando que era filho de Jacaúna todos me ouviram e me levaram galinhas e muitos legumes, ali pus uma cruz com um letreiro que dizia aqui chegou o capitão Soares Moreno a tomar possessão por El-Rei Católico, e não sabendo que estavam povoados os franceses ali, me confessei e sem falta fôra morto se um índio não me avisara que se veio comigo a esta Cidade, e com o dito aviso dei a vela não fazendo agravo a nenhum daqueles índios antes feito prática que dali a um ano tornaria com muita gente a povoar aquelas terras; neste tempo já os franceses tinham tomado a Barra por onde eu havia de sair. Permitiu Deus que me meti pelo Rio acima donde escapei embrenhado em um braço dêle, e dali a oito dias tornei a desembocar de noite donde arribei as Índias (19) e dali vim com a Relação a esta Cidade e com ela e o meu Pilôto se fêz a jornada donde Sua Majestade me mandou também e fui sem mercê nenhuma onde servi de sargento-mor em ausência de Diogo de Campos Moreno (20) trabalhando sempre em tôdas as cousas descobrindo naus de guerra francesas, também buscando sítios na Ilha para o nosso Arraial donde me procedeu uma enfermidade (21) de que estive a risco de perder a vida.

Logo que chegou o Capitão-mor Alexandre de Moura o avisei do que se passava entre os franceses e que bem sabia por haver 3 meses que estava com êles por reféns (22) e curando-me de uma enfermidade, logo o dito Capitão-mor me mandou fôsse quietar os Indios da terra firme e a prender muitos franceses que andavam levantados entre êles o que fiz e vendo o dito Capitão-mor que fazia bem o que me encarregava me elegeu por capitão-mor da jornada do Pará, mas considerando a grande necessidade que o Maranhão tinha da terra firme de Cumá e Tapuitapera me mandou fôsse assistir nela por Capitão para o que me deu 25 soldados e 80 léguas de terra digo de Costa tôdas cheias de infinitos Indios e estando fazendo Igreja e quietando aqueles Indios com o grande trabalho me renovou a enfermidade de que havia padecido e indo-me a curar dela arribei a Indias a S. Domingos donde o Presidente dali me encarregou de Cabo dos Navios que sairam do dito pôrto, e com o tempo me apartei da Companhia e encontrei com um navio Pirata de 18 peças de artilharia com quem pelejei, e me matou tôda gente, que foram 19 homens não ficando mais que 3 e um menino todos em pedaços e eu fiquei com 23 feridas, com uma mão cortada, (23) e o rosto com uma cutilada e logo que fui em França que me conheceram haver morto franceses de Diepa acudiram viúvas e órfãos e a seu pedimento me prenderam e sentenciaram à morte e me tiveram 10 meses com rigorosas prisões a que acudiu o Duque de Montelião Embaixador e fêz-me soltar mas com gastar muito em meu julgamento de que estou muito empenhado.

Seará está 100 léguas da Capitania do Rio Grande para Leste (24) e em tôdas estas léguas não há um palmo de terra que se possa povoar nem que dê mantimento por nenhuma maneira, tudo são areiais desertos, só em 3 Rios tem 3 castas de tapuias de guerra, desde ali ao Maranhão tão pouco não há cousa que se possa povoar de que logo direi.

Êste dito Seará é um Rio que entram nêle embarcações de 30 a 40 toneladas está em 2 graus e 2 terços da parte do Sul, tem uma pequena fortaleza de madeira com 4 pedreiras, (25) está sôbre o Rio, e tem junto de si um rio de água doce

muito caudaloso, e bom, está dali a 2 léguas a barlavento uma grande enseada muito quieta para Navios de 400 e 500 toneladas que era antigamente pôrto dos franceses chamada macoripé onde podem estar 4 peças de artilharia que não deixem ancorar ali navio ladrão nenhum. Dali a barlavento está outra enseada chamada Iguape que também era repouso de estrangeiros que de contínuo há mister vigiada porque de contínuo vão ali a consertar seus navios e tomar água, e ali têm madeira para tudo que lhe é necessário, a sotavento dêste Seará há outra enseada chamada Pará que tem um rio de água doce caudaloso onde também se vão reformar os ladrões.

Todos os navios que forem ao Maranhão e Pará lhe será forçado ir a reconhecer as serras de Seará porque é boa conhecença e como elas estão em 2 graus e 2 terços e o Maranhão em 2 graus e um terço da parte do sul da linha, e as águas correm sempre loeste, convém que os Pilotos se assegurem (26).

A S. M. lhe convém ter aquela Colônia bem negociada que os Piratas se não apoderem dela que como fica a balravento do Maranhão convém sustentar-se o que se fará com pouco custo.

Também como tôda a demais terra é inutil, e sem proveito, de fôrça se deve de sustentar aquilo para estalagem dos que forem e vierem do Maranhão e Pará para Pernambuco que indo destroçados do caminho ali refazem assim de mantimentos como de Indios para os acompanhar também serveria para os nossos Navios para o que lhe for necessário que cada dia vem e vão em terra por não haver quem os encaminhasse e os Indios comiam os homens. Tôda aquela Costa é de muito peixe e os Rios o próprio (27).

Tem muito sal de salinas que a natureza cria, muita abundância de ostras, muitos mariscos, tem muita caça, como é veados, que são tantos como cabras e qualquer soldado com seu arcabuz os mata fàcilmente, também há muita quantidade de porcos, muito número de antas, de outras cousas do Brasil há muitos e bons Papagaios, e bogios e saguins, tem muita buraguatiara que é a melhor madeira para obras que até agora se há achado no Brasil, muito pau de tinta amarela a que

chamam tatajiba com outra madeira preta de muito valor, tem muitos algodões, tem mais de 40 léguas ao redor de si de muitas frutas as melhores do Brasil como são cajus e mangavas que os antigos plantaram e no tempo desta fruta sustenta todos aqueles Indios e recolhem muita Castanha de caju para o inverno (28).

E fazem cada casal mais de 3 pipas de vinho do próprio caju e passam muitas que guardam para o inverno o Rio em si tem muito bons pedaços de terra para engenhos; e muitas madeiras boas para tudo o que fôr necessário, para casas e navios, pelas serras e suas fraldas há muito boas terras para canas que ficam do mar 4 e 5 léguas (29); tem esta nova Colônia 4 aldeias de Indios de que é senhor um Indio Jacaúna, muito bom índio e que me quer muito; para pastos de todo o gado (30) são estas as melhores terras que hei visto porque as porcas parem 4 vêzes cada ano e muitos leitões de cada vez e com as frutas e mariscos dos Rios se fazem que donde se deitam se não podem levantar, ali tive cabras que pariram duas vêzes cada ano e a 2 e 3 cabritinhas, as cavalgaduras se dão grandemente as terras criam muitos mantimentos em grande maneira convém a saber de mandioca, milho zaburo, aboboras de muitas castas, feijões, favas, batatas, inhames, dá tôda a hortaliça de cá, melões, pepinos, couves, muita quantidade de galinhas, as serras tem muito cristal em grande mra. e dá mostras de prata o que até agora se não buscou nem se entrou mais de 20 léguas a terra dentro.

Tem em 70 léguas de circuito 22 nações de tapuias, diferentes línguas. Os moradores Indios dali me dizem que de uma serra daquelas carregavam os franceses quantidade de terra para a França, não sabem mais: o próprio (31) da serra do Pononé que está dali 60 léguas para o Maranhão; no ano de 1612 fiz um forte de madeira com suas guaritas e casas de soldados dentro a sua Ermida onde se diz Missa, e onde estão 20 soldados que como tão poucos naqueles desertos não podem fazer mais que sustentar-se ali dentro, assim irá aquela Capitania em pouco crescimento, ali deixei já 10 ou 11 casados com Indias e Mamalucas com muitos filhos (32).

Para que aquela Colônia vá em aumento, são necessá-

rios 50 soldados para que possam andar pela terra em descobrimento os 25 ou para acudirem a defender os portos aos Piratas e para poder adquirir algumas nações assim e para que sem receio do inimigo possam andar nas suas granjearias o que de outra maneira se não fará nada nem a terra será mais do que é hoje.

É necessário meter-lhe criações de tôdas as castas, como são éguas, vacas, burros, porcas, e cabras, ovelhas o que os soldados tomarão a conta de seus pagamentos.

Até agora não há mais que Capitão e um Alferes, e tem necessidade de Sargento para acudir as cousas necessárias. Os pagamentos desta gente que se lhe fazem em Pernambuco, será necessário que a metade se lhe faça em fazenda para se vestirem, em preços acomodados. e a outra metade em negros de Angola. Com o trabalho dêstes escravos breve se fará muito e irão os dízimos em crescimento (33).

Os soldados que ali residirem será bom serem casados para trabalherem com cuidado, e para quietação dos Indios.

Ali se apanha às vêzes quantidade de âmbar.

É muito necessário que ali haja dois frades, porque só um clérigo não está bem naquele deserto só (34).

Também é necessário, que se mande ali 6 peças de ferro para defesa da Barra porque até agora não tem cousa que a possa defender (35).

Isto é o que entendo acêrca de Seará e nesta cidade estão Pessoas que também tem muito conhecimento destas cousas, e daquela terra, como é o Capitão Alexandre de Moura e o Capitão Francisco de Frias, e outras pessoas de importância.

Oficiais de Carpinteiro da Ribeira para fazerem embarcações, ferreiro, êstes são os dois mais necessários ofícios para ali.

MARTIM SOARES MORENO

As notas relativas a êste Capítulo, constituído do texto da RELAÇÃO DO CEARÁ, compõem o capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

NOTAS À "RELAÇÃO DO CEARÁ"

1 — *Relação, relato, notícia* ou *história* do seu reduto do Ceará e da geografia do litoral da região cearense, foi o que fêz Soares Moreno neste documento, inegàvelmente de grande estima para a nossa crônica histórica. Escreveu-a em 1618, estando em Lisboa, depois de pôsto em liberdade, na França, graças ao trabalho mediador do embaixador espanhol, o Duque de Montelión. Endividado, diga-se na miséria, viu-se obrigado a rogar a S. Majestade Filipe 2.º que o socorresse. Dirigiu-lhe a carta-súplica sem data, mas daquele dito ano, na qual alegava os serviços prestados na fundação da fortaleza da barra do Ceará e na conquista do Maranhão, em poder dos franceses. À carta juntou a *Relação*, encontrada nos arquivos de Portugal pelo Barão de Studart e por êle divulgada em *Documentos para a História do Brasil, especialmente do Ceará*, Fortaleza, Tipografia Minerva, 4. vols.; na *Revista do Instituto do Ceará*, v. 19, 1905, p. 67; e em *Tricentenário da chegada dos Primeiros Portuguêses ao Ceará*, Fortaleza, 1903.

A *Relação* começa pela relembrança, ao ligeiro, de sua vinda para o Brasil e dos fatos relacionados com a "entrada" coelhina, bem como da guerra aos normandos, passando em seguida à descrição, também resumida, do rio Ceará e da costa cearense, que êle reputa sem proveito, pois, afora o mesmo rio, "a demais terra é inútil", embora fôsse necessário sustentá-la, com o seu bastião, para "estalagem dos que forem e vierem do Maranhão e Pará para Pernambuco". Atingir o Maranhão e desalojar os franceses constituía a meta importante. O castelo da barra do Ceará era apenas um ponto de repouso e refrescamento, ao longo do caminho.

A última parte da *Relação* preocupa-se com as medidas a serem adotadas para preservação e segurança do fortim: soldados em número maior, padres para confôrto das almas e oficiais carpinteiros, ferreiros etc.

Apesar de referir-se ao Ceará, é claro que a alusão se restringe ao rio dêste nome, ou mais estritamente, ao local

onde estava situado o forte e suas proximidades. À embocadura, enfim. Do restante da região Martim chama *Jaguaribe* (do rio Ceará para barlavento) e mais conhecida, então, pois era o caminho do Rio Grande, e *Mel Redondo* (do rio Ceará para sotavento) a que corresponde à serra da Ibiapaba, que Pero Coelho chegara a alcançar, tendo como um dos ajudantes o depois autor da *Relação*. Mel Redondo é tradução de Irapuá ou Irapuã, chefe indígena que dominou, em parte, aquela montanha.

Não se sabe o que em linguagem indígena significa a palavra Ceará, grafada em muitos documentos antigos *Seara* e *Syará*. É etimologia por demais controvertida, e quem desejar conhecer melhor os têrmos dessa controvérsia deve consultar o livro *O Ceará*, de Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, já em 3.ª ed., Fortaleza, Editôra Instituto do Ceará, p. 7.

2 — Muito se discutiu a origem nacional de Soares Moreno. Alguns, entre êstes, de comêço Capistrano de Abreu, consideravam-no pernambucano. Outros, natural de Tânger, onde parece ter nascido e viveu o tio, Diogo de Campos Moreno, que veio a ser Sargento-mor do Estado do Brasil e era figura de evidência na administração portuguêsa. A declaração dêle próprio — "sendo de pouca idade passei ao Brasil" — esclarece não ter sido brasileiro de nascimento. Fixa-se em 17 anos a sua idade ao "passar-se para o Brasil", em 1602. Nascera, portanto, em 1585, talvez em 1586, o que se deduz da declaração feita por êle no auto que assinou com Alexandre de Moura e o Procurador da Fazenda, Francisco de Frias Mesquita, em 8 de janeiro de 1616: "O Capitão Martim Soares Moreno, e sargento-mor desta Conquista do Maranhão de idade que disse ser de trinta anos pouco mais ou menos, a quem o Auditor deu juramento..." (1). Viera como soldado e como soldado engajou, por influência do mesmo tio, na expedição de Pero Coelho de Sousa. Mas soldado de algum destaque: se não a ponto de ombrear-se com o chefe do empreendimento, como pretendeu o Padre José de Morais na sua *História da Companhia de*

(1) Rev. Instituto do Ceará, v. 19, p. 62

Jesus, pelo menos merecendo ser apontado pelo interessante e verídico Frei Vicente do Salvador, na sua interessante e pioneira *História do Brasil*, como um dos principais elementos da "bandeira", incluído entre Manuel de Miranda, Simão Nunes e Tuimirim, língua ou intérprete de naturalidade francesa (Cap. 38).

3 — Pero Coelho, com a sua gente, chegou à Ibiapaba ou Serra Grande, venceu os tuxauas Mel-Redondo e Diabo-Grande (Jurupariaçu) e tencionou prosseguir sua rota até o Maranhão; porém às margens do rio Punaré, hoje Parnaíba, teve que retroceder, visto como, salienta Frei do Salvador, "os soldados não consentiram porque andavam já nus e, sôbre isso, o quiseram alguns matar". "Pelo que lhe foi necessário retirar-se ao Ceará", é do citado historiador, fato que a *Relação* confirma: "... e vendo que nos não podíamos sustentar, nos retirarmos a Seará para que com mais socorro fôssemos à conquista do Maranhão, tão desejada dos Reis passados". Aí no Ceará havia Coelho de Sousa demorado "alguns dias de descanço por causa da gente miúda" (crianças e mulheres da expedição), quando de sua viagem de ida.

4 — "Ali houve muitos desassossegos nos índios por algumas sem razões que lhe fizeram"... Quer o autor da Relação referir-se, possívelmente, à atitude de Pero Coelho que, excedendo-se, porventura, na execução do Regimento, a êle outorgado por Diogo Botelho, prendendo índios para vender. Muita injustiça têm cometido alguns historiadores no apreciar os acontecimentos dessa expedição, a ponto de considerar o chefe um execrado, sem se deterem no exame sereno do alto valor de sua corajosa iniciativa e no modo como tudo fêz êle para fincar na terra cearense a estaca zero da civilização européia, trazendo a família — mulher e filhos — e esforçando-se, em segunda viagem, para trazer à sua Nova Lisboa os indispensáveis elementos de consolidação. O Rei, em face dos autos, achou que "o cativeiro (dos índios) não era legítimo nem conforme às leis que sôbre isso são passadas, nem era conveniente para o bom prosseguimento daquela conquista escandalizar os índios dessas partes com cativeiros, que êles tanto temem e aborrecem" (*Documentos, do* Barão de Studart,

v. 4, p. 8), mas a verdade é que as pelejas dos colonizadores contra os naturais nunca perderam o caráter de crueldade, tristemente generalizada.

5 — "Ali nos três anos que digo..." Os esforços de Pero Coelho no seu desígnio de fundar a Capitania de Nova Lusitânia duraram efetivamente de julho de 1603 ao "ruim sucesso" dos fins de 1606, reduzido o chefe e os seus ao quase escaveiramento. Martim deixa entender que durante êsses três anos permaneceu no Ceará: "nesse discurso de tempo aprendi muita parte da língua daqueles índios". Aproveitava as horas, fazendo amizades com os gentios locais. Não está esclarecido em que momento Soares Moreno abandonou o Ceará: se ficou até o fim ao lado de Simão Nunes, no forte S. Tiago da barra do Ceará, ou se fêz parte dos que acompanharam Coelho nos últimos instantes.

6 — No Ceará não havia o pau-brasil e sim a tatajuba ou tatajiba e a violete ou pau-violeta. Aquela, de natureza corante; esta, destinada à marcenaria. A tatajiba, ou pau-de-côr, é uma das Moráceas. As três espécies — *Maclura tinctoria* Endl (*Broussonetia tinctoria* Mart), *Maclura affinis* Miq. (*Morus tatajiba* Vell.) e *Maclura xanthoxylon* Endl. (*Broussonetia xanthoxylon* Mart) eram encontradas no Ceará. Tatajuba quer dizer, em tupi, árvore de fogo (dada a côr), de *tátá* fogo e *iba* madeira.

A violeta — *Dalbergia cearensis* Duque — é da família das Leguminosas Papilonadas, prestando-se à fabricação de móveis, soalhos, etc. Tem o porte médio e o lenho de coloração roxo-escuro, muito duro (Ver *Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará*, de Renato Braga, Fortaleza, Imprensa Oficial, 1953, ps. 445 e 465). Entre os indígenas era conhecida por uburaquatiara (madeira pintada) ou ibarãquatiara, uquiraquatiara, ibiraquatiara. Na França chamavam-lhe *mandril* ou *bois violet*. O naturalista cearense, Prof. Dias da Rocha, deu-lhe a classificação *Dalbergia violeta* (Ver *Pequena História do Ceará*, de Raimundo Girão, 3.ª, ed, Fortaleza, Imprensa Universitária, p. 23).

Como se infere dos têrmos da *Relação*, a qualidade cea-

rense era disputada, "por ser como damasco". O damasqueiro é uma Rosácea, afamada pelo seu fruto.

8 — O âmbar tinha, então, larga procura e apesar de não se conter na Relação de Soares Moreno mais que ligeira referência a êste produto e de haver alegado certa vez o Conselho da Fazenda Real ser o âmbar do Ceará "de pouca consideração e incerto", inúmeras e seguras são as informações dos cronistas e documentos acêrca de sua mercancia.

O âmbar, cujo nome é pirapoã-repoti (escremento de baleia) e etimològicamente deriva da palavra árabe ânber, de modo geral é uma substância resinosa e aromática, de textura vítrea.

Uma das espécies é o âmbar amarelo ou alambre, matéria fóssil, dura, frágil, meio transparente, insolúvel n'água, encontradiça, sob a forma de pérolas, nas sepulturas neolíticas e da idade do bronze, na Dinamarca, Inglaterra e outros países, podendo, outrossim, achar-se em depósitos naturais, como na Sicília e às margens do Báltico.

A outra espécie é o âmbar gris ou cinzento, oriundo das concreções intestinais das baleias e cachalotes, constituído pela matéria negra de que se alimentam.

Tais concreções têm o pêso variável de 500 gramas a 10 quilogramas e valiosa aplicação nos produtos de perfumaria.

A variedade cearense era o âmbar gris mais claro, que se computava a preço de quatro mil réis e mais cada onça, ao passo que o negro, encontrado desde Pernambuco até a Bahia, tinha o valor de três a quatro cruzados.

9 — Ver nota 3. Na sua retirada, já do reduto S. Lourenço, no Jaguaribe, onde tentou localizar num derradeiro recurso, abandonado por Simão Nunes, Pero Coelho procurou o Rio Grande, em companhia da mulher, dos filhos, do fiel índio Gonçalo e mais alguns soldados e indígenas. Iam por terra e na caminhada de fome e martírio morreu-lhe o primogênito. Salvou-os da morte o Padre Manuel Correia Soares que, informado pelo trânsfuga Simão Nunes do que se passava, lhes veio em socorro. Martim pluralizou a perda do filho de Coelho de Sousa.

10 — Desconhece-se a razão por que Soares Moreno in-

sinua terem vindo os jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira "em demanda de umas minas que dizem os franceses que estão na serra do Punaré". Esta serra do Punaré é a Ibiapaba, na qual se tinha notícia, dada pelos índios, de existirem minas de prata. É fora de dúvida ter sido a jornada dos padres inacianos de cunho puramente catequético e pacífico, visando a facilitar, de qualquer modo, o conhecimento do caminho do Maranhão. *Jornada do Maranhão* é como o Padre Figueira titula o seu relato. O fato de não levarem soldado nem armas e apenas índios domesticados, com o fim de tranquilizarem os desconfiados naturais, exclui outras intenções da dolorosa excursão.

11 — Assassinado pelos tocarijus o Padre Pinto, teve o Padre Figueira que desistir da jornada, tratando de voltar a Pernambuco. Após muitos contratempos, chegou à barra do Ceará, recebido festiva e carinhosamente. Sempre abrasado de fé, o jesuíta sobrevivente quis unir mais os indígenas por ali dispersos e, ali mesmo, os mandou roçar terreno apropriado, para o efeito de, montando uma cruz, organizar em tôrno desta uma taba, em que pudessem ser mais assistidos religiosamente. No dia de São Lourenço (10 de agôsto) a cruz foi erguida, de madeira de cedro, formosa e digna. A aldeia nascente chamou-se, porisso, São Lourenço — e ficava no exato ponto do arraial de Lagartixa Espalmada, morubixaba anfitrião, "muito rezingueiro e atrevido", diz Figueira. Daí é que partiu no dia 19 com destino a Olinda. "E agora, esquecendo-se do nome antigo daquela terra (Ceará) lhe chamam S. Lourenço", escreve o Padre autor da *Jornada do Maranhão*. O Barão de Studart afirma que S. Lourenço e Ceará são a mesma coisa: "Da aldeia do Ceará ou S. Lourenço saiu o Padre a 19 de agôsto de 1618..." (*Geografia do Ceará*, Fortaleza, Tip. Minerva, 1924, págs. 19 e 104). Serafim Leite, em sua magnífica *História da Companhia de Jesus* (v. 3, p. 11) pensa igualmente: "Tudo suportou (Figueira) com a fortaleza de ânimo heróico e fundou, ainda no Rio Ceará, a 10 de agôsto de 1608, dia de S. Lourenço, uma aldeia que por esta circunstância, se chamou Aldeia de São Lourenço".

Como aconteceu na expedição de Pero Coelho, "ficaram

aquelas partes outra vez despovoadas como dantes" — escreve-se na *Relação*.

12 — Tendo vivido no Ceará três anos e estreitado amizade com os indígenas daqui, muito notadamente a do prestigioso Jacaúna, pôde Soares Moreno, enquanto servia no forte dos Reis, perlustrar sem maiores perigos as costas riograndenses e as cearenses até o rio Ceará, aumentando as suas boas relações com moradores nativos. Induziu o grande amigo potiguara a mandar com êle um filho à Bahia a pedir ao Governador D. Diogo de Meneses lhes dotasse de padre que os fizesse cristãos. Comprometia-se Martim a vir "assistir com êles" e, uma vez nomeado Capitão-mor, efetivamente veio com o Padre João Baltasar Correia e seis homens.

13 — Dominado desde 1581 pela Espanha, com a aclamação de Filipe 2.°, rei de Portugal, teve no entanto Portugal conservados a sua antiga legislação e o privilégio de que sòmente a portuguêses caberiam os cargos administrativos, assim no Reino como nas colônias. O Rei decidia através dos Conselhos de Estado, que estudavam os assuntos e emitiam parecer. Sôbre a organização e a atribuição do Conselho da Índia, posteriormente transformado no Conselho Ultramarino, consulte-se Rodolfo Garcia, *Ensaio Sôbre a Hist. Política e Administrativa do Brasil*, Rio, Liv. José Olímpio Editôra, 1956, p. 226).

14 — A ferocidade das lutas ao tempo das invasões da América pelo europeu não tinha limites. Daí poder-se aceitar a verdade, desumana, do degolamento, por Martim Soares Moreno, de 200 inimigos piratas. Também é possível concordar com certa jactância nessa declaração arripiante, para amenizar a apreciação do gesto do "Guerreiro Branco". Convém lembrar que a *Relação* era uma alegação de serviços prestados, a que o autor teria que dar bastante ênfase, a fim de impressionar melhor.

Entrando em fogo contra os flamengos, ao tomar uma trincheira na Ilha de Santo Antônio, guarnecida por 40 infantes e um sargento, degolou Martim 12 dêles (*Documentos*, v. 2, p. 260). Quatrocentos e tantos índios, duma vez única, degolou Morais Navarro, depois de os atrair para uma festa, recorda o

fato Pompeu Sobrinho, no Prefácio a *Matias Beck — Fundador de Fortaleza*, de Raimundo Girão. É bem histórico o pavoroso ato de Vasco da Gama, aprisionando um navio carregado de peregrinos árabes, apoderando-se das mercadorias de bordo e incendiando a embarcação com todos os passageiros, mulheres e meninos (*História Universal*, de C. Seignobos trad. espanhola de Domingos Vaca, Editôra Nacional, S.A. México, 1947, v. 4, p. 69). E não são mais bárbaras as guerras de hoje?...

15 — Esta declaração de Moreno é boa prova da sua combatividade, às vêzes destemorosa, às vêzes ardilosa. Fingindo-se de índio, entre índios e falando como índios, obtinha maior penetração nas suas investidas contra os flibusteiros adversários.

16 — Em face da ausência de recursos oficiais, tão constantemente rogados e tão irritantemente negados, via-se o Capitão-mor obrigado a despender dos seus haveres, *da sua fazenda*, a fim de conseguir a simpatia dos selvagens.

17 — A incumbência perigosa dos reconhecimentos exigia daquela espécie de "comando" muito sangue frio e conhecimento do local por parte dos componentes. Valendo-se dos índios com que anteriormente fizera pazes e conhecedores do Maranhão, munia-se de bons elementos para a investida.

18 — Pereiá ou barra do Pereiá. As vêzes, nos documentos antigos, aparece o nome do rio com a forma Apereá, Perejá, Periá, Piriá. Capistrano de Abreu escreve Preá. Ver *Livro Que dá Razão do Estado do Brasil*, de Diogo de Campos Moreno, anotado por Hélio Viana, Recife, Arquivo Público Estadual, 1955, p. 58.

19 — São as Antilhas. Moreno arribou, inicialmente, na Ilha da Trindade e depois na cidade de Cumana, de onde foi enviado a Santo Domingo (São Domingos). Aí aportou em 15 de agôsto (1613) e só em dezembro seguiu para a Espanha (Sevilha), conduzindo os autos do processo de sua justificação. Ao Brasil voltou em 1615, segundo alguns, acompanhando o tio Diogo de Campos, que tornava cheio de decepções em virtude do fracasso da missão que, com os franceses Du Prat e Mathien Maillart e os companheiros Gregório Cardoso

de Albuquerque e Bento Maciel Parente fôra levar à Coroa, em cumprimento do trato ou pacto de trégua assinado por Jerônimo de Albuquerque, Daniel de La Touche, Monsieur de Ravardière. Na verdade, diretamente de Lisboa viajou Martim para o Maranhão num patacho que transportava soldados e armas, tocando no rio Ceará aos primeiros dias de junho. Ia como Sargento-mor da complicada conquista, substituindo o seu velho protetor e parente, Diogo de Campos. São afirmações suas, na Relação: "...dali (de S. Domingos) vim com a Relação a esta cidade (Lisboa) e com ela e o meu pilôto se fêz a jornada donde Sua Majestade me mandou também e fui sem mercê nenhuma onde servi de Sargento-mor em ausência de Diogo de Campos Moreno...". Essa viagem direta ao Maranhão nos é confirmada por Capistrano de Abreu (Prolegômenos à *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, cit. p. 435).

20 — Diogo de Campos foi ao Maranhão em outubro feito "almirante da armada" da expedição de Alexandre de Moura que, afinal, derrotou de La Touche (2 e 3 de novembro).

21 — A enfermidade era uma perigosa fístula, que mais tarde recrudeceu na Cumã, obrigando Martim a solicitar de Jerônimo de Albuquerque o seu afastamento. Dirigia-se à Europa, "indo-me a curar dela", quando foi obrigado a arribar nas Antilhas.

22 — Por ocasião da trégua pactuada entre franceses e hispano-lusos Soares Moreno ficou como refém. Estava curando-se da enfermidade.

23 Na *Relação*, Moreno diz: "com uma mão cortada". No seu requerimento a El-Rei, de 1618, porém sem data, usa das expressões: "...o tomaram os franceses, e lhe mataram tôda a gente deixando-o a êle estropeado com vinte e três feridas..." No relato ao mesmo Rei, dirigido no mesmo ano e a que juntou a Relação, diz: "...donde êle suplicante escapou com 23 feridas e uma mão a menos..." *(Rev. Instituto Ceará*, v. 19, ps. 65 e 66).

24 — O rio Ceará tem o curso de 50 km e nasce no Município de Maranguape, formado pela junção dos ribeiros

Bom-Princípio e Jandaíra. Tem como afluentes o Tucunduba e o Maranguapinho, êste formado pelas correntes Sapupara, Pirapora e Gavião. Todos os acontecimentos relacionados com Pero Coelho, Padre Figueira e Soares Moreno passaram-se na barra do rio, que formava um pôrto regular para as embarcações da época. Aos poucos soterrado pelas dunas, já se achava imprestável quando os holandeses, em 1649, tentaram novo império na região cearense. Matias Beck, com os seus oficiais e pilotos, considerou assim aludido pôrto, preferindo a foz do rio Pajeú para localizar o seu forte "Schoonenborch", em tôrno do qual, depois chamado "N. Senhora da Assunção" (a partir de 1654), se formou a cidade de Fortaleza. Não obstante muito louvado como rio, com terras apropriadas para a cana-de-açúcar e outras agriculturas, as proximidades da mencionada barra, de constituição arenosa, nunca produziram nada de mais substancial. É uma região de mangues e de salinas.

25 — Pode-se bem imaginar que tamanho e consistência teria o forte de Soares Moreno, construído sem as ferramentas indispensáveis. A sua história é uma história confrangente, de abandono até criminoso por parte dos que o deviam manter vigilante.

Mal foi levantado, entrou no esquecimento. Diogo de Campos, na *Jornada do Maranhão* lastima: "Mas sucedeu que se descuidaram tanto do dito Martim Soares Moreno, que quase se viu desacreditado e perdido com os índios, que soberbos das prezas alcançadas, e não vendo que se fazia conta de aquêles brancos e não faltando um mau cristão que de secreto avisava aos bárbaros que os matassem, que sem ordem se haviam ido ali para os cativarem, estiveram muito em risco de perder as vidas, e o bom princípio, que com justa quietação se havia dado: e sucedera dano, se o dito Martim Soares, já muito prático na língua e modos de proceder dos índios não se valera de sua indústria, até que lhe chegou socorro" *(Rev. Instituto Ceará, v. 21 p. 216)*.

Quando voltou a êle, em 1621, Martim sentiu o profundo desgôsto de vê-lo em desbarato, e sentiu desgôsto maior no dirigí-lo, inteiramente desajudado, durante os dez anos de

sua provisão de Capitão-mor. Bem se poderá chamar à fortificação de Moreno o "Forte das Lamúrias". Terminou fàcilmente nas mãos dos holandeses e, em poder dêstes, destruído pelos selvagens.

26 — Tais serras são aquelas "que ainda azulam no horite" e além, muito além das quais nasceu Iracema, a virgem dos lábios de mel (José de Alencar). Pertencem, orogràficamente, ao Cordão das chamadas serras esparsas do Ceará. Êsse cordão começa perto do mar, a 30 km a noroeste da capital cearense desenvolvendo-se por 120 km e tomando sucessivamente os nomes de Cauípe, Juá, Camará, Tucunduba, Maranguape, Aratanha, Acarape e Guaramiranga ou Baturité. As de Maranguape, Aratanha e Baturité destacam-se pela sua fertilidade, ótimos celeiros para o estômago de Fortaleza. Na de Acarape acha-se situado o açude Acarapa-do-Meio, cuja água alimenta o abastecimento da mesma cidade.

Para os navegantes servem de orientação, por serem fàcilmente reconhecíveis, "de boa conhecença", na linguagem de Martim.

27 — "O próprio" — significa "a mesma coisa", "do mesmo modo".

28 — A descrição das imediações do rio ou barra do Ceará, assim feita por Soares Moreno é filha do seu entusiasmo pelo local a que se afeiçoara e também da necessidade de bem convencer o Rei no atendimento de seu pedido. Algo do que enumerou, de fato, existia ali, porém não tanto como expunha. Se fôra realmente como descrevia, não teria êle, com os seus soldados, vivido a vida de carências que viveu, a chorumingar socorros a todo momento. Alexandre de Moura, no seu parecer ao requerimento de Martim Soares pleiteando a concessão de 12 léguas de terra, faz advertente ressalva ao exagêro do peticionário, pois esclarece: "...e digo tanto porque estive na terra e sei que não é tôda fértil nem boa para cana-de-açúcar e que há lugares muito pobres de madeiras que são tôda sustança dos engenhos, e que se fôra semelhante a outras do Brasil menos de uma légua lhe bastava para o trapiche que quer fazer..." (*Rev. Instituto Ceará*, v. 19, p. 89). (1) Na carta escrita a S. Majestade em 1 de novembro de

1621, comunicando haver tomado posse da Capitania, o de novo Capitão-mor repetiu os elogios da abundância do Ceará, onde as canas-de-açúcar se dão espantosamente, as madeiras são muitas e boas, muito algodão, muita caça e peixe, sendo provável encontrar-se muito metal a respeito das muitas serras que nele há (*Rev. Inst. Ceará*, v. 19 p. 94). No entanto, os dias vieram provar, amargamente, o engano do missivista.

Talvez a maior riqueza para os pobres homens do presídio, como o era para os índios, fôsse o caju, o saboroso e vitaminoso anacárdio (*Anacardium occidentale Linn*) com a delícia do seu pedúnculo, o *fruto*, a da sua rinóide castanha, embora não passe de 3 ou 4 meses o tempo de sua produção ou safra. A castanha era guardada para o inverno em grande porção, quando seria assada e retirada da casca meio carbonizada, para manjar apetitoso. Do suco os índios preparavam o vinho, certamente menos grosseiro que o *cauim*, pois já sabiam conservá-lo dum ano para outro. *Passavam* várias pipas para bebê-los também no inverno, isto é, entre janeiro e junho. O caju já foi denominado a "uva do Nordeste" e sôbre êle existe rica literatura. Convém ler *Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará*, cit. de Renato Braga, verbete "Cajueiro", e *Cajueiro Nordestino*, de Mauro Mota, Ministério da Educação e Cultura — Serviço de Documentação.

29 — Parece referir-se à serra de Maranguape com o seu vale sopedâneo, onde a cultura da cana floresceu bastante e ainda hoje fornece ao consumo do Estado bem feitas e procuradas aguardentes.

30 — A região muito limitada em relação à hinterlândia, ou seja mais litorânea conhecida e pisada por Martim não se presta muito para a criação do gado como a do alto sertão. No entanto, devemos reconhecer na sua alegria, ao ver que as porcas pariam 4 vêzes cada ano e as cabras 2, muita veracidade, considerando-se a pouca extensão de suas criações de gado. Recordem-se as suas justas e contínuas jeremiadas pelo estado de "falta de tudo" em que vegetava, para concluir-se pela muita relatividade da mesma alegria. Do gado vacum resultante das vacas por êle trazidas, após mais de 15

anos, desde a sua chegada em 1621 até a perda do forte em 1637, não encontraram os flamengos, que dêste se apoderaram, senão 227 reses. Explica-se a falta de penetração no interior pelo grande número de tribos inimigas nêle moradoras e a pequenez e despreparo bélico da guarnição do forte. Só as castas mais vizinhas, obedientes a Jacaúna e depois ao seu filho Algodão, estiveram a ajudar o heróico e bravo comandante.

31 — Vide nota 27.

32 — Saído em junho de 1613 para as aventuras do Maranhão, deixou Soares Moreno 10 ou 11 dos seus poucos soldados casados com índias e mamalucas, com muitos filhos. Para o presídio, nenhum da guarnição trouxera mulher branca e êle Moreno era solteiro. Entretanto, os cruzamentos, pelo menos os legítimos, não aumentaram porque na hora de rendição do fortim, em 1637, foram aprisionados e levados para Pernambuco pelos flamengos vitoriosos, além de 33 soldados, tão sòmente 18 outras pessoas, muito aceitàvelmente as mulheres mamalucas e seus filhos. Não ficou ninguém de sangue português, tendo êsse fim de merencóreos tons o atribulado abrigo do Guerreiro Branco. Arraso total dêsse primeiro ciclo de esforços de Portugal para dominar o Ceará. Nem material, nem ètnicamente, pôde algo deixar.

33 — Não há documento que prove terem sido introduzidos negros no presídio da barra do Ceará. Fugidos da Bahia, encontrou Pero Coelho alguns africanos, aliados aos franceses de Mombille. Matias Beck trouxe vários dêles na sua expedição de 1649 e verificou a existência de outros, aprisionados pelos índios, a que serviam. Quanto aos pagamentos dos soldados do fortim, já foi dito como nunca se fizeram a não ser com enormes atrasos, reduzindo-os a uns semi-indigentes. E jamais se completou o número de 50, tão suplicados pelo Capitão-mor.

34 — O primeiro Vigário do Ceará, vindo com Soares Moreno, Padre Baltasar João Correia, desempenhou-se do sacro mister até 1619. "Enérgico, decidido também em suas ações em prol da catequese — fala Carlos Studart Filho — não restringiu, ao que parece, suas atividades missionárias

ao âmbito do fortim e das aldeias cristianizadas. Itinerante incansável, derivou para arraiais distantes, no inflexível esfôrço de transfundir a fé aos índios infiéis. Repetidas vêzes abandonou a sede da Capitania encaminhando-se para circunscrições vezinhas a negócios próprios ou da religião que apostolava" (*Rev. Instituto Ceará*, v. 69, p. 25).

Martim encontrou em 1621 o seu velho castelo sem assistência paroquial. Na *Relação* sugere a vinda de dois frades, porque um só clérigo na região longínqua não bastaria. Em 1626 esteve com o desestimulado Capitão-mor Soares, durante 15 dias, Frei Cristóvão Serafim ou de Lisboa, capucho de S. Antônio, que designou dois religiosos para servirem no arraial do forte. Destinava-se ao Maranhão.

O descaso em tôrno do pequeno bastião cearense refletia-se assim no espiritual. Ainda em 1637, nas vésperas da derrocada da posição portuguêsa, o Governador do Estado do Maranhão, a que pertencia a Capitania do Ceará, deplorava, junto ao Rei, o estado desta, nestes dolorosos têrmos: "Está aquela Capitania do Ceará sem socorro há dois anos e o Capitão e os soldados sem missa por não haver clérigo nem frade que para lá queira ir, porque os frades de S. Antônio são todos idos desta capitania" (Maranhão).

35 — A defensão militar do forte S. Sebastião tôda vida foi precária. No comêço, armava-o apenas uma peça de artilharia, tomada aos piratas. Na *Relação*, informa Soares Moreno que "até agora (1618), não tem coisa alguma que a possa defender". Ao transitar por ali, em 1626, o primeiro Governador do Estado do Maranhão refez a fortificação, dotando-a de mais 4 canhões: "Passei pela Capitania do Ceará, comunicava êle a S. Majestade, aonde achei Martim Moreno por Capitão daquele presídio em um forte tão fraco e desbaratado que me foi necessário fazê-lo de novo e guarnecê-lo com quatro peças de artilharia, por não ter mais que uma..." (*Documentos*, de Studart, v. 2, p. 219). Essas 5 peças, já incendiado o S. Sebastião pelos aborígines, foram as que Matias Beck transportou para a foz do Pajeú, a fim de aproveitá-las no levantamento do Schoonenborch.

DIÁRIO DE MATIAS BECK

INTRODUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS

DE

JOSÉ AURÉLIO SARAIVA CÂMARA

I — INTRODUÇÃO

Foi efêmera e de pouca significação a presença do invasor holandês no território do Ceará colonial.

Aqui viveram os batavos uma página medíocre da sua atividade econômica no setentrião brasileira — aquela que se vincula a um esfôrço meramente extrativo, e não fôra caber à segunda expedição a fundação do estabelecimento militar em tôrno do qual surgiria a futura cidade de Fortaleza, nada se teria a recordar, no território cearense, o curto e descontínuo domínio dos flamengos.

Considerado, aliás, no âmbito largo da história nacional, o capítulo da incursão batava ao nordeste do Brasil mereceu, de quem tanto aquela história conheceu e analisou, um julgamento pouco entusiasta. "A invasão flamenga, escreve Capistrano de Abreu, constitui mero episódio da ocupação da costa. Deixa-a na sombra a todos os respeitos o povoamento do sertão, iniciado em épocas diversas, de pontos apartados, até formar-se uma corrente interior, mais volumosa e mais fertilizante que o tênue fio litorâneo". (1).

Por outro lado, um dos mais sérios estudiosos europeus da presença holandesa no Brasil colonial, em obra hoje clássica no assunto, considera que a experiência brasileira da Companhia das Índias Ocidentais constitui "apenas um episódio no desenvolvimento da expansão ultramarina da Holanda, representa simplesmente uma tentativa para estabelecer nas Índias Ocidentais a contra-parte das florescentes Índias Orientais". (2).

Considerados, porém, sob perspectiva mais ampla, afiguram-se-nos aquêles fatos como um reflexo, em terras da América portuguêsa, da luta seiscentista do comércio livre contra o monopólio, onde um povo, estimulado pelo interêsse comercial e um justificado inconformismo, dispôs-se a rebelar-se pela fôrça contra um *statu quo* que partilhava entre nações afortunadas o domínio e a exploração dos continentes e dos mares.

---

(1) — J Capistrano de Abreu — CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL — (1500-1800) — 4.ª Edição — Livraria Briguiet, 1954, Pg. 177.

(2) — Hermann Watjen — O DOMÍNIO COLONIAL HOLANDÊS NO BRASIL — Brasiliana — 1938, Pg. 516

Foi reagindo contra o monopólio ibérico, estabelecido na rota dos descobrimentos nos séculos XV e XVI, que franceses, ingleses e holandeses forjaram o imenso poder naval que lhes assegurou a supremacia marítima sôbre seus rivais. Era sob a capa de *piratas* ou *corsários* que velejavam e lutavam no *mare nostrum* dos iberos, visto como os testas coroadas da Europa, por conveniência, reconheciam oficialmente os absurdos direitos dos reis católicos de Portugal e Espanha.

Dos três, logo coube a preponderância à Holanda, pois no início do século XVII seus estaleiros chegaram a construir 1.000 navios, e nos meados da mesma centúria, para os 2 milhões de toneladas do total da navegação européia, 900 mil pertenciam aos Países Baixos. (3).

Antes mesmo da ocupação holandesa do nordeste brasileiro, ainda no século XVI, navios flamengos combateram e pilharam nas costas do Brasil, ora sòzinhos, ora associados a piratas ingleses. Assim sucedeu em 1587 e 1595 no litoral pernambucano. O fato se repete no início da centúria seguinte: em 1604 barcos holandeses aprisionam e incendeiam navios lusos no pôrto da Bahia, e em 1616 e 1623 aprisionam dezenas de naus que faziam o comércio para o Brasil. (4).

É dentro dêsse quadro, a que a trégua de doze anos assinada entre a Espanha e Holanda em 1609 não trouxera alterações apaziguadoras (5), que vamos encontrar os batavos investindo contra a Bahia em 1624 e ocupando Pernambuco em 1630.

(3) — "... já em meados do século XVII atingia (a navegação européia) a 2 milhões de toneladas. A Holanda tinha a primazia com 900 mil toneladas; segula-se lhe a Inglaterra com 500 mil; a Espanha, Portugal e Itália com 350 mil, e a França, Hamburgo, Suécia e Dinamarca, com 250 mil." — Roberto C. Simonsen — HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL — 1.º Vol. — Brasiliana — 1944, Pg. 74.
C. R. Boxer chama a atenção para o fato de "ter sido a Holanda, e não a Inglaterra, que no curso da primeira metade do século XVII fêz dobrar a espinha ao poder marítimo das nações ibéricas." — C. R. Boxer — OS HOLANDESES NO BRASIL — Brasiliana — 1961 — Pg. 1.

(4) — Não constitui novidade o fato de já no início do século XVII, e talvez antes, os holandeses terem iniciado um comércio apreciável com o litoral brasileiro, de que eram intermediários negociantes portuguêses do Pôrto e Viana do Castelo. Tal comércio desenvolveu-se muito durante a trégua de 1609—1621 com a Espanha, e nêle o açúcar predominava. Se em 1595 havia apenas 3 refinarias na Holanda, em 1622 êsse número subia para 29, das quais 25 em Amsterdam, refinando açúcar brasileiro.
Por volta de 1600 havia mais de 200 navios flamengos utilizados no comércio com o Brasil. E a familiaridade dos pilotos e navegantes holandeses com os portos brasileiros é que lhes permitiu guiar com absoluto êxito as armadas invasoras de 1624 e 1630.

Para o sul e para o norte o avanço se processa, com decisão, nos primeiros anos da conquista. Ocupado o Rio Grande do Norte em 1633, já em 1637 a investida se estende ao Sergipe e Ceará, e pode dizer-se que metade das capitanias do Brasil está agora sob o domínio da Companhia das Índias Ocidentais.

Não só pelo fato de estar a capitania do Ceará a meio caminho do Maranhão, cujos engenhos de açúcar estavam na mira dos flamengos, mas sobretudo pelo sal que aqui poderiam obter em favoráveis condições, é que numa frotilha holandesa fundeou no Mucuripe em 25 de outubro de 1637. Aqui se poderia instalar um ponto de apoio e uma base de operações para a conquista da ilha de São Luís; aqui se poderia processar, em alta escala, a exploração salineira capaz de abastecer com seu produto todo o Brasil holandês.

Convém recordar, entretanto, que uma solicitação dos indígenas da terra foi enviada à Companhia, em Recife, para que daqui expulsasse o elemento luso. Prova do fato é a carta, de 25 de agôsto de 1637, que o Conselho do Brasil enviava à direção da Companhia na Holanda, onde se lê: *"Chegaram aqui há algum tempo dois índios do Ceará, cujo bando em número de cêrca de quarenta pessoas ficara no Rio Grande. Declararam ter sido pelos seus enviados para pedir-nos que tentássemos um empreendimento, pois êles queriam entregar-nos o Castelo do Ceará, ajudar-nos a expelir os portuguêses e fazer-nos senhores daquela região; e para mais nos animar, disseram que havia naquelas cercanias belas salinas que podiam dar muito sal, como encontrariam também muito âmbar e al-*

(5) — "Nem a trégua assinada em 1609 conseguira deter a agressividade e a expansão dos holandeses no mundo tropical" — C. R. Boxer, Op. cit. Pg 7.

goãão". (6). A carta terminava assegurando que em oportunidade mais propícia a emprêsa seria intentada. *"Entretanto, aguardaremos uma ocasião oportuna para de passagem apoderarmo-nos dêsse lugar e assim repelir os portuguêses para mais longe das nossas fronteiras"*.

O sal constituia, entretanto, o motivo que, de imediato, impunha o empreendimento. Era no arquipélago do Cabo Verde, enfrentando os duros riscos de uma longa travessia marítima, que se abasteciam os holandeses daquele produto. (7). E o litoral cearense já firmara tradição de fácil exploração salineira, pois sabemos que, em 1607, a nau que desembarcou na foz do Jaguaribe os padres Figueira e Pinto tinha ordens para retornar a Pernambuco carregada de sal.

Quando, menos de um mês após se haverem estabelecido na barra do rio Ceará os componentes da expedição, em carta de 16 de novembro, o Conde de Nassau anunciava à Holanda o desencadeamento da operação, era nestes têrmos que o fazia: *"Em direção ao Norte, cêrca de oitenta léguas além do Rio Grande, os inimigos têm um forte chamado Ceará, para onde enviamos um major com tropas a fim de tomá-lo, se Deus quiser. É um lugar onde se encontra o âmbar-gris e também grande quantidade de sal, de sorte que se Deus nos der esta praça, os nossos navios não terão que ir carregar sal nas Indias Ocidentais, mas encontrarão no nosso país"*. (8).

O próprio Conselho Supremo, logo após o desembarque e ocupação, narrando o sucesso da emprêsa, escrevia lite-

(6) — José Hygino Duarte Pereira — GEDEON MORRIS DE JONGE — Revista do Instituto do Ceará, Tomo X, 1895.

Sôbre a solicitação dos indígenas para que ocupassem o Ceará, lê-se em Varnhagen esta versão —: "Deram azo a ela (a conquista do Ceará) os oferecimentos que dali lhe mandou fazer, por emissários, um principal por nome Algocão, naturalmente a isso reduzido por vários índios que, levados da baía da Traição à Holanda em 1625, haviam sido, já com essas miras, deixados em terra (no Ceará) em 1636." — Varnhagen — HISTÓRIA GERAL DO BRASIL — Tomo II — 5.ª edição, Edições Melhoramentos — Pg. 291.

(7) — "Para com a Companhia, pretextou Nassau as vantagens que dessa conquista resultariam, fornecendo não só âmbar, como sal, género êste que tinham de ir buscar a uma das ilhas de Cabo Verde". — Varnhagen, Idem.

(8) — Luis da Câmara Cascudo — GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDÊS — Rio, 1956 — Pg. 260.

ralmente para a Holanda: *"É certo que ali se acha âmbar-gris, mas por isso não vale a pena manter uma guarnição no Ceará, se abaixo dêle não se encontrassem salinas"*. (9).

Para a ocupação do Ceará, em 1637, foi mandada uma expedição constituída de 126 homens, transportada nos iates *Camphaem* e *Brach*, com uma tripulação total de 58 marinheiros. Nas mesmas embarcações viajaram 25 índios do Ceará.

O comando geral da operação era exercido pelo major Joris Garstman.

Chegando a Mucuripe a 25 de outubro, já a 26 os holandeses venciam a resistência da pequena guarnição de 33 homens do fortim de São Sebastião, na barra do rio Ceará, comandada por Bartolomeu de Brito. A luta se desenvolveu na relação de doze para um, visto como Garstman declarou em relatório haver atacado a praça com 400 homens, entre os quais 200 índios do chefe *Algodão*.

Consolidada a vitória, Joris Garstman seguiu por terra para o Rio Grande do Norte levando 34 soldados, 50 índios e 18 prisioneiros. Os dois iates retornaram a Recife com parte do pessoal, sob o comando do capitão Hendrick Huss, e no Ceará ficava o tenente Hendrick Van Ham à frente de uma guarnição.

Iniciava-se no Ceará aquilo que, na trama da exploração industrial e mercantil desenvolvida na ocupação holandesa do Brasil, iria assinalar o *ciclo do sal*.

O tenente Van Ham logo se revelou incapaz para a missão que lhe era atribuída. Caráter fraco, sem espírito de ini-

(9) — José Hygino Duarte Pereira — Artigo citado.

"A importância do sal era enorme para o holandês. O próprio tratado de paz que os Estados Gerais firmaram com a Coroa Portuguêsa a 6 de agôsto de 1661 e ratificado por el-Rei Afonso VI a 24 de maio de 1662, estabelecia numa das cláusulas que anualmente seria fixado por acôrdo o preço pelo qual os holandeses comprariam o sal de Setubal. Edgar Prestage, citado por José Honório Rodrigues, afirma que aquêle Tratado injusto confirmava a política que os holandeses haviam de manter com Portugal: de paz na Europa porque lhes era indispensável o sal que iam adquirir em Setubal; de guerra nas restantes partes do mundo". In Joan Nieuhof — MEMORÁVEL VIAGEM MARITIMA E TERRESTRE AO BRASIL — traduzido do inglês por Moacir N. Vasconcelos — Biblioteca Histórica Brasileira — Livraria Martins, São Paulo — Nota 460, de José Honório Rodrigues, Pgs. 342 e 343.

ciativa, logo concluiu pela inoperância do empreendimento, e suas cartas lamuriosas aos superiores de Recife são um apêlo constante para o retôrno da guarnição a Pernambuco. Em breve, porém, o substituiu a personalidade forte e ativa de Gedeon Morris de Jonge, uma das figuras mais admiráveis da aventura holandesa no Brasil.

Êste flamengo da Zelândia, misto de *condottieri e mercador*, profundo conhecedor do norte e nordeste do Brasil, mal assume a direção da emprêsa no Ceará e logo emprestalhe uma atividade verdadeiramente assombrosa. Descobre novas salinas e explora as já conhecidas. Do Camocim à região de Areia Branca, então encrustada no território da capitania do Ceará, a exploração salineira se processa com uma intensidade admirável. Emprega, para isso, a mão de obra indígena a qual, històricamente, se afirma como a primeira efetivação do *trabalho organizado* no Ceará.

Gedeon Morris de Jonge não se limita entretanto à exploração do sal. Repara e amplia o forte, melhora o material de navegação, planta cana, fumo, mandioca. Explora o comércio de pau-violeta e é um otimista quanto às possibilidades da terra.

Mas os índios que convidaram os holandeses para aquela aventura no Ceará seriam, também, o instrumento da sua destruição. O tratamento desumano que lhes impunham os flamengos, as perseguições, a exploração excessiva no trabalho, a falta de pagamento, contràriamente à racional política de apaziguamento preconizada pela direção da Companhia no Recife, acabaram por indispor os indígenas contra seus aliados de ontem. (10).

Em princípios de 1644 assaltaram a guarnição flamenga em seu reduto, massacraram-na totalmente e, pela pilha-

(10) — "... não podemos inferir outra causa senão que a desinteligência e a inimizade dos índios do Ceará e costas adjacentes contra nossa nação originaram-se do mau tratamento que lhes deram e sobretudo por não serem devidamente pagos seus serviços nas salinas de Marituba e pelo carregamento dos barcos nas salinas e outras partes etc." — Era assim que o Conselho de Recife procurava explicar as razões do massacre do Ceará. In José Antônio Gonçalves de Melo neto — TEMPO DOS FLAMENGOS — Coleção Documentos Brasileiros — Livraria José Olympio Editora — 1947 — Pg. 246.

gem e pelo incêndio, destruiram o que representava a presença holandesa na capitania. Entre os mortos, o insubstituível Morris de Jonge. (11).

* * *

Durante cinco anos a capitania do Ceará foi, para o europeu, uma terra de ninguém. Nem portuguêses nem flamengos dela voltaram a se apossar. Tôdas as iniciativas para restaurar o domínio ibérico resultaram inúteis e diluiram-se em projetos vãos.

Em abril de 1649, de nôvo os holandeses voltam os olhos para a costa cearense e adjacências. Contràriamente ao ano de 1637 — início da primeira aventura, — quando a Companhia iniciava no nordeste brasileiro sua ascenção triunfal, agora era bem outra a situação em Pernambuco. A insurreição lavrava violenta contra a presença batava no Brasil, e o fim se desenhava inevitável. De Recife já partira o insubstituído João Maurício de Nassau, e a derrocada flamenga não permitia prognósticos duvidosos quanto à sua próxima efetivação.

Uma característica nova marcava a segunda expedição holandesa ao Ceará. A primeira objetivara a exploração salineira; a mineração, a busca de minas de prata e talvez de ouro, iria dar a coloração à nova investida.

A mineração não constituía assunto estranho aos objetivos que orientaram as naus flamengas na sua rota para a América portuguêsa. "*Entre os motivos*, narra Alfredo de Carvalho, *que determinaram a famosa Companhia das Índias Ocidentais à conquista do nordeste do Brasil, certo não faltou a esperança de aqui deparar com alguma das cobiçadas jazidas de metais preciosos, que faziam das colônias da contra-costa as jóias mais fulgentes da coroa espanhola*". (12).

(11) — Sôbre a personalidade de Gedeon Morris de Jonge, sua atividade na primeira fase da ocupação holandesa do Ceará e os aspectos básicos desta ocupação, ver ASPECTOS DO DOMÍNIO HOLANDÊS NO CEARÁ, de José Aurélio Câmara — In Revista do Instituto do Ceará — 1956.

(12) — Alfredo de Carvalho — MINAS DE OURO E PRATA NO BRASIL ORIENTAL — Explorações holandesas no século XVII — Revista do Instituto do Ceará, 1906 — Pg. 96.

Quer no Ceará, na Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe ou no próprio território pernambucano, vamos encontrar regiões que foram objeto de preocupação dos holandeses na medida em que as tradições correntes lhes atribuiam os ricos filões de ouro ou de prata. Relatórios, cartas, atas de sessões, descrições dos cronistas daquele período, são documentos onde encontramos referências a providências concretas ou meros projetos relativos à posse de pretensas minas. De modo que, quando a 3 de abril de 1649 uma flotilha de cinco embarcações e 298 homens fundeava no Mucuripe, sob o comando de Matias Beck, visando à exploração mineira do Ceará, o empreendimento não ia constituir um fato isolado no quadro das atividades da Companhia.

Há quase meio século, em 21 de novembro de 1600, um outro holandês, Jan Baptist Syens, natural de Amsterdam já desembarcara no Mucuripe, entrando em contacto com indígenas locais. Ali permaneceu até 15 de dezembro do mesmo ano, e entre seus homens figuravam índios do Rio Grande do Norte, os quais, ao que parece, teriam sido os incentivadores da expedição. Daqui teriam levado "aves, fios de algodão e pau amarelo". (13).

Há boas razões para admitir que, em sua permanência de mais de vinte dias no Ceará tenha Syens pesquisado prata e pedras preciosas numa montanha próxima, onde teria encontrado "esmeraldas de um verde muito bonito". (14). É bem possível que a tal montanha fôsse a própria serra de Maranguape, em cujos contrafortes Matias Beck iria, por cinco anos, desenvolver uma medíocre mineração.

É precisamente a descrição da atividade que em menos de três meses, dos sessenta e dois que passou no Ceará, aqui desenvolveu o chefe holandês da segunda expedição, que se encontra no famoso *Diário de Matias Beck.*

Beck, ao que tudo indica, era uma figura expressiva

(12) — Barão de Studart — FIGURAS DO CEARÁ COLONIAL — Revista do Instituto do Ceará — 1923, Pg. 255.

(14) — Tanto J. de Laet como Hessel Gerritz fazem referência a esta viagem, com uma divergência de data que não exclui a possibilidade de tratar-se da única que realizou Syens. Ver José Antônio Gonsalves de Mello neto, Op. cit. Pg. 231.

entre os holandeses da Companhia, em Pernambuco. Homem de acentuada fé religiosa, anti-semita radical, fôra comandante do Regimento dos Burgueses e membro da Câmara dos Escabinos do Recife. (15). Parece, também, que possuia um especial pendor e gôsto pela agricultura e indústria açucareira. (16). Graças ao seu hábito de lançar no papel, com minúcia e paciência, os acontecimentos diários ocorridos na sua expedição, ficamos bem informados acêrca do que aqui se passou nos primeiros meses da segunda ocupação holandesa do Ceará.

O fato, por exemplo, de haver sido o fundador do forte *Schoonenborch,* (17) sôbre o outeiro Marajaitiba, como se lê nas suas notas, permite que se lhe atribua com justiça as honras de fundador da capital cearense, pois foi em tôrno daquela fortificação que se adensou o aglomerado irregular de casas e palhoças que viria constituir a futura cidade. (18).

Matias Beck chegou ao Ceará em 3 de abril de 1649 e daqui partiu, após a capitulação holandesa, em 1.º de junho de 1654. Foram cinco anos, um mês e vinte e oito dias de agruras, preocupações e dificuldades que superaram de muito os escassos momentos de tranquilidade. O que conhecemos do seu *Diário,* ou melhor o que consta do fragmento conhe-

(15) — "As câmaras de escabinos eram eleitas anualmente por eleição de três graus. O conselho de justiça elegia os eleitores, êstes organizavam as listas dos indivíduos aptos para serem membros das câmaras, e sôbre essas listas o conselho supremo escolhia os escabinos. Segundo Fr. Manuel Calado, no VALEROSO LUCIDENO, 68, essas câmaras deviam conter quatro juízes portuguêses e quatro flamengos. (...) Foi a primeira assembléia legislativa que funcionou neste hemisfério". Trechos do relatório do Dr. José Hygino Duarte Pereira, in Revista do Instituto Histórico, 49, Parte 2.ª 196". Nota de Rodolfo Garcia ao Tomo II da HISTÓRIA GERAL DO BRASIL de Varnhagen, Pg. 289.

(16) — Em 1649 era Beck um dos poucos holandeses que em Recife tinham plantação de mandioca. E a sua roça era das maiores: 40.000 covas (Ver José Antônio Gonçalves de Mello neto, Op. cit. Pg. 182). As opiniões que Beck externa em sua carta de Barbados, de 8—X—1654, sôbre agricultura e fabricação do açúcar, revelam incomum interêsse pelo assunto.

(17) — Denominação dada em honra de Walter Schoonenborch, então presidente do Conselho em Recife.

(18) — Sôbre o assunto ver: Raimundo Girão — Matias Beck — Fundador de Fortaleza coleção HISTÓRIA E CULTURA, Fortaleza — 1961 e José Aurélio Câmara — EM DEFÊSA DO HOLANDÊS, artigo no jornal O POVO, de Fortaleza, de 10 de novembro de 1960.

cido do seu Diário, cobre apenas os treze dias da viagem e dois meses e dezessete dias de permanência em território cearense. (19) Não temos, e talvez nunca tenhamos, conhecimento se suas anotações prosseguiram e se extraviaram, ou se êle não lhes deu continuação além do dia 9 de setembro de 1649, última data que ali figura.

Aquelas anotações, a que o próprio Beck denominou de "*Diário de minha viagem ao Siará*", integraram o volumoso acervo de documentos trazidos da Holanda em 1886 pelo benemérito Dr. José Hygino Duarte Pereira, do Instituto Arqueológico Pernambucano, e foi no Recife traduzido pelo igualmente ilustre Dr. Alfredo de Carvalho, membro do mesmo Instituto. Fôra encontrado, entre outros manuscritos, no Arquivo da Companhia das Índias Ocidentais, em Haia.

O documento foi pela primeira vez publicado em língua portuguêsa em 1903, na edição da Revista do Instituto do Ceará dedicada ao tricentenário da colonização do Ceará pelos portuguêses. E no prólogo que precedeu o texto traduzido, Alfredo de Carvalho informa que "como complemento do presente *Diário* possui ainda o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano a correspondência de Matias Beck com o Conselho Político do Recife, o qual esperamos, com mais lazer, igualmente traduzir".

Tal tradução, entretanto, parece nunca ter sido feita, ou, se o foi, não teve a desejável e esperada publicação. A *Bibliografia* organizada pelo eminente Prof. José Honório Rodrigues sôbre o período holandês, tão completa e minuciosa, não faz qualquer referência a tal correspondência. (20) Carta de Beck só conhecemos aquela que, em 8 de outubro de 1954, de Barbados escrevia êle à Direção da Companhia na Holanda e que figura, em idioma francês, na 1.ª edição da obra de Varnhagen "*História das Lutas com os Holandeses no Brasil*". A ela ainda nos reportaremos.

(19) — A leitura do Diário nos revela anotações, feitas no Ceará, de 3 de abril a 3 de maio e posteriormente, de 23 de julho a 9 de setembro de 1649. É impossível saber se o período intermédio deixou de ser escrito ou não foi encontrado por José Hygino.

(20) — José Honório Rodrigues — HISTORIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA DO DOMÍNIO HOLANDÊS NO BRASIL — Imprensa Nacional — Rio, 1949.

A própria cópia do *Diário*, zelosamente feita na Holanda por José Hygino, já não pode ser encontrada, e José Antônio Gonsalves de Mello neto, que tantos manuscritos e documentos manuseou para a elaboração da sua obra *Tempo dos Flamengos*, a ela não teve acesso, sendo de parecer que se extraviou. (21).

Levando em conta que as anotações de Matias Beck não ultrapassam os primeiros dias de setembro do ano de sua chegada ao Ceará, e como outras informações são desconhecidas sôbre o restante ano de 1649 e mais os de 1650, 1651, 1652, 1653 e parte de 1654, ficamos na total ignorância de como se desincumbiu o chefe holandês da sua missão em terras cearenses.

Um documento existe, no entanto, capaz de elucidar alguns aspectos da permanência de Beck no Ceará. É a já citada carta que escreveu da ilha de Barbados à direção da Companhia das Índias Ocidentais, após sua retirada do Brasil.

Pieter-Marinus Netscher foi talvez a primeira pessoa a consultar o Arquivo Real de Haia, com fins à elaboração do seu livro *Les Hollandais au Brésil*, publicado naquela cidade em 1853. Joaquim Caetano da Silva, então diplomata na Holanda, deve ter obtido cópias de Netcher, pois foi em francês, língua para a qual êste vertera os documentos, que os remeteu para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Varnhagen valeu-se, ao que tudo indica, da cópia francesa de Netscher para publicar aquela carta, a qual aparece em apêndice ao seu livro *História das Lutas com os Holandeses no Brasil*". O nosso preclaro historiador não se deu, sequer, ao trabalho de traduzí-la: é em francês que o documento ali figura.

Em apêndice a trabalho nosso publicado na Revista do Instituto do Ceará, 1956, sôbre o domínio holandês no Ceará, publicâmo-la em português, procurando dar à tradução o máximo de fidelidade.

A leitura da missiva nos capacita a saber que foi em 20 de maio de 1654 que Matias Beck entregou o *Schoonenborch* a Álvaro de Azevedo Barreto e que só a 1.º de junho

(21) — José Antônio Gonçalves de Melo Neto — op. cit. Pgs. 263 e 264, nota n.º 72.

daquêle ano, numa caravela e dois barcos, deixou para sempre a terra cearense.

Sua permanência aqui foi dura e infestada de perigos. "*Vivi desde o ano de 1649 até o ano de 1654*, escreveu êle, *no meio de grandes dificuldades e privações*". A ameaça da fome, nos últimos meses, era tremenda, pois os indígenas revoltados com a rendição flamenga em Pernambuco, cercaram o forte e não perdiam oportunidade para massacrar os holandeses, em quem haviam depositado confiança e esperança para uma ação de vindicta contra os portuguêses.

Malgrado a inexpressividade do empreendimento que o originou e a pouca repercussão dêsse empreendimento no quadro da ocupação neerlandesa do Brasil seiscentista, não se pode negar uma justa importância ao *Diário*, mesmo incompleto, de Matias Beck. No que tange ao Ceará, é o mais valioso documento relativo ao período holandês. Basta lê-lo para sentir sua importância histórica, econômica e social.

Muitos documentos, entretanto, existem ainda inéditos, não traduzidos e que aguardam nos arquivos da Holanda e do Recife a sua indispensável publicação.

No Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano encontram-se mais de 30 volumes de manuscritos trazidos da Holanda por José Hygino, alguns dêles com cêrca de 400 páginas. Dêstes, uma imensa maioria permanece inédita e alguns só recentemente foram consultados por pesquisador brasileiro. É o que nos diz Gonsalves de Mello neto no Prefácio de sua citada obra. Que êle próprio tenha a palavra para depor sôbre a importância e magnitude de tão precioso acervo:

"Em maio de 1886, José Hygino fêz entrega dos volumes copiados na Holanda ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano e êste pode ter orgulho de se considerar, desde então, o possuidor da mais completa coleção existente, fora da Holanda, de documentos sôbre o período da dominação neerlandesa do nordeste brasileiro. (.....) Fui encontrá-los empoeirados e roídos de bicho, com as encadernações soltas, alguns exemplares com falta de páginas. E mais grave: faltando um volume. Volume de documentos que hoje não se sabe se serão encontrados ainda na Holanda,

talvez tendo tido o fim de tanta coisa valiosa, durante esta segunda grande guerra. Os documentos compreendem duas coleções principais: uma intitulada "Dajelijksche Notulen der Hooge Raden in Brazilie" (Livro de atas do Alto Conselho do Brasil) em 12 volumes e a outra "Brieven en Papieren uit Brazilie" (Cartas e Papéis do Brasil) em 15 volumes, cada um dos quais contendo cêrca de 400 páginas Mss. A primeira coleção compreende os anos de 1635 a 1654 e a segunda inicia-se em 1630 e abrange até 1653.

Além dessas coleções, há outras menores, como os "Register van Uitgaande Brieven" (Registro de cartas enviadas pelo Conselho dos XIX ao Brasil), em 2 volumes, outras contendo documentos sôbre a rendição de 1654 e também cartas e papéis vários, não encadernados em volume". (22).

Os 12 volumes das "Dajelijksche Notulen" só há poucos anos foram consultados pela primeira vez, e pelo historiador pernambucano précitado. Será desnecessário chamar a atenção para o quanto ali existe de inédito, e para nós desconhecido, relativamente às expedições flamengas ao Ceará. Nada mais se publicou aqui além daquilo que o Barão de Studart tornou público nas edições da Revista do Instituto do Ceará em fins do século passado e primeiros anos da presente centúria.

A riqueza documental que, sôbre o assunto, existe no arquivo do Instituto Arqueológico Pernambucano dispensa hoje viagens à Europa, como o fizeram José Hygino e, recentemente, Gonsalves de Mello neto.

Cabe à Universidade Federal do Ceará e ao Govêrno Estadual, êste através da sua recém-criada Secretaria de Cultura, propiciar ao Instituto do Ceará os indispensáveis recursos para pesquisas e cópias, nos arquivos do Recife, de tôda a documentação relativa às duas ocupações holandesas do território cearense.

Ficaria, destarte, melhor enriquecida nêste ponto a His-

(22) — José Antônio Gonsalves de Mello, neto — Op. cit. Pgs. 20 e 21.

tória do Ceará, bastante rica em outros capítulos onde foi amplo e fecundo o apêlo aos documentos.

MESTRADO EM HISTORIA - UFC

II — DIÁRIO DE MATIAS BECK (*)

Diário de minha viagem ao Siará empreendida, ao serviço da Pátria e da Companhia das Índias Ocidentais, de acôrdo com a comissão e as instruções dos Nobres e Poderosos Senhores, comunicando-lhes todo o ocorrido e realizado na mesma viagem.

Depois de haver convenientemente feito, no Recife, a 18 de Março de 1649, as minhas despedidas à Assembléia dos Nobres e Poderosos Senhores (*haer Edele Mogende*) e recebido das mãos do Sr. Presidente todos os papéis necessários a esta minha viagem e expedição ao Siará, só a 20 dêste mês sendo um sábado, saí, em nome de Deus, pelas oito horas da manhã do pôrto do Recife com os iates e embarcações (1) em seguida mencionados, porquanto o tempo e o vento não nos serviram mais cedo.

Hiate *Geele Sonne* (Sol Amarelo) do Capitão Miguel Block, aliás o Maneta, tripulado por	25	marinheiros
Hiate *Synegael*, do Capitão Francisco Pietersz, tripulado por	17	"
Hiate *Vlissinge* (2), do capitão Samuel Samuelsz, tripulado por	9	"
Barco *Capodello*, do capitão Gerardo Goosz, tripulado por	6	"
Bote grande ou chalupa do quartel-mestre Gerardo Hendricksz, tripulado por ...	5	"
	62	

(*) As notas relativas ao DIÁRIO encontram-se no capítulo seguinte.

Nestes hiates e barcos embarcavam:

No *Geele Sonne* o comandante (commandeur) Goster com 50 soldados, e gente de trem e 10 peças (negros), 25, ao todo .... 75 Homens

No *Synegael* o capitão Maes com os 75 soldados de sua companhia ..... 75 "

No *Vlissinge* os índios do Siara ,em número de 41 homens e 19 mulheres, cujo capitão é Francisco Cayaba. Vai no mesmo hiate o velho Porampaba; ao todo ..... 61 pessoas

No *Capodello* o alferes do comandante Coster com 24 soldados ..... 25 homens

236

A soma total, conforme consta da respectiva lista, é pois, de 298 pessoas.

E depois que saímos como fica dito, pairamos em cai maria na barra, próximo ao Recife, até às duas ou três hora da tarde.

A 1½ hora veio à barra ter conosco uma chalupa a re mos a fim de trazer-me, de ordem dos Nobres e Poderoso: Senhores, algumas cartas para serem entregues no Rio Gran de. Respondi, em duas ou três regras, ao Sr. L'Hermite, qu tinha recebido as cartas e que, com o favor de Deus, tudo se ria devidamente entregue. Tenho refrescado o vento, pelas 3 horas da tarde prosseguimos na nossa viagem. Ao anoitece estávamos na altura de Maria Farinha, e à noite encontramo: o iate *Wackende Boeije.* Ao romper do dia seguinte, 21 de Março, nos achamos diante do Pôrto Francês, e encontramos o iate *Vos*, que vinha da Paraíba. Com vento escasso velejando todo o dia até cêrca de 5½ da tarde e então lançamos ferro no rio com o *Vlissinge* e o *Capodello* a fim de provê-los dágua, bem como os nossos outros iates, tendo para isto toma-

do alguns barris vasios ao nosso iate *Geele Sonne.* Queixavam-se de lhes faltar água potável, porquanto a de que vinham abastecidos era tão salobra e salgada que mal servia para be ber. Entrando no pôrto da Paraíba o *Vlissinge* bateu três ou quatro vêzes sôbre um banco de areia; mas, graças a Deus não sofreu avaria segundo a declaração do capitão.

A 22 a chalupa, a pedido de Francisco Pietersz, capitão do *Synegael*, entrou também no Paraíba levando alguns bar ris vasios para, pela mesma razão, enchê-los dágua melhor Com as ditas três embarcações nos demoramos o tempo pre ciso para fazer a aguada e para que se aprontasse o ministro Kempins (3) a fim de seguir comigo conforme a ordem dos Nobres e Poderosos Senhores.

A 23 saímos de Paraíba e dirigimo-nos para os iates, levando conosco alguns barris cheios dágua, o ministro (predicant) Kempins com um seu criado, um índio e um moço ín dio, uma negra com seu filho, os quais passaram-se comige para o iate *Geele Sonne.* Êste e o *Synegael* estavam debaixo de vela, porque durante a noite estivera o mar muito picado tendo o *Synegael* perdido um ferro e ao *Geele Sonne* por pou co acontece o mesmo; o que não sucedeu porque, dando-me em tempo fé de que a amarra ameaçava romper-se, o nosso iate fêz de vela com o *Synegael* e assim conseguiu salvar a sua âncora. Logo que chegamos a bordo, prosseguimos na nossa viagem. Na chalupa, onde se achava a água havida na Paraíba para o *Synegael*, deixei também um carro que ali recebi do momissário Marschalk, o qual foi comprado por 75 florins da Holanda, como consta do recibo passado ao dito Marschalk e nesta data avisei para o Recife ao Sr. Haecks; receba também do mesmo comissário uma canoa para o hiate *Vlissinge.*

Durante a noite tivemos mau tempo, de sorte que a verga da chalupa fêz-se em pedaços e o *Vlissings* abriu água. Ao amanhecer do dia 24 achamo-nos diante da barro do Cunhaú; a chalupa, depois de reparada, veio ter conosco e foi rebocada pelo Geele Sonne. Por volta de 2½ da tarde ancoramos atrás da Ponta Negra. Vindo junto a nós o *Vlissinge*, achamos conveniente enviá-lo sem demora para o pôrto

do Forte Ceulen, no Rio Grande, a fim de, com tôda urgência, ser tomada a dita veia dágua e reparado de modo a, quanto antes, poder fazer-se ao mar conosco para seguirmos a nossa viagem. Para êste fim lhe foi fornecido mais um carpinteiro do *Geele Sonne* e enviei o capitão Miguel Block, aliás o Manêta, para tudo fiscalizar e apressar a execução das obras bem como mandar cortar uma grande verga nova para a chalupa.

A pedido do comandante Coster, que desejava visitar o comandante Deuninger no Forte Ceulen, também o deixei ir. Acompanharam-me na viagem para o mesmo Forte, por terra, o engenheiro e o ministro Kempins, sendo de três léguas a distância a percorrer; ao anoitecer chegamos ao Forte e já encontramos surto no pôrto o *Vlissinge*, que fôra descarregado a fim de tomar-se-lhe a veia dágua.

No dia 25, depois de ajudar o capitão do *Vlissinge* a prover-se do que era necessário para reparo do seu navio; de escrever uma carta aos Nobres e Poderosos Senhores dando a comissão que lhe fôra passada pelos mesmos Senhores para acompanhar-me ao Siará e as cartas que me foram recomendadas por parte dêles; de conversar com João de Albuquerque acêrca da situação das minas, que iam ser procuradas no Siará e obter dêle, a êste respeito, algumas informações particulares por escrito, voltei por terra à Ponta Negra e passei-me para bordo do *Geele Sonne* deixando ficar no Forte Ceulen, o comandante Coster e o comissário *Henrique Van Ham* (4) a fim de seguirem no *Vlissinge*, logo que êste ficasse pronto, pois e não pôde acompanhar-me por terra. Recomendei-lhe que tratasse de ativar os reparos do *Vlissinge*, para que se não perdesse tempo no prosseguimento da nossa viagem, o que S. S. prometeu fazer.

A 26 continuamos tranqüilamente ancorados atrás da Ponta Negra à espera que o *Vlissinge* podesse sair ao mar para prosseguirmos na nossa viagem. Fiz vir a bordo do nosso hiate *Geele Sonne* os capitães e, com a audiência dêles, organizou-se o seguinte código de sinais, entregando uma cópia a cada capitão para por êle regular-se no curso da nossa viagem. (Segue-se o código de sinais).

No mesmo dia recebi cartas, enviadas, pelo comandan-

te Coster e pelo comissário van Ham, por um índio que veio por terra do Forte Ceulen. Comunicaram-me que o *Vlissinge* se acha em tal estado que a 27 do corrente, que é amanhã, ainda não poderá ficar pronto e se eu tivesse alguma cousa a ordenar que o fizesse pelo portador da carta, cuja data é de 26 dêste. Nesta mesma data respondi, em breves têrmos, que, sendo tal o estado do *Vlissinge*, vigiassem de modo que o mesmo fôsse convenientemente reparado e ficasse pronto quanto antes e sem perda inútil de tempo, simultâneamente pedi e recomendei bem como escrevi ao comandante Deuninger, que do comissário dali houvessem alguns barris vasios para serem trazidos, cheios dágua, pelo *Vlissinge* para o nosso uso, portanto, a água que tomamos na Paraíba está quase esgotada e a do Recife se acha tão salobra que não se pode beber, sendo para receiar que por esta causa venha a gente a adoecer e impossível fazermos aguada aqui em terra. Estou, pois, esperando os ditos barris pelo *Vlissinge* e desejando que a água venha o mais cedo possível.

A 27 recebi uma carta que me foi dirigida, nessa data, do Forte Ceulen, pelo comandante Deuninger e H. van Ham; foi portador desta carta o escolteto João Hoeck, a quem fiz transportar de terra para bordo de *Geele Sonne* no nosso bote. A referida carta estava concebida nos seguintes têrmos:

"Venerável, sábio e prudentíssimo Senhor! Não podemos deixar de comunicar a V. S. o triste estado em que se acha o capitão Coster, visto como está louco; à noite tirou a camisa e os calcões na rua e deitou-se nu no chão, e assim conservou-se até que, sendo visto pelo guarda, fizemo-lo trazer para nossa casa por dois soldados e guardá-lo. Não se achando êle freqüentemente em estado de auxiliar a expedição, queira V. S. providenciar acêrca do que se fará a seu respeito. Esperamos pronta resposta. — Forte Ceulen, 27 de Março de 1649. J. Deuninger, H. van Ham".

Tendo recebido a referida carta e ouvindo o que mais larga e circunstanciadamente me disse o escoltêto J. Hoeck, narrando que êle estava como um doudo furioso e devia necessàriamente ser guardado por oficiais, para que não fizesse

mal a si ou a outrem, e mais outras circunstâncias que seria longo mencionar aqui, das quais inferi achar-se êle incapaz de seguir viagem conosco para o Siará, resolvi reunir, a bordo do *Geele Sonne*, o conselho de guerra e os principais oficiais, assim da marinha como da milícia; à margem apontados (Presidente Matias Beck, capitão J. Maes, tenente van Goster, capitão M. Block, capitão F. Pietersz e preposto H. Herzeel) para consultá-lo, e com êles deliberar sôbre o que, de mais útil, necessário e exequível convinha fazer. Achando-se êles reunidos, participei-lhes a triste nova do miserável estado do comandante Coster, e à vista proposição e representação que lhes fiz concordou-se e resolveu-se e unânimemente que o melhor e mais pronto remédio era abrir-se a segunda via para o caso de falecimento com relação à pessoa do comandante Coster, que lhes informei ter entre os meus papéis por me haver sido dada pelos Nobres e Poderosos Senhores: aberta a mesma verificou-se que, por morte do comandante Coster, devia substituí-lo o capitão Maes e que por conseguinte era esta a pessoa imediata para assumir o mando da milícia, no mesmo caráter de que se achava revestido o dito comandante Coster... E sendo representado a todos os outros oficiais superiores, assim tenentes como alferes (aos quais também convidei para esta reunião) o que fica referido e a obrigação de reconhecerem em nome e por parte dos Nobres e Poderosos Senhores na pessoa do dito capitão Jacob Maes o sucessor do comandante Coster, e nessa qualidade observarem e executarem em tudo as suas ordens, como cumpria, êles prometeram que o fariam fielmente; e assim o capitão Maes, com cortezia e satisfação, aceitou e recebeu o comando prometendo também haver-se de modo a satisfazer e contentar os Nobres e Poderosos Senhores.

Comuniquei esta resolução aos Nobres e Poderosos Senhores, conforme consta do meu livro de minutas ou cópias de cartas, enviei a carta original para o Forte Ceulen, ao comandante Deuninger, pelo escoltêto J. Hoeck, pedindo-lhe que tivesse a bondade de remetê-la ao seu destino na primeira oportunidade, bem como que ambos escrevessem aos mesmos Senhores a respeito desta contrariedade e da triste situação

do comandante Coster. Igualmente lhes pedi e recomendei que tivessem o cuidado de remeter o enfêrmo, no primeiro ensejo, à sua mulher no Recife, esperando em que o Senhor Deus faça a graça de restituir-lhe a razão para salvação sua e proteção de sua mulher e filhos. Pelo barco *Capodello* remeti os seus objetos para o Forte Ceulen a fim de serem entregues ao comandante Deuninger, e no mesmo barco seguiu o capitão do *Geele Sonne*, M. Block, aliás o Manêta, para apressar o conserto do *Vlissinge*, de modo que, se fôr possível, amanhã prossigamos na nossa viagem. Como o capitão das armas do comandante Maes está sofrendo de diarréia, também o mandei para o Forte Ceulen a pedido do mesmo comandante.

Os soldados do navio vieram todos ter comigo, queixando-se de que a água obtida na Paraíba estava quase esgotada, pelo que tinham de servir-se dágua salobra que o capitão trouxe do Recife, a qual diziam não ser potável, que se lhes permitisse ir à terra para cavar um poço onde esperavam haver melhor água. Consenti que um sargento, seis ou sete soldados e alguns marinheiros fôssem à terra, levando barris vazios, a ver se poderiam obter melhor água pelo meio que propunham.

Na manhã do dia 28 voltaram para bordo o sargento, os soldados e os marinheiros com dois barris cheios dágua. Tinham-nos enchido com grande trabalho à noite cavando um poço; a água era sofrível. Nova gente foi à terra para o mesmo fim, e obteve mais ou menos água, não bastante para nossa viagem.

Pelas 4 horas da madrugada do dia 29 recebi uma carta, com data de 28 dêste, que me foi remetida do Forte Ceulen por M. Block, aliás o Manêta e pelo comissário Henrique van Ham; avisaram-me que, tendo sido consertado e pôsto nágua o *Vlissinge*, verificaram ser preciso, durante cada relógio, dar à bomba mais de 12 vêzes, porquanto o hiate fazia agora mais água e estava pior do que dantes, e portanto era mister que fôsse pessoalmente para ali a fim de providenciar, conjecturando êles que ainda poderiam decorrer uns quatro dias até ficar o iate inteiramente reparado.

Recebida esta carta fiz imediatamente vir ter comigo

a bordo do *Geele Sonne* o comandante Maes e o capitão do *Synegael* Francisco Pietersz, aos quais comuniquei o conteúdo da dita carta; em seguida pedi-lhes o seu parecer perguntando-lhes se não seria melhor, em vez de esperarmos ainda quatro dias pelo *Vlissinge*, seguir eu para lá a fim de providenciar de modo a ser o referido iate quanto antes consertado, feito o que deveria seguir por dentro dos recifes, enquanto nós, com o *Geele Sonne, Synegael, o Capodello* e a chalupa, prosseguiamos na nossa viagem para não perdermos as belas e claras noites de luar, sendo para êste fim provida a chalupa duma verga nova em substituição à que perdera com a borrasca, tirando-se do *Vlissinge*, por meio da dita chalupa, o que fôsse necessário e alguns dos índios principais, de modo a amanhã, querendo Deus, podermos continuar na nossa rota. Êste alvitre foi bem aceito por êles, sustentando ser o mais expedido e o melhor remédio para adiantamento da viagem. Em conseqüência, por volta das 5 horas da manhã, parti da Ponta Negra, para o Forte Ceulen em companhia do ministro Kempins, ali chegados, persuadi, por intermédio do mesmo ministro Kempins, a uns 24 dos principais índios a separarem-se dos demais e passarem-se do *Vlissinge* para o *Geele Sonne, Synegael e Capodello*, a fim de seguirem conosco adiante, providenciei sôbre tudo o mais de modo a que, como ficou dito, podessemos adiantar-nos com as referidas embarcações. O comandante Deuninger e o escolteto J. Hoeck ativariam os reparos do *Vlissinge*, com os índios, em número de 63, afora os que foram repartidos pelas outras embarcações e os que no Rio Grande se lhes juntassem. Comuniquei esta minha resolução aos Nobres e Poderosos Senhores, e entreguei a carta original ao comandante Deuninger para, na primeira oportunidade, remetê-la aos mesmos Senhores. No entretanto chegou ao pôrto do Forte Ceulen a chalupa vinda por minha ordem, e fí-la prover de alguns barris dágua. Ordenei ao comissário Henrique van Ham que, no dia seguinte cedo pela manhã fizesse de vela no barco *Capodello*, levando a sua bagagem; combinamos igualmente que, assim que dessemos fé dela, barra afóra, por-nos-íamos também ao mar e ali o tomaríamos bem como a água e o mais.

Estando tudo assim ordenado e resolvido, veio ter comigo o capitão do *Vlissinge*, Samuel Samuelsz, para pedir-me que esperasse por êle até ao meio dia, porquanto fôra encontrada a veia dágua do dito iate e até o dia seguinte àquela hora êle faria com que o mesmo estivesse pronto para navegar; respondi-lhe que assaz estranhava que após tantos dias decorridos em atraso da nossa viagem, só agora houvesse atinado com a veia dágua, e que a minha resolução estava tomada; todavia, se o seu iate ficasse pronto amanhã até ao meio-dia, consentía em esperá-lo no mar, o que prometeu fazer. Terminada esta conferência, regressei à noite, com o luar, para Ponta Negra, acompanhado do ministro Kempins e do capitão Miguel Block, e ali chegando, depois de meia-noite, passei-me para bordo do *Geele Sonne* para, pela manhã cêdo, fazermo-nos de vela, com o favor de Deus do modo que fica dito.

Por volta das dez horas da manhã do dia 30, estando o tempo muito nublado, divulgamos no mar o barco *Capodello* e a chalupa; sem demora içamos as âncoras e aproamos para êles.

Pelas 2 horas da tarde os alcançamos e tomamos a bordo o comissário Van Ham e sua mulher, não vimos, porém, ainda o *Vlissinge* e, como o vento fôsse leste, não ousamos permanecer em frente à barra com receio de descairmos tão baixo que depois não podessemos montar os recifes. Amarramo-nos, pois, deixando na chalupa a água que nos trazia, porquanto a fôrça do vento não nos permitiu tomá-la, bem como a bagagem do comissário van Ham, que nela vinha. Velejamos tôda esta noite com tempo e vento variáveis, sendo a chalupa rebocada pelo *Geele Sonne*.

A 31, cedo pela manhã, avistamos a barlavento o *Vlissinge*; vinha direito a nós e, chamando-o à fala, pedimos-lhe novas da sua veia dágua; responderam-nos que tudo ia bem com o que muito folgamos. Ao meio-dia, estando na altura de 4°50', seguimos o nosso curso, fazendo-nos mais à terra do que durante a noite. Como houvesse chuvido durante tôda a noite passada, pedi ao preposto que, a rogo dos soldados e

mais gente, lhes fornecesse um quartilho de aguardente, descontando-se-lhes o mesmo na ração.

A 1.º de Abril, pelo quarto d'alva, achando os pilotos fundo em 10 braças, amarramo-nos, outra vez um pouco; ao amanhecer lobrigamos, a bombordo, terra alta e montanhosa, e por volta de 10 horas, segundo cálculo, passamos por Ipanemu. Ao meio-dia a altura era de 4°30', calculou-se que ao anoitecer haviamos passado o rio Jagoaribe. Tôdas estas 24 horas tivemos bom tempo, graças a Deus. Às 7 horas da noite lançamos ferro diante de Paripueira, com receio de que, estando o vento fresco, passassemos além do Siará. Nesta noite, tanto o *Vlissinge* como o *Synegael*, perderam âncoras, conforme de passagem nos disseram a 2 dêste..

A 2, no quarto d'alva, levantamos os ferros, e velejamos todo o dia ao longo da costa até fundearmos em frente à baía de Igoá; mandei que o *Vlissinge*, o barco *Capodello* e a chalupa entrassem na baía a fim de surgirem mais convenientemente.

Ao romper do dia 3 levantamos âncoras e velejamos a meio pano à espera das embarcações pequenas. Por volta do meio-dia chegamos todos à baía de Mucuriba (5) que, segundo fui informado, é o sítio mais próximo e capaz para ancoradouro dos nossos iates; dista do Siará obra de três léguas. Depois de surtos e em presença e com o consenso de todos os oficiais, assim militares como marítimos, resolvemos mandar à terra, para predispor os naturais a nosso favor, alguns dos índios que vieram conosco e são daqui (*alhier t'hui hooren*), a saber o capitão Francisco Cayaba, a quem dei uma carta de perdão, que me foi entregue pelos Nobres e Poderosos Senhores, para apresentá-la aos seus amigos, sendo enviado, pelo ministro Kempins, a fim de ler e interpretar a carta, o índio mestre-escola João Gonçalves, que sabe ler, e mais êstes quatro índios: o sargento Pedro Nhahangá, cabo Miguel Pindoba, Cristóvão Parunpaba (?) e Gaspar Taschira; para testemunhar as boas vindas aos seus amigos, dei-lhes 4 lbs. de biscoito branco e 4 pucaros de vinho, prometeram regressar, querendo Deus, quando muito amanhã com os principais chefes dos índios destas vizinhanças, dos quais esperamos colher

informações sôbre o melhor modo de conduzir a missão que motivou esta viagem; ao transportar a terra os referidos índios, o bote do *Geele Sonne* foi lançado à praia pela forte arrebentação, depois dos índios já terem desembarcado e se internado, pelo que tivemos que deixar ficar a âncora do bote.

Mandei dar ao capitão do *Synegael* a âncora de arremesso (*werfanker*) do *Geele Sonne* e fiz passar para *Vlissinge* uma outra âncora de sobressalente do *Synegael*. Ao amanhecer do dia 4 divulgamos gente na praia e, presumindo que fôssem os índios ontem enviados à terra, mandei a ela os botes do *Synegael* e do *Geele Sonne* e o escrivão dos índios de Pernambuco Daniel Maert, assaz versado na língua brasílica. Chegando à terra verificaram ser os índios ontem enviados e que os acompanhava um dos principais dos seus, aqui do Siará, chamado Francisco Arágiba, com alguns dos seus sequazes, todos os quais vieram no bote ter comigo a bordo do *Geele Sonne*, onde, com tôda possível amabilidade, cortezia e amizade, lhes dei as boas vindas, e conduzindo à câmara o referido principal, fi-lo interrogar pelo ministro Kempins sôbre tôdas as particularidades e circunstâncias, mui longas para aqui referir, e informei-o, pelo mesmo Kempins, a respeito da nossa vinda e causa desta, segundo as instruções recebidas dos Nobres e Poderosos Senhores; mostrando êle a tudo boa cara e contentamento, concedi-lhe uma das cartas de perdão à vista da sua favorável disposição para conosco; depois de termos bem instruído sôbre o que devia fazer e estando enjoado pelo balanço do navio, fi-lo de novo conduzir com o seu séquito no bote, para terra; ao afastar-se de bordo o honramos com três tiros de canhão. Segundo o seu dizer ainda dois principais dos índios, Amaniju-pitanga e Caraya, aos quais enviou mensageiros, virão hoje ou amanhã dar-nos as boas vindas. Na conferência com o principal Francisco Arágiba, entre outras cousas, fiz-lhe ver que trazíamos conosco os seus amigos, os índios do Recife e do Rio Grande, por ordem de seus amos os Nobres e Poderosos Senhores, a fim de irem à terra visitá-los; pediu-me, em conseqüência, que a todos mandasse desembarcar para que fôssem visitar os seus amigos e com êles tranquilamente habitar. Com tôdas as precedentes insinua-

ções que, por intermédio do ministro Kempins, lhes fiz em abundância, demonstrei-lhes as nossas boas intenções para com êles, e assegurei-lhes muito especialmente que vínhamos levantar uma considerável fortificação para defendê-los dos portuguêses, bem como contra todos aquêles que, a êles ou a nós fizessem algum dano ou gravame, e que também procuraríamos protegê-los contra os assaltos dos tapuias que até agora lhes tinham feito guerra. Respondeu-me, entre outras cousas, que todos êles estavam muito satisfeitos com a nossa vinda, porquanto esperavam que de futuro não teriam a sofrer mais guerra ou dano dos tapuias que, de quando em vez, tinham vindo matar gente do seu povo e devastar as suas roças e plantações privando-os assim de alimento; mas, que agora lhes tinham feito saber da nossa vinda e não mais receiavam ousassem vir acometê-los.

Pelas 3 horas da tarde pareceu-me de bom aviso, assim para comodidade nossa como também para contentamento dos índios, tanto dos que haviam trazido do Recife como dos do Rio Grande, acceder ao desejo que manifestavam de ir ter com os seus amigos e mandar desembarcá-los; em conseqüência deliberei licenciá-los todos e enviá-los à terra na chalupa, e tendo dado a cada um ½ lb. de pão e ração e dois púcaros de aguardente para todos, pela última vez, mostraram grande contentamento e alegria, e navegaram para terra e foram ter às aldeias dos seus amigos.

Depois de como fica dito, haver colhido boas informações sôbre tôda a situação do país, chamei junto a mim, no *Geele Sonne*, ao comandante Maes e ao capitão Francisco Pietersz, do hiate *Senegael*, e com o seu assentimento e aprovação resolvi e ordenei que, tanto aos oficiais como aos soldados, fôssem dadas rações para meia semana a fim de, em nome de Deus, amanhã cedo serem todos desembarcados; neste intúito dei ao comandante Maes tôdas as ordens necessárias para que todos fôssem transportados à terra na devida forma, e mandei recomendar a todos, sob pena corporal, que não fizessem aos índios, assim homens como mulheres, nem às suas plantações ou roças, o menor dano ou gravame ou desgôsto, e assegurar-lhes que aquêles que violassem semelhante ordem

e cometessem qualquer dano ou violência, seriam exemplarmente castigados.

Ao amanhecer do dia 5 regressou a chalupa que, na véspera, levara à terra os índios; enviei então o capitão do hiate *Vlissinge* para sondar e verificar se, nos arredores do sítio onde tinham sido desembarcados os índios, que era atrás dum recife, não se poderia fazer fundear o *Vlissinge* com o barco *Capodello* e a chalupa de sorte que os soldados fôssem transportados juntos nestas embarcações para, quando surtas, delas serem levados à terra nos botes. Apresentando-me o referido capitão do *Vlissinge* parecer favorável a respeito e dizendo-me que, quando estivera em terra os índios comunicaram-lhe que os outros chefes principais dos índios dali vinham em caminho desejosos de nos ver, resolvi meter-me com tôda gente nas referidas embarcações, levando os víveres e munições de guerra que, à primeira vista, me pareceram necessários, e por volta do meio dia nos embarcamos todos. Chegados, pelas 2 horas, atrás do mencionado recife ali lançamos ferro; ordenei então que os botes desembarcassem em primeiro lugar a companhia do comandante Maes, que vinha na chalupa com tôda sua gente; ao aterrarem, os dois primeiros botes foram virados pela fôrça da ressaca, caindo nágua tôda a gente que nêles ia bem como o comandante Maes; as armas e tudo o mais ficou molhado; dois soldados, que permaneceram longo tempo debaixo dum dos botes emborcados, foram levados para terra como mortos; o mais da gente e armas foi salva com o auxílio dos índios chegando à terra sem dano; mesmo as armas caídas no mar foram procuradas e pescadas pelos índios, de sorte que nenhuma perda tivemos a lamentar.

O procedimento dêstes índios, correndo a socorrer-nos, veio fazer-me crer ainda mais que a nossa vinda lhes é agradável; como quando os dois referidos botes seguiram para terra fôsse maré cheia e estivesse o mar muito cavado e com grandes ondas, ordenei que não aterrasse mais ninguém enquanto não baixasse inteiramente a maré, e enviei à terra um pouco de aguardente para restaurar os dois soldados, que estavam como mortos. Com a maré baixa o mais da gente foi

levada à terra, indo eu também com o ministro Kempins, ao chegarmos à praia, os principais dos índios, acompanhados de muitos dos seus, vieram ao nosso encontro dar-nos as boas vindas, dizendo que agradeciam a Deus fôssemos chegados, pois desde muito nos esperavam com grande ansiedade, havendo já resolvido, caso nos demorassemos ainda mais tempo, enviar alguns dos seus a Pernambuco a fim de novamente solicitar dos Nobres e Poderosos Senhores pronto socorro e assistência; entre todos mostrava-se mais particularmente satisfeito um dos seus principais de nome Amaniju-pitanga, o qual tem maior número de gente sob as suas ordens, pelo fato de havermos trazido o seu irmão Cristóvão Poty e outros índios do Recife e Rio Grande, assim assegurando-os da nossa boa disposição e consequistando a aliança e amizade dêles para conosco. Folgaram igualmente muito por lhes constar que trazíamos alguma ferramenta e alguns ferreiros, dos quais esperavam ser ajudados na conservação e aumento das suas roças e plantações, das quais me ofereceram para refresco algumas melancias (*water-meloen*); queixaram-se de que, por falta de ferramentas, não haviam podido aumentar, como deviam, as suas plantações, contudo tinham-nas em quantidade suficiente para suprir as suas necessidades de farinha; mostraram-se igualmente muito alegres com a vinda do ministro Kempins, porquanto tinham muitas crianças para batizar e adultos para casar, que até agora viviam e habitavam juntos ilegitimamente por falta de ministro para os casar; até o presente tem vindo ter comigo apenas dois dos seus principais, a saber Amaniju-pitanga e Francisco Aragiba, que ontem esteve a bordo do *Geele Sonne;* resta ainda apresentar-se-nos Francisco Caraya, cuja mulher raptada pelos tapuias trouxemos do Recife; dizem os primeiros que êste Caraya ainda não veio por estar doente, mas, creio haver compreendido que entre êles e êste último existe certa rivalidade ou desgôsto, porquanto dizem que Caraya não mantém seriedade nas suas relações para com êles e vive em sítio e habitação separada com pouca gente; queixaram-se também de que os tapuias são hostis ao mesmo Caraya, já lhes tendo de novo dado aviso de que breve viriam sôbre êles a fim de destruir as suas ro-

ças e plantações, matá-los e aprisioná-los, de cujo receio e perigo esperavam, com a nossa vinda, ficar livres, pelo que se mostravam muito alegres; tôdas as anteriores informações e queixas me foram transmitidas pelo ministro Kempins, e entre os índios percebí grandes manifestações de alegria e contentamento.

No dia 6 desembarcaram os soldados restantes e o comandante Maes pôs em boa ordem as duas companhias; ocupados com obter informações dos índios, não podemos sair ontem, como nos cumpria, escolher um sítio onde mais convenientemente assentassemos os nossos quartéis, passamos a noite acampados na praia e só hoje pela manhã foi achado um lugar capaz. Depois do comandante Maes haver renovado, tanto aos oficiais como aos soldados, as minhas recomendações de se absterem de fazer aos índios qualquer dano ou gravame, marchamos em boa ordem, em duas divisões com as bandeiras despregadas, para o referido sítio que é sôbre um outeiro chamado Marajaitiba, (6) ao sopé do qual corre um belo rio dágua doce; (7) é para lamentar não havermos encontrado lugar mais próprio para aqui erguer a nossa fortificação, salvo se, depois de atenta inspeção, podermos verificar que nas proximidades do sítio onde existiu o velho forte se encontre um pouco melhor e mais capaz para as embarcações do que aqui. Conforme até agora me tenho podido informar é aqui o melhor pôrto e situação para nos estabelecermos, todavia deliberei ir sem tardança ao velho forte (8) com o comandante Maes e uma escolta de 40 soldados acompanhando-nos o piloto Reynier Pausselsen, Samuel Samuelsz, capitão do hiate *Vlissinge*, bem como o comissário van Ham, que outrora ali foi comandante para atentamento observarmos a capacidade do pôrto e a situação do antigo forte, indo conosco para êste fim o engenheiro Ricardo Caer; depois de termos marchado ao longo da praia cêrca de duas léguas ali chegamos e verificamos primeiramente ser a entrada do pôrto muito perigosa para nêle penetrar qualquer embarcação e ainda mais perigosa para dêle sair (9) e achar-se a velha fortificação, situada sôbre um outeiro, a tal distância do rio que a sua guarnição poderia ser fàcilmente privada dágua; tendo

prosseguido com as nossas pesquisas em outras direções não conseguimos encontrar nenhum sítio mais próprio e melhor do que aquêle em que temos assentado o nosso quartel, assim por ter próximo um rio dágua fresca e doce, que do monte ou fortificação pode ser defendido, como por estar contíguo à praia defronte do pôrto (10) onde estão surtos o iate *Vlissinge* e o barco *Capodello*, de modo a podermos fàcilmente mente receber por mar os nossos víveres e munições, as quais, entretanto, não podem ser desembarcadas com segurança senão com tempo calmo e na baixa-maré; navios grandes ou iates de muito calado não podem surgir dentro dêste pôrto, mas devem dar fundo à distância duma boa légua daqui, à nossa vista, no sítio onde estão ancorados os nossos dois iates *Geele Sonne* e *Synegael*, o qual é uma baía assaz cômoda chamada Mucuriba, com capacidade para grandes navios fundearem e oferecendo facilidade para os seus carregamentos serem transportados para aqui em pequenas embarcações ou botes sempre que houver necessidade.

Não tendo deparado com sítio algum mais próprio e melhor, resolvi mandar construir aqui, com tôda a brevidade possível, a nossa fortificação; tendo a chalupa perdido, à noite passada o mastro, partido em três pedaços pelo balouço, e achando-se os botes em conseqüência de terem virado ao desembarcar a gente em muito mau estado, e sendo além disso velhos e avariados, providenciei para que os carpinteiros, já ocupados em repará-los, não percam tempo em pô-los em estado de servir a fim de irem buscar aos iates os materiais necessários à construção do forte e os víveres para as rações dos soldados e mais gente.

Nas vizinhanças do velho forte do Siará encontramos algumas habitações de índios e uma pequena plantação de mandioca ou raízes de que fazem farinha, batatas, feijões e milho; junto ao forte ainda uma peça de ferro e um pequeno pedreiro, e ali encontramos também o outro principal dos índios, anteriormente mencionado, chamado Francisco Caraya, que estava em casa dum dos seus filhos; por intermédio do ministro Kempins, que se achava a meu lado, disse ter vindo da sua habitação para dar-me as boas vindas; como,

entre outras cousas, lhe referíssemos ter trazido a sua mulher, a quem os Nobres e Poderosos Senhores, por amor dêle, haviam feito muitas honras e favores, respondeu que já disto fôra informado e tinha conhecimento, mas que não queria reconhecê-la mais por sua mulher, agradecendo, todavia, aos Nobres e Poderosos Senhores as honras que, por amor dêle, lhe haviam prestado conquanto a mesma mulher delas não fôsse digna; pediu-me ainda que, pela primeira embarcação, a fizesse regressar, pois, se nela voltasse a pôr os olhos seria para matá-la; parece, porém, que os amigos de sua mulher tiveram notícia desta sua intenção, porquanto prometeram guardá-la até terem-no disposto a acolhê-la de novo; depois de ainda por algum tempo, termos conversado com o referido Francisco Caraya, expondo-lhe a causa da nossa vinda e a intenção de construirmos uma fortificação para defesa dos seus, o que tudo ouviu com demonstrações de contentamento e alegria, nos despedimos, prometendo êle vir visitar-me dentro de dois dias.

Por minha ordem o capitão do *Synegael*, Francisco Pietersz, enviou um grande joanete para fazer-se o mastro da chalupa e determinei ao mestre-carpinteiro que com tôda presteza aprontasse dito mastro, porquanto havíamos urgente necessidade da chalupa para desembarcar as mercadorias dos hiates grandes.

A 7 mandei abrir caminho e construir uma ponte sôbre o rio, a fim de que, quando as mercadorias dos iates forem desembarcadas e postas em terra, sejam transportadas de modo conveniente para cima do monte onde temos os nossos quartéis e armazéns e será levantado o forte.

Um dos principais dos índios, de nome Amaniju-pitanga, veio ter comigo, acompanhado dos seus conselheiros (*raeden*) queixando-se que os tapuias, residentes não longe das suas habitações, vinham de imprevisto saquear as suas roças, não obstante fingirem-se de seus amigos; disse chamarem-se os mesmos tapuias Anassessassú; pediu-me outrossim que os ajudasse, com alguma gente e armas, bem como munições de guerra, a expulsar tão incômodos vizinhos ou que lhe desse uma âncora de aguardente para levar à sua aldeia aonde, sob

aparências de amizade, convidariam ,os mesmos tapuias e quando estivessem todos embriagados, aproveitariam do ensejo para matá-los todos e assim livrarem-se dos constantes vexames que lhes causavam; fiz-lhe cortezmente responder que éramos cristãos, tendo trazido um ministro para, na sua língua, dar-lhes a conhecer o nosso modo de vida, ações, trato e proceder, instruí-los, a êles e a seus filhos, na santa palavra de Deus e na doutrina cristã, a qual ensinar-lhe-ia que, sob a capa de amizade, não se podia ofender ou matar ninguém, e que o melhor remédio e conselho que podia oferecer-lhe era que êles primeiro se esforçassem por captar a amizade dos principais ou chefes dos tapuias e os trouxessem junto a mim, pois confiava obter dêles garantias de amizade e conseguir que uns e outros ficassem morando em paz como bons vizinhos, e leais amigos, sem nunca mais se molestarem, e depois de haver empregado sem fruto todos os meios brandos para alcançar a paz e concórdia, então, após ter lealmente advertido o inimigo como de uso entre nós, seria tempo de recorrer às armas para defesa contra qualquer dano ou hostilidade e nos encontrariam prontos e dispostos a ajudá-los e socorrê-los de modo tal que do nosso proceder teriam grande satisfação; retorquiram aceitando o parecer de trazer-lhe os principais chefes dos tapuias a fim de que nós os movéssemos a viver com êles em paz e amizade, bem como conosco, e, como estou informado de que os tapuias daqui das vizinhanças nos são bem dispostos e os seus chefes pretendem vir dar-nos as boas vindas, espero vir a arranjar tudo bem e a contento das partes.

Ordenei que o iate *Vlissinge* fôsse descarregando com o bote do *Geele Sonne*, e as mercadorias foram trazidas em boa ordem pelo novo caminho para cima do outeiro onde temos os nossos quartéis e colocados debaixo duma barraca de lona, que para isto foi levantada, servindo provisòriamente de armazém e alojamento para mim e o comissário até que seja construído um armazém melhor e mais capaz.

No dia 8 bem cedo pela manhã, mandei o *Vlissinge* com o preposto Hesseel, a receber do *Geele Sonne* e do *Synegael* todos os instrumentos ou ferramentas do trem e tudo o mais

de que primeiramente aqui em terra carecemos, bem como o carregamento das mercadorias embaladas para os índios que, em número de 600, estão esperando na praia, em companhia dos seus principais, por uma recompensa ou presente, porquanto, ao chegar, fiz saber aos principais como os Nobres e Poderosos Senhores me haviam entregue alguns presentes para oferecer-lhes em sinal de boa aliança e amizade e pelos quais, conforme tenho podido verificar, êles estão esperando; em conseqüência ordenei, como fica dito, que as mesmas mercadorias fôssem trazidas à terra para despachá-los a fim de que possam regressar às suas aldeias em companhia do ministro Kempins, que irá com êles para instruí-los, batizar aquêles de seus filhos que ainda estiveram pagãos, casar os que viverem juntos ilegìtimamente, esforçar-se por imprimir entre êles boa ordem e disciplina cristã, pregar-lhe em sua língua a santa palavra de Deus e fazer tudo para o que foi enviado pelos Nobres e Poderosos Senhores e em que consiste o seu dever e missão.

Ao amanhecer do dia 9, depois que chegaram à terra as ferramentas, machados e foices, o comandante Maes mandou duas esquadras de soldados (*corporalsehappen*) roçar e limpar o terreno no sítio em que deve ser levantada a fortificação, a fim de que o engenheiro possa devidamente traçar o respectivo risco; ordenei ao mesmo tempo a construção dum armazém para recolher as mercadorias de que temos mais necessidade aqui em terra, porquanto a barraca para êste fim levantada, por ser feita com uma vela velha e remendada, foi achada incapaz de abrigá-las da chuva; as mercadorias embaladas foram esta manhã retiradas de bordo do *Vlissinge* e dos grandes iates, e quase metade delas foi distribuída aos principais dos índios constando de aguardente e víveres, de acôrdo com a lista e ordenança a êste respeito passada ao preposto Heseel, cuja cópia se acha em meu poder; e depois que tudo, conforme o meu juízo, bem e liberalmente distribui a cada um dos principais dos índios, segundo as instruções para êste fim recebidas dos Nobres e Poderosos Senhores, julguei de bom aviso guardar um pouco de provisão para os principais dos tapuias e outros índios vizinhos cuja amizade talvez nos

venha a ser tão necessária como a dêstes; todavia, um dos principais dos índios, de nome João Amanijú-pitanga, que mais gente tem sob as suas ordens e o melhor presente teve, portou-se ingratamente desprezando o presente e dizendo, entre outras cousas, que o Supremo Govêrno havia prometido para cada principal d'entre êles um fino vestido vermelho ou escarlate bordado a ouro ou prata, e, como para mostrar-nos que tinham melhores vestidos do que os que lhe havíamos trazido, fêz vir à minha presença um dos seus filhos trajando um fino gibão de vermelho escarlate acairelado de prata e com botões do mesmo metal; além disso, tanto por escrito como verbalmente, fêz-me saber que sendo os vestidos para êle e os principais da sua gente o número dêles constante do presente não bastava e, se não lhe quisesse melhor provar estava disposto a seguir pelo Rio Grande a ter com os Nobres e Poderosos Senhores a fim de serem satisfeitas as promessas. Enquanto o referido principal Amanijú-pitanga assim procedia, os outros principais dos índios, que estavam longe de haver recebido tanto quanto êle, mostravam-se agradecidos e contentes; todavia, para contentar ao mesmo Amanijú-pitanga, fiz-lhe verbalmente saber que se êle quisesse ir em pessoa ao Recife a fim de recorrer aos Nobres e Poderosos Senhores eu lhe daria carta de recomendação para, segundo o seu mérito, ser provido de vestidos e outras cousas, e também que, caso não quisessem ir para o Recife, eu tinha ordem dos Nobres e Poderosos Senhores para prover, a êle e aos principais daqui, do que lhe fôsse agradável em vestidos e outras cousas; que os mesmos Nobres e Poderosos Senhores m'as enviariam espontâneamente para aquêles que se nos mostrassem afeiçoados e dedicados, auxiliando-nos nos nossos desígnios; que seria solícito em comunicar aos Nobres e Poderosos Senhores os seus bons serviços na certeza de que não os deixariam de recompensar generosamente; assegurei-lhe ainda que, se continuassem a ajudar-nos logo que a construção do nosso forte fôsse ultimada, não só provê-los-ia de machados, e foices para as suas roças e plantações, como também ordenaria que os ferreiros trabalhassem para lhas fornecer conforme as suas necessidades e garantir-lhes que faria tudo ao meu alcance

e poder para favorecê-los; ao terminar, e para sua favorável disposição para com os Nobres e Poderosos Senhores fiz-lhes entregar, por ocasião da distribuição dos presentes, cartas de perdão cuja importância e alcance mandei que lhes fôssem traduzidas.

A 10 vieram os principais dos índios trazer-me as suas despedidas e, com a gente que os acompanhava e os presentes recebidos, seguiram para as suas aldeias com promessa de que voltariam, dentro de dois ou três dias, a buscar o ministro Kempins dependendo a demora apenas do tempo que levassem a construir uma habitação digna dêle; a pedido dos mesmos índios dei-lhes ainda um pouco de aguardente e víveres para a viagem.

Veio ter comigo o meu negro chamado Domingos, que nasceu aqui no Siará, e avisou-me que passando pelo sítio onde os índios estavam acampados, viu-os reunidos. numa grande roda discorrendo sôbre a nossa vinda, e que, entre outras cousas, haviam combinado que nos deixariam pôr em terra todos os nossos bens até ver como os trataríamos e que se não os tratássemos a contento da sua expectativa, aguardariam ocasião para matar-nos todos e apoderarem-se dos nossos bens para entre si dividi-los; sendo êste negro um escravo muito fiel e mui versado na língua indígena, ordenei-lhe que não falasse aos índios na sua língua a fim de não despertar-lhes suspeitas, porquanto, se todavia de alguns dêles era conhecido, poderia de vez em quando, como na ocasião referida, obter boas informações que nos serviriam para pormo-nos de sobreaviso; se bem que seja nosso pensamento ser-lhes fiéis evitar qualquer ocasião de lhes causar a menor ofensa, cumpre-nos, com o misericordioso auxílio de Deus, acautelar-nos de tal modo contra êles que, quando alguma coisa de mal contra nós intentarem, estejamos em condições de frustar-lhes os planos; neste intuito o comandante Maes tem empregado extraordinária diligência em levantar o nosso forte e deliberado manter as nossas guardas sempre vigilantes quer de dia quer de noite; nesta data o engenheiro Ricardo Caar traçou o risco da fortificação cuja construção foi diligentemente começada por duas esquadras, consistindo ao

todo em 40 soldados, que serão diàriamente revezados por ternos de esquadras até ser terminada a obra. (11).

O velho principal Francisco Caraya só veio ter comigo, acompanhado de um filho, depois que todos os outros índios foram despachados, dei-lhes também as boas vindas, e saudei-os com uma carta de perdão dos Nobres e Poderosos Senhores e fiz-lhe traduzir o conteúdo e a intenção da mesma, provendo-o igualmente como aos outros com presentes, o que tudo agradeceu muito e portou-se com muita circunspecção; pediu ainda para esta noite aqui ficar para dormir; êste principal mantém-se sempre separado dos outros índios, não os procurando nem com êles convivendo, o que só posso atribuir a rivalidades entre êles, apesar de na minha presença terem-no tratado com demonstrações de amizade; mas, segundo já tenho podido notar êstes selvagens sabem perfeitamente fingir e dissimular a modo dos portuguêses.

Pela manhã mandei o barco *Capodello* aos grandes iates buscar víveres para as rações dos soldados e outros objetos de que temos necessidade; tendo o referido principal Francisco Caraya dormido esta noite aqui na minha barraca, tive ocasião e tempo de com êle conversar largamente e, se bem que eu sabia que entre os índios correm boatos sôbre a nossa intenção de lavrar as minas de prata, por terem-no sabido dos índios que do Recife vieram conosco, todavia não quis ser o primeiro a indagar dêles ou interrogá-los a êste respeito antes da distribuição dos presentes e de termos verificado quais as fôrças de que dispõem os índios para, se ousarem empreender qualquer hostilidade contra nós, podermos estar prevenidos, conforme o meu juízo e segundo tenho podido averiguar, manda a prudência que continuemos a manter boa guarda de modo que êles jamais possam encontrar-nos fora das armas e surpreender-nos; não receio, porém, que ousem atacar qualquer destacamento que enviarmos ao interior em busca das minas e tenho confiança que nos auxiliarão a descobrir a situação das mesmas, tanto quanto disso tiverem conhecimento, e presumo que cada um dêles está mais desejoso do que outros de mostrar-nas na esperança de uma boa recompensa. O comissário van Ham declarou que o referido principal Francisco Caraya, seu conhecido desde o tempo em que aqui foi comandante, é a seu ver de todos os índios o que melhor conhecimento do assunto pode ter, em razão dos seus anos e de ser conhecedor de tôda esta região; a vista disso discorri largamente com o dito Caraya sôbre as minas, obtendo dêle a confissão de que sabe perfeitamente o lugar onde se acham e a situação dos montes donde os portuguêses extrairam o mineral de prata, e a segurança de que estava pronto, em todo o tempo que primeiramente o presenteasse com um vestido, um chapéu, uma camisa, meias, sapatos e uma espada; atendendo às recomendações do comissário H. van Ham, mandei sem demora entregar-lhe os objetos pedidos e êle, aceitando-os cheio de gratidão, em altas vozes declarou cumprir as suas promessas e estar pronto para a 13 do corrente, que é a próxima terça-feira, pela manhã ir às minas com os mineiros e mais pessoas e soldados que eu com êles enviasse; disse que o monte onde existe a verdadeira mina é chamado Itarema (12), junto ao monte de nome Maraguaba, sendo esta a mina da qual o velho Gaspar Paraupaba deu notícia aos Nobres e Poderosos Senhores, e afirmou que entre os índios não havia memória de outra mina senão desta donde dizem que os portuguêses, e especialmente Martim Soares Moreno, retiraram mineral que era muito rico de prata; quanto à Mina, que João d'Albuquerque declarou chamar-se Ussuapaba (13), a qual sou de opinião que deve ser bem produtiva, disse que era um monte situado a 80 léguas d'aqui, para os lados do Comosy ou Cameresiby, não sabendo se ali existe alguma mina, mas apenas que o dito monte dista 20 léguas do mar; o que de verdadeiro há neste sentido só o poderemos saber com certeza quando conseguirmos entrar em relações com os principais dos índios que ali habitam e dêles houvermos informações sôbre a situação precisa do referido monte ou obtivermos que nos tragam algum mineral d'ali, e neste intuito nenhuma ocasião ou tempo devemos perder; tendo o referido velho Caraya pedido para ir ao seu alojamento, antes de partir para a mina, a fim de ali guardar o presente recebido e deixar a sua casa em ordem, prometendo regressar no dia determinado, consenti na sua partida.

Vieram ter comigo dois negros da aldeia dos índios trazendo um panacu *(pannacoe)* com milho e outros víveres para os índios que supunham ainda encontrar aqui na praia; um dos negros, de nome João Malemba, é escravo do Sr. Cristóvão Eyerschetter, e o outro, chamado Luís da Mota, pertence a um francês do Rio Grande; referiram que na aldeia dos índios há ainda 4 negros escravos do mesmo Sr. Eyerschetter e o primeiro pediu-me instantemente para que o fizesse vir, bem como aos outros, da aldeia dos índios, porquanto não desejavam permanecer por mais tempo em poder dêles, referiu-se mais que aqui vieram ter em um barco com o feitor *(factor)* do Sr. Cristóvão Eyerschetter, que os tomara à fôrça a fim de levá-los ao Maranhão ou outros lugares, mas, que aqui aportando, para fazer aguada, os índios haviam, durante a noite, cortado os cabos da âncora e feito o barco dar à praia e quando o viram encalhado o assaltaram em grande número, matando a todos os portuguêses, tanto homens como mulheres, e que a êles, por serem negros, os levaram cativos para servi-los, roubando também todo o dinheiro e mercadorias que havia no mesmo barco; e como lhes perguntasse, entre outras cousas, o que agora diziam os índios da nossa vinda, responderam que se mostravam alegres por causa dos tapuias que tinham morto a muitos dos seus e os ameaçavam de nôvo avisando-me igualmente que não confiasse demasiado na lealdade dos mesmos índios; disse-lhes que se mantivessem tranqüilos, voltando à aldeia e bem servindo aos seus principais, pois prometia-lhes, em ocasião própria, falar aos referidos principais a fim de resgatá-los e enviá-los outra vez ao seu antigo senhor; com isto se retiraram muito contentes dizendo, entre outras cousas, que se percebessem da parte dos índios, cuja língua entendiam bem, qualquer trama em prejuízo nosso nos dariam em tempo aviso; recomendei-lhes que se houvessem neste negócio com cautela e prudência para que os índios nada suspeitassem, pois do contrário os matariam, asseguraram-me, porém, que lhes sobejava ocasião para, sem ciência dos índios, trazer ao meu conhecimento tudo o que entre êles passasse.

A 11 chegou o barco *Capodello*, que ontem fôra despachado para ir aos iates buscar vários gêneros, não obstante ser Domingo foram escaladas duas esquadras, com pás e enxadas, a fim de trabalhar diligentemente na fortificação, que esperamos ter em bom estado de defesa antes de terça-feira, quando pela manhã deve seguir a gente para a mina.

A 12 veio ter comigo o velho Francisco Caraya, em companhia dos seus filhos, trazendo-me um pequequeno cesto de feijões; depois de jantar comigo regressou, com minha permissão, ao seu alojamento prometendo amanhã cedo, ao romper do dia, estar de volta a fim de seguir para a mina, procurou-me também um dos outros principais, de nome Francisco Aragiba, apresentando-me dois negros para vender por pano, machados e foices, e dizendo que os mesmos preferiam viver em nossa companhia; perguntando-lhe se não tinha outros negros além dos dois que me oferecia à venda, respondeu-me que na sua aldeia havia ainda mais quatro em poder dos outros principais, referindo-me igualmente o modo pelo qual os haviam adquirido e assegurando-me que os outros principais também vender-me-iam os seus negros; narrei-lhes então, com tôdas as circunstâncias, como os portuguêses haviam roubado os negros em Pernambuco a um dos meus bons amigos e conhecidos, por cuja infame ação bem tinham merecido a morte que lhes deram os índios d'aqui; propus-lhe finalmente que se êle e os demais principais quisessem vender os negros que fizessem a sua oferta por escrito, e não sendo preço excessivo eu tivesse comigo a quantia precisa, ficaria logo com êles (14), do contrário escrevia sôbre o assunto ao amigo a quem tinham pertencido e êste enviaria o que razoável fôsse; permiti-lhes que durante êste tempo continuássemos a usar dos negros nos serviços das suas roças como tinham feito até agora; concordou Aragiba com a minha proposta, ficando de trazer-me a resposta dos outros principais.

Temos de nôvo duas esquadras trabalhando na fortificação sob as ordens do comandante Maes, que não arreda o pé de junto delas instruindo-as diligentemente no serviço; aos homens que trabalharam hoje, bem como aos de ontem mandei dar a cada um meio quartilho de aguardente e um

pouco de fumo para animá-los e encorajá-los no trabalho; dei ordem ao preposto para, doravante, sempre que o comandante Maes atestar que êles bem cumpriram o seu dever, dar tôdas as tardes a cada trabalhador meio quartilho de aguardente, ou, em vez desta, a cada esquadra meia libra de fumo, enquanto durar a obra da fortificação e a título de extraordinário.

A pedido do comandante Maes consenti provisòriamente e sob aprovação dos Nobres e Poderosos Senhores que Guilherme de Hof, aspirante e oficial *(vrij apointier)* na companhia do mesmo comandante Maes, e que já foi anteriormente quartel-mestre no forte Ceulen no Rio Grande, aqui exerça o mesmo pôsto com o sôldo do costume; determinei igualmente ao comissário van Ham que se aprestasse para amanhã bem cedo seguir para a mina em companhia do engenheiro João Castiliaen, do velho Gaspar Paraupaba, do sargento e 40 soldados, do velho principal Francisco Caraya e seus filhos, bem como dos mineiros e dos negros necessários à condução das bagagens e mantimentos que forem precisos levar para ali em primeiro lugar, e como, segundo as informações recebidas o monte onde deve existir a mina, chamado Itarema e próximo ao monte Maragoaba, dista daqui sòmente 7 léguas, e convindo levar víveres para oito dias (além de aguardente e fumo como extraordinário) recomendei ao comissário van Ham que dispusesse tudo de acôrdo; procurou-me um velho índio daqui, chamado Taperuçu, que forneceu-me algumas notícias sôbre a mina, trouxe-me alguns refrescos e pediu-me um pouco de pano de Offenburgo para cobrir o seu corpo inteiramente nu; mandei pelo preposto dar-lhe 2 1/2 côvados de fazenda; à tarde achava-se tôda a gente pronta e preparada para amanhã cedo, se Deus quiser, partir para a mina com o velho Caraya, que é esperado pela madrugada.

No dia 13 amanheceu chuvoso e o velho Caraya só se me apresentou por volta das 8 horas, com dois de seus filhos e sua mulher; às 9 horas ordenei a partida do comissário H. van Ham, com o engenheiro João Castilliaen, o velho Caraya, mineiros, soldados e negros, levando todos os instrumentos materiais necessários à emprêsa, em cuja execução deve con-

formar-se com as instruções seguintes: *"Instruções e memória segundo as quais o comissário H. van Ham se há de se regular na pesquisa dos minerais ou metais dos montes "Itarema" e "Maragoaba" ou outros próximos".*

"Tendo o principal Francisco Caraya concordado em conduzir-nos ao sítio ou às proximidades do lugar donde os portuguêses têm anteriormente extraído minerais ou metais, cumpre-vos empregar a êles e aos mineiros, que os devem procurar em descobrir o verdadeiro e melhor lugar, e, tendo achado, mandar extrair o mineral ou metal que, sendo encontrado deveis trazer para aqui a fim de ser ensaiado pelo ourives; para êste fim vos são dados mantimentos para oito dias, bem como os extraordinários constantes da lista do preposto, que podereis distribuir com discreção pelos mineiros, soldados e mais pessoas; caso julgardes necessário permanecer ausente mais de oito dias, para tudo com exatidão e minúcia bem indagar, deveis em tempo enviar alguém aqui a avisar-nos do que houverdes necessidade para que sem demora vos seja remetido; confio que com a maior pressa e todo o zêlo possível fareis esforços para bem servir e dar proveito à Companhia e dar contentamento a nossos amos os Nobres e Poderosos Senhores com o relatório que de todo o ocorrido nesta expedição apresentar. Feito no Forte Schoonenborch no Siará, 13 de Abril de 1649".

Temos de nôvo duas esquadras, com pás e enxadas, trabalhando na fortificação e alguns com machados a cortar paliçadas; graças aos esforços do comandante, que tem sido incansável, os fossos e baluartes já estão em condições de nos abrigarem contra qualquer ataque, e esperamos ver em breve a obra acabada.

O ministro Kempins seguiu para a aldeia dos índios o presente os índios não vieram buscá-lo, segundo prometeram; aproveitou-se assim da ocasião a fim de para lá transem companhia da gente que foi para a mina, porquanto até pertar-se, havendo o velho Caraya assegurado-lhe que o caminho para a mina passa não longe da aldeia.

A chalupa, depois de provida dum nôvo mastro em substituição ao que quebrou-se, foi enviada aos iates a bus-

car os gêneros de que temos necessidade e regressou a noite trazendo-os.

A 14 mantivemos de nôvo duas esquadras trabalhando no adiantamento da fortificação, ocupadas em cortar as paliçadas necessárias e em levantá-las.

O principal Francisco Aragiba veio ter comigo, o qual não sòmente é o mais velho d'entre os principais dos índios, como também o mais discreto de todos; lembrando a proposta que lhes fiz de um dêles encarregar-se de ir buscar à minha presença os principais chefes ou os índios mais velhos residentes em Camoci e Camaragibe, o referido Francisco Aragiba ofereceu-me os seus serviços para êste fim, prometendo, dentro de quatro semanas, trazê-los aqui, bem como os principais dos tapuias chamados Tremenbees, que habitam no caminho do Camaragibe, sendo a nação de tapuias, de que o comissário van Ham, quando foi aqui comandante, disse que obteve o mineral do qual extraiu por fusão o metal com que presenteou ao finado Sr. Codde, e que presumia ser prata; e como, segundo tôdas informações que até o presente tenho podido obter e verificar, o monte Ipuapaba, onde João de Albuquerque declarou haver uma mina de prata, está situada a 20 léguas de Camaragibe ou da costa do mar para o interior, e é conveniente ouvirmos, por consequências, as informações dessa nação ali residente, bem como dos referidos tapuias Tremenbees indagar donde trouxeram o mineral que ofereceram ao comissário van Ham, e por êste meio chegarmos a realização do nosso desígnio, não recusei o oferecimento do referido principal Francisco Aragiba, agradeci-lhe as suas boas intenções e assegurei-lhe que, quando resolvesse enviar alguém àqueles sítios, mandaria convidá-lo para então mais particularmente falarmos sôbre o assunto; como perguntasse-lhe que casta de gente era a que ali habitava e se era gente boa, respondeu-me que sim, porém, que entre êles havia alguns índios fugidos d'aqui que talvez de nós se arreceiassem por terem tomado parte na matança da nossa gente no velho forte; entretanto se êle lhes levasse uma carta de perdão e êles soubessem que nós aqui os tratamos tão bem, de certo ficariam alegres com a nossa vinda; disse-me que a nação de índios que

habita em Camaragibe é chamada dos Tobajaras os quais tem por principais chefes Tagoaibucu, Caragoatay e Tiuma; louvou muito, estimando-a gente boa, a referida nação dos tapuias chamados Tremenbees, os quais tem dois chefes principais de nome Amaniju e Guiraroguy; durante o presente interrogatório perguntei ainda ao mencionado Francisco Aragiba quais as nações de tapuias eram seus inimigos, bem como quantas nações diversas residiam aqui na costa do Siará, além das mencionadas; informou-me em resposta haver ainda três outras nações de tapuias, das quais apenas uma era de seus amigos, sendo dos Guanasseguaçu, cujos chefes têm por nome Ajuruguaçu e Ibiguamo, seu filho; quanta as outras, com quem os seus vivem em inimizade e os ameaçam com a guerra são a dos Jagoarigoaris, cujos chefes são chamados Xiguiri, Jagoa e Abiaitima, e a dos Guanassemirim, cujo principal chefe ou cabeça tem por nome Penho; depois que assim interroguei ao referido Aragiba e me convenci de sua boa disposição para conosco, presenteei-o com uma espada e um punhal e despedi-o até ordem ulterior ou ocorrente ensejo.

Na mesma data recebi uma carta do ministro Kempins, dirigida da aldeia do principal Amaniju-pitanga, chamada Piraipaiba, na qual, entre outras cousas, me avisa ter ali chegado e que o mesmo Amaniju-pitanga está raivoso e mal satisfeito por ter o velho Caraya saido a indicar a mina, a fim de ganhar a honra dêste feito; todavia, na entrevista com o referido chefe, logrou persuadi-lo a que, se o velho Caraya falhasse na indicação da mina, êle em pessoa iria mostrar-nos a sua verdadeira situação; quanto ao mais disse-me que tudo ia bem, não tendo nós a receiar hostilidade alguma da parte dos índios.

Respondi a carta recebida do ministro Kempins, e, entre outras cousas, enviei-lhe também cópia das instruções escritas que, para a pesquisa das minas, me foram dadas pelos Nobres e Poderosos Senhores; recomendei-lhe outrossim que, estando agora na aldeia dos índios, ali tudo procurasse indagar dos mesmos para o bom êxito da nossa emprêsa, escrevendo-me detalhadamente e quanto lograsse saber, assegurando-lhes que, uma vez achada a mina, nós tudo faremos para

sua manutenção e bem-estar, provendo de vestidos aos que andam nus, e não só de vestidos mas de tôdas as cousas necessárias em profusão, e que se entre êles houvesse alguns que voluntàriamente se quisesse empregar nos trabalhos da mina ou em outros serviços, seriam generosamente recompensados e que mesmo aquêles que a isto não estivessem dispostos e preferissem ganhar a vida com seus labores habituais, poderia assegurar a nossa proteção e benevolência.

Veio ter conosco Reynier Pausselsen, que até o presente tem exercido o cargo de pilôto, e como agora tenha pouco serviço a bordo do *Geele Sonne* e a sua presença aqui em terra seja necessária para fiscalizar os carpinteiros e marinheiros empregados nas obras da fortificação, quer cortando palissadas quer conduzindo os materiais necessários ao levantamento da mesma fortificação, do armazém, casa de pólvora, da padaria, julguei de bom aviso convidá-lo a permanecer aqui em terra encarregado da fiscalização daqueles serviços o que aceitou.

Não havendo entre nós nenhum leitor das Santas Escrituras nem consolador dos enfermos *(siekentrooster)*, e sendo de urgente necessidade que, pelo menos, à tarde quando a parada vai montar guarda, se faça uma humilde prece a Deus Onipotente, supremo dispensador de tôdas as graças, e que aos Domingos, de manhã e à tarde seja lida diante de todos alguma passagem das Santas Escrituras, como p. e. os salmos de David a fim de assim manifestarmos o nosso reconhecimento por nos ter misericòrdiosamente deixado chegar aqui em boa saúde e salvamento, bem como para implorar a sua divina benção para que sejamos bem sucedidos nesta emprêsa; e como para ocupar semelhante cargo me fôsse proposta e recomendada uma pessoa, de nome João Pecquet, que estêve empregado como leitor no iate *Synegael*, como muito capaz, resolvi ordenar que desembarcasse a fim de aqui em terra prestar os seus serviços, o que o mesmo João Pecquet aceitou de boa vontade, uma vez que pudesse gozar do ordenado do leitor ordinário; quanto a isto disse-lhe ia escrever aos Nobres e Poderosos Senhores, ficando êle fazendo aqui

provisòriamente o serviço até ulterior deliberação dos Nobres e Poderosos Senhores.

A 15 continuaram a trabalhar na fortificação como dantes, duas esquadras ocupadas em cobrir os parapeitos com faxinas; os marinheiros e negros desembarcaram do barco *Capodello* alguns gêneros, tanto víveres como outras cousas, que foram trazidas para o armazém aqui no nosso quartel.

À tarde recebi uma carta do ministro Kempins de Piraipaba, na qual, entre outras cousas me participa que o principal ali da aldeia, chamado Amanijú-pitanga, tinha mandado alguma gente buscar o ministro na mina pra m'o trazer; mas, que tendo ciência de que o velho Caraya para ali fôra, resolvera aguardar outra ocasião; comunicou-me também haver recebido aviso do comissário van Ham de que Caraya não podia achar o caminho para a mina, e lhe escrevera para mandar o velho Paraupaba e mais dois ou três que ali eram conhecidos e um tapuia que ali fôra anteriormente, para mostrarem o caminho; Amanijú-pitanga, porém, não quis deixar ninguém ir e respondeu: — Deixai-o ir e a sua promessa cumprir; eu mesmo posso empregar a minha gente; desta sorte apenas o velho Paraupaba, que veio conosco do Recife, foi ter com o comissário van Ham; julgo dever consignar aqui êstes fatos, pois quero ver se de acôrdo com as aparências, alguma cousa conseguiremos obter de Amanijú-pitanga, uma vez que o velho Caraya não logre descobrir a mina.

A 16 nada ocorreu de particular, continuando os soldados e marinheiros a trabalhar na fortificação como dantes; a chalupa foi buscar víveres a bordo dos iates e regressou ao ancoradouro por volta de meio-dia, sendo os víveres trazidos aqui para o armazém; como o barco *Capodello*, segundo declaração do capitão, acha-se muito aberto acima da linha d'água sendo necessário para seu conserto duas tábuas, ordenei a dois carpinteiros que fôsse executar os reparos precisos, assim como mandei o carpinteiro do *Synegael* consertar o bote do mesmo iate. que está assaz estragado e, sendo já muito velho, pouco serviços ainda poderá prestar.

A 17 os soldados prosseguiram trabalhando como dan-

tes na fortificação e os carpinteiros continuam ocupados com os reparos do barco *Capodello* e do bote do iate *Synegael*.

Por volta das 11 horas da noite de 18, chegou do monte Itarema, onde dizem existem as minas, o engenheiro Ricardo Caer, com quatro soldados e cinco negros, trazendo uma carta do comissário van Ham, na qual lamentava não ter até agora podido até agora fazer cousa alguma, e pedia-me que escrevesse para a aldeia e fizesse com que a gente da mesma fôsse indicar-lhe a situação da mina, pois receiava que o velho Caraya nada veria a efetuar, e que do referido engenheiro Caer eu teria verbalmente informações detalhadas sôbre a situação em que se achavam; a vista disso resolvi escrever ao ministro Kempins para dispor o principal Amanijú-pitanga a seguir quanto antes pessoalmente com a sua gente a indicar o local da mina, desde que Caraya nada descobrisse; neste intuito escrevi esta noite ao ministro Kempins, como consta do meu copiador de cartas, comunicando-lhe que saudasse em meu nome a Amanijú-pitanga e pedisse-lhe para mostrar a mina e que se esta fôsse achada boa poderia contar com uma recompensa que muito contentamento dar-lhe-ia; disse-lhe mais que o comissário van Ham e a gente que o acompanha estão esperando, ao sopé do monte Itarema, pela chegada de Amanijú-pitanga ou da sua gente que conhece a mina, e que hoje enviei-lhe de nôvo provisões para 8 dias; mandei-lhe a referida carta, por um próprio, hoje pela manhã.

Mandei entregar ao engenheiro Ricardo Caer, que aqui veio com os negros e 4 soldados pelo preposto H. Herzeel, víveres para 8 dias, e como João Castiliaen é pouco versado na língua brasílica e o comissário van Ham não esteja satisfeito com as suas traduções, resolvi enviar para ali com o referido engenheiro a Daniel Albert, que é muito versado na língua dos índios; mandei também ao comissário van Ham, por escrito, tôdas as ordens necessárias a fim de que não me possa ser imputada falta de diligência em cousa alguma; o engenheiro Caer regressou para a mina entre 10 e 11 horas.

A 19 nada ocorreu que mereça ser notado, a não ser que os soldados continuaram, como d'antes, trabalhando na fortificação, a qual está quase em estado de completa defesa,

porquanto os soldados da companhia do comandante Maes já têm por pronta a tarefa que lhes cumpria executar.

À tarde chegou aqui o principal Amanijú-pitanga trazendo uma carta do ministro Kempins, na qual faz votos para que, já antes do recebimento da mesma, me tenha chegado às mãos uma amostra do mineral trazida pela gente do mesmo Amanijú-pitanga, que saíra a buscá-la para m'a trazer, e o próprio Amanijú-pitanga mostrou-se assaz admirado de que a sua gente ainda não houvesse chegado; mas disse-me que não poderia tardar mais dum ou dois dias e queria esperá-la aqui nas proximidades; para o caso da mina ser julgada boa, trouxe por escrito a lista dos presentes que êle e os outros principais desejavam ter, sendo a mesma lista escrita em língua brasílica e traduzida para o holandês pelo ministro Kempins; constava dos seguintes objetos: para cada principal um bom vestido com todo o ornato necessário da cabeça aos pés, um mosquete, uma espada e um tambor grande, bem como alguns machados e facões e um pouco de munições de guerra, do que o próprio ministro Kempins, na sua carta, me pediu que os provesse para poderem defender-se contra os tapuias.

Na manhã do dia 20 estive discorrendo com Amanijú-pitanga sôbre a matéria, e, entre outras cousas, disse êle que estava muito molestado com o velho Caraya por ter iludido a nossa gente mal conduzindo-a, e que a sua gente, a fim de ganhar tempo, havia tomado para a mina um caminho mais direto e curto que dali nos traria primeiramente algum mineral, indo depois êle em pessoa indicar o monte onde se achava a mina, donde tinham extraído o mineral, dando a entender que o faria em troca dos presentes que desejava e constavam da lista traduzida pelo ministro Kempins; abri então o meu baú e mostrei-lhe um gibão de *drap d'or*, um vestido de pano fino forrado de veludo e com os botões de prata, um chapéu de castor preto com duas penas brancas bem como um estandarte de tafetá verde acairelado de prata, o que tudo lhe prometi dar se nos indicasse a verdadeira situação da mina e esta fôsse julgada boa, e que teria igualmente cuidado em que os Nobres e Poderosos Senhores mandassem do

Recife, a cada um dos outros principais, um bom vestido; que quanto aos machados e foices, logo que ficasse terminada a obra da nossa fortificação dividiria com êles os que tínhamos, o que tudo, porém, dependia de ser achada a mina e que cumpria a sua promessa tudo faria para seu contentamento e satisfação; em resposta deu-me a mão e prometeu não descansar com a sua gente enquanto não fôsse achada a mina, e, a meu pedido, enviou à mina quatro índios em busca da sua gente que ali fôra procurar o mineral, e ao mesmo tempo avisar ao comissário van Ham e aos mineiros a fim de que, sendo encontrada a mina, mandasse extrair pelo menos uma boa porção do mineral e fazê-lo trazer para aqui pelos negros que lá estão; pelos mesmos índios enviei também nesta data uma cartinha ao comissário van Ham.

Ordenei ao preposto dar ao referido Amaniju-pitanga um outro vestido encarnado com uma espada e punhal, porquanto êle sabia que o velho Caraya tinha recebido igual presente e desejava cativar-lhe a afeição; mandei ainda dar-lhe algumas bagatelas para os principais dos seus oficiais, que com êle vieram.

A gente do comandante Coster continua trabalhando com uma esquadra de 20 homens, para acabar a construção do forte, e a gente do comandante Maes ocupa-se diligente e esforçadamente em levantar o armazém para guardar os víveres e as munições de guerra; falei aos capitães dos iates e mais embarcações para mandar os marinheiros com o carro, ao longo da praia, a trazer do velho forte as telhas, que ali jazem a fim de serem empregadas na coberta do armazém, e como o principal Francisco Aragiba me deu notícia de duas peças de bronze que estão enterradas perto d'ali, ordenei que, depois de trazidas as telhas, se ocupassem em transportá-las para aqui, bem como a pecinha de ferro e o pedreiro que ali jazem e as duas âncoras dos barcos sossobrados no rio próximo.

A 21 pela manhã vieram à terra os marinheiros dos hiates e mais embarcações, e ordenei-lhes que, com 8 soldados, um sargento e 4 negros, fôssem com o carro ao velho forte buscar as telhas de que já falei; como a areia frouxa ao longo

da praia torna muito penoso êste serviço (15), a fim de animá-los e encorajá-los, concedi que em cada viagem, tanto na ida como na volta, lhes seja dado, por cabeça, meio quartilho de aguardente; sendo informado de que os índios, que habitava nas vizinhanças do velho forte, têm retirado quantidade das referidas telhas para cobrir as suas cabanas, falei aos principais e aos próprios donos das cabanas, pedindo o seu consentimento para trazer as mesmas telhas, sem lhes dar motivo para desgôsto; consentiram de bom grado e as suas cabanas serão cobertas de palha.

Três carpinteiros de bordo trabalham na construção do armazém do forte com alguns soldados da companhia do comandante Maes, e uma esquadra de 20 homens do comandante Coster ocupa-se em ultimar a obra da fortificação. Recebi uma carta, desta data, do comissário van Ham, avisando-me haver recebido a missiva que, a 20 dêste, enviei-lhe por 4 índios, e comunicando-me que a gente do Amanijú-pitanga que fôra à procura do mineral, sendo 7 índios e um capitão de nome Antônio Schera, estivera ali junto a êle no dia 20, e que sairam de manhã, com o mineiro Hans Simpel, aliás Mil-Diabos *(Duysent duyvel)*, a procurar o local da mina; mas, que regressaram sem nada haver descoberto, e pediram-lhe para escrever para a aldeia ao ministro Kempins a fim de mandar um outro índio velho o qual supunham saberia bem encontrar o lugar procurado, e nesse sentido o comissário van Ham escreveu ao ministro Kempins, estando resolvido a mandar hoje novamente procurar a mina; sendo pouco satisfatórias estas notícias e dignas de pouco crédito as promessas e compromissos dos índios, fiz vir a minha presença o principal Amanijú-pitanga, que ainda se achava aqui, e, mostrando-lhe a referida carta, demonstrei-lhe como a sua gente, a semelhança do velho Caraya, ainda nada havia descoberto, e perguntei-lhe se a respeito nenhuma providência saberia dar para, segundo as suas promessas, ser encontrada a mina; disse-lhe mais que o ocorrido era tanto para êle, como para o velho Caraya, uma péssima recomendação e que os meus amos os Nobres e Poderosos Senhores, tendo conhecimento de sua firme garantia de saber o local da mina e das suas repetidas

promessas de a ela nos conduzir, e vendo depois o mau resultado e o malogro das pesquisas, ficariam formando dêle um péssimo juízo; manifestei-lhe ainda que para salvar a sua honra e reputação, urgia agora que, com tôda a sua gente, desenvolvesse todo o esfôrço e diligência, sem nunca descansar ou descontinuar, para plenamente cumprir a sua promessa mostrando-nos o verdadeiro local da mina; respondeu-me brevemente que se, mal grado a sua firme esperança e completa confiança, a sua gente ainda não encontrara a mina, só podia atribui-lo às copiosas e grandes chuvas que ali têm caído, as quais, produzindo desmoronamentos no monte, haviam soterrado o sinal da mina dificultando assim a sua pesquisa; mas voltaria de novo para a aldeia a fim de, com tôda a sua gente, seguir em busca da mina até encontrá-la, pois, certamente sabe onde é o local da mesma e quer provar-nos que tem falado a verdade; prometeu empregar tais esforços que eu só terei contentamento em escrever aos Nobres e Poderosos Senhores.

Ordenei ao preposto H. Herzeel que fizesse uma lista dos víveres fornecidos até agora e um cálculo do estado do nosso paiol, a fim de poder providenciar em tempo sôbre o que fôr necessário.

À tarde o carro, que fôra enviado a buscar as telhas, voltou com a gente trazendo 350 das mesmas.

Às 9 horas da manhã do dia 22 veio ter comigo a esquadra do comandante Coster, dizendo que a sua tarefa na fortificação estava terminada, porquanto esta, com exceção do portão e das duas baterias, estava em completo estado de defesa; na continuação das obras entrarão agora a trabalhar os três carpinteiros de bordo, presentemente ocupados em levantar o armazém, auxiliados pelos soldados precisos para o transporte dos materiais necessários; o carro foi novamente ao velho forte buscar telhas.

Escrevi ao ministro Kempins, respondendo à sua carta de 19 dêste, e comuniquei-lhe a missiva recebida a 21 do comissário van Ham; participei-lhe também a conferência tida com Amanijú-pitanga e como êste me fizera promessa e tomara particular compromisso de indicar a mina, pedi-lhe

outrossim, que instasse com o mesmo para o pronto desempenho da tarefa, o que, estava certo, êle faria melhor do que eu lhe pòderia recomendar, e que viesse a ocorrer.

Receiando, não obstante a firme promessa dos índios, que a descoberta da mina dos montes Itarema, Maragoaba ou outros próximos venha a frustar-se ou a ocupar demasiado tempo, em cujo decurso conviria indagar da situação da mina de Ubuapaba, da qual João de Albuquerque deu notícia aos Nobres e Poderosos Senhores, segundo os papéis e as informações a respeito existentes em meu poder, dizendo que o referido monte jaz d'aqui a 20 léguas do mar, quando das notícias por mim colhidas resulta achar-se o dito monte perto de Camerisiby, distante d'aqui 80 léguas para o lado do Maranon e ainda 20 para o interior; como os tapuias Tremembees, que, segundo a declaração do comissário van Ham, trouseram-lhe amostras do mineral no tempo em que aqui esteve como comandante, habitam nas imediações daquele monte; havendo o principal Francisco Aragiba oferecido os seus serviços para, no praso de quatro semanas, trazer aqui junto de mim, não só os mais velhos daqueles índios como também dos da nação dos Tabajaras, residentes perto de Camerisiby, e como considero êste o melhor e mais pronto meio para quanto antes alcançar mais amplas informações a respeito, resolvi mandar o referido principal Francisco Aragiba e propus-lhe, caso ainda estivesse disposto, ir buscar os principais dos referidos índios; respondeu-me que estava pronto a ir busca-los no praso designado; depois de havê-lo convenientemente e verbalmente instruído sôbre o objeto de sua missão, despachei-o para a referida viagem dando-lhe, para êle e mais 10 índios que devem acompanhá-los algumas provisões, deilhe ainda algumas bagatelas para os principais d'ali, bem como uma carta de perdão para os índios fugidos d'aqui que, segundo o seu parecer, talvez, receiassem da nossa vinda.

Recebi uma carta do ministro Kempins, datada da aldeia a 21 êste, comunicando-me haver recebido uma missiva do comissário Van Ham dizendo-lhe que a gente de Amanijupitanga ainda nada havia revelado acêrca da mina; pedindo-lhe para enviar um índio de nome Goaruru, o qual de fato se-

guiu, com o intérprete Daniel Albaert, para junto do comissário van Ham; disse mais que julgava urgente a ida de Amaniju-pitanga para a aldeia a fim de ativar as pesquisas, e como dei conhecimento disto ao referido Amaniju-pitanga, êste deve partir amanhã para a aldeia e de lá seguir em busca da mina com tôda a sua gente, convindo esperar com paciência o resultado dos seus esforços.

Escrevi ao ministro Kempins respondendo à sua carta e comuniquei-lhe haver despachado para Camerisiby o principal Francisco Aragiba a fim de realizar a missão de que já anteriormente tratamos, e estar aguardando com paciência o resultado da mesma, esperando que o dito Francisco Aragiba, segundo a sua promessa, regresse aqui, dentro de quatro semanas trazendo os principais dos índios d'ali.

Na manhã de 23 veio ter comigo Amaniju-pitanga, acompanhado dos seus oficiais, trazer-me as suas despedidas a fim de seguir a sua missão, perguntei-lhe entre outras cousas, se entre a sua gente não havia alguém capaz de levar cartas minhas por terra, por via do Rio Grande do Norte, aos Nobres e Poderosos Senhores, ao que respondeu-me ser difícil por causa dos tapuias, mas que na aldeia falaria à sua gente a respeito; dei-lhe uma cartinha para o ministro Kempins pedindo-lhe resposta neste sentido e que procurasse estimulá-los na pesquisa da mina, sob o pretexto de que eu desejava enviar boas notícias aos Nobres e Poderosos Senhores, aos quais pretendo escrever, não só por terra, mas também na primeira ocasião por mar pelo barco *Capodello*.

Continuaram os três carpinteiros, auxiliados por soldados, a trabalhar no levantamento do armazém; seguiram para o velho forte a buscar telhas um sargento e alguns soldados e marinheiros; apenas podem fazer uma viagem por dia trazendo cêrca de 400 telhas.

Chegou aqui o escrivão Daniel Albaert, com um índio, trazendo uma carta do comissário van Ham, datada de 22 déste, na qual, entre outras cousas, refere que até o presente momento os índios não haviam descoberto a mina, mas que o mineiro Hans Simpel, aliás Mil Diabos, havia encontrado algum mineral no rio, e que em conseqüência resolvera seguir

para ali, no outro dia, com os mineiros para ver se poderiam achar algum sinal da mina, do que dar-me-ia aviso; acrescentou que os índios persistem em afirmar ser ali o verdadeiro local da mina, mas que por causa de muita água que tem descido do monte não podem achar o sinal.

Notei em um jornal à parte tudo o que me tem sido referido sôbre a expedição por terra ao monte Itarema, à procura da mina de prata, desde 13 dêste até a presente data. (16).

No dia 24, por volta das 4 horas da tarde, aqui chegou o engenheiro, com João Castiliaen, dois soldados e seis negros, trazendo algum mineral e uma carta do comissário van Ham, referindo nutrir esperanças quanto à mina, mas que a água que descia do monte com muita fôrça impedia os mineiros de trabalhar.

Os trabalhadores estiveram ocupados em cortar madeira para a construção dos alojamentos do forte, e também trouxeram, do velho forte do Siará, um carro com telhas; entreguei imediatamente ao ourives, mestre Jonas, o mineral trazido pelo engenheiro, para ver se dêle consegue extrair alguma amostra.

No dia 25, bem cedo pela manhã, o ourives mestre Jonas procurou-me no meu alojamento, trazendo um pequeno fragmento de prata, do tamanho aproximado d'um grão de saraiva, que disse ter extraído duma libra do mineral trazido pelo engenheiro.

Por volta das 8 horas quando íamos fazer a prece habitual, avistamos perto do rio Siará uma embarcação manobrando para entrar no mesmo rio, e estando em dúvida se seria algum barco do Recife com ordens dos Nobres e Poderosos Senhores ou alguma embarcação portuguêsa, resolvi enviar imediatamente ao seu encontro o iate *Vlissinge*, dando lhe mais alguns marinheiros e um sargento com 12 soldados, para caso fôsse português, poder apressá-lo; ao mesmo tempo mandei por terra, ao Siará, o meu escrivão Daniel Albaert, com 2 soldados por terra ao Siará, com ordem, caso fôsse algum dos nossos barcos do Recife, assim que o capitão desembarcasse, trazê-lo junto a mim; o referido escrivão ali chegando não pôde mais ver a embarcação, porém, depois de meia hora

de espera foi ter com êle um índio que estivera no mar pescando na sua jangada *(singael)*, o qual referiu-lhe que a mencionada embarcação estava sôbre âncora ao norte do rio Siara em uma grande baía; a vista disto o referido Daniel imediatamente seguiu na direção indicada, com mais 3 holandeses e 2 índios, atravessou o rio na jangada e, marchando ao longo da praia, ao dobrar uma porta viu de fato o barco ancorado e largando um bote; afastou-se o escrivão da praia com a gente que o acompanhava e foi ocultar-se por trás das dunas próximas, enquanto o bote aproava para terra; um dos índios ergueu então num bastão as suas calças de pano branco e agitou-as para o bote cujos tripulantes começaram a remar para o sítio onde se achava; ao chegarem à distância dum tiro de mosquete da praia, o iate *Vlissinge* montou a ponta meridional do Siara, o que percebendo os do bote regressaram a tôda fôrça de remos para o barco, que não tardou em zarpar, fazendo-o com tanta pressa que, supomos, cortou o cabo da âncora; depois de capear por algum tempo seguiu rumo norte e o *Vlissinge* deu-lhe caça mantendo-se sempre a barlavento; ao por do sol ainda avistavamos perfeitamente o *Vlissinge* no mar, mas não o barco.

Ao amanhecer do dia 26 não divulgamos mais nem o *Vlissinge* nem o barco, donde inferimos que continuou dando-lhe caça durante tôda a noite passada; Daniel Albaert referiu-se também que interrogando os índios êstes lhe disseram que o barco lhes parecia português e não duvidavam fôsse dum tal Balthazar, ex-comandante do Siara (17) com o seu navio a tirar âmbar, prometendo regressar no ano seguinte, mas que primeiro iria a Portugal a buscar tôda a sorte de mercadorias para êles, e não tendo vindo na época marcada, presumiam que o fizesse agora; disseram-lhe também que julgavam que o mesmo Balthazar estivera em Camocy junto aos Tabajaras, com os quais fizera amizade, e que agora levava talvez no seu barco alguns dos ditos Tabajaras para persuadi-los.

De manhã o mestre Jonas, ourives, trouxe-me mais alguns pedaços de prata extraída do mineral que ontem dei-lhe para fundir, referindo-me, entre outras cousas, que esta pequena amostra era suficiente para indicar a existência dum rico veio de prata nas proximidades do sítio onde fôra achado o mineral, mas que o mineral trazido era tão pobre em metal que não pagava as despesas da sua extração.

As 10 horas da manhã enviei João Castiliaen, com o mineiro; um soldado e seis negros, para o monte Itarema junto ao comissário van Ham, levando víveres para 8 dias, não só para êles como para as demais gente que está no monte, e uma carta ao comissário van Ham, recomendando-lhe fizesse tôdas as diligências para que na primeira oportunidade pudesse ser enviada uma boa amostra de prata aos Nobres e Poderosos Senhores, e que avisasse das pesquisas dos mineiros e das esperanças que nutriam quanto ao resultado das mesmas.

Recebi na mesma data uma carta do ministro Kempins, avisando-me que o principal da aldeia, Amanijú-pitanga, seguira de manhã cedo em pessoa com a sua gente para o monte Itarema, pelo que espera em breve tempo poder dar-me boas notícias; quanto aos índios que escrevi-lhe procurasse persuadir a serem portadores de cartas aos Nobres e Poderosos Senhores, por terra, via do Rio Grande, disse-me que presentemente era difícil conseguí-lo porquanto mostravam grande receio dos tapuias.

Os trabalhadores continuaram ocupados nas obras da fortificação e começaram a fazer o soalho do armazém.

Ao anoitecer avistamos uma vela vinha do norte que presumimos fôsse o iate *Vlissinge*, saído à caça da embarcação suspeita.

No dia 27, por volta das 10 horas da manhã, o *Vlissinge* surgiu de nôvo aqui no pôrto e o seu capitão referiu-me que, durante a noite perdera de vista o barco ou caravela portuguêsa, não conseguindo mais lobrigá-la; os trabalhadores continuaram ocupados nas obras da fortificação e do armazém e os carpinteiros começaram a cortar madeira para a construção dum alojamento para mim acima do portão do forte.

A 28 a chalupa foi a bordo do iate *Geele Sonne* buscar víveres e os trabalhadores continuaram ocupados como anteriormente.

Por volta das 3 horas da tarde um soldado e um índio, vindo a mandado do comissário van Ham, buscar papel, penas e tinta, e um pouco de aguardente para a gente dos índios; referiu o mesmo soldado que em caminho tivera que atravessar um rio, de nome Itarema, tornado tão fundo pelas grandes chuvas que mal podera vencer a fôrça da correnteza e quase morrera afogado, tendo perdido o seu mosquete e tudo o mais que trazia.

Ao anoitecer veio ainda da mina um sargento com três negros, a mandado do comissário van Ham, algum mineral que entreguei ao ourives para examinar.

Ao amanhecer do dia 29 procurou-me mestre Jonas, ourives, e referiu-me que do mineral que lhe entregara ontem não tinha podido extrair prata, e como o dito mineral foi achado pelo sargento, sem conhecimento dos mineiros, escrevi ao comissário van Ham recomendando-lhe que não enviasse para cá mineral algum que não fôsse prèviamente examinado e julgado bom, pelos mineiros, a fim de poupar ao ourives análises inúteis.

Enviei o engenheiro Ricardo Caer, com o dito sargento, o soldado e 3 negros, para a mina, levando uma carta para o comissário van Ham, recomendando-lhe que fizesse os mineiros empregarem todos os esforços a fim de obtermos uma boa amostra de prata para ser mandada aos Nobres e Poderosos Senhores pelo barco *Capodello*, que estou resolvido a mandar ao Recife no próximo mês, com avisos.

Na mesma data escrevi ao ministro Kempins na aldeia avisando-o desta minha deliberação e que caso quisesse escrever ou dispor de alguma cousa fizesse-o com presteza porquanto o referido barco deveria zarpar na próxima segunda-feira.

Os trabalhadores e carpinteiros continuaram ocupados nas obras e o carro tem trazido telhas do velho forte.

Ordenei ao pilôto Reynier Pausselsen e ao capitão do barco *Capodello*, que se apresentassem para, na próxima segunda-feira, seguir para o Recife.

A 30 os trabalhadores e carpinteiros prosseguiram na faina habitual e o carro foi buscar telhas no velho forte.

Por volta das 4 horas da tarde chegou da mina um negro trazendo uma carta do comissário van Ham e um saquinho com mineral, que os mineiros extraíram em uma parte do monte Itarema, superior a donde da vez passada tiraram-no; na mesma carta avisa-me que quanto mais fundo cavam mineral de melhor qualidade encontram, e que se o ourives achasse boa a amostra não duvidaria da opulência da mina, e que no dia seguinte viria em pessoa trazer-me melhores amostras.

Logo depois chegaram dois índios e uma índia vindos de Camorisiby, os quais referiram haver encontrado em caminho o principal Francisco Aragiba, que prosseguiu na sua viagem; disseram mais que em Camorisiby tudo ia bem, tendo êste ano sido feitas boas roças e plantações; que os tapuias Tremenbees ali viviam em boa amizade com os Tabajaras; que em Camorisiby nenhum português fôra visto e que os portuguêses não iriam ali fàcilmente, porquanto há alguns meses, quando ali foram os tapuias Tremenbees, metidos nas suas grandes canoas, surpreenderam a embarcação, assenhorearam-se delas e mataram todos os tripulantes; em conseqüência dêste fato a longo tempo ali não aparece embarcação alguma, mas, que agora, vindo marchando ao longo da praia, avistaram no mar uma caravela, que foi o barco ao qual o hiate *Vlissinge*, domingo passado, deu caça; perguntando-lhe, entre outras cousas, se os Tabajaras de Camorisiby sabiam da nossa vinda, responderam que não, mas, que não ignoravam que a gente do Siará nos esperava diàriamente, e que quando o principal Francisco Aragiba lhes levasse a notícia da nossa chegada aqui, de certo ficariam muito alegres e sem dúvida um dos seus principais viria visitar-nos em companhia do dito Aragiba, e que êstes índios aqui habitualmente residem, tendo ido ali sòmente para visitar os seus amigos.

Na manhã de 1 de maio procurou-me o mestre Jonas, ourives, referindo que das 7 libras de mineral, que eu ontem lhe entreguei, apenas podera extrair ½ libra de prata; repetiu que, caso fôsse encontrado o verdadeiro veio, a mina seria das mais rendosas, mas que o presente o mineral era muito pobre e não compensava as despesas da extração, porquanto para

expurgar e separar do mineral a referida ½ libra de prata que me entregou, gastara em reagentes cêrca de dois reales.

Os trabalhadores e carpinteiros continuam ocupados nas obras mencionadas, e os marinheiros, com soldados e negros, foram ao velho forte buscar telhas de carro.

O soldado que ontem veio da mina, regressou para lá levando uma cartinha para o comissário van Ham, na qual expus-lhe o parecer do ourives e recomendei-lhe que fizesse aprofundar as excavações a fim de tirar-se mineral mais rico e de ser encontrado enfim o tão desejado veio, querendo Deus.

Cêrca de 4 horas da tarde chegou o comissário van Ham, com os mineiros, trazendo algum mineral para mostrar-me que o mesmo indicava a existência, nas proximidades, de ricos veios de prata, cuja descoberta dependia apenas de aprofundarem-se as excavações; os mineiros acrescentaram que até agora apenas haviam encontrado indícios ou sinais, mas que estavam certos de achar o verdadeiro veio; perguntando-lhes, pois era o meu pensamento informar os Nobres e Poderosos Senhores de todo o ocorrido, se, fundado sôbre as suas declarações, poderia escrever aos Nobres e Poderosos Senhores que seria encontrado uma boa e rica mina de prata, responderam que sim e que dar-me-iam uma declaração por êles próprios escrita e assinada para me ser enviada, bem como uma relação de todo o necessário que da Holanda convém mandar buscar para adiantamento de tão importante obra; disseram ainda que o referido monte Itarema e os outros próximos apresentam tão favorável aspecto que enquanto a Companhia existir sempre poderá ser tirada prata em abundância, mas, oue, uma vez encontrados os verdadeiros veios, outros processos mais desenvolvidos seriam necessários empregar para extração, conforme o uso em todos os lugares em que existem tais minas, convindo desde agora providenciar a respeito. (18)

Pela manhã do dia 2 entreguei ao mestre Jonas, ourives, amostras do mineral ontem trazidas pelos mineiros, a fim de ver se dêle poderia extrair alguma prata; dei-lhe duas qualidades, sendo 8 libras duma e 4 d'outra, para verificar se haveria alguma diferença.

Ao anoitecer o mestre Jonas, ourives, procurou-me e

trouxe-me as amostras de prata extraídos dos referidos minerais, comunicando-me que das 8 libras tiraram ao todo 7 grãos e das 4, meio dinheiro (*penning*).

Por volta das 8 horas da manhã do dia 3 despachei o comissário van Ham e os mineiros para a mina, abastecido de todo o necessário, e recomendei-lhes que continuassem a cavar até encontrar o verdadeiro veio. Antes da partida os mineiros fizeram-lhe entrega duma declaração por êles escrita e assinada perante duas testemunhas dignas de fé, garantindo a existência duma boa mina, a fim de ser enviar aos Nobres e Poderosos Senhores.

Aqui termina o manuscrito em cuja capa lê-se o título: Diário e mais informações de Matias Beck do Siara (Journael en andere beschey den van Matias Beck uyt Siara); compreende o período de 18 de março a 3 de maio de 1649; a continuação, a partir de 23 de de julho, encontra-se no seguinte manuscrito. (Nota do tradutor Alfredo de Carvalho).

23 de julho de 1649.

Chegou aqui um dos serventes dos mineiros, com quatro negros, em busca de víveres, trazendo duas âncoras ou barris com mineral, os quais foram daqui levados, a 22 dêste, pelo mineiro Hans Simpel a fim de enchê-los do melhor material ou mineral, para na primeira ocasião serem enviados aos Nobres e Poderosos Senhores no Recife com o pedido de, se lhes aprouver, mandar os ditos dois barcos com o referido mineral para a pátria, no intuito de que ali seja analisado por bons provadores e se verifique se a declaração escrita feita pelos mineiros a respeito da mina, conforme aqui se pode ver atrás na data de 15 dêste, é verdadeira.

Chegaram também três soldados da aldeia, referindo que o ministro Kempins os encarregara de dizer-me que os índios destinados a ir a Recife só amanhã poderão vir, porquanto estão ocupados em fazer farinha para levar na viagem. Chegou ainda o soldado Nicolau Provoo, vindo da roça de Itapeba, onde se acha na qualidade de feitor, a fim de levar víve-

res; referiu que o trabalho da roça avança satisfatòriamente, estando já plantadas mais de 6.000 covas de mandioca, e mais estaria plantado se os índios não fôssem tão morosos em trazer a maniva; entretanto, não se perde tempo em desbravar e preparar o terreno para que dentro em breve, havendo maniva, tudo fique plantado. (19)

24 de julho.

Pela manhã partiram levando víveres as gentes da mina, da aldeia e da roça.

Depois do meio-dia recebi uma carta do ministro Kempins, da aldeia, avisando-me, entre outras coisas, longamente, que devido ao principal Francisco Aragiba têm surgido algumas dificuldades quanto a induzir e convencer os índios a ir ao Recife; que nenhum dos índios mostra boa vontade em empreender semelhante viagem; que todos vêem com maus olhos que sejam enviadas informações ao Recife receando que para êles resulte prejuízo do que se escrever aos Nobres e Poderosos Senhores; outrossim constava que o mencionado Francisco Aragiba lhes havia revelado o estado miserável da nação holandesa, dizendo-lhes que já não tinha coragem como dantes nem mais tropas, pois as mesmas tinham ficado tôdas em Guararapes com tôda a artilharia e munições, e que nós tínhamos vindo do Recife para aqui por que não nos podíamos mais manter ali e tudo isto com muitas particularidades que seria longo referir aqui, mas que tudo foi plenamente contestado pelo ministro Kempins; que igualmente o citado Francisco Aragiba, sendo pôsto em confissão e interrogado sôbre se dissera tudo que atrás fica referido, negou-o a pé firme e declarou estar resolvido a viver e a morrer com os holandeses e disposto a aprontar quatro índios para, em companhia dum holandês, seguirem para o Recife, os quais na próxima segunda-feira, 26 do corrente, aqui deverão estar para seguir viagem, estando presentemente ocupados em fazer farinha para o caminho.

Pelas 3 horas da tarde deliberei enviar o meu escrivão Daniel Albaert à aldeia a falar com o ministro Kempins e o

principal Francisco Aragiba a fim de que os índios se aprontassem com a máxima brevidade para seguir para o Recife.

Em seguida mostrei a carta do ministro Kempins ao comandante Maes e resolvemos mandar quatro bons soldados, destros em nadar e marchar, com o *capitaine des armes* Roberto Bruyn, levar ao Recife as cartas dos Nobres e Poderosos Senhores, em compnhia dos quatro índios, sendo êste o melhor e mais seguro meio de fazê-lo.

25 de julho.

Pela manhã chegou um índio do monte Maragoaba trazendo um pedaço de mineral de côr brilhante como ouro, e como o mestre Jonas, o ourives, não tivesse esmeril não pôde examiná-lo quanto à qualidade da prata; mas, tomando uma amostra e submetendo-a à prova encontrou vestígios de prata, o que é indício suficiente de que no monte Maragoaba, próximo ao monte Itarema, existem também minerais da prata; o pedaço trazido foi apanhado à flor da terra, pois, conforme declarou, o índio não possui ferramenta alguma para extraí-lo das rochas ou veios, do contrário teria trazido maior e melhor amostra, o que prometeu fazer na primeira ocasião.

26 de julho.

Esta manhã foi enterrado um soldado, da companhia do comandante Maes, falecido durante a noite.

Chegou um soldado da aldeia dizendo que os índios destinados a ir a Recife devem hoje aqui chegar; participou-me mais que um soldado de nome Anthony Giron, da companhia do capitão Coster, havia 8 dias saíra para o mato próximo ao monte Itarema à procura de pequenos côcos e até a presente data não aparecera mais.

À tarde, regressou o meu escrivão Daniel Albaert, que a 24 dêste fôra enviado à aldeia, vindo em sua companhia cinco índios para, junto com o *capitaine des armes* e quatro soldados, seguirem para o Recife, os quais eu o incumbira de trazer; referiu-me, entre outras cousas, que conversando ali

ontem, à noite com os índios, um dêles dissera que no tempo em que Martim Soares Moreno esteve aqui no Siará ouvira-o dizer que esta mina de Itarema só seria explorada quando ficasse esgotada a do Peru, porquanto não convinha ao rei que duas minas de prata fôssem exploradas ao mesmo tempo, pois assim ficaria a prata depreciada e considerada de pouco valor.

O mesmo meu escrivão entregou-me uma cartinha do ministro Kempins comunicando-me que os índios ocupam-se presentemente na construção da nova aldeia e que não havendo mais gente para casar nem crianças para batizar e também pouca ou nenhuma gente vindo aos domingos à igreja, ao passo que no Siará havia muita gente para casar e crianças para batizar, as quais não queriam ir à aldeia velha, sendo, outrossim, a aldeia nova pouco distante do Siará e havendo no Siará uma boa casa do principal Francisco Aragiba, onde poderia alojar-se cômodamente, ficando assim mais à mão, resolvera, caso eu aprovasse e julgasse conveniente, ir morar ali a fim de efetuar os referidos casamentos e batizados, mas que primeiro aguardava o meu juízo e parecer a respeito.

Entreguei a Roberto Bruyn, *capitaine des armes*, as minhas cartas aos Nobres e Poderosos Senhores, tôdas bem lacradas e seladas, bem como três saquinhos de ns. 1, 2 e 3, contendo mineral; recomendei-lhe todo o cuidado para que não deixasse molhar as cartas e papéis e que procurasse realizar a sua viagem com a máxima presteza, para cujo fim entreguei-lhe cartas de recomendação às autoridades do Rio Grande, Paraíba e Itamaracá, a fim de lhe prestarem, caso fôsse preciso, tôda a assistência e auxílio a êle e aos quatro soldados e cinco índios que o acompanhavam.

27 de julho.

À noite passada, o *capitaine des armes* seguiu viagem conforme lhe fôra ordenado ontem à tarde; Deus Nosso Senhor conceda-lhe uma rápida e feliz viagem.

Não havendo mais sal de provisão para salgar peixe, mandei alguns marinheiros ver se poderiam extraí-lo d'água

do mar; não havendo aparelhos próprios, até agora pouco ou nada se tem feito.

28 de julho.

Respondendo à carta do ministro Kempins, de 26 do corrente, permiti-lhe que fôsse residir temporàriamente no Siará ate que na nova aldeia fôsse construída a igreja e levantado um cruzeiro em frente à mesma, quando cumpria fôsse ali habitar.

29 de julho.

Nada ocorreu digno de nota; apenas à tarde chegou aqui um soldado, que tendo saído a passear, avistara do alto da ponta de Mucuriba um barco ancorado, pelo que apressou-se em regressar a fim de trazer-me a notícia: em conseqüência ordenei ao mestre da chalupa que amanhã cedo, com a brisa de terra, seguisse para junto do mesmo barco no intuito de saber se era vindo do Recife e neste caso guiá-lo aqui para dentro do pôrto.

30 de julho.

Ao amanhecer do dia a chalupa fêz-se ao mar e logo depois avistamos o referido barco navegando na altura da baía de Mucuriba; pelas 8 horas lançou ferro aqui dentro do pôrto de Schoonenborch, sendo o barco *Cammamou*, do capitão Eduardo Gosens; a bordo do mesmo veio a espôsa do comandante Maes, e a chegada do barco causou aqui, graças a Deus, grande alegria.

Depois do meio-dia chegou da mina o comissário van Ham com um servente de mineiro e dois negros à busca de barris; chegaram também três soldados da aldeia.

À tarde, com o baixa-mar, começamos a descarregar os víveres do barco *Cammamou;* a cada um dos soldados, que trabalharam no transporte dos víveres para o armazém, o pre-

posto Herzeel deu meio quartilho de aguardente como extraordinário.

31 de julho.

Esta manhã partiram o mineiro e os soldados da aldeia levando as suas provisões. Com o baixa-mar, foi retirado do barco *Cammamou* o resto dos víveres. Chegou aqui o principal Amuniju-pitanga com os capitães Francisco Caiaba e Antônio Siaragoara a fim de saber as notícias trazidas do Recife pelo barco *Cammamou;* respondi-lhes que, graças a Deus, no Recife tudo ia bem e que aquêle barco nos fôra enviado pelos Nobres e Poderosos Senhores com o único objeto de trazer-nos boas notícias; disse-lhes mais constar que devido ao fato de andarem navios e iates hôlandeses cruzando nas costas de Portugal o respectivo rei estava tão desanimado e aterrorizado que bem desejaria nunca ter começado esta guerra conosco aqui no Brasil; que os Nobres e Poderosos Senhores haviam avisado-me de que ainda um outro iate, carregado com víveres e munições de guerra, estava pronto para, na primeira, ocasião, seguir para aqui, que outrossim os mesmos Senhores muito se alegrariam sabendo por mim com que franqueza e amizade dos índios nos tinham aqui acolhido e que confiavam que em tôdas as ocasiões continuariam a ajudar-nos a achar o verdadeiro local da mina onde os portuguêses tinham trabalhado, e finalmente que recomendavam-me que entre a gente daqui procurasse uma lista dos principais mais antigos da terra, bem como do número da sua gente para na ocasião própria podê-los recompensar pelos seus serviços e dedicação dando pelo menos a cada principal um bom vestido, e, caso houvesse ensejo de receiarmos alguma agressão dos inimigos, seria em bom tempo socorridos com as tropas necessárias à nossa defesa; mostraram-se os índios muito contentes com estas notícias e prometeram empregar todos os esforços em examinar o monte, agora que vem o tempo sêco, a fim de encontrar o verdadeiro lugar donde Martim Soares extraiu o mineral que enviou para Portugal, o qual esperavam agora achar sem demora, e que mandariam fazer as listas da sua

gente que aqui estava, tanto homens como mulheres e crianças, a fim de m'as entregar para serem mandadas aos Nobres, e Poderosos Senhores, e que esperavam que quando houvessem encontrado o verdadeiro local da mina os mesmos Senhores dar-lhes-iam algum pano para vestirem as suas mulheres e filhos, e regressaram finalmente para a sua aldeia.

1.º de agôsto. Domingo.

Nada ocorreu de notável, exceto que pelo meio-dia chegaram da mina dois soldados trazendo o mosquete do soldado Anthony Giron, da companhia do capitão Coster, que até esta data não apareceu.

2 de agôsto.

Esta manhã acordei com dois sargentos enviá-los à pesca, cada um com dez homens e uma rêde, devendo semanalmente recolher ao armazém 300 peixes salgados de bom tamanho e aproveitáveis.

Da aldeia chegou aqui o ministro Kempins, a fim de saber as notícias trazidas do Recife pelo barco *Cammamou;* igualmente veio da mina o mestre mineiro Hans Simpel com um servente e um negro.

3 de agôsto.

Esta manhã mandei de novo para a mina ao mestre mineiro vindo ontem com um servente e um negro; mas, tendo um certo índio de nome Vicente Dias trazido-me um pouco de mineral do monte Maragoaba, determinei que o mesmo mineiro fôsse primeiro para ali, com um servente, dois negros e a ferramenta precisa, em companhia do dito índio a fim de examinar atentamente o local, informando-me a respeito.

Recebi do principal Francisco Caraia, a semelhança dos demais principais, o juramento de fidelidade em presença do comandante Maes.

Contratei com dois soldados ampliarem todo o fôsso em

volta do forte até a largura de 12 pés e fazerem ainda outros pequenos reparos; devem, enquanto durar o trabalho, gozar de rações dobradas.

4 de agôsto.

Esta manhã segui para a mina em companhia do ministro Kempins, dos capitães Francisco Pietersen e Eduardo, do barco *Cammamou*, e ainda outros mais, levando uma escolta de seis soldados; chegamos lá por volta duma hora da tarde, e no mesmo dia, tendo examinado todos os trabalhos e operações dos mineiros, resolvi no dia seguinte partir para a aldeia, com o ministro Kempins, a encontrar-me com o comissário van Ham e o mestre mineiro Hans Simpel que, com um servente e dois negros, foram ao monte Maragoaba em busca duma amostra de mineral.

5 de agôsto

Bem cedo pela manhã parti com o ministro Kempins e mais companheiros, levando a escolta para a aldeia dos índios e em caminho passei a nova roça que mandei fazer, a serviço da Companhia, pelos índios; nela encontrei ainda 13 índios trabalhando diligentemente e vi diversas covas de mandioca ali plantadas já abrolhando e outras vazias por falta de maniva; se, como esperamos, tivermos algumas chuvas, tudo desenvolver-se-á satisfatòriamente e na próxima estação teremos maniva suficiente para fazer uma ou mais roças importantes.

Por volta do meio-dia chegamos à aldeia dos índios, onde veio ao meu encontro o comissário van Ham, com o mestre mineiro Hans Simpel, e seus companheiros, vindos do monte Maragoaba com uma amostra de mineral, referindo que o mesmo monte apresenta aspecto idêntico ao de Itarema e que se ali cavassem tão fundo como já fizeram no monte Itarema estavam certos de encontrar o mesmo mineral que em Itarema, pois a amostra que traziam era igual às encontradas quando começaram a trabalhar em Itarema.

6 de agôsto.

De manhã cedo parti para a aldeia com os companheiros e por volta do meio-dia regressei ao forte Schoonenborch; ao chegar em casa fui informado de que o mastro nôvo da chalupa quebrou-se outra vêz em três pedaços quando esta navegando para a baía de Mucuriba levando alguns barris d'água para o bote *Synegael* pelo que ordenei ao capitão Francisco Pietersen que cuidasse em provê-la quanto antes doutro mastro, a fim de que ao chegar Dirck Pietersen, com o iate *Wittepaert*, não tivéssemos dificuldades em descarregar dêle as mercadorias.

Conforme o costume vieram os soldados da roça da aldeia, com negros e um servente de mineiro, buscar víveres.

7 de agôsto.

De manhã cedo a gente acima mencionada partiu novamente em companhia do ourives mestre Jacó e do meu negro Domingos, para ajudá-lo ali na mina quando fôr preciso, e levando uma carta para o comissário van Ham recomendando-lhe com insistência que estimule os mineiros ao cumprimento dos seus deveres e que caso houvesse necessidade de auxílio ou demais gente m'o avisasse para mostrar-lh'a, e que desejava enviar, pelo barco *Cammamou*, uma amostra melhor aos Nobres e Poderosos Senhores, a fim de assim poder confirmar a declaração dos mineiros, já comunicada aos mesmos Senhores.

Depois do meio-dia chegou aqui o iate *Wittepaert* carregado de víveres e outros gêneros necessários à guarnição, de acôrdo com o aviso recebido dos Nobres e Poderosos Senhores do Recife; nêle veio o major Garstman (20) comissionado pelos Nobres e Poderosos Senhores como comandante da milícia aqui; Vicente Drillenborch como preposto em lugar do atual H. van Herzell; Henrique Balthus van der Meulen, um servente de padeiro, dois serradores, um carpinteiro, seis negros pertencentes ao citado van Meulen e quatro da companhia às ordens do mesmo.

8 de agôsto.

Havendo o iate *Wittepaert* trazido um mastro nôvo para a chalupa mandei buscá-lo pelo bote de *Synegael* para que seja sem demora colocado na dita chalupa para que amanhã, querendo Deus, vá, com o barco *Cammamou*, descarregar as mercadorias e víveres do iate *Wittepaert*.

9 de agôsto.

Ao romper do dia a chalupa e o barco *Cammamou* seguiram para o iate *Wittepaert* a fim de descarregar as mercadorias pelo mesmo trazidas; mandei, pela manhã, um negro à mina levar ferramenta. Ao meio-dia regressaram a chalupa e o barco *Cammamou* carregados com as mercadorias do iate *Wittepaert*, que foram transportadas para a terra pelo bote do iate *Synegael*.

10 de agôsto.

Esta manhã a chalupa seguiu novamente para o iate *Wittepaert* a fim de continuar a descarga das mercadorias. Reuni no meu alojamento todos os oficiais da milícia e, de acôrdo com a comissão dos Nobres e Poderosos Senhores, apresentei-lhes o major Garstman como comandante da milícia daqui, pelo que todos unânimemente lhe deram os parabéns.

Pelo major Garstman o capitão Eduardo Stevens foi empossado do comando da companhia do capitão Coster, em lugar dêste.

Em companhia do major Garstman, de Henrique Balthus van der Meulen, do engenheiro Ricardo Caer e de seis soldados, fui ao velho forte do Siará chamado São Sebastião a fim de ver se ali não encontrar-se-ia barro próprio para H. B. van der Meulen fabricar tijolos e telhas, e examinar atentamente o terreno no intuito de verificar se o nosso forte não ficaria ali mais bem situado; depois de demorada inspeção o

major Garstman aprovou a construção do forte aqui por achar-se em melhor situação do que o antigo.

Pelas duas horas da tarde a chalupa regressou aqui ao pôrto carregada com mercadorias do iate *Wittepaert*.

11 de agôsto.

Nesta data chegou aqui o principal Francisco Aragiba, com os capitães Francisco Caraia e Antônio Siaraigoara, a fim de saber as notícias trazidas pelo *Wittepaert*, as quais comuniquei-lhes da melhor maneira e procurei dispô-los a seguir na presente ocasião, no mesmo iate, com o engenheiro Ricardo Caer e os soldados que eu julgar necessários, para Camerisibi a fim de auxiliá-lo no desempenho da missão para a qual tenho resolvido enviar o mesmo engenheiro, e terminada esta regressarem por terra.

12 de agôsto.

Esta manhã cedo seguiu o barco *Cammamou* a fim de continuar a descarga dos víveres do iate *Wittepaert*.

Entreguei a H. B. van der Meulen e a mestre Jonas duas libras de mineral para ser por ambos examinado, e, dizendo-me H. B. van der Meulen não ser perito em tratar minerais a fogo, resolvi que apenas assistisse à operação, conforme as regras.

À tarde regressou o barco *Cammamou* carregado com víveres do iate *Wittepaert*, os quais foram transportados para terra pelo bote do iate *Synegael*.

Ao anoitecer H. B. van der Meulen e o mestre Jonas trouxeram-me uma pequena amostra de prata extraída das duas libras de mineral que lhes dei; pesava a referida amostra cêrca de 8 grãos, tendo sido extraída por mestre Jonas e provada em presença do mesmo van der Meulen.

13 de agôsto.

Segundo o costume vieram nesta data soldados e gente

da aldeia, da roça e da mina, buscar os víveres habituais com os quais regressaram aos seus alojamentos.

14 de agôsto.

Esta manhã cedo entreguei a H. B. van der Meulen oito libras de mineral a fim de ser tratado pelo mesmo van der Meulen; dei-lhe do melhor e mais fino mineral que já veio a mina para a prova.

Chegou aqui o comissário van Ham com dois mineiros, quatro serventes e cinco negros, trazendo algum mineral, tanto de Itarema como de Maragoaba, bem como alguma ferramenta quebrada, como pás, martelos, malhos e picaretas e referindo que todos os malhos e martelos estão estragados, pelo que ordenei ao ferreiro que os consertasse sem demora.

15 de agôsto.

Chegou da roça o meu negro Domingos trazendo sete machados, três foices e nove pás, que foram recolhidas ao armazém por não serem mais necessários na roça.

16 de agôsto.

Esta manhã chegou aqui o ministro Kempins, com alguns índios, para saber as notícias trazidas pelo *Wittepaert*.

O mestre-mineiro regressou para mina, com quatro serventes e quatro negros, levando tôda a ferramenta necessária.

Esta tarde referiu-se H. B. van der Meulen que das oito libras de mineral que, a 14 dêste, lhe entreguei para provar no moinho de azougue não deram bom resultado por se achar o aparelho desarranjado, pelo que nada tinha obtido; dei novamente a H. B. van der Meulen e a mestre Jonas três libras de mineral para juntos examiná-lo conforme melhor souberem e puderem, e providenciei para que o moinho de

azougue fôsse consertado a fim de que doutra vez se possa fazer uma experiência.

17 de agôsto.

De acôrdo com o major Garstman, contratei com dois soldados o corte de paliçadas de 15 a 20 pés, ao preço de quatro florins o cento pagos pelo armazém. Ainda com anuência do mesmo major resolvi ampliar a nossa fortificação e para êste fim ordenei que duas esquadras fôssem roçar o terreno a fim de facilitar ao engenheiro Ricardo Caer a demarcação das novas obras que, conforme a opinião do major Garstman, devem ser feitas para a nossa defesa.

18 de agôsto.

Deliberei, antes de prosseguir no trabalho de aumentar a nossa fortificação, ouvir o parecer de demais oficiais da milícia e das outras pessoas que fazem parte do conselho de guerra, sôbre se convinha fazer o aumento de conformidade com a primitiva planta ou se seria preferível alguma outra e melhor; para êste fim convoquei extraordinàriamente o conselho de guerra, ao qual compareceram eu Matias Beck, major Garstman, capitão João Maes, Eduardo Stevens e Francisco Pietersen; tenentes Himnervat, da companhia do capitão Maes; João Rijcke, da companhia do capitão Eduardo Stevens; Preposto Vicente Drillenborch; alferes Henrique Zeendert e Huberto Thomassen, e o engenheiro Ricardo Caer.

Depois de haver exposto ao conselho de guerra as razões e os motivos que haviam determinado resolvermos, eu e o major Garstman, aumentar um tanto a nossa fortificação, para o que já havíamos feito o engenheiro delinear a planta, no intuito de melhorar as condições de defesa sem grandes despesas, perguntei a cada um dos presentes se julgavam o aumento necessário ou não e, se sendo necessário, convinha fôsse feito de acôrdo com a primitiva planta ou se tinha a propor algum projeto melhor e mais útil à Companhia pelo qual nos podéssemos regular; após madura deliberação acor-

daram todos em reconhecer unânimemente que a planta escolhida por mim e pelo major Garstman oferecia as maiores vantagens e que convinha executá-la sem perda de tempo, considerando ser muito necessário o aumento, porquanto o forte é atualmente pequeno demais e incapaz de conter tropa, e também que não havendo nêle latrinas forçoso era deixar durante a noite aberto o portão a fim de que os soldados pudessem entrar e sair, o que tudo ficaria sanado com o aumento, ganhando-se assim igualmente espaço bastante para a construção duma padaria e de alojamentos para os prateiros dentro do forte, e finalmente que desta forma ficaria o forte em muito melhores condições de defesa do que se acha atualmente, o que na realidade consistia por si só um motivo suficiente para que o aumento proposto fôsse aprovado.

Na mesma data H. B. van der Meulen entregou-me um pedacinho de prata, do tamanho aproximado dum grão de milho, extraído de 3 lb. de minério que eu lhe dera a 16 do corrente; sôbre esta amostra procurei ouvir a opinião de mestre Jonas e dos outros prateiros, os quais tendo examinado o referido fragmento mostraram-se assaz admirados, porquanto o mestre Jonas de 2 lb. de minério por quatro vêzes tinha extraído amostras muito maiores e de melhor qualidade, à vista do que declararam unânimemente ser culpa de H. B. van der Meulen não haver o minério produzido mais prata; que haviam em tudo fielmente observado as prescrições e que o cadinho de prova *(proef-kroes)* estava quebrado; declararam ainda ser possível ter-se perdido alguma prata devido a H. B. van der Meulen ter-se apressado em levar a amostra por saber que eu pretendia ir ao seu alojamento; dêstes fatos e declarações só posso concluir que a H. B. van der Meulen, se bem que se esforce por produzir boas amostras, falecem a experiência e os conhecimentos próprios, e presumo que mestre Jonas o sobrepuja em habilidade.

19 de agôsto.

Nesta data foram escalados dois sargentos e 16 soldados, armados de pás e de enxadões, para trabalhar nas novas

obras da fortificação, devendo, enquanto ocupados neste serviço, receber rações dobradas.

20 de agôsto.

Chegaram aqui o capitão Francisco Caiaba e Antônio Siará a fim de, querendo Deus, seguirem com os Tabajaras que aqui ficaram, em companhia do engenheiro Ricardo Caer a bordo do iate *Wittepaert*, para Camaracibe.

21 de agôsto.

Hoje pelas oito horas da manhã o capitão Dirk, do iate *Wittepaert*, veio trazer-me as suas despedidas a fim de partir para Camaracibe em companhia do engenheiro Ricardo Caer e dos capitães dos brasilienses aqui chegados ontem, bem como o filho do velho Caraia; dei ao engenheiro Caer instruções escritas pelas quais deve regular a sua conduta; seguiu também o meu negro Domingos que, como muito prático na língua brasiliense, servirá de intérprete, Jacob van der Maes, prateiro, e cinco bons soldados sob às ordens e o comando do referido engenheiro, devendo, se fôr possível, regressar por terra; ao meio-dia fizeram-se de vela e Deus Nosso Senhor lhes conceda rápida e feliz viagem.

22 de agôsto.

Nada ocorreu digno de menção, exceto que de bordo do iate *Synegael* dispararam dois tiros de canhão e que o mesmo garrou, tendo, segundo parece, partido uma âncora.

23 de agôsto.

Nada aconteceu; continuam os dois sargentos com 16 soldados a trabalhar nas novas obras destinadas ao aumento da nossa fortificação.

24 de agôsto.

Referiu Frans Pietersen, capitão do iate *Synegael*, que o mesmo garrou, a 22 do corrente, partindo uma amarra, que se perdeu bem como a respectiva âncora, e que hoje fêz de vela a fim de fundear mais para dentro da baía, tendo perdido ainda outra âncora; acrescentou que o nôvo ancoradouro é preferível ao antigo e que espera reaver as âncoras perdidas.

25 de agôsto.

Cedo, pela manhã, segui, em companhia do major Garstman e de H. B. van der Meulen, para a mina a fim de pessoalmente inspecionar o trabalho dos mineiros e também para trazer dali uma boa porção de minério no intuito de sujeitá-lo à prova em certos cadinhos de barro fabricados para êste fim por H. B. van der Meulen; chegando à mina pelas duas horas da tarde observei que os mineiros trabalhavam no mesmo sítio em que, por ocasião da minha última visita, tinha resolvido que continuassem a trabalhar até ver qual a sorte que a Deus Nosso Senhor prouveria de ali nos conceder; sendo porém até agora quase nulos os resultados dos trabalhos deliberei mandar reabrir a antiga excavação, que fôra entulhada, fornecendo aos mineiros a ferramenta precisa a fim de aprofundarem-na, pois assim espero será encontrado minério de melhor qualidade, do qual pretendo enviar, pelo barco *Cammamou*, uma boa porção aos Nobres e Poderosos Senhores assim como a prata que dêle for extraída, devendo cada prateiro tratar isoladamente certa quantidade de minério; deliberei igualmente que o produto destas experiências seja levado aos Nobres e Poderosos Senhores pelo próprio H. B. van der Meulen; em conseqüência ordenei aos mineiros que parassem com o trabalho no lugar que atualmente exploram a mina e que reabrissem a antiga excavação.

26 de agôsto.

Pela manhã depois de os mineiros haverem, em minha

presença e do major Garstman e de H. B. van der Meulen, reaberto a antiga excavação, da qual foi extraído em abundância minério de excelente qualidade, no qual era aparente a existência da prata, deliberei ordenar a construção duma casa na qual fôsse recolhido o mesmo minério, ao abrigo do sol e da chuva, para sempre que houver mister, ser convenientemente aproveitado; todavia, depois de ter consultado os amigos atrás mencionados e o comissário van Ham, projetei prosseguir simultâneamente com a exploração em ambas as excavações, porquanto é evidente que a descoberta do minério mais rico depende apenas de aprofundá-las mais.

Segui, com o major Garstman e M. B. van der Meulen, para a roça situada a boas duas milhas da mina e junto ao rio Itapeba, a fim de verificar se nas vizinhanças há terrenos próprios para maiores plantações, que sejam capazes de abastecer os trabalhadores da mina e bem assim no intuito de proporcionar ocasião ao citado H. B. van der Meulen de escolher um sítio próprio à cultura em que deseja empregar os negros que consigo trouxe; chegados à mencionada roça que mandei fazer pelos brasilienses em proveito da Companhia, observamos que, atendendo ao curto espaço de tempo desde que foram plantadas, a mandioca tem prosperado admiràvelmente e assim Deus Nosso Senhor nos conceda ainda algumas chuvas teremos farinha em abundância e poderemos plantar roças em proporções com as nossas necessidades; os terrenos adjacentes são tão próprios ao seu plantio que o major Garstman e H. B. van der Meulen declaram não haver melhores em Pernambuco, e que nêles podem ser plantados todos os cereais cultivados em Pernambuco; à vista disto propus ao citado H. B. van der Meulen que viesse estabelecer-se ali de preferência à costa, perto do forte, deixando ao seu alvitre distinguir entre as vantagens e proveitos que para êle e para a Companhia possam resultar da cultura destas terras ou das vizinhas do forte.

27 de agôsto.

Cedo pela manhã regressamos da roça para a mina e

ali chegando achamos que os mineiros estavam extraindo minério ainda melhor do que o anterior, no qual percebia-se ainda mais visìvelmente notáveis vestígios de prata; conquanto o minério extraído ainda seja em pequena quantidade e de qualidade inferior, a sua extração causou-nos grande contentamento e fortaleceu-nos na esperança de que quanto mais aprofundarmos a excavação, de melhor qualidade será o minério encontrado, pelo que julguei de bom alvitre e resolvi, com o assentimento do major Garstman, do comissário van Ham e de H. B. van der Meulen, que, enquanto me fôsse possível fornecer ferramentas e materiais necessários, os mineiros continuassem a trabalhar no referido lugar e que o minério extraído fôsse recolhido sob coberta enxuta numa casa de pedra a fim de ficar ao abrigo do tempo; projetei igualmente recomeçar o trabalho no lugar que a pouco deixamos e, tendo conversado a respeito com os mineiros, deliberei que um dêles, com dois serventes e dois negros, continuassem a explorar a nova excavação e que o outro, também com dois serventes e dois negros, recomeçasse o trabalho na antiga, logo que as ferramentas precisas ficassem prontas; a fim de evitar interrupções no serviço da mineração dei-lhes para cozinheiro um soldado que para êste mister se apresentou voluntàriamente, o qual deverá ficar dispensado de marchar e de montar guarda; outrossim, escasseando a água e ameaçando a vir faltar completamente no lugar em que a tiravam junto ao monte, sendo forçoso ir buscá-la à distância de milha e meia numas lagoas ali existentes, resolvi deixar-lhes dois negros, os quais deverão ser exclusivamente ocupados no transporte d'água, e também no intuito de prevenir a paralização do trabalho por falta de ferramentas, destinei dois negros especialmente para o fim de levá-las ao ferreiro a fim de serem consertadas; o comissário van Ham velará sôbre tudo que diz respeito à mina, esforçando-se por dar bom andamento ao serviço; os mestres mineiros confirmaram, em presença do major Garstman, do comissário van Ham e de H. B. van der Meulen, as suas declarações feitas em 15 de julho conforme consta dêste diário, e persistem em mantê-las.

Depois de assim haver tudo regularizado, deliberei man-

dar juntar todo o minério de qualidade mais fina para com êle encher dois barris a fim de serem enviados aos Nobres e Poderosos Senhores bem como levar comigo certa porção do mesmo minério para que o mestre prateiro e H. B. van der Meulen, cada um extraia dêle uma amostra, as quais serão mandadas aos Nobres e Poderosos Senhores juntamente com os barris de minério.

28 de agôsto.

Às nove horas da manhã parti da mina, em companhia do major Garstman e de H. B. van der Meulen chegando às três horas da tarde aqui no forte Schoonenborch, trazendo conosco um pouco de minério e havendo deixado determinado que com o mesmo fôssem enchidos dois barris, e recomendado a mestre Jonas e ao comissário van Ham que para êste fim escolhessem-no da melhor qualidade; mestre Jonas deve regressar amanhã com os negros trazendo os barris.

29 de agôsto.

Mandei à mina um negro levando dois machados e uma serra ao comissário van Ham, a fim de fazerem cabos para os martelos e as picaretas empregadas pelos mineiros; regressou da mina mestre Jonas referindo que os próprios mineiros queriam encarregar-se de encher os barris.

30 de agôsto.

Cedo pela manhã entreguei a mestre Jonas 2 lb. de minério, do que trouxemos agora da mina para que o examinasse no nôvo cadinho de barro construído por H. B. van der Meulen, devendo em seguida permitir que o mesmo H. B. van der Meulen e os demais prateiros tirassem cada um uma amostra a fim de pôr têrmo a tôdas as discussões.

Em conseqüência de H. B. van der Meulen não ter ainda fixado residência aqui junto ao forte e não achar ocupação para os seus negros, ordenei-lhes a construção duma re-

prêsa a fim de conservar as águas do riacho; pondeirei-lhe igualmente, em presença do major Garstman, que havendo nós grande necessidade de telhas e de tijolos e que existindo, nas imediações da grande lagoa, (21) barro próprio ao seu fabrico e excelentes terrenos de cultura, distando daqui apenas meia milha, convinha que êle ali fôsse residir, tanto mais que a referida lagoa é muito piscosa, conforme êle próprio já teve ocasião de observar quando ali foi buscar barro para fabricar os cadinhos destinados aos prateiros; concordando êle com as minhas razões, ficou combinado que iria morar ali, a fim de fabricar as telhas e os tijolos necessários à nossa fortificação, convindo eu, no caso de ser a lagoa tão piscosa que valesse a pena pescar nela à rêde, em mandar-lhe uma a fim de pescar para a nossa guarnição daqui; não sendo preciso todos os seus negros para o fabrico das telhas e dos tijolos, os restantes deverão ocupar-se em cortar madeira nas vizinhanças do forte para as paliçadas de que o mesmo necessita; estando tudo assentado partiu êle esta manhã com o fim de escolher o melhor lugar para a construção da olaria e do respectivo forno; mandei ao comissário van Ham vinte picaretas consertadas para os mineiros e um eixo de ferro para o carrinho de mão. Comunicou-me mestre Jonas, o prateiro, que os cadinhos de barro fabricados por H. B. van der Meulen não resistem ao calor do fogo e são impróprios para o serviço, porquanto desfazem-se e fundem-se no forno; afirma não saber como obter amostras do metal, visto como não havia mais cadinhos de barro em depósito salvo se H. B. van dper Meulen conseguisse fabricar novos cadinhos melhores e mais capazes de resistir à ação do fogo; deliberei, todavia, que mestre Jonas com um cadinho grande de ferro e um pequeno de barro ainda existente, procurasse extrair uma amostra do minério que lhe mandei.

Mandei ao comissário van Ham, para os mineiros, seis martelos com cabos e vinte picaretas pelos negros que ontem aqui trouxeram os dois barris cheios de minério.

31 de agôsto.

Achando-se a chalupa, segundo referiram o capitão

Frans Pietersen e o quartel-mestre da mesma, completamente avariada e precisa de urgentes reparos ou antes de inteira reconstrução, resolvi, já que temos aqui dois serradores que estiveram ocupados em serrar pranchões para as baterias do forte, incumbi os mesmos de, sem demora, preparar a madeira que julgar mais própria para a confecção de tantas pranchas quantas forem precisas para o consêrto da mencionada chalupa.

Entregou-me mestre Jonas, o prateiro, cêrca de meio dinheiro de prata extraída de 2 lb. de minério, que lhe dei a 29 do corrente, referindo que 3 dos cadinhos de barro, fabricados por H .B. van der Meulen, nos quais colocaram o minério para fundir, não resistiam à ação do fogo, tendo sido forçado a retirá-lo entragados do forno e a tratar o minério por outro processo, isto é, triturando-o e lavando-o, de sorte que não pôde garantir se no decurso da lavagem, bem como devido ao estrago dos cadinhos, não foi perdida alguma prata; declarou entretanto que um dos cadinhos menores, feitos por H. B. van der Meulen, resistira bem ao fogo, pelo que presume poder o citado van der Meulen fabricar do mesmo barro cadinhos maiores com os quais se possam obter melhores e mais importantes amostras.

1.º de setembro.

Mandei Frans Pietersen, capitão do iate *Synegael*, com alguns marinheiros do mesmo iate, da barca *Cammamou* e da chalupa, a fim de, com o carro trazerem ao Siará as peças de ferro que jazem no velho forte para serem colocadas nas novas baterias; são ao todo cinco peças. Nomeei provisòriamente nesta data um dos marinheiros de Frans Pietersen, de nome Vaies, ajudante dos carpinteiros, a fim de empregar-se na derrubada das árvores no mato, enquanto os serradores estiveram ocupados em preparar pranchas para a chalupa.

2 de setembro.

Chegou aqui o comissário van Ham com os mineiros

trazendo uma boa porção de ferramentas estragadas a fim de serem consertadas.

3 de setembro.

Os marinheiros trouxeram, com o carro, uma das peças de ferro do Siará.

4 de setembro.

Os mestres mineiros, vindos em companhia do comissário van Ham, manifestaram dúvida sôbre a possibilidade de prosseguir-se com o trabalho da mineração simultâneamente nos dois lugares, devido à falta de ferramenta, pelo que resolvi em determinar a continuação do serviço no sítio no qual fôsse encontrado o minério de melhor qualidade, enquanto não me fôr possível provê-los de tôda a ferramenta necessária. Os mesmos mestres mineiros, bem como os seus serventes, entregaram-se duas petições dirigidas aos Nobres Senhores do Recife, em uma das quais os primeiros solicitam licença a fim de poderém ir ao Recife regularizar os seus negócios e obterem dos Nobres Senhores algumas modificações nos seus contratos; na outra os seus serventes pedem melhoria dos seus salários porquanto não lhes convém continuar a trabalhar nas condições atuais. Ao soldado da companhia do capitão Maes, de nome Claes Halman, nomeei provisòriamente carpinteiro, a fim de ajudar no trabalho mais pesado da fortificação, determinando que, enquanto empregado neste serviço, recebesse ração dobrada. Igualmente havendo o capitão da barca *Cammamou* representado que, no Recife, o comissário Swaerts, por ordem dos Nobres Senhores, fornecera à sua tripulação apenas víveres para sete semanas, prazo êste que terminou a primeiro do corrente, e devendo o mesmo fazer-se agora de nôvo ao mar levando muito mais gente daqui, ordenei ao comissário Drillenbarch que mediante o competente recibo, o provesse dos víveres que aqui dispomos em rações suficientes não só a companhia do barco como também às seguintes pessoas que aqui deve transportar: o comissário H.

van Hersel, por ordem dos Nobres Senhores; o alferes Leonardo Heunich, com seu filho, devido às instantes solicitações de tôda a oficialidade, a fim de que possa casar-se com certa mulher com quem está comprometido em Recife e, com os assentimentos dos Nobres Senhores regressar para aqui; André Thyszen, carpinteiro do *Geele Sonne* e três marinheiros; Reijner, o pilôto que veio conosco; o soldado doente que aqui não pôde curar-se e nenhum serviço presta, e o alferes Gaspar Been, em virtude da sentença inclusa; ao todo nove pessoas.

5 de setembro.

Sendo domingo, nada aconteceu.

6 de setembro.

Os marinheiros trouxeram com o carro do velho forte uma peça de ferro.

7 de setembro.

Representou-me Frans Pietersen, capitão do iate *Synegael*, que a mesma embarcação não estava mais em condições de navegar, achando-se o seu casco completamente carcomido pelos carunchos, de modo que fazendo-se ao mar poria em grave risco não só o mesmo iate como também as vidas dos tripulantes, e que, à vista do exposto, requeria a nomeação de duas pessoas competentes a fim de examinar bem o citado iate e julgar se pode sair barra a fora ou se precisa ser reparado; achando razoável o pedido, deliberei comunicar aos Nobres Senhores o estado do mesmo iate e nomeei para examiná-lo a Gerardo Josensoou, capitão do barco *Cammamou*, H. Thiszen, carpinteiro do *Geele Sonne* e Gerrit Hendricksen, quartel-mestre da chalupa.

Entreguei a H. B. van der Meulen e a mestre Jonas, o prateiro, cinco lb. de minério a fim de ser provado nos novos cadinhos de barro fabricados pelo mesmo van der Meulen;

mas, também êstes cadinhos derreteram-se com o calor do fogo, de sorte que não foi possível obter amostra alguma e, como o barco *Cammamou*, desde a chegada de H. B. van der Meulen, tendo sido aqui retirado no propósito exclusivo de poder levar ao Recife uma boa amostra de prata e havendo o mesmo van der Meulen fracassado na primeira experiência e por duas vêzes no fabrico dos cadinhos, outrossim não existindo aqui mais cadinhos e não convindo demorar por mais tempo a partida do barco, e finalmente sendo provável que no Recife se encontrem bons cadinhos e melhores proveitos, resolvi enviar aos Nobres Senhores três barris cheios de minério para que sejam examinados, não só no Recife como na Pátria, e deliberei reportar-me sòmente ao minério e não às provas. Os marinheiros trouxeram do velho forte do Siará com o carro uma peça de ferro.

8 de setembro.

Trouxeram os marinheiros outra peça de ferro do lugar acima referido.

9 de setembro.

Os marinheiros trouxeram novamente uma peça de ferro do velho forte do Siará.

MESTRADO EM HISTÓRIA - UFC

III — NOTAS AO DIÁRIO DE MATIAS BECK

(1) — Segundo Watjen, apoiado em documentação da época, os barcos holandeses em serviço no Brasil tinham uma capacidade que variava entre 120 e 250 toneladas. Excepcionalmente encontravam-se navios de 300, 400 e até 500 toneladas. Os navios de guerra que, em 1646, vieram pela primeira vez ao litoral brasileiro tinham de 330 a 400 toneladas, considerados "verdadeiros monstros" para aquela época. Mas não era raro encontrarem-se barcos que, a partir de 5 toneladas, enfrentavam a travessia Europa-Brasil.

A presença constante de piratas naquela rota obrigava-os a se deslocarem em combôio, com tôdas as unidades fortemente armadas. Os navios pequenos levavam de 5 a 15 canhões de bronze e ferro. Nos grandes, êste número atingia 40.

(2) — A grafia deve ser *Vlissingen* (com um n final). É a denominação de um pôrto da Zelândia, nos Países Baixos. Figura no *Diário*, repetidas vêzes, com a grafia adulterada, talvez por cópia apressada do manuscrito.

Cumpre, aliás, recordar que na expedição de socorro que, em meados de 1646, veio da Holanda a Pernambuco, figuram três navios de guerra, um dos quais com o nome de *Vlissingen*. Poderia ser o mesmo barco que três anos depois aportou no Mucuripe com Matias Beck.

(3) — Predicante e ministro, o único missionário conhecido na história do Ceará holandês. Prestou a Beck assinalados serviços, sendo hábil conhecedor do idioma indígena. Antes de chegar ao Ceará, já adquirira em Pernambuco boa reputação como mestre-escola da lingua holandesa e predicante da religião reformada. Parece ter sido, também, elemento influente em assuntos de religião e ensino junto às autoridades flamengas do Recife. Na bibliografia sôbre o Brasil holandês aparece com os nomes de Kempins, Kemp e Kempius. Pela leitura do *Diário* vê-se quão útil foi a colaboração que prestou aqui ao chefe da expedição de 1649.

(4) — O tenente Hendrik van Ham já participara da primei-

ra expedição holandesa ao Ceará, em 1637. Aqui teve uma situação fraca, sendo substituído em dezembro de 1640 por Gedeon Morris de Jonge. Seus relatórios pessimistas acêrca das possibilidades da capitania cearense no que tange à lavoura e exploração de sal, revelam contudo certa perspicácia quanto às possibilidades da pecuária. Em carta de 19 de abril de 1648, ao Conde de Nassau, dizia van Ham haver encontrado no Ceará 221 cabeças de gado, as quais naquela data já se haviam transformado em 250, *"aumentando diàriamente"*. E é de opinião que o solo *"é mais apropriado à criação de gado, que se revela próspera em muitas regiões do Ceará."*

(5) — Enseada de Mucuripe, já conhecida dos navegantes europeus antes mesmo da descoberta oficial do Brasil.

(6) — Marajaitiba, em linguagem indígena *rincão das palmeiras*, é a elevação sôbre a qual se encontra atualmente o Quartel General da 10.ª Região Militar. Ali Matias Be Beck construir o seu reduto, a que deu o nome de *Schoonenborch*, denominação que os portugueses mudaram para *Nossa Senhora da Assunção*. Várias reformas e ampliações recebeu a fortificação, sendo as mais consideráveis aquelas realizadas por Silva Paulet na administração de Manoel Ignácio de Sampaio. Ali nasceu a capital cearense.

(7) — "O belo rio de água doce" é o córrego Pajeú, conhecido no idioma dos indígenas locais por *Marajaig — riacho das palmeiras*, Tanto no outeiro como nas margens do córrego abundavam possivelmente catolèzeiros palmeiras nativas que deram o nome a ambos os acidentes geográficos. O Pajeú recebeu através dos tempos também as denominações de *Ipojuca e Telha*. Matias Beck conheceu-o em abril, mês tradicional das chuvas, e certamente na ocasião o curso dágua transbordava. Mas é pouco provável que tenha sido, mesmo naquela época, um rio caudaloso. É, porém, fora de dúvida que foi um fator decisivo de localização da cidade de Fortaleza.

(8) — Localizava-se êle na barra do rio Ceará, em cuja margem dircita erguera-se o fortim português que os holandeses ocuparam em outubro de 1937. É a êste que Beck se refere

aqui. Devia situar-se aproximadamente onde hoje tem sua sede o *Clube de Regatas Antônio Bezerra*, pois quando de sua recente construção, ali, foram encontrados numerosos projetis de artilharia da época.

(9) — A Consideração de um pôrto seguro e praticável era fundamental para o holandês. "Para quem, como os holandeses, vivia na dependência do fator marítimo, dependência pràticamente absoluta, a proximidade do pôrto era fundamental. Nas condições em que se encontravam, para êles a terra era uma incógnita e o mar era tudo: — era o transporte e a via de comunicação, era o abastecimento, a garantia do refôrço militar, a possibilidade das trocas mercantis, a segurança da retirada em caso de insucesso. Por êsses motivos a cogitação de um pôrto praticável e seguro sempre foi elementos determinante para o flamengo na localidade dos seus estabelecimentos comercial-militares". (José Aurélio Câmara — *Aspectos do Domínio Holandês no Ceará* — Revista do Instituto do Ceará, 1956).

(10) — O que é aqui chamado de pôrto é um maceió existente na confrontação do outeiro onde fôra erguido o forte holandês, e referido nas antigas cartas marítimas dêsse trecho do litoral. Sua profundidade devia ser pequena, visto como só as pequenas embarcações ali podiam fundiar. No próprio Diário lê-se que os "navios grandes ou iates de muito calado não podem surgir dentro dêste pôrto". Os maiores fundeavam na enseada do Mucuripe.

(11) — Êste fato, que teve lugar a 10 de abril, assinala o início da construção do forte e atribui àquela data a importância histórica do dia da fundação da cidade de Fortaleza.

(12) —Contraforte da serra de Maranguape, hoje com a denominação de *Taquara*.

(13) — Serra da Ibiapaba.

(14) — A presença dêstes negros como prisioneiros dos indígenas cearenses nunca foi suficientemente esclarecida. Pos-

sìvelmente eram trocados por produtos locais na Paraíba ou Prnambuco. Matias Beck comrou-os em boa quantidade quando aqui estava, pois na carta que de Barbados escreveu à direção da Companhia em 8 de outubro de 1654 diz textualmente —: "... de sorte que acabo de perder tôda minha prosperidade e tudo o que eu possui, por que despresando outras boas ocasiões de fazer boas conquistas e bons proveitos, converti tudo o que restava dos meus bens em negros e em outras coisas necessárias, que empreguei nessa exploração etc."

(15) — É fora de dúvida que todo êste percurso era feito ao longo da praia, dada a inexistência de outra estrada ou vereda utilizável para tal fim. Pompeu Sobrinho lembra que, ainda em 1925, a viagem de Fortaleza à Barra do Ceará era "penosa e difícil". Escreveu êle —. "Não havia o caminho atual em prolongamento da Avenida Francisco Sá. Depois da construção do pontilhão sôbre o riacho de Jacarecanga (o antigo Timbó) foi que se abriu esta via de comunicação direta, visando estabelecer a conexão da cidade com as oficinas do Urubu (R.V.C.). Ia-se anteriormente à Barra pela praia calcando a areia do Arpoador ou, menos frequentemente, pela estrada Caucaia e mais raramente ainda pelo caminho do Açude do João Lopes, cortando o sítio Urubu e outros" (Prefácio de Tomás Pompeu Sobrinho ao livro *Matias Beck, Fundador de Fortaleza*, de Raimundo Girão).

(16) — Vê-se que além do seu *Diário*, Matias Beck fazia anotações à parte sôbre as atividades relacionadas com a exploração da mina. Tais notas são ainda desconhecidas, não sendo absurdo admitir que se encontrem no volumoso acervo de documentos inéditos existentes em Recife, no arquivo do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco.

(17) — O comandante do fortim de São Sebastião, derrotado pelas fôrças de Joris Garstman em outubro de 1637, chamava-se Bartolomeu de Brito. Talvez a referência fôsse a êle possìvelmente conduzido prêso a Recife quando da rendição do seu reduto.

(18) — Informações esparsas chegaram aos nossos dias acêrca da exploração mineira dos flamengos no Ceará.

João Fernandes Vieira, que em 1674 seria nomeado Superintendente das Fortificações do Nordeste, em carta de 26 de abril daquele ano diz, referindo-se às minas exploradas pelos holandeses no Ceará, que tinha enviado em tempos a el-Rei D. João IV "a amostra de algumas por um frade Bento de que tive resposta e se achou serem boas", acrescentando que os flamengos aquêles haviam aqui realizado explorações em três sítios e que de um tinham tirado prata". Na *Memória* acêrca das possibilidades econômicas do Nordeste que, anexa à citada carta enviara ao Rei de Portugal, escreveu Fernandes Vieira: "Na capitania do Ciará abriu o olandez huma mina que está 10 ou 12 legoas do mar e da pratta que della tiraram bebi por copo obrado da ditta pratta e comy com colher" (*In* José Antônio Gonsalves de Mello — *João Fernandes Vieira — Universidade* do Recife, 1956). O governador da capitania do Ceará, João Baptista de Azevedo Coutinho de Montaury, numa relação datada de 25 de outubro de 1784 relativa a objetos e produtos do Ceará enviados a Martinho de Mello e Castro, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, fêz constar o seguinte: "2 machados de ferro, hum quasi novo e outro bem velho; e outros três pedaços de ferro pertencentes a similhante ferramenta, cujos forão achados em huma serra, em que se acharão muitos vestígios e vários outros fragmentos, que indicão ter sido aquelle lugar habitado, e cultivado pelos Olandeses no tempo em que forão senhores do Continente de Pernambuco e Maranhão: E nos mesmos lugares, em que forão achados os ditos machados se vê uma concavidade subterrânea, como de mina em que se julga-trabalhavão e bastantemente profunda e praticada". (*In* Guilherme Studart — *Notas para a História do Ceará* — Lisboa, 1892). As melhores informações sôbre a faina da mineração desenvolvida por seus homens no Ceará, são as do próprio Beck em seu Diário. Mais dados inéditos talvez se encontrem em Recife, entre os papéis trazidos da Holanda por José Hygino.

(19) — É admirável a importância atribuída pelos holandeses à mandioca. No Ceará êles relegaram aos indígenas o seu cultivo, embora haja seguras informações de que em Pernambuco sua lavoura tenha tido regular desenvolvimento sob os cuidados dos próprios flamengos. Na citada carta a Nassau, de 19 de abril de 1638, o tenente Van Ham, então comandante holandês no Ceará, referia-se à necessidade de "fazer quanto antes novas roças e plantações de mandioca, às quais só podem ser feitas pelos índios, visto como os soldados nenhuma inteligência têm dêsse mister".

Segundo Watjen em sua citada obra, no Brasil holandês era "incessante o incitamento aos donos de terras, grandes ou pequenos plantadores e lavradores, para que fundassem campos de hortaliça e ai plantassem milho grosso, ervilhas, feijão, batata e, antes que tudo, mandioca. A massa obtida dos tubérculos desta planta (farinha de mandioca) substituia para os brasileiros naquele tempo como ainda hoje a farinha de centeio e de trigo, muito depressa se acostumaram os holandeses com êste indispensável alimento, do qual nada queriam saber a princípio; aprenderam a apreciá-lo e por fim, segundo conta Barlaeus, preferiam-no ao pão ordinário (gemeinbrodt) que recebiam de ração. A amigos e conhecidos proclamavam-se as qualidades da maravilhosa raiz. Até mesmo os Senhores do Conselho não se cansavam de enaltecer as virtudes nutritivas do tuberculo. Ao grande sábio Willem Piso a plana interessou tanto que êle compoz sôbre ela um tratado: *"De Radice Mandihoca"*.

Segundo ainda Watjen, não apenas a Barlaeus e Piso preocuparam as qualidades da mandioca. Johannes Nieuhof sôbre ela escreveu longamente, descrevendo sua plantação, a fabricação da farinha e o seu largo emprêgo. Lê-se nesse autor que os soldados holandeses recebiam por mês meio alqueire de farinha. Tôda a produção aqui obtida era insuficiente para as necessidades das tropas e funcionários da Holanda, sendo, muitas vêzes necessário o apêlo à importação. No mesmo Watjen lê-se que em 1643 um navio chegou de Bordéus com 278000 libras de farinha (28 libra = 1 arrôba).

Também José Antônio Gonsalves de Mello neto, no seu

excelente livro *"Tempo dos Flamengos"* descreve, à base de alentada documentação, a preocupação de Nassau com a produção de farinha de mandioca e as dificuldades que lhe advieram da monocultura canavieira.

É interessante considerar que naquela centúria as tropas dos Países Baixos se apresentavam como sendo, talvez, as mais bem alimentadas da Europa. Em artigo recente na Revista *Scrences et Avenir*, n.º 198 — agôsto de 1963, M. Morineau, com base em documentos dos Arquivos Reais de Haya, calcula que para 3.000 homens da Holanda mandados ao Brasil em 1648, a ração, constituída de farinha de centeio, carne de boi, presunto, manteiga, bacalhau e queijo tinha um poder energético da ordem de 3.500 calorias. A aceitação prioritária da farinha de mandioca por quem era assim alimentado, vale por um eloqüente reconhecimento de seu alto valor nutritivo. Sôbre as admiráveis qualidades nutritivas da farinha de mandioca, ver o que Silva Melo escreveu no seu admirável livro *"O Nordeste Brasileiro"* — coleção *Documentos Brasileiros* — Rio, 1964.

(20) — Joris Garstman era destacado chefe militar holandês. Comandou o forte dos Reis Magos (Forte Ceulen) no Rio Grande do Norte e chefiou a primeira investida holandesa contra o Ceará em 1637.

Foi um dos chefes que casaram com mulher brasileira, deixando, ao que parece descendentes no Brasil. Câmara Cascudo julga que a família Gracismã, do Rio Grande do Norte, é descendência sua. Também no Ceará dos fins do século XVII e princípios do século XVIII encontramos famílias com o nome Gracisman (ou Grasisman). O povoamento do vale do Jaguaribe está ligado ao nome de Teodoro de Grasisman, o qual, requerendo concessão de terra naquela ribeira em 24 de outubro de 1707, alegou estar povoando o Jaguaribe desde o ano de 1683. (Ver Datas de Sesmarias, Fortaleza, 1925 — 4.º Vol. pg. 13). Entre os documentos da Coleção Studart figura uma escritura de dote e doação, de 14 de setembro de 1739, que fêz Gregório de Grasisman Galvam a Matias Ferreira da Costa para casar com sua sobrinha Paula Barbosa.

Como se vê do Diário, Garstman prestou a Beck assinalados serviços na segunda ocupação holandesa da capitania.

Na carta de 8 de outubro de 1654, escrita da ilha de Barbados, Matias Beck informa que Joris Garstman deixou o Ceará em sua companhia, quando da rendição naquele ano, falecendo na viagem ou logo após a chegada àquela ilha.

(21) — Possìvelmente a Lagoa do Garrote, hoje o lago do Parque da Liberdade.

MESTRADO EM HISTÓRIA - UFC

ÍNDICE

RELAÇÃO DO MARANHÃO 3

RELAÇÃO DO CEARÁ 159

DIÁRIO DE MATIAS BECK 203